

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO

MAÍNE BARBOSA LOPES

“Como un justo reconocimiento a los inmigrantes”?
A imigração na Argentina pelo
Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires

SÃO LEOPOLDO
2012

MAÍNE BARBOSA LOPES

“Como un justo reconocimiento a los inmigrantes”?
A imigração na Argentina pelo
Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Eloisa Helena Capovilla
da Luz Ramos

SÃO LEOPOLDO
2012

Ficha Catalográfica

L881c Lopes, Maíne Barbosa

Como un justo reconocimiento a los inmigrantes? A imigração na Argentina pelo Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires. / por Maíne Barbosa Lopes. – 2012.

184 f.: il.; 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Ciências Humanas”.

1. Imigração – Argentina. 2. Museu – Representação – Memória. 3. Estudo de público. 4. História – Argentina. I. Título.

CDU 325.14(82)

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Camila Quaresma Martins - CRB 10/1780

MAÍNE BARBOSA LOPES

“Como un justo reconocimiento a los inmigrantes”?
A imigração na Argentina pelo
Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre, pelo
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Eloisa Helena Capovilla
da Luz Ramos

Aprovado em 02/04/2012

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marluza Marques Harres – (PPGH – UNISINOS)

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai – (PPGEDU/FABICO – UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às três mulheres essenciais em minha vida: minha avó, Vinilda Flores Barbosa; minha mãe, Viviane Maria Barbosa; e minha tia, Profa. Cíntia Barbosa de Brito. Cada uma delas, a seu modo, proporcionou os exemplos que busco seguir, apoiaram minhas escolhas e me legaram o valor da educação; meu maior *patrimônio*.

A Profa. Dra. Eloisa Capovilla Ramos, por sua vez, deve ser a próxima das mulheres a quem anseio agradecer. Quando, há quase sete anos atrás, a Professora Eloisa me convidou para ser sua monitora em algumas disciplinas, jamais imaginamos que daí resultaria uma longa história de orientações, mas também de amizade e de bons resultados de pesquisa. Devo à Elô quase tudo que sei sobre o tema dos Museus e sobre o que concerne ao vasto campo de estudos do patrimônio cultural. Sem o seu incentivo e suas valiosas contribuições esta dissertação jamais teria se tornado realidade.

Ao Pompílio Locks Filho, companheiro sentimental e intelectual de todas as horas, agradeço pela paciência e pelos incentivos durante a escrita da dissertação, mas também por fazer esta fase mais leve, pelo seu talento em tornar tudo mais simples, pelos sonhos (e realidades) compartilhadas.

Entre os amigos que fiz na Unisinos, muitos levados pra vida, agradeço em especial à Deise Cristina Schell, amiga sempre presente, desde a torcida pelo meu ingresso no mestrado da Unisinos, logo fiel companheira de viagem durante nosso intercâmbio de estudos na Argentina, além de muitos cafés, jantãs e [algumas] cervejas “*compartidas*”, quase sempre acompanhadas das estimadas Fernanda Giroto e Fernanda Wisniewski. Às duas Fernandas devo igual agradecimento, pela amizade incondicional e pelos muitos encontros e reuniões extraclasse fundamentais (!), se não para discutirmos a respeito de nossos objetos de pesquisa, ao menos para aliviar a preocupação com a escrita. Camila Silva, Natália Pinto e Caroline Poletto somam-se a este grupo de amigas-mestrandas, cujo apoio e compreensão foram essenciais nesta fase. Agradeço igualmente ao amigo Miquéias Mugge, sempre solidário para os mais diversos problemas (uma referência que eu não tinha, uma solução para o computador, um livro sobre imigração...). Ao amigo Walter Nique Franz, agradeço pelo apoio de longa data e pelos esclarecimentos referentes à história política recente da Argentina.

Ao programa e ao corpo docente da pós-graduação em História da Unisinos, especialmente pelas disciplinas cursadas, imprescindíveis durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço às professoras Dra. Marluza Marques Harres e Dra. Zita Rosane Possamai por terem participado do meu exame de qualificação, analisando com atenção meu projeto de dissertação e fazendo importantes contribuições para o desenvolvimento do trabalho.

Ao convênio do PPG em História da Unisinos com o *Centro de Estudios Sociales de América Latina* (CESAL) da *Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires* e à orientação da Profa. Dra. Nadia De Cristóforis, em Buenos Aires, que me propiciou o contato com pessoas relacionadas ao *Museo Nacional de la Inmigración*, além de bibliografias e pela atenta leitura ao meu projeto de dissertação, realizando pertinentes indagações.

À arquiteta Suzana Fagundes, pela cuidadosa elaboração da planta do espaço ocupado pelo Museu e pela exposição, tornando mais inteligível a análise [nada habitual] que buscamos realizar ao longo do segundo capítulo desta dissertação.

Agradeço, ainda, àquelas pessoas ora não mencionadas, mas que, de uma maneira ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho. Ao meu irmão, tios e primos queridos pelo incentivo sempre necessário, assim como à família do Pompílio que, nos últimos anos, acolheu-me como uma filha. Aos amigos, fica um agradecimento especial à Tatiane de Lima e àquelas de mais longa data, Thais Cerutti e Gabriela Malgarin, por se preocuparem com a minha felicidade e por compreenderem as minhas ausências durante as muitas horas de escrita e estudo.

Ao diretor do *Museo Nacional de la Inmigración*, Sergio Sampedro, e à *Comisión Nacional de Museos, Monumentos y Lugares Históricos* pela documentação cedida.

Ao apoio concedido pelo Conselho Nacional de Pesquisa Científico e Tecnológico (CNPq) para a realização do curso de Mestrado e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que possibilitou minha missão de estudos na Argentina no ano de 2010.

RESUMO

O trabalho tem por objetivo analisar como a história da imigração para a Argentina foi construída e representada no *Museo Nacional de la Inmigración* de Buenos Aires. Inicialmente, estudamos as razões que levaram a *Dirección Nacional de Migraciones* (DNM), dependente do Ministério do Interior argentino, a criar o Museu em sua sede. Lugar histórico que simboliza a chegada dos imigrantes no país, o edifício do antigo Hotel de Imigrantes foi declarado Patrimônio Histórico Nacional em 1990 e, durante a década de 2000, foi transformado em Museu da Imigração. A partir da análise da exposição apresentada no Museu, observamos dois discursos principais: o primeiro, e mais aparente deles, deu destaque ao papel do Estado argentino pelas políticas migratórias que sustentou e, em especial, pela própria construção do Hotel de Imigrantes e pelos serviços a eles oferecidos; já o segundo discurso identificado na exposição tratou da história daqueles que imigraram para o país, valorizando a sua participação na construção da Argentina moderna. Com base na historiografia produzida sobre a imigração no país, entendemos que ambos os discursos terminam por legitimar o questionado mito do “crisol de raças” na Argentina, mas que ainda parece fazer parte da imagem do passado construída por sua sociedade, conformando a “memória forte” da imigração no país. Finalmente, o estudo das mensagens registradas pelo público no *Libro de Visitas* da instituição confirmou os discursos identificados na exposição museológica. Dentre os temas que apareceram nas mensagens, ficou patente uma ênfase dada pelos visitantes ao Estado argentino (ou ao organismo DNM) pela construção do Hotel, pela recepção aos imigrantes e, atualmente, pela preservação de sua memória e de seu patrimônio; ao passo que também ficou evidenciado um agradecimento aos imigrantes, cuja “força” e “esperança” contribuíram com o desenvolvimento do país.

Palavras-chave: imigração na Argentina – museu – representação – memória – estudo de público.

RESUMEN

El trabajo busca analizar como la historia de la inmigración para la Argentina fue construida y representada en el Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires. Primeramente, estudiamos las razones que llevaron la Dirección Nacional de Migraciones (DNM), dependiente del Ministerio del Interior argentino, a crear el Museo en su sede. Lugar histórico que simboliza el arribo de los inmigrantes en el país, el edificio del antiguo Hotel de Inmigrantes fue declarado Patrimonio Histórico Nacional en 1990 y, durante la década de 2000, fue convertido en Museo de la Inmigración. A partir del análisis de la exposición presentada en el Museo, observamos dos discursos principales: el primer, y más visible de ellos, destacó la actuación del Estado argentino por las políticas migratorias que sustentó y, en especial, por la propia construcción del Hotel de Inmigrantes y por los servicios a ellos ofrecidos; mientras el segundo discurso identificado en la exposición trató de la historia de aquellos que inmigraron al país, valorizando su participación en la construcción de la Argentina moderna. Con base en la historiografía producida sobre la inmigración en el país, entendemos que ambos discursos terminan por legitimar el cuestionado mito del crisol de razas en la Argentina, sino que aún parece hacer parte del imagen del pasado construida por su sociedad, conformando la “memoria fuerte” de la inmigración en el país. Finalmente, el estudio de los mensajes escritos por el público en el Libro de Visitas de la institución confirmó los discursos identificados en la exposición museológica. Entre los temas que aparecieron en los mensajes, quedó patente un destaque dado por los visitantes al Estado argentino (o al organismo DNM) por la construcción del Hotel, por la acogida a los inmigrantes y, actualmente, por la preservación de su memoria y de su patrimonio; al mismo tiempo que fue evidenciado un agradecimiento a los inmigrantes, cuya “fuerza” y “esperanza” contribuyeron con el desarrollo del país.

Palabras clave: inmigración en la Argentina – museo – representación – memoria – estudio de público.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1	
Vista aérea atual do complexo pertencente à DNM.....	26
IMAGEM 2	
Planta da exposição.....	65
IMAGEM 3 e 4	
Espaço 1: “salón comedor”.....	68
IMAGEM 5 e 6	
Espaço 2: painéis com histórias familiares.....	71
IMAGEM 7	
Mapa do Espaço 2.....	73
IMAGEM 8 e 9	
Espaço 3: objetos pessoais.....	75
IMAGEM 10, 11 e 12	
Espaço 4: painéis intitulados “Los inmigrantes”.....	77
IMAGEM 13	
Espaço 4: mapa.....	80
IMAGEM 14 e 15	
Espaço 4: grandes fotografias.....	80
IMAGEM 16 e 17	
Espaço 4: vitrine com objetos pessoais/femininos e vitrine “Oficios”.....	82
IMAGEM 18 e 19	
Espaço 4: vitrine “El viaje” e vitrine “Los inmigrantes”.....	82
IMAGEM 20	
Espaço 5: painéis “Servicios y actividades en el Hotel”.....	85
IMAGEM 21	
Espaço 5: painéis “La vida en el Hotel”.....	87
IMAGEM 22 e 23	
Espaço 5: vitrines com objetos e documentos.....	88
IMAGEM 24	
Espaço 6: reconstituição de sala da Direção de Imigração.....	89
IMAGEM 25 e 26	
Espaço 7: cartazes de propaganda dos vapores com partida para a América.....	90
IMAGEM 27	
Espaço 7: novo projeto para o “Museu Nacional de la Inmigración”.....	91
IMAGEM 28	
Espaço 8: reconstituição de ambiente com máquina de costura e manequim.....	93
IMAGEM 29 e 30	
Espaço 8: reconstituição do antigo Hospital e consultório oftalmológico.....	93
IMAGEM 31	
Espaço 8: reconstituição de dormitórios.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. Discursos e tensões na criação de um museu da imigração em Buenos Aires.....	23
1.1. Um valor agregado ao antigo Hotel de Imigrantes: a transformação do prédio em Monumento.....	30
1.2. A ascensão do tema imigratório: do “crisol de raças” ao reconhecimento dos diferentes grupos de imigrantes que formaram a Argentina	37
1.3. Para além da criação do museu da imigração: a urdidura do processo nos seus “bastidores”.....	47
CAPÍTULO 2. A história da imigração contada pelo Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires.....	58
2.1. O cenário expositivo.....	63
2.1.1. Os discursos da exposição: inferências	95
2.2. Disputas pela memória da imigração: “memórias fortes” X “memórias débeis.....	103
CAPÍTULO 3. “Aquí me encontré con los recuerdos de mis familiares”: O Museu por seus visitantes.....	111
3.1. O contexto pessoal do visitante.....	114
3.2. O conteúdo das mensagens.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	142
ANEXOS.....	153
Anexo 1.....	154
Anexo 2.....	164
Anexo 3.....	171
Anexo 4.....	177

INTRODUÇÃO

Em um dia do início do mês de abril do ano de 2009, eu me encontrava parada, por volta das seis horas da manhã, nas proximidades do Rio da Prata, entre o bairro de *Puerto Madero* e *Retiro*, em Buenos Aires, bem em frente ao antigo Hotel de Imigrantes, inaugurado em 1911, e atualmente sob jurisdição da *Dirección Nacional de Migraciones* (DNM, daqui em diante). Em razão do intercâmbio de estudos que eu realizava naquela cidade desde o mês de março do mesmo ano, fui até a DNM para encaminhar o visto de imigrante exigido pela universidade. Apesar de não precisarmos entrar na longa fila formada por toda a sorte de imigrantes – pois a universidade conseguira marcar um horário para a realização dos trâmites migratórios dos alunos – foi a partir desta imagem que, inevitavelmente, comecei a estabelecer relações entre o passado e o presente do lugar, espaço de passagem e entrada de imigrantes há quase um século. Se em sua inauguração o Hotel de Imigrantes era capaz de hospedar cerca de três mil pessoas por semana, eu não podia deixar de notar que os mesmos prédios que outrora realizavam os serviços aos imigrantes recém-chegados, na atualidade seguiam recebendo enormes filas de estrangeiros ávidos pelo seu visto de residência na Argentina.

Naquele dia, eu tinha todo o complexo da DNM à minha frente, construído para a antiga *Dirección General de Inmigración*, cujo prédio central, sede do antigo Hotel de Imigrantes, se destacava em meio aos demais por sua imponência e monumentalidade. Embora eu já o tivesse visitado nos primeiros dias de minha estadia em Buenos Aires – pois o prédio então abrigava o *Museo Nacional de la Inmigración* – foi somente neste dia do trâmite imigratório que percebi a importância histórica do lugar e o sentido atribuído a ele no presente com a instituição de um museu de imigração em sua sede. Foi aí também que comecei a pensar no edifício do antigo hotel como um artefato que pode “ser agente evocativo de lembranças, suporte de informação e objeto-documento de diferentes discursos históricos” (CHAGAS, 2009, p. 19). Certezas eu tinha de que assim como o museu, o prédio também era capaz de conferir determinadas representações sobre o passado, além de servir de atestado para parte da história da imigração no país. O que me

preocupava, a partir de então, era compreender sob quais ensejos e condições um museu da imigração havia sido constituído naquele local.

Tendo em vista as reflexões aventadas na narrativa acima, um primeiro questionamento nos permitiu gestar esta dissertação: o que leva um órgão do governo ou um grupo de pessoas a desejar criar um Museu da imigração? Tal empreendimento estaria relacionado a um “medo do esquecimento” (HUYSSSEN, 2000, p. 09-19), onde o museu seria uma forma de “tornar presente o passado” da imigração? Marcada pela imigração de massas do final do século XIX¹ – e por migrações menores a partir da Segunda Guerra Mundial² – Buenos Aires é uma cidade que se constituiu a partir de diferentes grupos. Este foi seguramente um dos motivos que levaram o Ministério do Interior Argentino e algumas coletividades³, no início dos anos 1980, a proporem a criação de um *Museo, Archivo y Biblioteca de la Inmigración*, a ser alojado no local histórico do antigo Hotel de Imigrantes. Embora este não tenha sido o único Hotel que existiu destinado à recepção dos imigrantes e que nem todos que chegaram ao país depois de sua inauguração tenham se utilizado dos serviços prestados por ele, o ex-Hotel de Imigrantes de Retiro tem sido

¹ Conforme assinalou Devoto, a imigração de massas na Argentina ocorreu em duas grandes ondas até a Primeira Guerra Mundial: a primeira foi na década de 1880, período em que imigrou o maior número de famílias e a porcentagem de retorno foi menor em todo o período estudado. O grande número deles eram colonos decididos a aproveitar as possibilidades que eram oferecidas pelas terras disponíveis, dada a expansão da fronteira e os altos preços de grãos para os custos de produção Argentina. Já a segunda grande onda migratória se deu nos primeiros anos do novo século, cujos traços não foram diferentes dos do período anterior. Predominavam os homens jovens, de origem rural, que chegavam através de mecanismos migratórios, principalmente em “cadeia”. Esta expansão do fluxo também foi acompanhada por mudanças regionais e nacionais, como, por exemplo, o surgimento do problema de como construir uma identidade nacional, dada a heterogeneidade da sociedade, entre outras questões. Segundo o autor, entre 1881 e 1914, algo entre 4.200.000 pessoas chegaram à Argentina. Dentre eles, os italianos eram por volta de 2.000.000; os espanhóis, 1.400.000; os franceses, 170.000; os russos, 160.000. Fica claro que todo processo coincidiu e foi estimulado principalmente por uma notável expansão da economia argentina. A ampliação da fronteira agropecuária permitiu a produção de milhões de hectares, por exemplo, e o crescimento da rede ferroviária contribuiu para gerar um processo de atividades conexas (DEVOTO, 2009, p. 247-251).

² Ainda que a imigração européia para a Argentina tenha experimentado uma singular recuperação logo após a Segunda Guerra Mundial, esta não alcançou as dimensões das correntes migratórias do período massivo (DE CRISTÓFORIS, 2007). Da Segunda Guerra em diante, a imigração limítrofe [latino-americana] vai se tornando cada vez mais visível, especialmente dentro da cidade de Buenos Aires. Para maiores informações sobre o assunto ver Devoto (2009), Benecia (2007; 2009), Jelín (2006) e Ceva (2006).

³ Mais que “comunidade”, o termo “colectividad” é amplamente utilizado nas fontes consultadas para designar os grupos e/ou organizações de estrangeiros na Argentina. Conforme o dicionário Señas (2001, p. 296), *colectividad* é o “conjunto de las personas que forman un grupo”.

assumido como um dos símbolos da imigração na Argentina, especialmente a partir de sua conversão em Monumento Histórico Nacional no ano de 1990⁴.

Entre as muitas razões que possibilitaram a criação do museu aqui estudado e que melhor examinaremos ao longo do trabalho, precisamos observar que o período em que esta instituição museológica é proposta pode ser inserido na era do *World Heritage*⁵, consequência da mudança de regimes do tempo, conforme explicado por François Hartog (2007). Segundo assinalam diferentes autores, desde o final dos anos 1970 e início da década de 1980 as sociedades contemporâneas têm experimentado uma supervalorização do passado e da memória, fenômeno oriundo de uma crise de referências e desta mudança no regime de historicidade. Para Hartog (2007), uma série de transformações tem perturbado de maneira brutal nossa relação com o tempo, entre as quais destacamos tanto os avanços tecnológicos, da globalização e do consumo, quanto o fim das utopias [especialmente a comunista]. Estas o induziram a identificar uma veloz ascensão da categoria do presente, por ele nomeado de “presentismo”. É diante desta aceleração e da imposição do presente que Hartog propôs o instrumento “regimes de historicidade”, através do qual ele busca questionar sobre as diversas experiências do tempo⁶.

⁴ Faz sentido mencionarmos aqui que compreendemos Buenos Aires como o espaço capaz de identificar o país. Ainda que a identidade coletiva específica de Buenos Aires não seja equivalente à identidade nacional argentina, tomamos o projeto de museu desenvolvido na capital do país como aquele que tende a representar a totalidade da Argentina. Thomas Reese, ao discorrer sobre este tema, afere que a identidade metropolitana é o espaço principal em que a identidade nacional pode ser vivenciada e celebrada plenamente (REESE, 1999, p. 22).

⁵ Hartog compreende que ao surgimento do tempo da globalização, o tempo da *World Economy*, aparece, de maneira simultânea, o tempo do *World Heritage*, especialmente influenciado pelas regulamentações da UNESCO, de incentivo à proteção do patrimônio mundial, cultural e natural (HARTOG, 2007, p. 25).

⁶ Isto é, se sua hipótese do presentismo em que vivemos é correta, [ele questiona] como delimitar esse fenômeno e ponderar seu alcance? E, além disso, como o presente teria se relacionado com o passado e com o futuro em outras ordens do tempo? (2007, p. 28-30). Conforme Hartog (2007), a noção de regime de historicidade foi desenvolvida a partir de sua familiarização com as categorias da “experiência” e da “expectativa”, elaboradas pelo historiador alemão Reinhart Koselleck para definir de que maneira as dimensões temporais do passado e do futuro se haviam colocado em relação em cada presente. Através do regime de historicidade, Hartog se propõe a trazer novas luzes sobre a tensão entre o campo de experiência e o horizonte de expectativa, tensão esta que produz o tempo histórico. Conforme Koselleck, a estrutura temporal dos tempos modernos, marcada tanto pela abertura do futuro como pelo progresso, se caracterizava pela assimetria entre a experiência e a expectativa. Porém, desde fins do século XVIII, esta história pode ser conhecida esquematicamente como a história de um desequilíbrio sempre crescente entre ambos, produzindo o efeito de aceleração. Quanto mais escassa a experiência, maior se torna a expectativa e, assim, a produção do tempo histórico parece suspensa (KOSELLECK, 1990 apud HARTOG, 2007, p. 39-40, tradução nossa). É deste desequilíbrio que a experiência contemporânea se apresenta como um presente perpétuo e quase imóvel, como se somente o presente existisse.

“¿Cabe entonces hablar de “fin” o de “salida” de los tiempos modernos, es decir, de esta estructura temporal particular o del régimen moderno de historicidad? [...] Podemos hablar de crisis, por supuesto. Este momento y esta experiencia contemporánea del tiempo constituyen lo que yo designo con el nombre de “presentismo” (HARTOG, 2007, p. 40).

Huysen (2000, p. 20-25) também se refere a uma lenta transformação da temporalidade nas nossas vidas – provocada pela complexa interseção de uma mudança tecnológica, de novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade – como a causa para o desejo de passado. Segundo ele, desde a década de 1980 há o predomínio de uma cultura da memória⁷, expressada nas constantes restaurações de antigos centros urbanos, em cidades-museus, empreendimentos patrimoniais, heranças nacionais e também nas modas retrô (sem falar no lado traumático da cultura da memória); indícios de uma musealização do mundo, como se o objetivo fosse “a recordação total” (2000, p. 14) dado o medo imposto pela aceleração do tempo.

É desta nova estrutura temporal, portanto, que o passado pode parecer ausente e em necessidade de preservação⁸. Como bem alertou Baudrillard, quando o real já não é mais o que era, a nostalgia passa a assumir todo o seu sentido, levando a uma “sobrevvalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade” (1991, p. 10). Neste sentido, a problemática relacionada aos “lugares de memória”, aportada por Nora (1993), também nos auxilia a compreender a valorização destes mitos de origem por parte das sociedades e, especialmente, a forma pela qual a globalização e a midiaticização levam ao fim das sociedades-memoriais⁹. O autor mostra que se há

⁷ Conforme o autor, discursos de um novo tipo de memória surgiram pela primeira vez no ocidente depois da década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias revisionistas, ações que apontam para uma presente “recodificação do passado”, iniciada depois do modernismo. Em seguida, os discursos de memória acentuaram-se na Europa e nos Estados Unidos, no começo da década de 1980, impulsionados especialmente pelo debate do Holocausto (HUYSEN, 2000, p. 10-11).

⁸ Para autores como Lyotard e Baudrillard, o fim do regime moderno [e dos projetos modernos] marcam um novo estágio do tempo, por eles assumido como pós-modernidade. Canclini (2008) também compreende que a ruptura com a situação anterior leva à existência de uma sociedade pós-moderna, ainda que esta apareça sob diferentes contornos na América Latina. Neste sentido, o autor concebe a pós-modernidade “não como uma etapa ou tendência que substituiria o mundo moderno, mas como uma maneira de problematizar os vínculos equívocos que ele armou com as tradições que quis excluir ou superar para constituir-se” (2008, p. 28).

⁹ Avançando ainda mais nas consequências do fim da modernidade e do fim da crença nos meta-relatos [e das grandes “cronosofias” ou “histórias universais”, para usar a expressão de Hartog], Lyotard compreendeu esta busca e nostalgia pelo passado como o surgimento de uma nova forma de meta-relato, como se o retorno às origens e a busca dos valores tradicionais – algo, sabidamente, inalcançado – pudesse oferecer uma explicação para os problemas do presente. Para Lyotard, a modernidade estava marcada por “meta-relatos”, estes entendidos como projetos que vislumbravam um fim em comum: como um forte desejo de emancipação do homem (seja a emancipação da razão, da liberdade ou do trabalho), ou a espera do enriquecimento através do progresso da humanidade e da ciência. Os

uma demanda para a criação de museus, arquivos e pela organização de celebrações é porque essas operações não são mais naturais e sem a vigilância comemorativa, a história logo os esqueceria. É neste recorte que compreendemos o *Museo Nacional de la Inmigración*, buscando analisar a construção da história da imigração por ele realizada.

Parece ser num sentido parecido que Canclini (2008) alerta para o papel das comemorações e dos museus “na renovação da hegemonia política” (2008, p. 160). Em outras palavras, o autor compreende que o Estado e/ou seus governantes têm consciência do quanto o sentido histórico intervém na constituição de identidades; as frequentes re-descobertas dos heróis nacionais são um bom exemplo de como os Estados se utilizam de uma origem mítica para despertarem o senso de identidade e nacionalismo. Deste modo, é possível conjecturar que também na Argentina as comemorações e a criação de museus podem ser usadas como forma de sustentação de hegemonias políticas, onde a conservação inalterada de bens patrimoniais “testemunharia que a essência deste passado glorioso sobrevive às mudanças” (CANCLINI, 2008, p. 161). Inserindo aqui o Museu que estudamos e considerando que este foi criado por um órgão do governo, é pertinente questionarmos sobre quais aspectos da história da imigração foram priorizados em sua exposição. Em outras palavras, como a história da imigração estaria sendo representada nesta instituição? Nossas perguntas estão embasadas no fato de o *Museo Nacional de la Inmigración* ter sido alojado em um lugar que é de memória, mas é também sede de um dos órgãos do governo argentino (*Dirección Nacional de Migraciones*), o que nos leva a pensar também nos usos que foram feitos acerca do patrimônio e do museu da imigração.

Outra justificativa para a realização deste trabalho reside na ausência de pesquisas no âmbito historiográfico sobre o tema dos museus e a configuração dos patrimônios na Argentina; é importante notar que a maioria dos estudos, neste país, que tiveram museus como objeto de pesquisa ocorreram na área da museologia ou enfocaram aspectos pedagógicos destas instituições (BLASCO, 2002). Conforme Blasco (2002), o processo de transformação das coleções privadas em museus organizados pelo Estado tem despertado escasso interesse entre os historiadores. Do mesmo modo, as investigações realizadas não dão conta da análise da conformação dos museus

meta-relatos seriam, assim, histórias que visavam alcançar uma finalidade em comum, num futuro que haveria de se produzir, numa ideia a se realizar (LYOTARD, 2008, p, 30).

argentinos e que, em grande parte, “han sido fundados para dar cumplimiento a objetivos explícitos referentes a la consagración de ciertos aspectos del pasado nacional que parecía necesario reivindicar” (BLASCO, 2002, p. 91). Parece-nos fundamental, nesta instância, a realização de investigações que abordem a constituição dos museus e os interesses inerentes a estas práticas, sendo a análise de exposições [e da maneira pela qual a história vem sendo apresentada por estas instituições] uma forma de contribuir com a compreensão do papel dos museus junto à sociedade. Pela constituição de seu acervo e pelas exposições que realiza, o museu histórico explicita uma determinada maneira de produzir e veicular representações da e para a sociedade, razão pela qual pode ser visto como um objeto de estudo para o historiador (VASCONCELLOS, 2007, p. 20).

Se Nora (1978 apud LE GOFF, 1990, p. 472) entende a memória coletiva como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”, é porque ela encerra um forte caráter de seletividade, cujos grupos é que determinam o quê do passado deve ser lembrado, atualizado e [porque não?] ressignificado, produzindo, neste movimento, um determinado discurso¹⁰. Tratar de um museu da imigração na Argentina é, portanto, tratar da memória¹¹ ou daquilo que ficou do passado da imigração [e dos imigrantes] no país, da forma

¹⁰ Ao longo da dissertação, trabalharemos com a palavra “discurso” ou “narrativa” no sentido de uma interpretação ou de um posicionamento sobre o passado, expressados quer pela documentação oficial, quer pelos agentes do museu ou pelo que a própria exposição do museu comunica, sem o interesse de realizarmos uma análise de discurso (AD) propriamente dita. Como bem observou Albuquerque Jr. (2009), “discurso” é um conceito muito usado nas discussões contemporâneas das ciências humanas, “chamando a atenção para o papel central que exerceria a linguagem na estruturação da vida social, na intermediação das relações, na institucionalização da ordem, na elaboração do pensamento e na construção dos saberes acerca dos homens e de suas formas de organização social” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 243). O termo “narrativa”, assim, assume papel fundamental neste trabalho, na medida em que aponta para a existência de diferentes construções sobre o passado histórico ou para diferentes formas de se narrar a história.

¹¹ Sobre estudos a respeito da memória do passado recente argentino, Chama e Sorgentini (2010) mostraram como, desde meados da década de 1990, se começou a indagar sobre os problemas relativos ao funcionamento da memória social: as lógicas de rememoração e os sentidos, usos e apropriações do passado. Daí também surgiram questionamentos em torno a dicotomia memória/esquecimento, problema que se relacionava com o movimento dos direitos humanos acerca do julgamento dos militares. Conforme os autores, perspectivas ancoradas no problema da seletividade da memória contribuíram para complexificar o relato sobre o que até então se entendia por políticas da memória. Neste contexto apareceram as primeiras formulações de uma agenda de investigações que começou a questionar, de maneira mais precisa, a disputa pelo passado em torno a comemorações, lugares e construções locais da memória. Os autores atentam especialmente para o fato de que a pergunta que mais se buscava responder era fundamentalmente política: “qué se quiere recordar y para qué.” (2010, p. 4). “Tal vez sea pertinente señalar que las polémicas del campo de estudios sobre la memoria han tendido a asumir una vinculación intrínseca entre compromiso político y análisis del pasado reciente” (2010, p. 5).

como este passado vem sendo construído no presente, sem esquecermos que a criação do museu implica uma “vontade de memória” (NORA, 1993, p. 22) por parte de determinados grupos. É com base nos pressupostos apresentados acima, e em correlação com o paradigma da História Cultural, que temos por objetivo principal nesta dissertação analisar como o *Museo Nacional de la Inmigración* e seus agentes ‘construíram e deram a ler’ (CHARTIER, 1990, p. 16-17) a história da imigração na Argentina. Se para o autor, as formas de percepção do mundo social não são nunca discursos neutros, mas que sempre tentam impor autoridade e legitimar algum projeto (1990, p. 17), o conceito de *representação* oferecido por Chartier (1990) nos será essencial para explicar como diferentes discursos sobre a imigração na Argentina tomam forma ao longo da criação e instituição do museu aqui estudado. Segundo o autor, este conceito permite mostrar as configurações através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos (1990, p. 23), além de possibilitar a compreensão da relação entre uma dada estrutura [prédio e objetos, por exemplo] e os múltiplos sentidos e significados a eles atribuídos.

Buscando responder à problemática apontada, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, estudamos o processo de criação de um museu da imigração nas dependências da DNM, ao longo das décadas de oitenta e noventa. A partir de fontes aqui entendidas como “oficiais”, isto é, de uma documentação, em grande parte ministerial, produzida durante as muitas tentativas de criação do Museu e demais ações relacionadas com a preservação do patrimônio ex-Hotel de Imigrantes, identificamos um discurso [do governo argentino] de valorização da imigração no país e de promoção das manifestações culturais dos diferentes grupos. A resolução que determinou a criação do Museu, arquivo e biblioteca da imigração¹², em 1985, justificava este projeto “como um justo reconocimiento a los inmigrantes que forjaron nuestra identidad como nación” – declaração que influenciou o título de nossa dissertação.

Ao destacar que os imigrantes “forjaram” a identidade argentina, em outras palavras, que contribuíram para a formação da identidade argentina como nação, o Ministério do Interior/DNM aponta para a existência de uma identidade comum aos argentinos, o que nos leva a entendê-la como uma “comunidade imaginada”, na perspectiva de Anderson (2008). Assim, cabe trazer-mos à discussão, igualmente, o termo “identidade” “cultural” ou “coletiva” que, assim como a

¹² MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 879/85.

memória coletiva, precisa ser compreendida também como uma representação: os indivíduos se percebem e se imaginam como membros de um grupo, produzindo diversas representações a respeito de sua origem e história (CANDAU, 2008, p. 23). Contudo, nós não podemos alcançar a totalidade desta identidade e nem dizer que ela é sentida e construída da mesma maneira por todos os membros que compõem o país. Segundo Hall (2000), o conceito de identidade passou por um processo de re-estruturação nas últimas décadas, sendo amplamente aceita a ideia de que estas não são entidades unificadas; que as identidades são “cada vez mais fragmentadas, fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (2000, p. 108).

Desde o final dos anos 1960, fenômenos de afirmação e/ou reconhecimento das diferentes identidades culturais se estenderam pelo mundo todo, permitindo, por exemplo, o aparecimento ou reaparecimento de movimentos étnicos ou regionalistas (WIEVIORKA, 2006). Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 28), as identidades étnicas aparecem na contemporaneidade como forma de “sobrevivência de suas tradições culturais específicas”, sendo este fenômeno visto como uma resposta aos problemas das sociedades modernas (1998, p. 78). Ao discorrerem sobre a sociedade americana nos anos 1970, os autores identificaram a valorização de uma imagem da sociedade como um composto de grupos que preservam sua própria identidade cultural, aspecto que também parece ter sido sentido na Argentina onde, desde fins dos anos 1970, diferentes setores da sociedade (governo, coletividades estrangeiras, membros do meio acadêmico e a própria sociedade civil) se movimentaram pela promoção das manifestações culturais dos diferentes grupos que compõem o país, em outras palavras, pela preservação do patrimônio da imigração.

Buscando ainda ampliar o escopo das fontes, e no intuito de suprir as lacunas deixadas pela documentação oficial, nos propomos a entrevistar algumas das pessoas envolvidas na criação do museu. Algumas delas foram procuradas a partir dos nomes que apareciam nas próprias fontes, enquanto outras foram sugeridas pelos agentes durante a realização das primeiras entrevistas¹³. Em torno de oito pessoas foram contatadas, dentre as quais, quatro nos retornaram

¹³ Entretanto, o contato com os entrevistados María Inés Rodríguez e Federico Amarilla nos foi sugerido pela Prof^a Dr^a Nádía de Cristóforis, da UBA (*Universidad de Buenos Aires*) e da UNCPBA (*Universidad Nacional del Centro*

positivamente e um deles (Jorge Farjat) alegou já haver respondido nossas inquietações em suas publicações, motivo pelo qual estas foram incluídas em nossa bibliografia¹⁴. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro prévio (FERREIRA, 2002); de um modo geral, os entrevistados foram convidados a discorrerem sobre o seu envolvimento com a criação e instituição do museu situado na sede da DNM, para relatarmos-nos sobre como se deram estes processos, em quais datas foram montadas as exposições, entre outros temas específicos¹⁵. A maioria deles acabou expressando igualmente suas opiniões a respeito do formato assumido pelo museu, o que nos obriga a compreender suas falas também como um discurso ou representação – da mesma maneira, elas expressam um modo de percepção ou de interpretação do passado da imigração e da realidade vinculada à criação e instituição do museu¹⁶. Tal perspectiva, somente nos é permitida em decorrência da ampliação do “campo do documento histórico” (LE GOFF, 1998, p. 28)¹⁷, advindo com o paradigma da Nova História, e de nosso recorte temporal. Por trabalharmos com a História recente, podemos nos beneficiar do uso de depoimentos orais, estes capazes de preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas e de darem o seu testemunho em muitos eventos históricos que participaram (FERREIRA, 2002).

Diversos autores (RIOUX, 1999, LE GOFF, 1999, CUESTA, 1993) sinalizaram para a dificuldade de se trabalhar com a história recente, também chamada, história do tempo presente, quer pela dificuldade de acesso às fontes recentes, quer pela falta de distanciamento e envolvimento do historiador com a época analisada, onde os acontecimentos ainda parecem estar indefinidos. Muitos destes autores alertam para a importância de que o historiador do presente possa distinguir o significativo e perdurável do incidente e do efêmero, tal como é mostrado pelos

de la Provincia de Buenos Aires), nossa orientadora na Argentina durante missão de estudos realizada no ano de 2010 pelo PPG em História da Unisinos.

¹⁴ Ver SWIDERSKY; FARJAT, 1999 e 2000, além do próprio folheto a ser divulgado pela DNM nos meses seguintes, mas gentilmente concedido por Farjat antes de nosso retorno de Buenos Aires em agosto de 2010 (Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realização de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010).

¹⁵ As três entrevistas que utilizamos ao longo da dissertação podem ser conferidas nos anexos.

¹⁶ Cabe destacarmos que as entrevistas realizadas com Alicia Bernasconi e María Inés Rodríguez somente tiveram o seu uso autorizado após terem sido revisadas pelas entrevistadas.

¹⁷ Conforme o autor, a história nova passou a se basear “numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, [...] uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem” (LE GOFF, 1998, p. 28).

jornalistas (RIOUX, 1999, p. 119-126). Apesar das restrições comumente impostas à história do presente, Rioux (1999, p. 243) compreende que esta representa “um depoimento de boa qualidade científica” sobre o nosso tempo, ao passo que Rouso (em entrevista com AREND e MACEDO, 2009) ressalta a importância do olhar sobre o presente. Le Goff (1999) igualmente defendeu a validade da metodologia da história do tempo presente, pois entende que as fontes utilizadas hoje para a história do presente serão as mesmas usadas no futuro para compreender o mesmo período. Conforme o autor, toda história é pensada a partir do tempo do historiador, razões pelas quais compreendemos também ser significativo o trabalho acerca do *Museo Nacional de la Inmigración*.

É por considerarmos o museu como um “produtor e veiculador de sentidos na sociedade” (POSSAMAI, 2001, p. 9) e também lugar da “produção de conhecimento” (MENESES, 2002), que o segundo capítulo desta dissertação busca analisar a exposição de longa duração montada na sede do antigo Hotel de Imigrantes, entre os anos de 2001-2009. Para compreendermos como o *Museo Nacional de la Inmigración* ‘constrói e representa’, na prática, a história da imigração para a Argentina, organizamos a exposição em diferentes “Espaços” de análise, com base na documentação fotográfica da mesma, realizada durante as visitas à instituição no período de 2009/01. A exposição é, assim, tomada como “o principal meio pelo qual o passado é publicamente apresentado”, sendo os objetos que a compõem também produtores de determinados discursos históricos (BITENCOURT, 2003). A partir dos diferentes Espaços expositivos, uma representação da história da imigração contada pelo viés do Estado nacional vai ganhando contornos mais nítidos, assim como se destaca uma valorização do imigrante enquanto o principal responsável pelo desenvolvimento do país. Essas ideias retomam o debatido mito do “crisol de raças” na Argentina que, embora venha sendo questionado desde a década de 1980, ainda parece fazer parte da imagem do passado que a sociedade argentina elaborou dela mesma (DEVOTO; OTERO, 2003), logo, representações sobre o passado também compartilhadas por aqueles que organizaram o Museu.

O terceiro e último capítulo tem por objetivo analisar como os discursos identificados na exposição museológica foram recebidos ou apreendidos pelo público visitante. Conforme Gonçalves (2007), é através de exposições apresentadas em museus que muitas das teorias

elaboradas conceitualmente na academia vêm a ser difundidas junto ao grande público, sendo fundamental, portanto, estudar como a produção historiográfica sobre a imigração na Argentina foi apropriada pelo Museu e comunicada aos visitantes. Para tanto, nos valem de mais de 700 mensagens assinadas no *Libro de Visitas do Museu* durante os primeiros anos de funcionamento da mostra. Visando identificar as temáticas que apareceram nesta documentação, organizamos as mensagens em nove categorias, conforme os sentidos comuns que estas expressam. Tal categorização nos permite observar um grande número de visitantes agradecidos pela instituição do Museu, enquanto outros demonstram emoção por conhecerem o lugar histórico que acolheu os imigrantes, além de uma preocupação com a preservação da memória e do patrimônio da imigração. A partir das mensagens podemos visualizar ainda que uma parte do público se sente agradecida à Argentina pelo acolhimento concedido aos imigrantes, ao passo que um determinado número de visitantes valoriza e agradece aos imigrantes pelo seu importante papel na construção do país.

Durante muito tempo, o museu foi visto como um ambiente estático, local de depósitos de objetos e de freqüentação de uma elite que o utilizava como forma de reforçar seu *status* social, perpetuando seus valores. Entretanto, com a revolução francesa uma nova concepção foi incorporada ao museu, que é a noção de patrimônio. A partir dela, o museu não parou mais de se expandir e os anteriores museus da nobreza passaram a funcionar como museus de nações, refletindo os padrões políticos de seus governos e levando a consagração definitiva dos museus nos séculos XIX e XX como instituições de preservação dos bens culturais e de identificação com a memória nacional (VASCONCELLOS, 2007). À medida que se expandiu o reconhecimento e valorização dos diferentes grupos e culturas, novos tipos de museus surgiram, ampliando a abrangência destas instituições. Objetos, anteriormente comuns e sem valor, passaram a ser assumidos como “patrimônio cultural”, ideia que substituiu a tradicional concepção pela qual se diferenciava a cultura em popular e erudita, ou etnográfica. Assim, a noção de patrimônio cultural revolucionou os museus, incorporando em suas exposições diferentes categorias de artefatos, todas as formas de saber e fazer, além de integrar estruturas arquitetônicas monumentais e toda a

malha urbana e natural (BITTENCOURT, s/d, s/p.)¹⁸. Com a análise da exposição e dos relatos ou impressões daqueles que a visitaram pretendemos compreender as razões ou interesses inerentes ao processo de criação do Museu da imigração na sede do antigo Hotel de Imigrantes, bem como a forma pela qual a história da imigração foi construída e narrada por esta instituição.

¹⁸ Sobre a história dos museus e seus desdobramentos, consultar Brefe (2005), Santos (2006), Figueiredo e Vidal (2005).

CAPÍTULO 1

Discursos e tensões na criação de um museu da imigração em Buenos Aires

Na análise da documentação referente à criação de um museu da imigração na sede da *Dirección Nacional de Migraciones* (doravante, DNM), percebemos que este projeto vinha se constituindo, desde o início da década de 1980, a partir do interesse de distintos grupos na preservação do patrimônio imigratório, destacando-se, especialmente, o papel das *colectividades* e da própria DNM¹⁹. Neste processo, “diferentes formas de percepção” (CHARTIER, p. 17) do passado da imigração na Argentina foram se afirmando e configurando alguns discursos sobre o tema. O primeiro deles provém do próprio empenho do governo em criar um museu para homenagear a imigração, além da escolha do prédio – o antigo Hotel de Imigrantes de Buenos Aires – para ser a sede desta nova instituição. Tal escolha, em nosso ver, foi capaz de promover uma determinada narrativa sobre a imigração neste país, tendo em vista a importância histórica do prédio e a sua utilidade no passado. Conforme mostrou Vasconcellos (2007), ao selecionar-se um edifício histórico para abrigar um museu, existe sempre a intenção de se criar um vínculo simbólico entre o passado, o presente e o visitante, permitindo que este se sinta como integrante e herdeiro dos fatos históricos que ali ocorreram.

Desde 1983, o Ministério do Interior argentino havia autorizado a realização de estudos a respeito da viabilidade de se criar um museu de imigração sob a jurisdição da DNM²⁰. Esta última, criada em 1949 e dependente do Ministério do Interior, corresponde à antiga *Dirección General de Inmigración*, organismo encarregado do controle da imigração no país durante a primeira metade do século XX (SWIDERSKY, FARJAT, 2000, p. 82). Assim, a atual sede da DNM nada mais é do que o complexo pertencente ao antigo Hotel de Imigrantes, inaugurado em 1911 para receber os imigrantes em sua chegada ao país, no marco da imigração europeia de massas para a Argentina.

¹⁹ Conforme MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 879/85.

²⁰ MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 879/85.

Durante as últimas décadas do século XIX, quando a imigração se acentuou no país, o governo precisou arrendar diferentes lugares para albergar os imigrantes em sua chegada, até que encontrassem um lugar definitivo para sua moradia. Dadas as más condições em que se encontravam a maioria dos hotéis [ou albergues] de imigrantes, iniciou-se, entre 1905-06 a construção de um novo Hotel, localizado na *dársena norte*, entre *Retiro* e *Puerto Madero*. E esta obra fazia parte da política de “portas-abertas”²¹ para os imigrantes, desenvolvida pela Argentina desde meados do século XIX e que ainda consistia em um importante fator de crescimento econômico do país²². Esta nova construção, porém, precisava ser composta por um edifício grandioso, por um hospital, um desembarcador naval e uma oficina de trabalho, isto é, por uma estrutura que refletisse o pensamento da época a respeito de “una Argentina indefinidamente próspera, que como tal debía mostrarse ante el mundo, Europa, en su cara masiva que era la inmigración, a la cual se buscaba atraer” (INSAUSTI, 2000, p. 7). Por isso, além de ser construído de maneira monumental, o projeto de Wilcken sugeria que o edifício não deveria ser criado sob a ideia de um “asilo”, mas sob o nome de “*Hotel de Inmigración*”, “*Departamento de Inmigración*” ou “*Centro de Inmigración*”, o que evitaria uma imagem depreciativa do edifício – com a conotação de estabelecimento para mendigos. Assim, o novo prédio deveria estar em consonância com esta nova Argentina, moderna e próspera, capaz de chamar a atenção das populações européias (INSAUSTI, 2000, p. 8).

²¹ Desde a queda de Rosas, em 1852, tanto o Estado de Buenos Aires quanto a Confederação Argentina defenderam abertamente políticas a favor da imigração. Por um lado a Confederação promulgou a Constituição Nacional (1853), que continha expressas intenções de alentar a imigração, e iniciou negociações para o estabelecimento de colônias e de estradas de ferro no país. Por outro lado, o Estado de Buenos Aires criou, em 1854, uma Comissão de Imigração, que tinha como missão proteger aos imigrantes, intervindo nas questões relacionadas com os capitães dos barcos, com os agentes de passagens e com a contratação dos imigrantes para o trabalho (DE CRISTÓFORIS, 2008b, p. 100-101). Especialmente a partir de 1876, com a sanção da lei de imigração e colonização, o governo argentino passou a oferecer benefícios aos imigrantes que adentravam ao país, como o bilhete gratuito de trem para dirigirem-se até seu destino final, [depois] o alojamento gratuito no Hotel de Imigrantes por vários dias e o uso das possibilidades oferecidas pela “Oficina de Colocaciones” que funcionava no mesmo Hotel de Imigrantes. Conforme o autor, as políticas públicas que mais influenciaram a imigração se davam especialmente através da propaganda e de passagens subsidiadas. Maior influência tiveram, também, as políticas dos anos setenta e oitenta do século XIX, quando um comissário central de colonização havia sido designado na Europa para alentar a respeito da imigração para a Argentina (DEVOTO, 2009, p. 79-80).

²² Conforme mostrou Insausti (2000), já na década de 1870, o funcionário de imigração Guillermo Wilcken advertia sobre a urgência de se resolver os problemas práticos apresentados com a chegada massiva de imigrantes à Argentina, especialmente com relação ao desconhecimento sobre quem eram os imigrantes que entravam no país, seu ofício, estado de saúde e sobre onde se radicavam. Para Wilcken havia a necessidade da construção de um complexo, departamento ou hotel da imigração, que permitiria tanto atender aos recém chegados como controlar os dados da imigração no país.

O complexo do Hotel de Imigrantes onde atualmente se situa a sede da DNM, portanto, foi construído com base nestes pressupostos, ainda que sua realização tenha se dado somente décadas depois que Wilcken o concebera. Juan Adolfo Alsina, diretor de imigração por mais de vinte anos, conseguiu em 1889 que o poder executivo disponibilizasse um terreno para iniciar a construção do novo Hotel de Imigrantes, almejando acomodar nele dez mil imigrantes. Entretanto, somente em 1905 o projeto do Ministério de obras foi encaminhado aos construtores Udina y Mosca. De 1905 até 1911, os pavilhões foram sendo construídos conforme a necessidade de demanda: primeiro o desembarcador, depois a oficina de trabalho, a direção e o hospital (INSAUSTI, 2000, p. 9). Segundo a autora (2000, p 16), o prédio do Hotel foi último a ser construído, sendo oficialmente inaugurado em 26 de janeiro 1911. Em termos de estrutura interna, o novo Hotel possuía uma grande cozinha e um salão para as refeições no primeiro piso, com turnos de café da manhã, almoço e janta para mil pessoas cada um. Já os dormitórios localizavam-se nos outros três pisos superiores, cada um com quatro grandes dormitórios e capacidade para até 250 pessoas, sendo que seus serviços eram totalmente financiados pelo governo²³. Segundo Insausti,

“visto del rio, el hotel llamaba la atención por su volumen y simetría. Rodeado por las construcciones más pequeñas e igualmente blancas, levantado sobre la orilla del dique de carena, entre el cielo y el agua, la primera imagen que recibían del edificio debía conmovier – o intimidar – seguramente, a los inmigrantes que al momento del arribo se amontonaban en la cubierta” (INSAUSTI, 2000, p. 18).

Como mostramos, o prédio do ex-Hotel de Imigrantes e o complexo ao seu redor foram construídos com a intenção de chamar a atenção de quem ali chegasse, tanto pela sua monumentalidade, quanto pelos serviços oferecidos pela antiga *Dirección General de Inmigración*. Seu amplo terreno, compreendido por 27.000 m², permitiu a construção do desembarcador próprio, em completo isolamento da cidade, o que evitava o contato da população com as possíveis epidemias que poderiam chegar junto com os imigrantes. Como paradigma da arquitetura higienista, o projeto visava evitar a contaminação, sendo composto por uma série de pavilhões dispostos ao redor de uma praça central. Por esta praça passava uma rua que dava acesso desde o desembarcador até a outra ponta, onde ficava o hospital para serem encaminhados

²³ Consultado em: <http://www.migraciones.gov.ar>. Acesso em 22/11/2010.

os imigrantes doentes. Além disso, o complexo também se localizava muito perto da estação de trem em Retiro, que dava acesso ao interior da Argentina (INSAUSTI, 2000, p. 9).



Imagem 1 - Vista aérea atual do complexo pertencente à DNM. Fonte: Material de divulgação do *Museo Nacional de la Inmigración*.

Pelas características mencionadas, quer físicas, quer históricas, é que afirmamos que o atual complexo da DNM produz um determinado discurso sobre a imigração na Argentina; o complexo do ex-Hotel de Imigrantes teve um propósito, uma fala, uma forma de se dar a ver. Neste sentido e com base no conceito de representação, podemos entender que o prédio em foco atuou como “objeto da produção de imagens e discursos” (PESAVENTO, 2007, p. 14-15), pois, se por um lado ele atestava a importância que a imigração teve para o país, motivo pelo qual foi construída esta enorme estrutura, por outro, cada detalhe do antigo complexo tornava visível o papel do Estado Nacional na sua construção e na construção da nova nação através da promoção de políticas migratórias: os imigrantes não apenas recebiam cama e comida no Hotel por conta do governo, como também uma série de serviços lhes era oferecido, entre eles, o tratamento no hospital para os doentes, a realização do trâmite imigratório no próprio complexo e até mesmo uma *oficina de colocaciones* estava encarregada de conseguir trabalho para aqueles imigrantes que chegavam ao país sem contato prévio. O antigo Hotel de Imigrantes, assim, pela carga

simbólica de que estava imbuído, foi capaz de produzir um discurso de destaque para o governo argentino enquanto o sustentador da imigração. Os símbolos, como ressaltou Bourdieu (2010, p. 9-10), “são os instrumentos por excelência da ‘integração social’: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [como demonstra ser o Hotel de Imigrantes], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (p. 9-10). A instituição de um museu no edifício do Hotel de Imigrantes, por seu turno, difundiria e carregaria consigo a simbologia, as imagens e discursos por ele produzidos sobre os “feitos” do Estado argentino.

Quando o Hotel deixou de prestar seus serviços aos imigrantes em 1953, alguns dos prédios pertencentes ao complexo seguiram com suas funções por algum tempo, como o Hospital Nacional e os imóveis destinados aos trâmites administrativos e migratórios da DNM, enquanto outros, como o *Apostadero Naval* e o próprio prédio do Hotel passaram ao Ministério da Marinha, sofrendo algumas alterações físicas²⁴. Em 1985, o Ministério do Interior/DNM – já de posse do prédio do antigo Hotel – determinou a criação do *Museo, Archivo y Biblioteca de la Inmigración*, com sede no complexo da DNM, uma vez que esta possuía um setor de suas instalações desocupado, permitindo fazê-lo sem gastos do erário público²⁵. Como lemos na Resolução N° 879/85 do Ministério do Interior argentino, neste momento conduzido pelo Sr. Antonio A. Troccoli, o caminho para a criação do museu estava, outra vez, aberto. Cumpre destacar que a questão financeira era apresentada como resolvida pelos seus idealizadores, já que não haveria gastos do erário público, pois os prédios pertenciam ao Estado e estavam vagos.

Conforme a mencionada Resolução, o Ministério do Interior argentino mostrava que existiam motivos e antecedentes suficientes para conceituar o projeto em questão “como un justo reconocimiento a los inmigrantes que forjaron nuestra identidad como Nación”. Esta afirmação, tomada como justificativa para a criação do museu neste momento, remete a duas outras constatações: primeiramente, o reconhecimento do papel e da importância dos imigrantes na

²⁴ Conforme Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realização de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010. Desde 1974, todos os edifícios do antigo complexo estão sob a responsabilidade da DNM/Ministério do Interior, com exceção do *Apostadero Naval* que ainda pertence à Marinha Argentina.

²⁵ Conforme MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 879/85.

construção da nação argentina; e, em seguida, que um dos pilares da construção das nações é a possibilidade de forjar uma identidade única (Anderson, 2008, p. 12), na qual, somos levados a entender que os imigrantes ainda não tinham conquistado um lugar de destaque na formação da nação Argentina. É importante observarmos, aqui, que a valorização da imigração proposta pelo governo se referia especialmente à grande imigração de massas para o país, deixando de lado muitos outros imigrantes.

No tocante a este tema, a especialista em linguística e literatura comparada, Ilaria Magnani (2006, p. 139), alertou para o fato de que muito embora a coletividade italiana tenha operado como presença majoritária e elemento significativo no desenho da nação argentina contemporânea, a contribuição italiana foi frequentemente depreciada até meados da década de 1970; assertiva que corrobora nossa interpretação acima sobre a ausência de destaque aos imigrantes na formação da nação Argentina até este período. Ao estudar a renovada produção literária sobre o tema migratório, com especial ênfase na coletividade italiana, a especialista atentou para uma revalorização do aporte italiano, demanda que para ela também pode ser observada no programa de desenvolvimento do *Museo Nacional de la Inmigración* no início da década de 2000²⁶. Para a autora, este programa [anunciado na publicação por ela estudada] assumia um caráter “personalista”, no qual o chefe do Estado da Nação e Ministro do Interior, então, Carlos Corach, partiam de suas experiências individuais, recuperando suas recordações e etapas de suas vidas, para falarem da importância do fenômeno migratório. Considerando o estudo de Magnani, podemos ressaltar que o reconhecimento aos imigrantes expresso na Resolução de 1985 – e que se manteve nos anos seguintes – se referia, de fato, especialmente aos imigrantes de origem italiana ou europeia.

Partindo das condições que apontamos e paralelo ao projeto de criação do museu, a DNM/Ministério do Interior também desenvolveu, no final dos anos oitenta e início dos noventa, uma série de atividades voltadas ao tema imigratório, algumas realizadas em parceria com outros órgãos do governo argentino. Este foi o caso da primeira mostra fotográfica realizada para a

²⁶ Para estas reflexões a autora se utilizou de uma publicação promovida pelo Ministério do Interior, em 1998, intitulada “*Argentina, un país de inmigrantes*”, na qual o então chefe do Estado, Carlos Saúl Menen, sublinha importância dos imigrantes na formação do país e anuncia um programa para o reconhecimento dos imigrantes, a ser concluído com o *Museo de la Inmigración* (MAGNANI, 2006, p. 141).

DNM em 1987 e intitulada “Los Inmigrantes”, produzida pelo Departamento Técnico do *Archivo General de la Nación* a partir de documentos desta instituição e exposta no bairro *Recoleta* em comemoração ao Dia do Imigrante²⁷. Em 1989, a exposição fotográfica foi ampliada, dando origem, posteriormente, a exposições itinerantes. Também em 1989 iniciou-se o primeiro projeto referente à preservação dos arquivos da DNM, alojados no edifício do ex-Hotel. A recepção de alguns contingentes universitários inaugurou ainda a modalidade de visita guiada ao complexo da DNM e no mesmo ano, teve início um Programa de “Difusión Histórico Documental del Acto Migratorio: Investigación Sociocultural y Divulgación” através do “Audiovisual Documental Histórico Testimonial”, programa que teve por finalidade divulgar, através do filme “Los Antiguos Hoteles de Inmigrantes” (versão original: 33 min.) a história destes hotéis, acompanhado por conferências²⁸.

Estas atividades relacionadas ao tema imigratório e ao patrimônio que guarda a DNM, bem como a justificativa de reconhecimento aos imigrantes, apresentada na Resolução de 1985, explicitam, por sua vez, um discurso do governo argentino de sensibilização para a importância da imigração no país e para a criação do museu. Tais realizações se ampliaram nos anos noventa. Como exemplo, podemos destacar a produção de material gráfico de época, selecionado das mostras precedentes, para a edição do livro “Dónde dormieron nuestros abuelos?” de Jorge Ochoa de Eguileor (futuro diretor do *Museo del Inmigrante*) e Eduardo Valdés. Este livro – assim como aquele analisado por Magnani (2006) – atesta a necessidade que sentiam as autoridades governamentais em homenagear e destacar o papel dos imigrantes no país²⁹. Também foi realizada uma nova mostra fotográfica, em 1996, intitulada “Migraciones: 1911-1996”, que buscava apresentar os oitenta e cinco anos de vida da instituição, retratando desde suas origens e

²⁷ O dia do Imigrante na Argentina é comemorado em 04 de setembro.

²⁸ Conforme Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realização de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010.

²⁹ No prefácio do livro, a Arq. María de las Nieves Arias Incollá (Presidente do ICOMOS argentino, em 1991, e Diretora Nacional de Patrimônio Cultural, em 2000) considera ser o livro de Ochoa e Valdés “um conmovedor homenaje a los inmigrantes”, assim como afirma que a Argentina ainda estava em dívida para com os imigrantes. Do mesmo modo, a arquiteta chama a atenção para a importância da preservação do patrimônio pertencente ao ex-Hotel de Imigrantes (Cf. OCHOA; VALDÉS, 2000).

posteriores transformações até a renovação ocorrida nos últimos anos no conjunto de imóveis ao qual pertence, acompanhada de uma recopilação histórica impressa³⁰.

Todas as ações enunciadas, tomadas como discursos, podem ser compreendidas, ao fim e ao cabo, dentro de um contexto maior, no qual as sociedades contemporâneas têm experimentado uma supervalorização do passado e da memória (CANDAU, 2008), bem como de um crescente “renascimento étnico” que perpassou a Argentina nos anos 1980 (DEVOTO, 1992) – são “novos ares” que vão desencadear o processo de transformação do prédio em museu. É importante ressaltarmos que por revisitarem a história do Hotel de Imigrantes, as atividades apontadas não deixam de reforçar a simbologia e o discurso produzido pelo próprio edifício, que é o de destaque ao papel do Estado na promoção da imigração; discurso que seria coroado de êxito quando da investidura do prédio em museu³¹.

1.1. Um valor agregado ao antigo Hotel de Imigrantes: a transformação do prédio em Monumento

Junto ao discurso do governo argentino para a criação do museu e valorização da imigração no país, podemos dizer que o edifício do ex-Hotel de Imigrantes foi, aos poucos, se constituindo em um símbolo da imigração na Argentina. Além das atividades desenvolvidas pelo Ministério do Interior/DNM, a preservação do antigo Hotel mostrou também ser de interesse de diferentes órgãos do governo – sem considerar os distintos setores da sociedade e demais *colectividades* – e ao menos desde o ano de 1983 já se havia percebido a necessidade de preservação deste edifício³². A documentação guardada pela *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos* revela, por exemplo, que inclusive o *Consejo Deliberante de*

³⁰ Conforme Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realização de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010.

³¹ Em 1985, as obras de um Museu, arquivo e biblioteca da imigração somente se deram por inauguradas a partir de uma placa fixada em frente ao prédio do ex-hotel de imigrantes, porém sem concretização. “Apenas algunas memorias administrativas, junto a otras de la época del Hotel de la Rotonda, pudieron ser resguardadas. Por otro lado, los antiguos libros de ultramar, con registros posteriores a 1882, se encontraban depositados sin medidas de preservación en el archivo del organismo” (SWIDERSKI; FARJAT, 1999, p. 181).

³² Em *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

Buenos Aires (leiamos, uma entidade pertencente à esfera do município) afirmava ver “com agrado” a realização das gestões necessárias pelo Departamento Executivo, através do Ministério do Interior, para obter-se a concessão de uso parcial ou total do edifício do ex-Hotel de Imigrantes, com o intuito de desenvolverem-se atividades turísticas em seus domínios³³. Frente a estes diversos interesses em torno ao prédio construído para abrigar os imigrantes em sua chegada à Argentina, a declaração de Monumento Histórico Nacional ao edifício do ex-Hotel de Imigrantes, solicitada pela *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos* em 1987³⁴, pode então ser decretada em novembro de 1990. A justificativa emitida para esta declaração se alicerçava especialmente em dois suportes: na estrutura arquitetônica do prédio e no fato do ex-Hotel ter alojado as correntes migratórias que chegaram à Argentina entre os anos de 1911 e 1950³⁵.

É importante observarmos que a partir desta declaração um novo *status* foi conferido ao prédio, elevando-o à categoria de patrimônio. Enquanto um dos únicos remanescentes dos antigos hotéis de imigrantes, o edifício do ex-Hotel passou a ser compreendido como um bem material que remete tanto à história da imigração para a Argentina, quanto à história do próprio Estado argentino, no tocante às políticas migratórias que realizou. Sua arquitetura, da mesma forma, foi assumida como exemplar do paradigma higienista do início do século XX, capaz de atestar “la imagen de un país pujante, moderno, con un edificio enorme que es el primer edificio de hormigón que se construye en la ciudad de Buenos Aires”³⁶; características que permitiram-no ser transformado em Monumento. É neste sentido que, como bem destacou a Direção Geral de Turismo da *Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires*, o edifício do ex-Hotel constituía um

³³ Em comunicação destinada à Intendência Municipal da cidade de Buenos Aires, em 01 de novembro de 1990. Conforme *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

³⁴ Em plenária de 21 de maio de 1987. Em *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*. A mencionada *Comisión* tem o Cabildo de Buenos Aires como sede e é o organismo responsável por “Preservar, defender y acrecentar el patrimonio histórico y artístico de la Nación”, entre outras competências relacionadas à este processo (consultado em <http://www.monumentosysitios.gov.ar/static.php?p=235>. Acesso em 13/102008).

³⁵ Através do Decreto N° 2402/90, expedido pela *PRESIDENCIA DE LA NACIÓN. República Argentina. Secretaria de Cultura. [Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos]*. Buenos Aires, 19 de noviembre de 1990.

³⁶ Conforme entrevista concedida por Alicia Bernasconi. Aclaramos que a palavra “hormigón” significa “mezcla de piedras menudas y mortero de cal o cemento y arena, empleada para la construcción”. Já “hormigón armado” seria um “hormigón” hidráulico construído sobre uma armadura de barras de ferro (MILBEAU, 2000, p. 728).

atrativo de interesse turístico, permitindo mostrar a cidade de Buenos Aires, “desde la perspectiva del período en el cual la ciudad se hizo famosa a los ojos de los visitantes (1880-1910)”³⁷ – justificativa que evidencia a competência do ex-Hotel de fazer ver a Argentina em toda a sua grandeza.

São, por conseguinte, as características físicas e históricas do antigo Hotel de Imigrantes que o converteram em patrimônio e em um “monumento”, no sentido original do termo. Conforme Choay (2001, p. 17), a palavra *monumentum* deriva de *monere*, que, por sua vez, é igual a “advertir”, “lembrar”. Assim, desde a antiguidade, o monumento é compreendido como aquilo que é instituído “por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, ritos, etc.” (CHOAY, 2001, p. 17-18). Choay explica que com o passar do tempo o sentido do patrimônio evoluiu ainda para aquilo que denota poder, grandeza e beleza, além de proporcionar encantamento ou espanto “provocados pela proeza técnica e por uma versão moderna do colossal” (CHOAY, 2001, p. 18-20). Parece ser por ambos os sentidos que o antigo Hotel de Imigrantes mereceu ser declarado como um monumento.

Sobre a conversão do ex-Hotel em Monumento Histórico Nacional, nos valemos de Kersten (2000) quando sustenta que para se compreender o efeito da sacralização dos bens considerados patrimônios, se faz importante abordar as etapas de seu tombamento como “um ritual”. Para ela, é através do “processo sacralizador” que as edificações se transformam em bens patrimoniais capazes de comprovar um passado histórico. Neste processo, a edificação considerada patrimônio recebe novas qualidades antes não identificadas, transfigurando “o objeto, a arquitetura ou o documento em bem material” (KERSTEN, 2000, p. 49). Ao ser declarado como Monumento Histórico Nacional, portanto, o edifício do ex-Hotel de Imigrantes passou a agregar valores que anteriormente não lhe eram atribuídos. É como se o prédio deixasse de ser apenas um edifício velho para se transformar em elemento simbólico e representativo do período da grande imigração de massas para a Argentina.

³⁷ Comunicação da Direção Geral de Turismo da *Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires*, em 27 de fevereiro de 1991. Conforme *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

Segundo Bernasconi³⁸, a declaração de Monumento Histórico ao prédio do ex-Hotel partiu não só do governo, mas também do esforço de uma série de acadêmicos e demais pessoas interessadas no tema da imigração. Mas quais motivos teriam levado a tal iniciativa? Entre outras razões, o grupo se movimentou para evitar que algum organismo do Estado resolvesse demoli-lo ou dar-lhe outra utilidade, pois desde que *Puerto Madero* se desenvolveu³⁹, toda a zona passou a ser almejada como espaço residencial. Conforme a entrevistada, este fator contribuiu para que aparecesse uma série de pessoas interessadas em protegê-lo, sendo o projeto do museu uma das formas de garantir sua conservação⁴⁰. Entre o final do ano de 1984 e 1985, diferentes reportagens de jornal sinalizaram para outro grupo ou organização interessada na preservação do velho Hotel de Imigrantes: o Presidente da Asociación Mundial de Emigrantes (AME) solicitava ao vice-presidente da Nação que o edifício que ocupou o antigo Hotel de Inmigrantes fosse declarado Monumento Histórico Nacional e que se criasse o “Museo del Emigrante”, iniciativa que contava com o aval das comunidades que se incorporaram definitivamente à vida nacional, haja vista que “El viejo hotel es un símbolo de un pasado que no podrá repetirse en idénticas circunstancias. [...]”⁴¹. Assim, à iniciativa oficial de construção de um museu no espaço do antigo Hotel de Imigrantes, se agregava, também, a sociedade civil, em suas diferentes organizações. Embora usando de meios e discursos distintos, ambos pareciam desejar o mesmo para o prédio: a sua preservação. Neste movimento, fica patente ainda que o “ritual” de declaração do antigo Hotel

³⁸ Secretária e pesquisadora do CEMLA há mais de vinte anos, Alicia Bernasconi foi contatada para expor a respeito do envolvimento do CEMLA com o *Museo Hotel del Inmigrantes* e sobre a criação do mesmo museu, concedendo-nos gentilmente a entrevista que utilizaremos em diversos momentos de nossa dissertação. A entrevista pode ser conferida na íntegra em nossos anexos.

³⁹ Segundo Giacomet (2008, p. 56), em 1985, a Municipalidade da cidade de Buenos Aires deu início aos estudos dos antecedentes e da exequibilidade de um projeto de reutilização de *Puerto Madero*, estabelecendo um convênio com a prefeitura de Barcelona, esta em plena remodelação do seu antigo porto. Conforme a autora, desde os anos oitenta *Puerto Madero* já havia se tornado alvo de interesse de “duas novas correntes culturais que se disseminavam pelo mundo”: a de revalorização e recuperação do patrimônio instalado e a da ecologia. A manifestação destas correntes “devolveu para a zona notoriedade pública, perdida ao longo dos anos devido à decadência do local”. A atitude de repensar o porto como “peça urbana”, “fez o antigo espaço portuário tornar-se o protagonista de um importante processo de reconversão cultural e urbana da capital portenha”, sendo os modelos de intervenção espanholas os que “exerceram forte influência na América Latina, em particular na Argentina, devido à recuperação de sua democracia” (GIACOMET, 2008, p. 54-55).

⁴⁰ Como parte das pessoas que se movimentaram para conseguir a declaração do antigo Hotel como Monumento Histórico Nacional, Bernasconi destaca as figuras de Doctor Oteiza e Lelio Mármora, sendo este também por nós entrevistado. Conferir em entrevista com Alicia Bernasconi.

⁴¹ El viejo Hotel de Inmigrantes. *La Nación*, Buenos Aires, 17 de enero de 1985. Outras reportagens com conteúdo semelhante foram encontradas em: El Hotel de Emigrantes será monumento nacional. *Semanario Espanhol*, 1ª quinz. de diciembre de 1984; e Solicitan ser argentinos. *El Clarín*, Buenos Aires, 10 de junio de 1985.

como Monumento Histórico Nacional foi igualmente imprescindível para o incremento das ações que organizaram o museu⁴².

Para além da preocupação com a conservação do edifício, precisamos ressaltar que a declaração de um bem como monumento constitui uma seleção que não é neutra: ela é fruto da escolha de determinados agentes que por distintos interesses atuaram em prol de sua preservação. Assim como *Puerto Madero* vivenciou uma recuperação de seu patrimônio arquitetônico por vincular-se com um determinado período da história do país e com o modelo de sociedade que então foi dominante (BERTONCELLO, 2010, p. 45), o edifício do ex-Hotel de Imigrantes também parece ter sido eleito como um Patrimônio Histórico Nacional em razão de suas características arquitetônicas e históricas, capazes de atestarem a história da imigração na Argentina, mas também a história do país em seu apogeu. Neste sentido, é importante refletirmos sobre porque “outros patrimônios, igualmente válidos para a sociedade, não foram valorizados e nem formam parte dos pontos turísticos da cidade” (BERTONCELLO, 2010, p. 45, tradução nossa).

Apesar da promulgação da Resolução que criava o museu em 1985, este não havia saído do papel a não ser pela colocação de uma placa em frente ao prédio do Hotel. Concomitante a este processo, outra ação foi executada, quando um museu ou mostra da DNM começou a ser organizado⁴³ em edifício anexo ao do ex-Hotel de Imigrantes, funcionando como “exposición permanente para investigadores y público en general” (SWIDERSKY; FARJAT, 2000, p. 110). Esta primeira exposição teve por objetivo a preservação e restauração das peças guardadas pela DNM que se encontravam dispersas em depósitos e em outras dependências da repartição, além de servir como base para o futuro *Museo, Archivo y Biblioteca de la Inmigración*. Segundo

⁴² Os representantes de diferentes setores do governo e membros acadêmicos (como melhor veremos na continuação deste capítulo), organizações formadas por representantes de diferentes colectividades argentinas e demais pessoas da sociedade civil – todos envolvidos no processo que fez do ex-Hotel de Imigrantes um Monumento Histórico Nacional e, posteriormente, um Museu – poderiam ser percebidos como um campo, isto é, como uma *estructura* ou *rede de relações objetivas* (BOURDIEU, 2010), com interesses e investimentos em comum. Um estudo mais aprofundado das redes de relações sociais em que estavam inseridos estes diferentes agentes responsáveis pela preservação do antigo Hotel e pela sua transformação em museu, no entanto, nos exigiria uma disponibilidade de tempo maior na cidade de Buenos Aires, especialmente se considerarmos a dificuldade que encontramos para contatar e coletar entrevistas somente dos agentes que participaram do processo de criação do Museu, foco deste trabalho.

⁴³ Através da Resolução DNM 3.753 de outubro de 1990.

Swidersky e Farjat (2000), o conjunto de peças, somado aos documentos, constituíam os únicos objetos materiais que ainda perduravam de épocas passadas em poder do Estado.

Como consequência das medidas que preservaram o patrimônio relacionado ao ex-Hotel, determinadas pela Resolução de 1990, o *Museo, Archivo y Biblioteca de la Inmigración* foi finalmente inaugurado nas dependências da DNM em 1992, com mostras representativas de todos os hotéis de imigrantes que funcionaram em Buenos Aires desde a segunda metade do século XIX, inclusive o da Rua *Corrientes* N° 8-10, da Rua *Cerrito* e o Hotel denominado da *Rotunda*. Foi também através deste museu que se intensificou, nos anos posteriores, o já mencionado programa de difusão do ato migratório, realizado através de vídeos e de visitas guiadas de escolas e do público em geral por dentro da instituição (SWIDERSKY; FARJAT, 1999, p. 181). A documentação e a bibliografia consultada nos mostram, ainda, que o museu montado no domínio da DNM funcionava somente como uma sala de exibição de objetos (SWIDERSKY; FARJAT, 2000, p. 110; FARJAT, 2010⁴⁴), o que nos permite inferir que o mesmo apresentava dificuldades em cumprir com os objetivos expostos na Resolução do ano de 1985, onde a justificativa para a criação do *Museo, archivo e biblioteca de la inmigración* encontrava-se basicamente na necessidade de “um reconhecimento aos imigrantes que forjaram a identidade argentina”.

É neste sentido que, em 1997, uma nova Resolução discorreu sobre a necessidade de se ampliar o que foi alcançado com a Resolução de 1985, incluindo além de um museu, biblioteca e arquivo da imigração, “la promoción de diferentes manifestaciones culturales, investigaciones, acciones educativas y recreativas, así como el desarrollo de actividades que permitan generar los recursos necesarios para la autosustentación del proyecto”⁴⁵. Assim, a Resolução determinou a criação do *Programa Complejo Museo del Inmigrante* com dependência funcional da DNM. É importante destacarmos que somente neste momento o edifício do ex-Hotel de Imigrantes estava sendo destinado, em sua totalidade, como sede do museu. Este, até então, havia funcionado nas dependências da DNM, mas não no prédio declarado Monumento Histórico Nacional. No que concerne a esta última Resolução, verificamos ainda que a mesma corroborou o discurso contido

⁴⁴ Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realização de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010.

⁴⁵ MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 2132/1997.

na Resolução de 1985, de valorização dos imigrantes que formaram a identidade do país e de preservação do seu patrimônio. Mais do que isso, ela atualiza os propósitos do primeiro ensaio de criação de um museu da imigração, dando ênfase aos aportes culturais dos diferentes grupos que imigraram para a Argentina.

Sobre esta tendência presente nas duas Resoluções, vale destacar que, na nova configuração do tempo explicitada por Hartog (2007), o patrimônio se encontra vinculado ao território e à memória, operando como vetor da identidade – palavra chave dos anos 1980, para o autor (2007, p. 180). Identidade que se reconhecia neste momento como inquieta, em perigo de desaparecer ou de ser esquecida, portanto, em necessidade de preservação. Nesta acepção, o patrimônio se apresenta como um convite ao “dever de memória” (HARTOG, 2007, p. 181). Não é por acaso, então, que o desejo de criação de um museu, arquivo e biblioteca da imigração em Buenos Aires seja decorrente dos anos 1980: estes espaços são, ao mesmo tempo, “lugares de memória” (NORA, 1993) voltados para a preservação do passado da imigração na Argentina. E o *locus* privilegiado para atuar como o depositário desta memória não poderia ser outro senão um edifício transformado em Monumento Histórico Nacional, lugar simbólico que remete à chegada dos imigrantes ao país. É daí que o patrimônio se liga fortemente à memória e ao território, pois ele é a marca do passado no presente que serve de atestado para a história de diversos grupos de imigrantes, em suas diferentes identidades.

Ainda com relação à Resolução de 1997, precisamos atentar para o que dizem os objetivos do *Programa Complejo Museo del Inmigrante*, propostos em anexo ao documento. São eles: 1. Desenvolver um roteiro e os recursos museográficos correspondentes que permitissem a compreensão, por parte do público, da importância da imigração na conformação da Nação Argentina, destacando-se os princípios que fundamentaram a política de portas abertas sustentada pelo Estado. 2. Pesquisar e difundir os temas vinculados à imigração na Argentina. 3. Conceder serviços de orientação cultural ao imigrante. 4. Valorizar a importância histórica, cultural, política, social e econômica dos edifícios que conformam o conjunto *Hotel de Inmigrantes*. 5. Gerar os recursos necessários para a auto-sustentação do museu⁴⁶. A partir destes objetivos, ficou evidenciado um outro interesse do Ministério do Interior/DNM na criação do museu, para além

⁴⁶ Conforme MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 2132/1997.

do discurso de valorização da imigração: dar destaque ao tema da “política de portas abertas” do Estado argentino. Tal interesse vai ao encontro do discurso produzido pelo próprio edifício escolhido para ser a sede do museu que, como afirmamos, por suas características físicas e históricas remete, em última instância, ao papel do Estado argentino na sustentação da imigração.

Assim, mais do que reconhecer a importância da imigração na formação da identidade argentina e de preservar o seu patrimônio, o Ministério do Interior/DNM parece ter criado o *Programa Complejo Museo del Inmigrante* com o interesse de “dar a ler” a história da imigração neste país a partir da atuação do Estado Nacional. Neste sentido, a história da imigração construída pelo e no novo museu da DNM atenderia aos propósitos de uma noção de patrimônio em que os bens culturais são utilizados pelos governos para garantirem a identificação com uma memória nacional (VASCONCELLOS, 2007).

Apesar de diversas, notamos que as ações voltadas para a preservação do patrimônio da imigração não estavam necessariamente relacionadas com efemérides ou datas comemorativas alusivas à imigração na Argentina. Assim, buscaremos relacionar este fenômeno com a historiografia e com o contexto histórico e político em que o museu foi organizado.

1.2. A ascensão do tema imigratório: do “crisol de raças” ao reconhecimento dos diferentes grupos de imigrantes que formaram a Argentina

A década de 1980 é reconhecida pelos estudiosos da imigração na Argentina como de amplo interesse e renovação do tema. Estas manifestações podem ser inseridas no já destacado contexto mundial de preservação e busca de reconhecimento das diferentes identidades culturais (WIEVIORKA, 2006), demanda que também pode ser relacionada com o processo de re-democratização política argentina e com seus desdobramentos. Após dois longos períodos de ditadura militar, intercalado por três anos de fracassado governo peronista, “todo um pequeño fragmento de sociedad”, em 1983, começava a se reorganizar sobre a base de solidariedades amplas – sob a forma de cooperativas, associações de fomento ou “ligas de amas de casa” – para

reclamar e buscar uma solução para os seus problemas à margem das autoridades (ROMERO, 1994, p. 326)⁴⁷.

“La nueva actividad de la sociedad se manifestaba también en los campos más diversos: los grupos culturales [...], los jóvenes que organizaban grupos de trabajo en las parroquias, [...] o los gigantes recitales de rock nacional, que a su manera también resultaban actos políticos. El activismo renació en las universidades, al calor de los reclamos contra los cupos de ingreso o el arancelamiento, y en las fábricas y lugares de trabajo, donde empezaron a reconstituirse las comisiones internas y a reaparecer la práctica de la participación sindical” (ROMERO, 1994, p. 326).

Em meio a este renascimento do ativismo experimentado pela sociedade argentina durante a transição democrática, uma renovação historiográfica também foi sentida, junto de uma mudança geracional nas Universidades e no CONICET (DEVOTO; OTERO, 2003). Depois de décadas de desinteresse, os estudos sobre as migrações para a Argentina adquiriram uma notável expansão desde a virada da década de 1970/1980, onde o impacto dos novos enfoques nas historiografias Latino-americanas, ainda que lento e desigual,

“fue probablemente estimulado por la revalorización del pluralismo político y cultural que las transiciones democráticas trajeron consigo tras las largas dictaduras uniformizadoras, y también (por lo menos para los tres países del extremo sur) por una caída de la tensión ideológica que había condicionado tan pesadamente la producción historiográfica en el pasado. También lo fue por una avalancha de iniciativas y de financiamientos que precedentes de los países de origen de los migrantes han estimulado ciertamente las investigaciones sobre el argumento” (DEVOTO, 1993, p. 456-457).

⁴⁷ Pela primeira vez o partido justicialista foi vencido em eleições livres, transparentes e sem proscricões. A vitória do partido radical (UCR) foi revestida de um grande simbolismo: assim como Hipólito Yrigoyen foi o primeiro presidente eleito em um regime democrático (1916), Raúl Alfonsín era escolhido após os anos de chumbo da ditadura militar (1976-1983) e, em uma perspectiva mais longa, depois de décadas de instabilidade política que se sucederam desde os anos 30. Em linhas gerais, podemos sublinhar dois eixos fundamentais que marcaram o governo radical. Primeiro, a questão da “reconciliação nacional”, quando a justiça processou líderes de movimentos guerrilheiros (como os *montoneros*) e o auto-comando da junta militar (o ditador Jorge R. Videla, por exemplo, foi condenado à prisão perpétua em 1985). Contudo, o julgamento da cúpula militar não aportava solução à totalidade dos crimes cometidos pela ditadura, que deixou um saldo de 30 mil mortos e desaparecidos e as organizações de direitos humanos, como as *madres de la plaza* de mayo, exigiam a investigação de todos os crimes cometidos em todos os escalões. O governo, contudo, sofria pressões das forças armadas e uma rebelião culminante, em 1987, mostrou que os militares seguiam como atores de peso e que representavam uma ameaça à estabilidade institucional. O segundo eixo diz respeito à política econômica, haja vista que governo herdou uma economia desestruturada e endividada, sofrendo de grande pressão inflacionária. Diante deste cenário foi concebido o plano Austral, que combinava uma desvalorização monetária com o congelamento de preços e salários. Entre o primeiro e o segundo semestre de 1985 a inflação despencou, mas o plano logo perdeu credibilidade e, em 1989, a curva de preços ascendeu ao nível hiper-inflacionário de 4.920%. Cf. Romero (1994) e Rapoport (2006).

Assim, o renovado interesse pelos estudos migratórios possibilitou o surgimento de uma rede internacional de intercâmbios em torno a revistas, jornadas e projetos (DEVOTO, 1992). Conforme uma de nossas entrevistadas, María Inés Rodríguez⁴⁸, já no ano de 1981 e de 1983 foram convocadas, junto a *Comisión Nacional sobre Estudios de la Inmigración* que pertencia a Secretaria de Cultura, duas grandes jornadas sobre o tema, com participantes de todo o mundo. Segundo ela, foi neste momento que também se conformou um grupo que se encontrava no IDES (*Instituto de Desarrollo Económico y Social*), reunindo diversos pesquisadores, além daqueles que haviam trabalhado nos projetos de fontes sobre a imigração, muitos ainda do período de Germani [como Moreno, Luis Alberto Romero e Halperín], “gente que había quedado desarticulada en el 1966, no se había logrado rearmar en el 1973 y tenían todavía algunos inquietudes, y esto se conformó en un grupo que se llamaba GEICEA”. De acordo com a entrevistada, nestes encontros também circulavam representantes do CEMLA, que ainda não era CEMLA, mas *Centro de Estudios Scalabrinianos* – comissão católica que havia chegado à Argentina em 1952-53.

Igualmente para Alicia Bernasconi, durante os anos 1980 houve todo um renascer dos estudos migratórios, no qual o CEMLA (*Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos*) “en colaboración con un grupo de estudios migratorios del Museo Roca y con otro que se desarrolla en el IDES” atuaram como um dos principais pilares “por hacer reuniones académicas, por empezar la publicación de la revista”, oferecendo um espaço que serviu tanto como demonstração quanto como estímulo para a produção. Conforme a entrevistada, a criação do CEMLA em 1985 e de sua revista *Estudios Migratorios Latinoamericanos* – fruto de uma iniciativa da Congregação Scalabriniana, instituição que já dispunha de outros centros de estudo de excelência, em Nova York, Roma, Paris – gerou um espaço para a discussão já em andamento, oferecendo novas possibilidades para a articulação do campo e para sua expansão e internacionalização. Segundo Bernasconi, os integrantes destes centros e grupos de estudos, junto

⁴⁸ María Inés Rodríguez é diretora do Museo Roca, localizado na cidade de Buenos Aires, e uma das fundadoras do *Centro de Estudios sobre Inmigración*, fundado em 1985. Por sua experiência tanto na área de estudos migratórios quanto na de gestão e conhecimentos museológicos, Rodríguez foi contatada para relatar a respeito da criação do Museo da Imigração, concedendo-nos gentilmente a entrevista que por ora nos utilizamos. A entrevista pode ser conferida na íntegra em nossos anexos.

ainda da *Universidad de Luján*, passaram a organizar Jornadas sobre o tema da imigração na Argentina, que se repetiram regularmente a cada dois anos, até o ano 2000.

Neste mote, tanto Rodríguez quanto Devoto e Otero (2003), destacam a importância do Padre Fávero – enviado de Roma e diretor do CEMLA desde sua fundação em 1985 – como um dos principais responsáveis pelo impulso e renovação dos estudos migratórios, uma vez que ele permitiu a abertura ao mundo dos pesquisadores argentinos sobre migrações e outorgou à *Revista de Estudios Migratorios Latinoamericanos* um perfil profissional e plural que serviu muito para enriquecer o campo de estudos. Conforme Rodríguez, Fávero valorizava enormemente as relações com a comunidade, sendo que, junto do apoio dele e das instituições locais, o grupo foi a vários lugares do país, proporcionando

“una gran circulación del saber migratorio en la época en que Fávero estaba a cargo del CEMLA. Por un lado se construía el saber y por un lado se circulaba el saber. Lo que había habido ahí era un gran apoyo de Italia. Trajeron investigadores muy reconocidos de Italia, no sólo vinieron los scalabrinianos italianos, sino que venían políticos y académicos, era todo una gran movida, muy sostenida por el gobierno y la comunidad italiana”.

Parece ser em meio a este processo de crescente interesse pelo tema da imigração de massas para a Argentina, de surgimento de uma rede internacional de jornadas e revistas e de ampla renovação historiográfica no campo migratório que o projeto de criação de um museu de imigração foi se consolidando. María Inés Rodríguez recorda que desde os primeiros anos da década de 1980, junto à *Comisión Nacional sobre Estudios de la Inmigración* em que ela trabalhava, já circulava um projeto para a criação de um museu do imigrante, este chegando a tramitar na antiga *Comisión de Museos y Lugares Históricos*⁴⁹, órgão que dirigia os museus do país desde sua fundação no final dos anos 1930⁵⁰. Entretanto, o projeto de criação deste museu

⁴⁹ Atualmente, *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*, responsável pelas declarações de Monumento Histórico e Artístico da Nação e pelo registro e controle dos bens declarados patrimônios, especialmente em suas intervenções e restaurações. Desde 1987-88, quem administra os museus é a *Dirección Nacional de Patrimonio y Museos* (conforme entrevista concedida por María Inés Rodríguez).

⁵⁰A antiga *Comisión de Museos y Lugares Históricos* foi fundada em abril de 1938 pelo Decreto Lei Nacional Nº 12.665/38. Tendo Ricardo Levene como presidente e Luis Mitre como vice, a instituição se dedicava a difundir e cuidar dos traços culturais de valor histórico para a nacionalidade argentina, sendo responsável pelos museus monumentos e lugares históricos nacionais (conforme <http://www.monumentosysitios.gov.ar/>. Acesso em 13/10/2011). Em 1944 já se haviam instituído 131 monumentos e 67 lugares “donde habían ocurrido sucesos de significación en la historia” (LEVENE, 1944 apud PODGORNÝ, 2004, p. 175).

não funcionou, era uma obra muito grandiosa, ainda que, conforme a entrevistada, fosse um bom início para preservar o patrimônio da imigração. Depois veio o governo radical, a partir de 1983, momento em que Rodríguez relata terem recomeçado as tratativas para o desenvolvimento do projeto do museu, desta vez com o apoio de algumas coletividades⁵¹, entre elas a dos missionários scalabrinianos, parecendo haver um interesse pela recuperação de tradições e do patrimônio da imigração⁵². Segundo ela, a criação do museu foi inclusive de interesse do Dr. Félix Luna, então segundo Secretário de Cultura da Cidade de Buenos Aires, mas que acabou sendo muito complexo porque mesmo que o empenho partisse da cidade, o patrimônio era da nação⁵³.

Como pudemos observar, a renovação e o interesse pelo tema da imigração na Argentina partiam de diversos lugares. Tanto a Secretaria de Cultura do país possibilitara a realização de jornadas para estudos do tema no início da década de 1980, quanto os acadêmicos retomavam o assunto, criando grupos de pesquisa e discussão. O apoio ainda da comunidade italiana, em especial dos missionários scalabrinianos, mostrou ser fundamental para uma construção e circulação do conhecimento produzido acerca da imigração na Argentina. O próprio contexto político de reabertura democrática dos anos oitenta permitiu uma revalorização do pluralismo – as formas de fazer política do passado recente, calcadas na intransigência das facções e na exclusão do adversário, davam lugar a outras em que se afirmava o pluralismo, o acordo sobre

⁵¹ Conforme a Resolução do Ministério do Interior de 1985, a demanda pela criação do *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración* também teria surgido por instância das “Colectividades Extranjeras acreditadas en el país”, além dos diversos trabalhos que já haviam sido realizados sobre o tema imigratório no país. Entretanto, quando questionamos a entrevistada a respeito de quais foram as *colectividades* que de fato se empenharam pela criação do museu, Rodríguez nos esclarece que estas eram em sua maioria italianas, pertencentes a Círculos e, grosso modo, apoiadas por empresas italianas que subsidiavam os eventos e pagavam as festas.

⁵² Como exemplo deste movimento em que se tentava criar um museu da imigração, a entrevistada relata ter sido organizada pelo *Centro de Estudios sobre Inmigración* do Museu Roca em convênio com o CEMLA a mostra “*Vida cotidiana y trabajo de la Inmigración Italiana*”, em 1986, com o objetivo de despertar sensibilidades para a criação de um museu da imigração. Esta foi exposta em um dos Bancos de la Ciudad de Buenos Aires, com objetos de imigrantes italianos de todo o tipo, pertencentes à coleção *Vaggi*, que foi um grande colecionador, dono de um vasto acervo, desde roupas, à objetos de farmácia, livros, fotografias e materiais de agricultura.

⁵³ Nosso entrevistado Lelio Mármora ressaltou, ainda, que já em 1973 – quando Mármora era então diretor da DNM e esta quase perdera o complexo do ex-Hotel para o Ministro de *Bien Estar Social* – havia surgido uma preocupação com o patrimônio histórico do lugar e um interesse de armar aí um museu de imigração. A morte de Perón, em 1974, e o golpe militar de 1976 teriam dissolvido a comissão responsável em elaborar o projeto do museu e, somente na década de oitenta foi retomado pelas *colectividades* estrangeiras e também apoiado pela OIM (*Organización Internacional para las Migraciones*).

formas e uma subordinação da prática política à ética (ROMERO, 1994, p. 331) –, estimulando o desenvolvimento de novos enfoques na historiografia da imigração.

Além disso, outros fatores como o econômico teriam contribuído igualmente para um “renascimento étnico” em meio à sociedade argentina. Conforme Bernasconi, com a crise de 1989 apareceu um grande interesse de descendentes italianos em conseguir a sua cidadania européia e o CEMLA, por oferecer os serviços de consulta na base de dados sobre as datas e locais de chegada dos imigrantes, auxiliou nesta busca⁵⁴. Por outro lado, a entrevistada lembra também de uma reorganização ocorrida, no início dos anos 1990, na administração estatal responsável pelo pagamento dos pensionistas e aposentados. Esta começou a exigir o documento nacional de identidade como o único documento admitido, porém muitos imigrantes nunca haviam feito seu documento e tinham simplesmente uma cédula de identidade concedida pela polícia de cada província. Estes imigrantes haviam vivido, trabalhado e se aposentado sem nunca ter completado o trâmite de visto definitivo que lhes permitiria ter um documento nacional de identidade. Assim, o CEMLA com sua base de dados acabou desempenhando, de alguma maneira, uma função social, posto que pessoas com mais de setenta anos começaram a procurar a base para buscar um certificado que comprovasse a sua entrada no país.

Verificamos, portanto, que a atuação do CEMLA foi fundamental na renovação dos estudos migratórios e na circulação da história da imigração na Argentina. Sua base de dados inclusive esteve presente no museu aqui estudado, quando este foi montado no prédio do antigo Hotel de Imigrantes em 2001, fator que nos levou a questionar sobre a possibilidade de o CEMLA ter contribuído para a criação do museu da imigração. Para Bernasconi o CEMLA nunca teve o museu por objeto, apenas tratou de preservar a documentação que estava no arquivo da DNM quando ainda não existia o museu, buscando microfilmar os livros do desembarque dos imigrantes. A entrevistada relatou que posteriormente se passou do procedimento de microfilmagem para o de transcrição dos dados a uma base, iniciado no CEMLA mais ou menos

⁵⁴ Segundo a entrevistada, “el CEMLA [...] se dedica a la asistencia a los inmigrantes en el mundo entero”, tendo recebido subsídio da Fundação Agnelli, da Itália, para começar uma lista dos imigrantes italianos que foram para a Argentina. Porém, foi a partir de um empresário em particular que surgiu essa ideia de uma base de dados onde as pessoas pudessem buscar a chegada de seus avós, por exemplo, base que em princípio estava concebida para o uso da sociologia histórica e para recuperar informações que as estatísticas publicadas não tinham.

em 1989, como um empreendimento privado e particular, sem maiores envolvimento com a criação do museu. A entrevistada reforça que todas essas ações foram, naturalmente, um estímulo importante para o desenvolvimento dos estudos migratórios.

Em se tratando, mais especificamente, da historiografia da imigração, diferentes autores (DEVOTO, 1992; MARQUIEGUI, 1995, 1999; DEVOTO; OTERO, 2003) também assinalaram a ocorrência de uma renovação na área desde o começo da década de 1980. A valorização de novos tipos de fontes, a difusão de técnicas sofisticadas para sua utilização e o aparecimento de novos temas e objetos são, para Devoto (1992), algumas das novidades que permitem caracterizar o começo de uma nova etapa na historiografia da imigração na Argentina. Neste momento, o estudo sobre o impacto imigratório e as formas de inserção dos imigrantes em meio à sociedade argentina foram os temas de maior predomínio nas pesquisas, onde a ideia de um “pluralismo cultural” levou ao questionamento do modelo do “crisol de raças”. Novos e velhos argumentos, relacionados com a instabilidade de trabalho dos imigrantes no país, com o seu isolamento cultural e lingüístico, com seu baixo nível educativo e com os elevados índices de retorno, fizeram parte dos trabalhos desenvolvidos em torno à década de 1980, se tratando, em sua maioria, de estudos centrados em grandes cidades ou grandes concentrações urbanas (MARQUIEGUI, 1995).

Desde os anos 1960, imperava no meio acadêmico argentino uma percepção otimista da imigração, fruto da tese defendida por Gino Germani⁵⁵. Em seu trabalho, o autor compreendeu como exitoso o processo de chegada à modernidade na Argentina, graças à existência de uma sociedade integrada, derivada da mobilidade social que havia acompanhado, então, o último centenário de sua evolução. Logo, para explicar a chegada da modernidade no país, Germani encontrava um herói: o imigrante europeu (DEVOTO, 1992). Tais ideias, por sua vez, reproduziam uma percepção mais antiga da imigração, exemplificada pelo modelo do “crisol de raças”, que percebia o processo como uma “argentinização” dos imigrantes pelo país receptor, formando uma sociedade integrada (DEVOTO, 2009, p. 320). Germani se utilizou deste modelo, porém compreendendo que devido à debilidade da sociedade receptora argentina, era impossível

⁵⁵ Conforme Devoto (1992), Gino Germani e José Luis Romero, no final dos anos 1950, foram os primeiros a empreender um projeto de pesquisa sobre o impacto da imigração massiva no Rio da Prata.

pensar o processo com base no conceito de “assimilação”, sendo mais pertinente trabalhar com a ideia de “fusão” entre os distintos elementos. Para Devoto (1992, p. 13) a afirmação da fusão era uma mediação necessária porque possibilitava dar ao imigrante europeu a função principal de agente da modernização argentina, onde este, ainda que não fosse nórdico, vinha desempenhar o papel que lhe havia assinalado o pensamento alberdiano⁵⁶. Em outras palavras, e segundo estas interpretações mais tradicionais do processo imigratório, os imigrantes “habían venido a cumplir el papel de agentes de modernización de la estructura social que los mentores de la organización nacional y el mismo Germani les habían oportunamente atribuido” (MARQUIEGUI, 1995, p. 37).

Segundo Devoto (1992) e Marquiegui (1999), boa parte da literatura posterior se desenvolveu aprofundando as hipóteses sugeridas por Germani e apoiando a existência do “crisol de raças” na argentina. Aos poucos, entretanto, a partir dos anos 1980, começou a surgir uma nova interpretação historiográfica acerca do processo imigratório que contestava o seu êxito e o seu papel transformador da sociedade argentina. Esta contestação, segundo Devoto (1992) era oriunda da corrente do “pluralismo cultural”, então emergente nos Estados Unidos, e contribuía para relativizar o modelo do “crisol de raças” e a imagem idílica do imigrante. Entre as pesquisas renovadas realizadas a respeito do tipo das relações que se estabeleceram entre os imigrantes e a sociedade receptora argentina, o livro publicado em 1980 por M. Szuchman, por exemplo, marca a contestação da tese de Germani. Szuchman não só revela uma escassa mobilidade social ascendente, como, apoiando-se na análise das pautas matrimoniais, descobre uma forte dimensão de “pluralismo cultural”, isto é, de autonomia social relativa entre os diferentes grupos de imigrantes, o que contradiz a tese do “crisol de raças” pela qual teria existido uma fusão rápida entre nativos e imigrantes. Mesmo que depois as hipóteses deste autor tenham sido questionadas,

⁵⁶ Alberdi, um dos principais intelectuais argentinos do século XIX, difundiu a ideia de que para governar a Argentina e torná-la um país de progresso era necessário povoar – esta inclusive presente em seu livro de 1852, *Bases y puntos de partida para la organización política de la República de Argentina*, que serviu como referência para a elaboração da primeira constituição argentina. Entretanto, para Alberdi, a imigração da qual a Argentina necessitava era aquela composta predominantemente por europeus nórdicos, o tipo físico ideal, capaz de desenvolver a nova nação. Nas décadas seguintes, o presidente Sarmiento se encarregou de abraçar as propostas de Alberdi, realizando políticas para a promoção da imigração europeia no país, ainda que não tenha sido possível fazê-la apenas com os imigrantes do tipo sugerido por Alberdi. Para a “assimilação” [ou “argentinização”] dos imigrantes em meio à nova sociedade, o Estado argentino, ainda sob o governo de Sarmiento, deu impulso a uma política básica, constituída por um programa educativo massivo, público e laico para os filhos de imigrantes europeus – incluindo em menor grau aos imigrantes provenientes de outros países da América Latina (OTEIZA, 2005).

para Devoto, o trabalho revela-se como obra de transição na historiografia da imigração na Argentina. Em seqüência, Sam Baily foi o pesquisador que contribuiu mais ativamente para promover uma renovação das interpretações acerca do papel da imigração no caso argentino, uma vez que seus trabalhos constatarem altos níveis de endogamia na área urbana de Buenos Aires, o que relativizou a tese da fusão rápida das “raças” (DEVOTO, 1992).

Devoto e Otero (2003) destacam que entre os adeptos do “pluralismo cultural” parecia existir a ideia de que a homogeneidade não tinha somente benefícios, pois quanto mais heterogêneas, mais ricas são as sociedades, uma vez que possuem a diversidade e contemplam as perspectivas das minorias. A discussão neste momento, portanto, questionava sobre o que se entendia por sociedade acrisolada e o que se entendia por sociedade plural: a sociedade acrisolada seria a argentinização dos filhos de imigrantes segundo o clássico conceito de assimilação ou, ao contrário, a construção de um novo tipo social misto como sugerira Germani? Já a sociedade plural implicava um conflito aberto entre diferentes grupos étnicos ou simplesmente a coexistência de diferentes grupos não se enfrentando necessariamente? (2003, p. 193, tradução nossa).

Também Poutignat e Streiff-Fenart (1998), ao discorrerem sobre a sociedade americana, lembraram que o modelo da “assimilação” perdeu força diante do modelo do “pluralismo cultural”, nos anos 1970, valorizando uma imagem da sociedade como um composto de grupos que preservam sua própria identidade cultural. Aos poucos, “os ideólogos do pluralismo étnico acentuaram a importância dos diferentes grupos étnicos na definição das identidades sociais e o valor que a pertença étnica representa para os indivíduos” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 73). Aplicando este conhecimento em nosso estudo sobre a imigração argentina, esta influência do “pluralismo cultural” ajudaria a explicar o discurso expressado pelo governo argentino (Ministério do Interior e DNM) quando da criação do museu da imigração, pautado pela valorização dos imigrantes que formaram a identidade argentina e de promoção das suas diferentes manifestações culturais⁵⁷.

⁵⁷ Respectivamente expressados nas Resoluções que promulgaram, em 1985, a criação do *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración* e, em 1997, a instituição do *Programa Complejo Museo del Inmigrante*.

No mesmo sentido, Navarrete (2008) alertou para o fato de que após a crise dos regimes integradores⁵⁸ nas últimas décadas do século XX, a maioria dos países latino-americanos tem transitado em direção à constituição de regimes multiculturais. Segundo o autor, “este novo paradigma para as relações interétnicas parte da premissa de que as diferenças culturais e étnicas entre os grupos que constituem as nações são realidades essenciais e inquestionáveis e que os sistemas políticos devem refleti-las e preservá-las” (NAVARRETE, 2008, p. 111). Por se tratar de uma instituição dependente de um organismo do governo – e em especial por pertencer ao órgão que determina sobre os diferentes imigrantes que adentram ao país –, o museu da imigração, mais do que qualquer outro, precisaria refletir este paradigma plural e multicultural, de valorização dos diferentes grupos que formaram [e continuam formando] a identidade argentina⁵⁹.

Conforme Devoto e Otero (2003), a reinterpretação pluralista tem sido paralela a um processo análogo da sociedade, de revalorização dos aportes culturais dos distintos grupos que conformam a Argentina, presente tanto nos imigrantes limítrofes, como nos povos indígenas e nos descendentes europeus. As causas deste fenômeno, como vimos, são variadas e complexas e se vinculam tanto com modificações institucionais (no que se refere, por exemplo, ao reconhecimento progressivo dos povos indígenas por parte do Estado), como com a crise econômica que afeta o país (no caso da re-etnização dos imigrantes europeus e seus descendentes). Independente de suas causas, “esa consciencia plural creciente por parte de la sociedad civil (tanto en Argentina como en otros países de inmigración) testimonia que la reinterpretación pluralista del pasado no es una cuestión circunscripta a debates específicos de un

⁵⁸ Conforme o autor, os governos integradores do século XX [como foi o Peronismo para a Argentina] construíram novas definições de identidade nacional, que permitiram a invenção e a formação de novas maiorias nacionais. Estas identidades se amparavam em ideologias que glorificavam a mestiçagem ou a integração nacional, incorporando elementos estratégicos das identidades étnicas dos grupos subalternos, como é o caso do gauchismo na Argentina. Assim, grupos anteriormente discriminados puderam ser incorporados às maiorias nacionais e se considerando parte delas (NAVARRETE, 2008, p. 109).

⁵⁹ Um exemplo dessa constituição de regimes multiculturais pelos governos pode ser conferida na fala da Secretária Geral da *Comisión para la Preservación del Patrimonio Histórico Cultural de la Ciudad de Buenos Aires*, Leticia Maronese, durante a *Jornada Memoria del Pueblo Rom – Patrimonio Cultural Gitano* e publicada na coleção *Temas de Patrimonio Cultural*, n. 14. Conforme a Secretária, é tarefa do Estado valorizar o multiculturalismo presente no país e “preservar las distintas expresiones culturales y las lenguas” (MARONESE, 2005, p. 18). Estas propostas, segundo a autora, se relacionam com o que o governo compreende ser o novo “rol do Estado”. Para ela, há uma nova “agenda pública”, através da qual o “Estado debe permitir, posibilitar y hacer escuchar la voz de los más débiles” e das minorias étnicas (MARONESE, 2005, p. 18).

campo de investigadores, sino una preocupación que excede largamente al mundo académico” (DEVOTO; OTERO, 2003, p. 216).

Vale destacar que, para os mesmos autores (2003), a análise dos traços culturais pluralistas da sociedade argentina deve estar acompanhada de uma atitude reflexiva, atenta a evitar a compreensão deste *ethos* cultural como algo alcançado desde o princípio dos tempos. Conforme nos ensinaram Candau (2008) e Hall (2000), as identidades não podem ser nunca conservadas em sua totalidade, posto que são multiplamente construídas através de discursos. Logo, uma única definição de identidade não seria capaz de abranger a pluralidade de grupos que compõem a sociedade argentina, nem de abarcar as várias formas de relações que se estabeleceram entre os imigrantes e a sociedade receptora.

De toda a discussão em torno ao processo imigratório, Devoto e Otero (2003) compreendem que em nenhuma sociedade existe um pleno crisol nem um pleno pluralismo, mas que se trata de uma questão de níveis e que estes se definem, em geral, em termos comparativos. Como bem alertou Marquiegui (1999), é preciso ter clareza da existência de diferentes padrões de integração por parte dos imigrantes, sendo este o problema de se estabelecer modelos gerais de interpretação. Apesar da discussão historiográfica aqui aportada com relação à nova interpretação do processo imigratório, os autores observam que ainda se está longe de esgotar o vasto campo de estudos aberto pelo desafio do pluralismo frente ao *ethos* integracionista e homogeneizador que forma parte do consenso com que os argentinos têm construído sua imagem do passado⁶⁰ (2003, p. 215, tradução nossa). Tais considerações sobre as formas de interpretação da imigração para a Argentina serão consideradas no momento da análise da exposição apresentada pelo *Museo Nacional de la Inmigración*.

⁶⁰ Sobre este aspecto, Funes (1998) colabora ao lembrar que entre as “ficções orientadoras” que forjam as “auto-percepções” da nação, o tema da composição étnica costuma ser um passo explicativo sempre presente, onde se apresenta uma nação etnicamente homogênea. Segundo a autora, este é um dispositivo “clássico” nos relatos nacionais, sobretudo na atmosfera do início do século XX. É o Centenário um momento privilegiado para a elaboração e a difusão de sentidos comuns, como o cosmopolitismo, a inexistência de cultura indígena e a homogeneidade racial e lingüística. “Otro tanto ocurre con la idea de crisol en Argentina, y fue la generación del Centenario quien contribuyó decididamente a instalarlo” (FUNES, 1998, p. 12).

1.3. Para além da criação do museu da imigração: a urdidura do processo nos seus “bastidores”

A análise que realizamos até o momento salientou um discurso oficial do governo argentino para a criação de um museu da imigração, para a valorização dos imigrantes que formaram a Argentina e para a preservação de seu patrimônio material. Do mesmo modo, se verificou um segundo interesse expresso pela Resolução de 1997, cujo conteúdo sublinhava o papel e a importância do Estado Argentino na promoção da imigração para o país. Nesta perspectiva, invocamos Chartier (1990, p. 17), para quem as formas de percepção do mundo social não são nunca discursos neutros, mas sempre tentativas de imporem autoridade ou de legitimar algum projeto. É o que veremos na trama do processo de implantação e desenvolvimento do museu da imigração, organizado na sede da DNM.

A criação de um museu não se restringe a um ato oficial ou à vontade de algumas pessoas ou, ainda, à abertura das portas de um prédio para receber o público. São muitas as tensões que acontecem nos bastidores ao longo do processo de implantação de uma instituição do porte do museu aqui em foco. Em primeiro lugar, verificamos pela documentação que o acervo do museu estava em más condições de preservação, precisando ser salvo e restaurado. Ora, um museu só existe se tiver acervo; ele é condição *sine qua non* para a sua existência. Entretanto, Swidersky e Farjat (1999), em sua coleção de livros sobre a história da imigração na Argentina e sobre os antigos hotéis de imigrantes, destacaram como a preservação do patrimônio da imigração custou a sair do papel. Segundo eles, neste momento

“apenas algunas memorias administrativas, junto a otras de la época del Hotel de la Rotonda, pudieron ser resguardadas. Por otro lado, los antiguos libros de ultramar, con registros posteriores a 1882, se encontraban depositados sin medidas de preservación en el archivo del organismo” (1999, p. 181).

Apesar da Resolução de 1985, o museu da imigração começou a ser organizado somente em 1990, quando uma comissão foi formada para o resgate, a seleção, a classificação e a restauração dos bens e imóveis que pertenceram ao complexo do antigo Hotel de Imigrantes. Estes se encontravam dispersos em depósitos e outras dependências da DNM, sendo Jorge Farjat

designado como coordenador desta comissão⁶¹. Talvez por sua ativa participação nas ações de resguardo do patrimônio da DNM, Farjat possa descrever com propriedade as tardias medidas tomadas por este organismo. Segundo Swidersky e Farjat (2000, p. 110), o conjunto de peças e documentos a serem salvaguardados pela comissão constituíam já os únicos objetos materiais que restaram do antigo Hotel, o que, em nossa análise, denota ausência de cuidados com o patrimônio do Hotel de Imigrantes nas décadas anteriores.

No que tange à salvaguarda do prédio do museu, importante edifício de cunho histórico na capital da República, encontramos que, em 1986, boa parte do edifício do ex-Hotel de Imigrantes estava deteriorada, especialmente o terceiro piso, onde os mármore das escadas, revestimentos de azulejos, madeiramentos e pisos estavam em completo abandono⁶². Somente em 1994 parece ter-se iniciado uma renovação integral de todos os edifícios da DNM⁶³ – que deixaria desocupado o prédio do ex-Hotel para o futuro projeto do museu e concentraria as atividades administrativas do organismo nos demais edifícios do complexo. De todo o modo, Swidersky e Farjat (1999) atentam sobre o descaso do Ministério do Interior e DNM com o patrimônio da instituição:

“Inexplicablemente, en la larga historia del Predio de Migraciones no aparentan haber existido constancias formales administrativas o actos que puedan corroborar la necesidad de reconstruir su historia, mediante la creación de una infraestructura con la función de acopio, custodia y conservación de su acervo (documentos, objetos y otros). Sucesivas ventas, donaciones y también sustracciones y deterioros fueron diezmando el patrimonio cultural de la institución” (1999, p. 181).

Em 1997, por solicitação do Diretor Nacional de Migrações, Sr. Hugo Franco, a *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos* estava avaliando as medidas necessárias para neutralizar, com uma intervenção urgente, as graves deteriorações do edifício do Hotel de Imigrantes. Conforme a comunicação, já estava sendo encaminhada a elaboração de um projeto para a intervenção e salvaguarda do edifício. Havia presença de água no segundo piso,

⁶¹ Conforme DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES. República Argentina. Resolución DNM N° 3.753 de outubro de 1990.

⁶² Conforme o relatório *Memoria Descriptiva en sus aspectos técnicos y funcionales (Hotel de Inmigrantes)*. Em *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

⁶³ Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realização de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010.

onde estava instalado o arquivo histórico da DNM. Até mesmo algumas janelas não possuíam vidros, permitindo a acumulação de água, entre outras deteriorações⁶⁴. Assim, podemos verificar que, apesar das fontes oficiais nos terem relatado uma série de atividades desenvolvidas para a difusão da história dos hotéis de imigrantes e a despeito do discurso do governo para a preservação do patrimônio da imigração que pertence ao Ministério do Interior/DNM, poucas foram aquelas que efetivamente trataram da sua restauração e conservação⁶⁵.

Outra área de tensão se refere à própria criação do *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración*, que levou em torno de sete anos para sair do papel. Sua instituição também não se deu sem maiores dificuldades, sendo o museu desabilitado por mais de uma vez para abrigar algum escritório da DNM. Isso ocorreu em 1993, sendo reaberto somente em 1995⁶⁶. Em 1998 foi novamente desmontado para uma reorganização do edifício da DNM, retomando seu funcionamento em seguida (SWIDERSKI; FARJAT, 2000, p. 112). Já

“sobre fines de 1999, sufre un parcial desmontaje para convertirse en un despacho; una gruesa parte de sus piezas fueron desperdigadas en depósitos de los edificios del ex Hotel y Hospital, precisamente desde dónde hacía diez años atrás habían sido rescatadas. Entre febrero y marzo de 2000 se consigue nuevamente rearmar el recinto y vuelve a funcionar para la divulgación pública” (SWIDERSKI; FARJAT, 2000, p. 112).

Não encontramos, na documentação consultada, uma data para o término do funcionamento deste museu da DNM, mas segundo a Resolução MI 2132/1997 o *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración* passaria a estar incluído no *Programa Complejo Museo del Inmigrante*, a ser alojado no prédio do antigo Hotel de Imigrantes. Ainda que houvesse, portanto, o interesse em ampliar-se o primeiro museu gestado na metade dos anos 1980, é interessante

⁶⁴ Em *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

⁶⁵ Sobre este aspecto, uma reportagem de agosto de 1999 denunciava o mal estado de conservação do edifício do Hotel, bem como da documentação de imigrantes depositada no edifício. Destacava, no entanto, que o convênio com o CEMLA estava possibilitando a microfilmagem e informatização dos livros de registro de chegada dos imigrantes. Conforme Por un lado se informatiza y por otro sigue el desorden. *La Razón*, 19 de agosto de 1999, p. 20.

⁶⁶ A reabertura do Museu, com caráter similar ao que foi desmontado em 1993, permitiu o recomeço das visitas guiadas de forma sistemática, sendo intensa também a sua divulgação através de jornais e revistas. Recebia-se em torno de mil alunos por mês de escolas primárias, secundárias e universitárias, além do público em geral que visitava o Museu, percorria o Prédio e assistia a exibição do audiovisual do Hotel (Conforme Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realização de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010).

observarmos como o novo *Programa* também não foi instituído imediatamente após a Resolução que o criou, permitindo que as peças do primeiro museu fossem novamente acumuladas em um depósito. Deste modo, constatamos que houve grande demora para a sua instituição, tanto em sua primeira versão (como *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración*), quanto na preparação do *Programa Complejo Museo del Inmigrante*.

Para nossa entrevistada Alicia Bernasconi, toda esta carência de medidas envolvendo a criação do museu da imigração no complexo da DNM estaria relacionada com o fato de que este até hoje não existe como museu em si, mas apenas como uma mostra. Segundo ela, este museu não é uma instituição criada, não faz parte do conjunto de museus da nação e nem possui um local determinado para funcionar – razão pela qual já foi tantas vezes desmontado e rearmado em diferentes salas. Conforme Bernasconi, ainda que a Resolução tenha criado o *Programa Complejo Museo del Inmigrante*, o conflito pelo seu espaço permaneceu. Pois mesmo que o local destinado ao museu, em 1997, tenha sido o prédio do antigo Hotel de Imigrantes, este segue pertencendo à DNM, assim como o próprio museu também é dependente do organismo. Sob estas circunstâncias, a entrevistada alerta para o fato de que o museu não possui um diretor com formação para isso, não tem um museólogo e nem suas peças estão catalogadas como deveria ocorrer em um museu. Para ela, que também é integrante da associação de amigos do museu, toda esta ausência de registros que são comuns aos museus sempre dificultaram quaisquer ações para beneficiá-lo, “no se podia hacer casi nada por esa situación ambivalente, no se puede pedir donaciones a la gente si no hay de tras una institución para recibirlas, si no hay como mínimo un museólogo que se ocupe de [...] la adecuada conservación y lugar de depósito de las cosas”⁶⁷.

A partir do depoimento de Bernasconi pudemos observar que o museu criado pelo Ministério do Interior/DNM não seguiu alguns dos padrões mínimos esperados para este tipo de instituição, como o inventário dos bens, sua catalogação, a formação de uma reserva técnica e um acervo para a elaboração de novas exposições, por exemplo. Consultando Meneses (2002, p. 35), verificamos que as políticas de acervo, envolvendo propósitos bem definidos, são fundamentais para dar conta da produção de conhecimento no museu. A necessidade de um corpo próprio de pesquisadores (com formação no campo museológico e no campo do saber envolvido) também é

⁶⁷ Conforme entrevista com Alicia Bernasconi.

considerada como algo inquestionável pelo autor. Não obstante, tampouco podemos aceitar a proposição de que, pelas carências observadas, o museu não exista. Conforme a definição de Moreno (1996, p. 72), um museu é uma instituição que coleciona, documenta, preserva, exhibe e interpreta evidências materiais e suas informações para o benefício do público. Logo, apesar da ausência dos elementos mencionados, o museu da imigração criado pelo Ministério do Interior/DNM cumpre com as principais funções de um museu: ele possui acervo, mesmo que sem reserva técnica; expõe este acervo em uma exposição de longa duração; e comunica uma determinada ideia da imigração na Argentina ao público.

Já a entrevistada María Inés Rodríguez avança um pouco mais na explicação das dificuldades para a instituição do museu e preservação do patrimônio da imigração, apontando, entre outros aspectos, o débil papel da academia neste processo. Segundo ela, sempre existiram dois âmbitos diferentes: se por um lado havia a produção, a circulação do saber, as publicações; por outro essa renovação dos estudos migratórios não tinha grande vinculação com a gestão do patrimônio. Em sua interpretação, o patrimônio imigratório não é somente o do museu de imigrantes, mas algo muito mais amplo e que se relaciona com as comunidades, com as *colectividades*, com as instituições, com as memórias individuais, entre outras. E essa concepção integral do patrimônio, para a entrevistada, nem sequer existe sob uma prática eficiente. Rodríguez relata que enquanto ela e o Padre Fávero circulavam nos dois lados da gestão do patrimônio, o campo acadêmico olhava isso com reticência. Em sua opinião, o patrimônio só era tratado como tal pelo campo acadêmico e visto como um bem que merecia ser preservado caso fosse funcional à temática e ao exercício disciplinar, e não como um campo com certa autonomia. Este seria um dos motivos, para a entrevistada, pelo qual o patrimônio da imigração não tem autonomia para conseguir um olhar político desde as gestões mais amplas.

Sobre este aspecto, Meneses (2002) corrobora a problemática trazida por Rodríguez ao expor o drama também vivenciado pelos museus brasileiros com relação ao desinteresse das instituições acadêmicas de formação e pesquisa. Segundo este autor, o potencial específico dos acervos museológicos [leiamos, do patrimônio de um modo geral] para a produção de saber original no campo da História é absolutamente desconhecido pelo campo acadêmico. Para Meneses (2002, p. 34) há um abismo separando os museus dos departamentos universitários de

História, fenômeno semelhante ao percebido na Argentina com relação ao *Museo Nacional de la Inmigración* de Buenos Aires.

Outra ponta deste intrincado jogo de interesses que ocorre nos bastidores da construção do museu pode ser percebida nos muitos momentos em que a exposição – alma e ponta visível do museu – foi desarmada e o acervo armazenado, conforme já mencionamos. Para Rodríguez, o museu será montado e desmontado sempre, recordando-se das inúmeras vezes em que já foram estabelecidos contratos para este empreendimento, pois, para ela o tema do *Museo de la Inmigración* funciona sempre como um recurso de estratégia publicitária e comunicacional. A entrevistada explica que cada vez que há alguma nova coleção ou modificação no museu, isto é usado como uma excelente estratégia de propaganda: o jornal *El Clarín* em suas edições dominicais, por exemplo, publica uma página dupla, colocando as fotos e os objetivos dos custosos projetos. Com relação a estas publicações veiculadas na mídia impressa, pudemos acompanhar certa frequência de reportagens, entre os anos de 1996 e 1998, que discorriam sobre os projetos desenvolvidos para a instituição do Museu, então promovidos pelo ministro do Interior, Carlos Corach, e o interventor da DNM, Hugo Franco⁶⁸. É a esse mesmo órgão (DNM) – tão sensível às mídias, aponta a entrevistada – que pertence o patrimônio relativo ao complexo do antigo Hotel de Imigrantes⁶⁹.

Às observações de Rodriguez neste tocante, embora pertinentes e explicativas das tensões presentes ao longo do processo de implantação do *Museo de la Inmigración*, devem ser acrescidas as considerações dos museólogos e diretores de museus. Para estes funcionários, muitas vezes, é de grande importância o espaço que a mídia dá para as instituições culturais. Do

⁶⁸ Consultado em: Museo propio, un sueño de inmigrantes. Buenos Aires, *La Nación*, 08 de mayo de 1996; Harán un museo de la memoria con el viejo Hotel de Inmigrantes. Buenos Aires, *El Clarín*, 09 de junio de 1996; Proyecto Museo del Inmigrante. *Armenia*, 10 de septiembre de 1997. Inclusive a publicação do livro “Argentina, un país de inmigrantes” é do mesmo período e foi financiada pelo governo.

⁶⁹ É válido observarmos aqui que no momento em que o novo projeto *Programa Complejo Museo del Inmigrante* foi redigido, determinado pela Resolução MI 2132/1997, a Argentina se encontrava em meados do segundo mandato presidencial de Carlos Saúl Menem. Este segundo governo foi marcado pelo aumento da instabilidade econômica e pelo crescimento da dívida pública, acompanhada de uma fuga de capitais. O resultado foi uma incerteza crescente quanto à capacidade do governo em manter a paridade peso/dólar (o que estimulou a especulação financeira contra o peso). Em termos de política interna, é importante salientar o acordo em 1990 do indulto presidencial para os militares presos por crimes cometidos durante a ditadura e os sucessivos escândalos de corrupção que envolveram altos funcionários do governo e pessoas próximas ao presidente. Para uma análise mais detalhada da história recente argentina, consultar Romero (1994) e Rapoport (2006).

mesmo modo, a presença de espaços como lojas e cafeterias são olhados como fundamentais para a sustentabilidade dos museus nos dias de hoje. São serviços típicos do “museu-informação”, na caracterização de Gonçalves (2007), museus que buscam atender um vasto público das grandes metrópoles, voltado para o consumo de informações e de bens culturais. Na visão de Meneses (2002, p. 21), não há incompatibilidade entre cultura e economia, por sua vez, o problema reside entre cultura e mercado, entre as necessidades culturais e a razão de mercado, que não são as mesmas e, por consequência, fazem o museu perder a sua função e especificidade.

Neste jogo entre os diferentes agentes envolvidos na criação do Museu e preservação do patrimônio da imigração, os interesses e as estratégias foram, como se pode perceber, distintos. Isto fica explicitado na continuidade da fala de Rodríguez, pois nossa entrevistada também aponta como fator impeditivo do desenvolvimento do museu a forma hegemônica pela qual é dirigido o campo migratório na Argentina. “Todo esto confluye en intermediar estas relaciones de un sector de una sociedad ampliada con el pasado inmigratorio”⁷⁰. Conforme Rodríguez, a dificuldade de se pensar um museu da imigração reside, portanto, na confluência de diversas lógicas, entre elas, as intervenções políticas e as intervenções de tom pessoal. Parece ser desta maneira que determinadas pessoas se articularam, visando o funcionamento do museu de acordo com os seus interesses. Segundo a entrevistada, assim o fez Jorge Ochoa de Eguileor, que, de forma autoritária, conduziu o museu desde 2001 até quase o seu falecimento em 2006: “Ochoa articuló las cosas para que él fuera siempre quien administraba casi hegemónicamente eso”. De acordo com Rodríguez, tais ações evidenciam o lugar ambíguo em que reside o patrimônio e a ausência de vocação destes setores para o seu resguardo. A entrevistada não acredita ser “genuino el interés por la conservación del patrimonio de algunos de los sectores académicos”. A seu ver, os setores acadêmicos se lembram do patrimônio esporadicamente; alguém se recorda do tema e saem todos preocupados com a questão, entretanto a temática não se integra de maneira estável na formação das Universidades. Em suas palavras:

“Esa problemática formulada teóricamente, instalada como objetivo de formación docente, de debate y de práctica política gubernamental y privado, esto acá no se ha terminado de conformar. Te lo digo con dolor. [...]. Sobreviven las lógicas que son interesadas y particulares [...]. El tema es que el

⁷⁰ Conforme entrevista com María Inés Rodríguez.

patrimonio no es un objetivo sino un recurso. Entonces, son personas esclerosadas por un lado, segundo, son personas que sostienen sistemas clientelares, y después, en algún momento, cambia el gobierno y se aparece de nuevo, por obra de magia, se aparece la problemática del museo, como del archivo, otra vez”.

Para Canclini (2008, p. 193) estaríamos diante do fenômeno dos “usos sociais contraditórios do patrimônio cultural”. Segundo este autor, mesmo nos países onde o discurso oficial adota a noção antropológica de cultura⁷¹, “existe uma hierarquia dos capitais culturais” que exigem um estudo do patrimônio “como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos” (2008, p. 194-195), uma vez que o patrimônio tem sido apropriado pelas classes hegemônicas para reproduzir “as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia dos que conseguem um acesso preferencial à produção e à distribuição dos bens” (2008, p. 195). É assim, de acordo com o autor, que os setores dominantes não apenas definem quais bens são superiores e merecem ser conservados, como também dispõem dos meios capazes de imprimir maior qualidade a esses bens. Tal “utilização” do patrimônio pelos grupos dominantes – grupos, no caso desta pesquisa, compostos pelo Ministério do Interior Argentino/DNM, por parte das coletividades de imigrantes e também por um setor acadêmico representante dos estudos da imigração – parece ter sido também articulada na criação e instituição do *Museo de la Inmigración*, motivo pelo qual tem sido tão complexo organizá-lo. Nesse sentido, fazemos nossas as palavras de Bourdieu (2010), quando diz que é por meio do estabelecimento das distinções e hierarquias que a cultura dominante legitima a ordem estabelecida.

É em meio a estas tensões e conflito de ideias e de diferentes interesses que parecia residir, portanto, a dificuldade de instituição do museu e da preservação do patrimônio que é resguardado pela a DNM. Ainda que o tema do museu tenha sido recorrente, pudemos observar como na maioria das vezes este foi usado apenas com fins políticos, carecendo de uma atenção maior no seu objetivo. É evidente, contudo, que além da confluência de diversas lógicas, assim definidas por Rodríguez, o patrimônio da imigração também não encontre meios de ser preservado devido ao problema do financiamento. Através de reportagem veiculada no jornal *La*

⁷¹ De acordo com Canclini (2008, p. 194) “aquela que confere legitimidade a todas as formas de organizar e simbolizar a vida social” – noção que parece ter sido adotada pelo governo argentino, haja vista o seu discurso de reconhecimento dos diferentes grupos que formaram a Argentina.

Nación, por exemplo, sabemos que o Ministro do Interior, Carlos Corach, previa recuperar o edifício do antigo Hotel de Imigrantes por meio de convênios com organismos internacionais para a obtenção de subsídios⁷². Com este objetivo, estava em processo de formação a “Fundación del Museo del Inmigrante”, porém não encontramos fontes que atestassem o sucesso destas medidas; ao contrário, o que percebemos nos anos seguintes às propostas de reforma do prédio e de ampliação do museu é uma ausência de financiamento. Conforme nos relatou Bernasconi, este é um dos principais aspectos a ser considerado, haja vista a dificuldade de se conseguir fundos para algo que se relacione com a conservação do patrimônio histórico. Para a entrevistada, isso não deixa de ser uma incongruência diante do peso que teve a imigração na constituição da sociedade argentina.

Precisamos notar, contudo, que o Museu aqui em foco não é o único a sofrer com a dificuldade de financiamento, pois conforme apontou Bayardo (2005), há uma redução nos fundos públicos destinados à cultura na Argentina. No caso dos museus, o autor destaca ser visível a deterioração dos edifícios e das suas condições de conservação, a falta de profissionais adequados e a escassez de atividades de capacitação, a ausência de políticas de aquisição e a desatualização das coleções. Para o autor, essa situação de relativo abandono – caso também enfrentado pelo Museu criado pela DNM – responde às políticas de ajuste estrutural mais geral que, na ausência de políticas culturais públicas, delegam aos museus e instituições culturais a responsabilidade pela sua salvação financeira. Daí que muitos museus precisem recorrer a Associações de Amigos do Museu ou à abertura de lojas de *souvenir* e cafeterias para viabilizar o ingresso de dinheiro.

Sobre este aspecto do financiamento, é interessante observar ainda que, apesar dos poucos recursos com os quais o museu pode contar e da escassa restauração realizada no complexo do ex-Hotel de Imigrantes, projetos grandiosos para a instituição do museu seguem sendo elaborados. Um dos últimos projetos apresentados, que teve seu estudo financiado pela *Universidad de San Martín*, anunciava uma grande intervenção nos prédios, inclusive com espaços reservados para o estabelecimento de lojas e cafeterias, tudo ao estilo de *Puerto*

⁷² Conforme: Museo propio, un sueño de inmigrantes. Buenos Aires, *La Nación*, 08 de mayo de 1996.

*Madero*⁷³. O mesmo, mais uma vez, não tem previsão para ser concretizado. Frente a este tipo de projeto, denominado “faraônico” por Rodríguez, a entrevistada se posiciona como contrária. Segundo ela, o museu tampouco pode contar com a colaboração dos governos estrangeiros e de seus representantes locais, por exemplo. Primeiro porque desde muito tempo os fundos que chegam das delegações e das embaixadas são para sustentar suas coletividades que estão em má situação. Os fundos de italianos, de judeus, de espanhóis ajudam à sua *colectividad*, cumprindo com um fim social, primordialmente.

Assim, seja devido à ausência de financiamento, aos usos políticos e “sociais contraditórios do patrimônio cultural” (CANCLINI, 2008, p. 193), ao desinteresse do campo acadêmico ou às tardias medidas tomadas pelo Ministério do Interior/DNM, o processo de criação do museu da imigração e da preservação do seu patrimônio custou a se desenrolar e ainda hoje não se cumpriu em sua totalidade. Apesar de o *Museo Nacional de la Inmigración* ter sido inaugurado em 2001 e mantido em funcionamento com uma exposição de longa duração até o ano de 2009 – cuja exposição analisaremos no capítulo seguinte –, desde esta data todo o Museu voltou a ser desmontado e hoje atua somente através de uma mostra itinerante que tem o objetivo de chegar a todos “los puntos del interior del país, difundiendo en forma sintética el material exhibido en el Museo de la Inmigración”⁷⁴. Novamente, o edifício do antigo Hotel de Imigrantes, declarado Monumento Histórico Nacional e destinado em sua totalidade ao Museu pela Resolução MI de 1997, é ocupado hoje pelas oficinas de atendimento ao público da DNM.

⁷³ Informação verbal, adquirida em conversa com o arquiteto e guias do *Museo Nacional de la Inmigración* durante uma de nossas visitas ao local no primeiro semestre de 2009.

⁷⁴ Consultado em <http://www.migraciones.gov.ar/accesible/?muestra>. Acesso em 24/01/2012.

CAPÍTULO 2

A história da imigração contada pelo *Museo Nacional de la Inmigración* de Buenos Aires

Junto à celebração do *Día del Inmigrante*⁷⁵, em 04 de setembro de 2001, foi inaugurado o *Museo Nacional de la Inmigración*, no andar térreo do antigo Hotel de Imigrantes, conforme determinado pela Resolução MI 2132/1997. A celebração contou com a presença de autoridades nacionais, diplomatas, dirigentes de *colectividades*, autoridades de ONGs, representantes de comunidades estrangeiras e jornalistas em geral – é o que nos relata o convite encaminhado para a Presidente da *Comisión de Museos y Monumentos y Lugares Históricos*, Liliana Graciela Barela, assinado pelo Diretor Nacional de Migrações⁷⁶. Assim como a organização do primeiro *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración*, nos anos 1980-90, passou por uma série de dificuldades ao longo do seu processo de implantação, o *Museo Nacional de la Inmigración*⁷⁷, também custou a sair do papel. Apesar de determinada a sua criação em 1997, uma ausência de medidas, muitas delas já tratadas no primeiro capítulo, atrasou a sua reorganização, permitindo que o *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración* seguisse funcionando em diferentes salas do edifício administrativo da *Dirección Nacional de Migraciones*⁷⁸ (SWIDERSKI; FARJAT, 2000, p. 112).

Em 2000, iniciaram-se os estudos preliminares para a “refuncionalização” e valorização do antigo Hotel de Imigrantes, que deveria ser aberto ao público durante o primeiro semestre de 2001⁷⁹. Este espaço estava sendo utilizado, durante os meses de novembro e dezembro de 2000,

⁷⁵ Conforme reportagem veiculada no jornal *Diario de Cuyo*, de 04/09/1985, o Dia do Imigrante é comemorado na Argentina desde o ano de 1979, momento que identificamos como de amplo interesse e renovação do tema da imigração na Argentina.

⁷⁶ Consultado em *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

⁷⁷ Ou *Complejo Museo del Inmigrante*, conforme denominação utilizada na Resolução MI 2132/1997.

⁷⁸ Daqui em diante, DNM.

⁷⁹ À época da inauguração do *Museo Nacional de la Inmigración* a Argentina já se encontrava sob o governo da Aliança, denominação da coalisão entre a UCR e o Frepaso (uma nova força política que emergiu em meados dos anos noventa e assumiu o governo em 1999). Fernando de la Rúa, vindo dos setores mais à direita do radicalismo, foi eleito presidente sob as bandeiras da ética e da transparência, e da manutenção da estabilidade econômica e da convertibilidade. Contudo, o país encontrava-se em recessão e a estabilidade monetária se mostrava insustentável frente à fuga de capitais e à especulação. Em dezembro de 2001 o governo confiscou os depósitos bancários (*corralito*) alegando querer evitar a falência do sistema, provocando uma forte mobilização social. No dia 21 de dezembro, após intensos confrontos entre manifestantes e a polícia, o presidente renunciou, deixando a Argentina

para a exposição anual de decorações e desenho realizada pela *Fundación Oftalmológica Argentina*, Casa FOA 2000. A mencionada Fundação, além de restaurar partes do prédio sob o aval da *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*⁸⁰, doou ao *Museo Nacional de la Inmigración* uma série de objetos e fotografias confeccionados para a sua mostra. Junto dos objetos e arquivos que integravam o acervo do *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración*, bem como da biblioteca e arquivo histórico da DNM, este material, doado pela Casa FOA, passaria a servir de base para a abertura do novo museu, para que fosse visitado por alunos de instituições educativas de todos os níveis e pelo público em geral⁸¹.

Magnani (2006) – em suas notas sobre a valorização do aporte da imigração italiana nas últimas décadas, nas quais o projeto do *Museo de la Inmigración* é, para a autora, uma das manifestações deste movimento –, confirma que o primeiro passo para a organização do museu na sede do antigo Hotel de Imigrantes se deu com a exposição anual de desenho e decoração CASA FOA 2000. Nesta ocasião, a sede do Hotel fora escolhida para abrigar a exposição, recebendo trabalhos de restauração em virtude do interesse dos organizadores em recriar o caminho que fizeram os seus pais e avós quando chegaram ao país (2006, p. 148). A partir desta exposição prévia, o museu passou a ser organizado pelos seus coordenadores, então designados pela DNM, para ser inaugurado nos meses seguintes. Além do material com que já contavam, os coordenadores do museu trabalharam pela ampliação de seu acervo, solicitando à comunidade,

imersa na mais grave crise de sua história. Para maiores informações sobre a história recente Argentina, consultar RAPOPORT (2006) e NOVARO (2009).

⁸⁰ Conforme correspondência por e-mail, em 09 de maio de 2000, a arquiteta da DNM, Valeria Gonzáles Parra (da Divisão de Infraestrutura da DNM), encaminhou à *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos* a cópia do projeto de contrato entre a DNM e a Casa FOA, aguardando aprovação. Neste continham as especificações técnicas das intervenções que se realizariam no edifício histórico ex-Hotel de Imigrantes, já modificadas pelo arq. Carlos Pernault. Além dos cuidados com o prédio, seriam colocados pela Casa FOA todos os vidros faltantes das janelas e realizadas instalações elétricas, entre outras reformas, bem como instalação de um novo relógio na fachada, com características aprovadas pela *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*. Do mesmo modo, para a exposição Casa FOA foi determinado um espaço exclusivo para ser ocupado pela mostra histórica do “Hotel de Inmigrantes”. A armação, montagem, provisão de materiais e montagem em geral da mostra estava ao encargo da mencionada Fundação em coordenação com a DNM. Conforme *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

⁸¹ Conforme DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES; MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. *Programa Complejo Museo del Inmigrante. Memoria de Gestión 2000*. Buenos Aires, 2001.

durante os festejos do *Día del Inmigrante*, a doação ou empréstimo de objetos e/ou documentos para formação do “patrimônio” do museu⁸².

O trabalho envolvendo a comunidade, através da arrecadação de objetos, aparece aqui como uma característica das propostas mais recentes que têm aparecido no universo de museus, oriundas de transformações que questionam a validade das práticas museológicas tradicionais⁸³ (ANICO, 2008). De acordo com a autora, estes questionamentos têm propiciado “o aparecimento de novas fórmulas caracterizadas pela centralidade que conferem ao indivíduo e aos grupos sociais, por alterações nos modelos de comunicação e linguagem museográfica” (ANICO, 2008, p. 31), entre outras mudanças, como a própria democratização do acesso e o serviço dos museus à comunidade. É fato que o Museu aqui estudado já surgiu neste contexto da mudança, fruto do interesse da DNM/Ministério do Interior, mas também das coletividades de imigrantes presentes na Argentina⁸⁴. Apesar de muitas características presentes no modelo tradicional ainda sobreviverem nas atuais propostas museológicas (ANICO, 2008) e de que na maioria dos museus latino-americanos os projetos de exposições sejam elaborados e executados sem haver uma consulta ao público (PERICHI, 1997), verificamos que o *Museo Nacional de la Inmigración* contou, por menor que seja, com a participação e contribuição das coletividades através de algumas políticas de aquisição de acervo. Ainda que esta não tenha sido documentada explicitamente, é importante considerar que as doações de objetos e documentos ao Museu também contribuem para o caráter e/ou discurso assumido pela exposição.

A festa de inauguração do Museu ocorreria no parque (jardins) da DNM, incluindo em seu programa discursos; atuação de grupos artísticos de coletividades e desfile; entrega de diplomas a imigrantes destacados. O ponto alto da festa seria a reabertura do *Museo de la*

⁸² Consultado em *Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes*, arquivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*. Segundo fontes jornalísticas, a solicitação de doação de objetos e documentos para o museu já havia se iniciado em 1998, tendo seguimento nos anos posteriores. Inclusive um jornal da cidade de Córdoba, de julho de 2002, convidava todos os imigrantes e seus descendentes a compartilharem histórias, dados, recordações em guarda ou empréstimo ao museu. Conforme: Por un lado se informatiza y por otro sigue el desorden. *La Razón*, Buenos Aires, 19 de agosto de 1999, p. 20; e Hotel museo para la memoria. *La voz del Interior*, Córdoba, 21 de julio de 2002, respectivamente.

⁸³ Para Anico (2008), o modelo museológico tradicional, surgido durante os séculos XVIII e XIX, corresponde ao museu público, representativo dos ideais e valores do Estado-Nação e, freqüentemente, criticado “pela apresentação de uma visão estática da cultura e por uma resistência institucional aos fatores da mudança” (2008, p. 30).

⁸⁴ Conforme MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 879/85.

Inmigración com mostra histórica e re-alocação da Biblioteca do museu. Constaram também deste ato a apresentação da Associação de Amigos do *Museo de la Inmigración* e do banco de dados elaborado pelo CEMLA para consulta sobre a chegada de imigrantes na Argentina⁸⁵. Tantas atividades organizadas, se por um lado podem ser entendidas como uma forma de discurso da DNM para conseguir visibilidade às suas políticas de valorização da imigração no país, por outro indicam que o fenômeno do ‘renascimento étnico’, sugerido por Devoto (1992) a respeito da década de oitenta, seguiu vigente na Argentina na década de 2000.

A partir da inauguração oficial do Museu, queremos, neste capítulo, analisar como a exposição supracitada construiu e representou a história da imigração na Argentina⁸⁶. Ainda que a carga simbólica do prédio onde o museu foi instituído produza uma determinada narrativa sobre a imigração no país – tal qual enfatizamos no primeiro capítulo –, é a exposição museológica que explicita os objetivos do museu; em outras palavras, que enuncia a versão da história da imigração que o museu e/ou seus organizadores pretenderam divulgar. De acordo com Pearce (1989 apud BITTENCOURT, 2003), a exposição museológica é o principal meio pelo qual determinados discursos históricos tomam forma. Assim, é fundamental ressaltarmos que, além de contarem a história do passado por meio de seus fragmentos (objetos), os museus reconstroem o passado, apresentando-o por meio de determinados discursos ou narrativas históricas (SANTOS, 2009).

Para esta análise, nos valemos especialmente da documentação fotográfica realizada durante as visitas à instituição no período de 2009/01⁸⁷. Nossas fontes, deste modo, são objetos⁸⁸, fotografias e documentos apresentados na exposição. Para Meneses (2005, 1994), a natureza

⁸⁵ Além desta inauguração, o convite relata que ocorreria ainda um segundo festejo no parque da DNM, no domingo 08 de setembro, desta vez aberto ao público, com atividades semelhantes às do dia 4 de setembro. No entanto, não encontramos nenhuma fonte jornalística que pudesse documentar estas duas festas de celebração ao *Día del Inmigrante*.

⁸⁶ Consideramos que a exposição inaugurada em 2001 foi a que mais divulgou o Museu, sendo veiculadas diversas reportagens a seu respeito. Inclusive foi desenvolvida na página web da DNM uma seção toda destinada ao museu da imigração, dando conta de sua história e dos horários para visitação (<http://www.migraciones.gov.ar/accesible/?museo>). A exposição inaugurada em 2001 também foi a primeira que não precisou ser imediatamente desmontada.

⁸⁷ Documentação fotográfica realizada pela autora e pela orientadora do trabalho, Dra. Eloisa Capovilla Ramos.

⁸⁸ Conforme Meneses (1998), os objetos são parte da cultura material que pode ser compreendida como “todo o segmento do universo físico socialmente apropriado” (p. 02), lembrando que o artefato é apenas um dos componentes da cultura material.

retórica das coleções e o caráter discursivo das exposições permitem que os objetos sejam compreendidos como um suporte de informação, como um ‘documento’. Assim como a maioria dos documentos históricos utilizados pelos historiadores não foram produzidos *a priori* para servir de fonte à história, mas para seus fins próprios, os objetos materiais, independentemente da função para a qual foram criados, também podem servir como suporte de informação: eles “são fontes excepcionais para se entender a sociedade que os produziu ou reproduziu *enquanto objetos históricos*” (1994, p. 20, grifos do autor). Pesez (2001) igualmente destaca que a noção de cultura material foi ampliada no decorrer do século XX, passando a implicar “a relação entre o homem e os objetos”, posto que o homem não pode estar ausente quando se trata de cultura (2001, p. 181). Deste modo, queremos ressaltar que não olharemos o objeto pelo objeto, ou seja, pelas suas características tridimensionais (peso, cor, tamanho, etc.), e sim pelos significados que são a eles atribuídos. Da mesma forma, não é nosso objetivo realizar uma análise individual de cada artefato/objeto apresentado na exposição, mas olharemos o seu conjunto, buscando o discurso construído pela mesma⁸⁹.

Em outras palavras, tal qual lembrou Ramos (2003), até que o artefato chegue a ser apresentado como peça de museu, ele passa por escolhas e seleções, realizadas tanto por aqueles que decidiram doá-lo ao museu (processo que, por sua vez, também é fruto de interesses diversos) quanto pelos organizadores da instituição que o consideraram digno de fazer parte da exposição. Assim, estamos dizendo também que, além dos valores intrínsecos dos objetos (sua função de uso), ao serem inseridos numa exposição museológica, passam a construir um outro sentido para a sociedade que representam. O mesmo deve servir para as fotografias expostas no museu que, se por um lado são aqui entendidas como documentos para a história, capazes de fornecer informações que auxiliam na compreensão do passado, por outro, devem ser analisadas enquanto um fragmento da realidade passada que foi produzido com alguma finalidade (KOSSOY, 2001, p. 45). Assim, objetos e fotografias não são artefatos neutros e a sua localização na exposição podem nos fornecer subsídios para a interpretação do discurso proposto pelo museu.

⁸⁹ Aqui, utilizamos a expressão “discurso” no sentido proposto por Meneses (1994), quando este observa que a exposição é um discurso ou um texto. A exposição, nesta linha, “pressupõe a articulação de enunciados sobre certos problemas humanos, desenvolvidos com o suporte das coisas materiais” (MENESES, 1994, p. 37).

Se é, portanto, através dos objetos e fotografias de um passado selecionados no presente que determinadas narrativas históricas são construídas, cumpre ressaltar que os objetos expostos nos museus têm o poder de re(a)presentar o passado vivido, mas não de substituí-lo. É esta, para Meneses (2002, p. 24), a especificidade do museu: representar o mundo através de segmentos do mundo físico, lembrando que “representar não significa desfazer a ausência”. Conforme Baudrillard (2002), os objetos constituem o simulacro do passado, a partir do qual os homens buscam conservar sua memória. Assim, embora os objetos permitam a “guarda” ou a “preservação” de determinadas memórias ou fragmentos do passado, eles não são mais do que representação de um passado que não poderá ser alcançado em sua totalidade. Neste trabalho estamos analisando quais representações sobre o passado da imigração foram apresentadas no museu.

2.1. O cenário expositivo

Em primeiro lugar, queremos destacar que a coleção de objetos apresentada no *Museo Nacional de la Inmigración* não parece ter se pautado pelos valores de autenticidade e raridade (ZAVALA, 1996) ou por se tratarem de relíquias, como costuma ocorrer no modelo de museus tradicionais. Nela pudemos encontrar tanto objetos ou réplicas que sublinham a história do ex-Hotel de Imigrantes, quanto objetos, documentos e fotografias que pertenceram àqueles que imigraram para a Argentina. Podemos dizer, neste sentido, que os objetos expostos no *Museo Nacional de la Inmigración* são, em sua maioria, malas, roupas, bancos e mesas, documentos, passaportes, objetos de hospital, camas que, ao serem colocados neste novo lugar, se transfiguram, mudam seu *status*, tornando-se patrimônios de um ou mais grupos étnicos. Como bem sabemos, durante o processo de doação/recolhimento, seleção e exposição, os objetos deixam de ter a função que receberam inicialmente para adquirirem a função de patrimônio, de bens capazes de rememorem um dado passado. Meneses (1998) abordou o fenômeno de mudança de sentido e de função que sucede a um objeto – uma mala que antes servia para carregar roupas em uma viagem, por exemplo, pode assumir perfeitamente a função de peça de museu de imigração. Segundo o autor, a durabilidade do objeto costuma ultrapassar a vida de

seus produtores, o que “já o torna apto a expressar o passado de forma profunda e sensorialmente convincente” (1998, p. 02) além de, neste movimento, trazer marcas específicas para a memória.

Desde a sua inauguração em 2001 até 2009, quando foi fechada, a exposição de longa duração do *Museo Nacional de la Inmigración* sofreu escassas modificações; os objetos, painéis e fotografias expostos no antigo salão de refeições do Hotel foram os mesmos ao longo do período, ainda que alguns deles fossem mudados de lugar. Além deste salão principal, a instituição contava também com um “*micro cine*” ou sala de vídeo e com uma sala intermediária (entre o salão principal, as escadas e a biblioteca) contendo painéis sobre os antigos hotéis de imigrantes que existiram na Argentina antes da construção do ex-Hotel⁹⁰. Nesta seção, a exposição de longa duração apresentada no salão principal do museu/antigo salão de refeições do Hotel será nosso objeto de análise. É importante destacar, igualmente, que todo o acervo do museu estava exposto ou, pelo menos, não tomamos conhecimento da existência de uma reserva técnica. Este acervo, junto dos painéis elaborados para a exposição, estava distribuído ao longo do salão principal, organizado em áreas temáticas representadas pelo croqui abaixo e cujas áreas foram por nós delimitadas em diferentes “Espaços”. Anotamos oito Espaços diferentes que utilizamos como guia para a descrição e análise da exposição e que, juntamente com os registros fotográficos, nos darão o panorama da exposição a ser analisada.

⁹⁰ Como entendemos que o tema desta sala intermediária está contemplado na análise da exposição principal, esta não será explorada em nossa dissertação. Ainda o segundo piso do edifício do ex-Hotel esteve aberto ao público por tempo determinado, para que se pudesse conhecer o funcionamento de um dos dormitórios do antigo Hotel, com a reprodução de centenas de camas alinhadas lado a lado. Quando visitamos o museu em 2009, tivemos acesso a este segundo piso do edifício do Hotel, porém fomos informados de que o mesmo já não estava mais aberto ao público devido ao seu mau estado de conservação. Algumas das escadas e os pisos superiores estavam totalmente interrompidos.

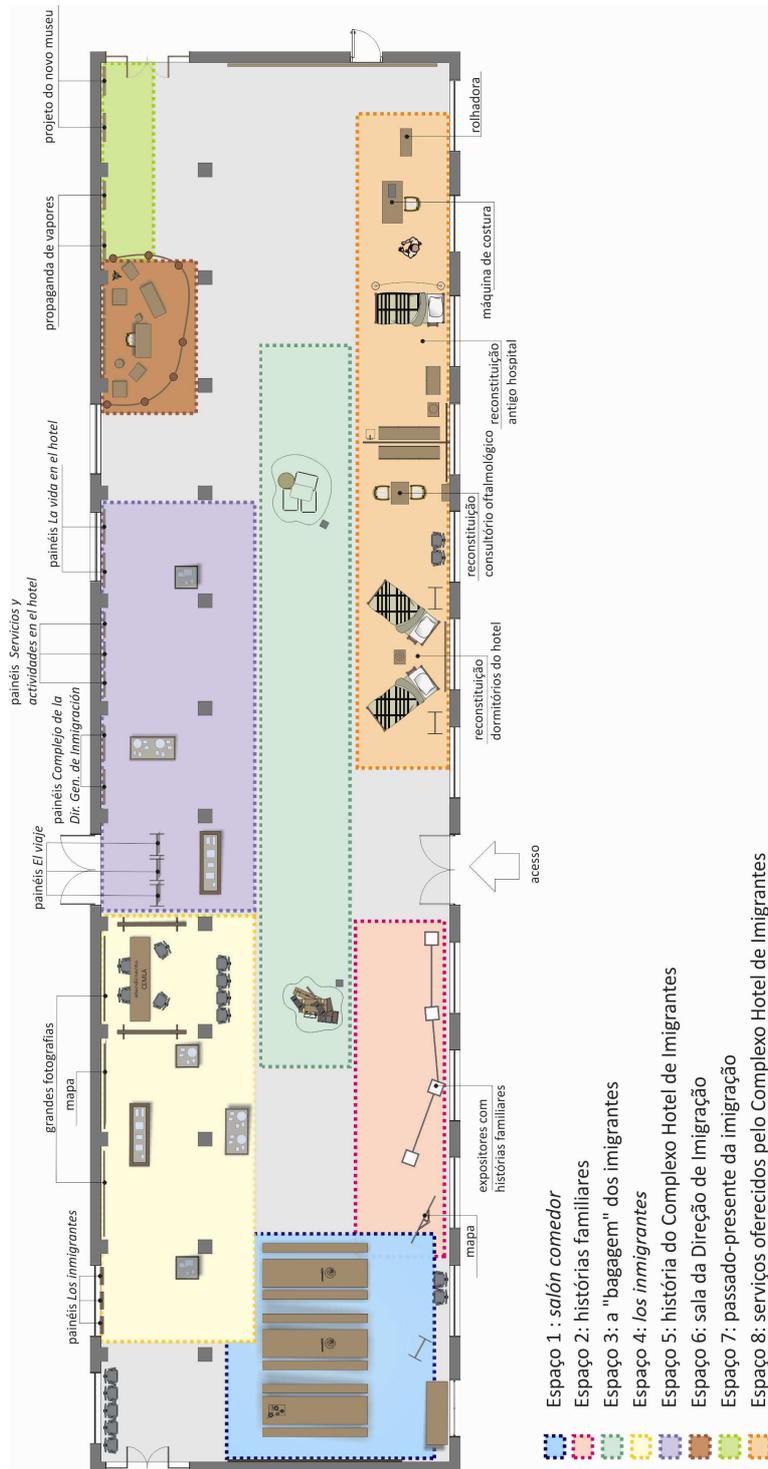


Imagem 2 – Planta da exposição. Desenho da arquiteta Susana Fagundes (CAU 91363-4), realizado em fins de 2011.

Metodologicamente, buscamos “ler” as cenas ou espaços museológicos como um texto ou como uma imagem, tal qual ocorre na análise iconográfica, para então propormos uma interpretação. Ao questionar se o sentido das imagens poderia ser traduzido em palavras, Burke (2004) sugere a utilização da iconografia, método desenvolvido por Panofsky, como etapa de descrição e interpretação das imagens. O caso da análise da exposição museológica nos parece semelhante ao da análise de imagens pela dificuldade de se traduzir o sentido da cena em palavras. Mas assim como as “imagens são feitas para comunicar” (BURKE, 2004, p. 43), também o são as exposições museológicas. Já dissemos que estas produzem um determinado discurso sobre o conteúdo que está sendo representado; elas são uma organização de objetos para a produção de sentido e podem ser entendidas como uma “convenção visual” (MENESES, 1994). Deste modo, o modelo metodológico de descrição e análise iconográfica será tomado neste capítulo para a realização da análise dos espaços que compõem a exposição. Ainda que as exposições, assim como as imagens, sejam “irremediavelmente mudas” (BURKE, 2004) [exceto quando possuem um texto de apoio], elas produzem mensagens passíveis de interpretação. Como assinalamos, não é nosso objetivo realizar uma análise individual de cada artefato apresentado na exposição, mas buscaremos analisar o sentido desses artefatos em cada espaço que estabelecemos, o que será fundamental para inferirmos o discurso maior da exposição e para permitir-nos responder como o *Museo Nacional de la Inmigración* e seus agentes ‘construíram e deram a ler’ (CHARTIER, 1990, p. 16-17) a história da imigração na Argentina.

Espaço 1: *salón comedor*

A entrada do museu se dava pela porta central do prédio, em frente aos jardins que outrora pertenceram ao complexo do Hotel, dando acesso direto ao salão principal de exposição. Ao entrar no edifício, o visitante se deparava com um dos seus principais espaços, uma reprodução do salão de refeições do antigo Hotel, composto por mesas – imitando as originais feitas de mármore de Carrara – e bancos, além de uma grande fotografia do “*salón comedor*” que completava a cena:

“Al final del comedor se ve una foto inmensa, casi de tamaño natural, del salón habitado por los inmigrantes. La mezcla de ropa, los pies descalzos, los pomposos sombreros que emergen de la escena. El lugar conserva las propiedades del tiempo y es una lupa inmensa para mirar nuestro pasado. Se puede ser testigo de lo que alguna vez fue el sueño ideal”⁹¹.

A citação do jornal cordobez apresenta, em nosso ver, os três importantes elementos a serem observados no Espaço 1, a saber: a reconstituição do antigo *salón comedor* do Hotel (1), que, por sua vez, implica na ideia de um “passado resgatável” (2), e a forma como a história da imigração foi representada no Espaço (3). Primeiramente, o jornal parece demonstrar com nitidez que esta parte da exposição foi montada com o objetivo de reconstituir o antigo salão de refeições existente no mesmo local, quase cem anos antes. Ao adentrar a exposição, o jornalista que escreveu a reportagem pôde compreender de imediato o que funcionara ali outrora: foram os objetos e a grande fotografia dos imigrantes durante uma refeição que permitiram tal compreensão; em outras palavras, o recurso que o museu se utilizou para comunicar a mensagem que desejava foi a de uma ‘reconstituição de ambientes’⁹². Conforme Meneses (1994, p. 30), a utilização deste recurso deve implicar no cuidado de não confundir as reconstituições com “contexto”, pois é uma ilusão pensar que contexto é o mero agrupamento de objetos tais como se encontravam na “vida real”. Esta modalidade termina, assim, congelando os objetos num de seus vários contextos – o próprio conceito de contexto indica a existência de outros espaços, tempos e significados. Além disso, o autor destaca que a reprodução de contextos inverte o papel da exposição na produção de conhecimento, isto é, faz com que a exposição somente reforce aquilo que “a ação imediata dos sentidos já havia fornecido, mascarando as articulações invisíveis, porém determinantes” (MENESES, 1994, p. 32). Podemos dizer, então, que se por um lado esta montagem, representação do antigo *salón comedor*, privilegia o “bombardeamento de sensações” (MENESES, 2002, p. 42), por outro, ela não provoca o “estranhamento” necessário capaz de gerar o conhecimento⁹³.

⁹¹ “Hotel museo para la memoria”. Córdoba, *La voz del Interior*, 21 de julho de 2002.

⁹² De acordo com Perichi (1997), foi no museu de história, no século XIX, que os objetos começaram a ser expostos através da ambientação, posto que isolados eles pareciam dizer pouco sobre si mesmos. Este é o momento, para o autor, em que o museu de história passou a transmitir um discurso, o que ainda não faziam os museus de arte ou de ciência.

⁹³ Fernandez (2001), em contraponto, destaca a importância de se conhecer o contexto cultural em que nasceu o objeto e a necessidade de que este apareça sempre associado a outros objetos, já que contexto “es en realidad un



Imagem 3 e 4 – Espaço 1: *salón comedor*

Por já oferecer um conjunto de informações “prontas”, a cena representada no Espaço 1 [imagens 3 e 4], pode diminuir a potencialidade de produção do conhecimento do público que visita o museu. Uma vez internalizada a imagem dos imigrantes realizando as suas refeições no Hotel, perde-se boa parte das possibilidades de conhecimento a respeito do processo histórico que foi a imigração na Argentina; sendo muito provável que antes de ser visto como um museu da imigração, o espaço será associado com a instituição ex-Hotel de Imigrantes. O Espaço 1 assemelha-se ainda com o “living-museum”, modalidade de exposição que reproduz situações e ações (às vezes, recorrendo à teatralização). Para Meneses (1994, p. 35), a noção de passado que essa modalidade de museu histórico utiliza é extremamente problemática porque o transforma “na mesma substância que o presente, apenas com diferenças”, por se tratar de um presente anterior. Estas observações, por sua vez, nos remetem ao segundo elemento que consideramos como importante de ser analisado no Espaço 1.

Essa noção de “passado resgatável” (MENESES, 1994, p. 34) pode ser percebida na fala do jornalista acima citado, quando este diz que o lugar funciona como uma lupa imensa para ver o passado, sendo “testigo de lo que alguna vez fue el sueño ideal”. Ora, o jornalista, como qualquer visitante, valoriza a exposição por sua capacidade de narrar o passado da imigração em seu país. Porém, o passado exposto em exposições desta natureza acaba, muitas vezes, sendo

conjunto de objetos interrelacionados que comparten una unidad de espacio tiempo y función” (2001, p. 228). Conforme o autor, essa relação produz uma espécie de discurso que provém do caráter polissêmico dos objetos: “el objeto se convierte así em soporte material de um concepto cultural” (2001, p. 229).

tratado sem mediações, permitindo que o visitante penetre nele num processo de “banalização e semi-familiarização” (MENESES, 1994, p. 35), recurso que, para o autor, aprisiona o visitante no presente, sendo impossível a compreensão da diferença entre os dois tempos. A ausência de uma ação visível do tempo, dentro desta reconstituição, poderia levar o visitante a pensar que no passado os fatos ocorreram tal qual foram ali representados.

É evidente, igualmente, que as interpretações extraídas deste espaço da exposição são alcançadas, em grande parte, por intermédio da grande fotografia de fundo, que, em nosso ver, privilegia o Espaço 1 em detrimento do restante da exposição. Como bem destacou o jornalista cordobez, as roupas e chapéus dos personagens na foto, estando alguns de pés descalços, chamavam a atenção de quem adentrava o salão, gerando toda a sorte de emoções. Como sabemos, a fotografia é um documento visual capaz de despertar diferentes sentimentos (KOSSOY, 2001). Na visualização desta grande reprodução do salão de refeições repleto de imigrantes no início do século XX, os visitantes eram levados a envolverem-se afetivamente com o seu conteúdo e sendo remetidos rapidamente ao passado, onde eles (ou seus ascendentes) fizeram parte dos acontecimentos. Não fica dúvida aqui de que “fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 2001, p. 156). Por outro lado, também é necessário realizar a “crítica das fontes” ao documento fotográfico (BURKE, 2004), atentando para aquilo que a fotografia não revela. Apesar de fornecer o testemunho visual e material de um fato passado, é importante destacar que ela também é um “fragmento congelado” desse passado (KOSSOY, 2001, p. 37), incapaz de representá-lo em todas as suas nuances.

Nesse, sentido, o terceiro elemento sobre o qual queremos tratar no Espaço 1 se refere à própria história da imigração por ele apresentada. Ao re(a)presentar centenas de imigrantes que na primeira metade do século XX ocuparam o *salón comedor*, o museu narra uma história daqueles que atravessaram o oceano para se estabelecerem no novo país. Por outro lado, há uma forte tendência do mesmo Espaço em expor também a história [ou o papel] do Estado argentino em sua assistência inicial aos imigrantes. Um atestado do que acabamos de afirmar é o texto contido no painel explicativo intitulado “Comedor”, responsável pela explicação/descrição do Espaço 1. Neste, era possível visualizar outras imagens do antigo salão de refeições do Hotel, além de textos sobre a história de seu funcionamento:

“Réplica de las mesas y bancos del comedor del Hotel. Originalmente, las planchas superiores eran de mármol de Carrara (Itália). El comedor tenía la capacidad de hasta 1.300 comensales por turno. Se servían hasta 3 turnos de desayuno, almuerzo y cena”.

“Desayuno y merienda:

El desayuno consistía en café con leche, mate cocido y pan horneado en la panadería del Hotel. A las tres de la tarde a los niños se les daba la merienda”.

“Almuerzo y cena:

Se habían dispuesto turnos de almuerzo de hasta 1.000 personas cada uno. Al toque de una campana, los inmigrantes se agrupaban en la entrada del comedor, donde un cocinero les repartía las vituallas. Luego ellos se instalaban a lo largo de las mesas a esperar su almuerzo. Éste consistía, generalmente, en un plato de sopa abundante, y guiso con carne, puchero, pastas de arroz, estofado, etc.

A partir de las seis, comenzaban los turnos para la cena. Y desde las siete, quedaban abiertos los dormitorios”.

O painel explicativo do Espaço 1 reafirma a nossa percepção de que a proposta do mesmo era dar ênfase ao papel do Estado Nacional argentino – representado, então, pela antiga *Dirección General de Inmigración* – no oferecimento da alimentação aos imigrantes. Mais do que apresentar ou homenagear aqueles que imigraram para o país, o painel explica com detalhes as inúmeras atribuições do antigo *salón comedor* e as benfeitorias oferecidas pelo Estado aos [aparentemente, paupérrimos] imigrantes no auge do funcionamento do Hotel. Desnecessária, nos parece, a informação de que a parte superior das mesas de refeições eram feitas em mármore de Carrara, item que, mais uma vez, parece confirmar o interesse da instituição em dar a ver o Estado Argentino em seu momento de maior grandeza.

Espaço 2: histórias familiares

O Espaço da exposição que definimos como “2” localizava-se logo à direita de quem entrava no salão principal de exposições. Este estava composto por painéis expositores que contavam a história de algumas famílias que imigraram para a Argentina e por uma composição

artística que representava um mapa de parte da América do Sul, com a Argentina em realce, e parte do trajeto realizado pelos barcos até a sua chegada no porto de Buenos Aires.

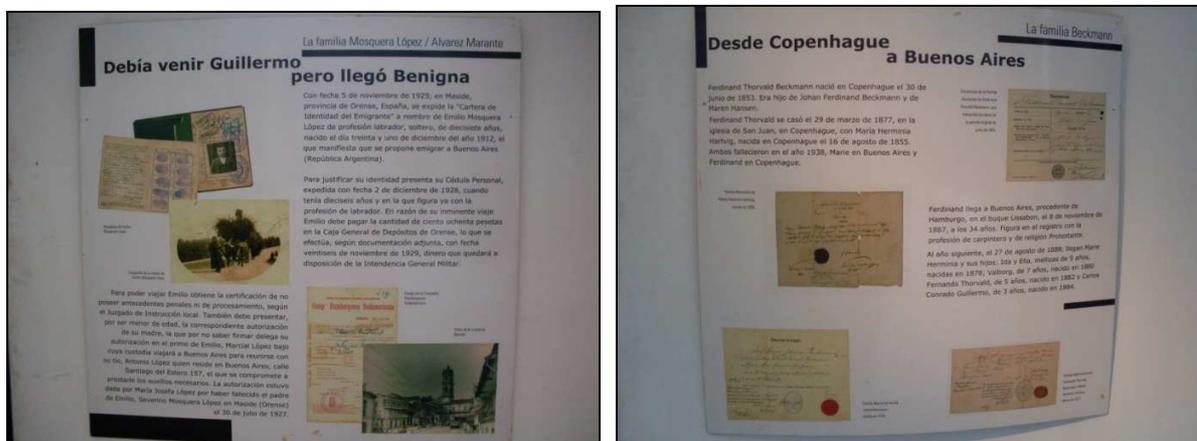


Imagem 5 e 6 – Espaço 2: painéis com histórias familiares

Em primeiro lugar, os painéis apresentavam, sob a forma de texto, a história da família Mosquera López e Alvarez Marante, narrada a partir das informações contidas nos documentos pessoais expedidos para a viagem à Argentina de Emilio López (em 1929) e de Benigna Aurora Alvarez Marante (em 1937), ambos recebidos por familiares já instalados no país. Emilio e Benigna se conhecem e se casam em Buenos Aires, abrindo seu próprio armazém, próximo ao de seus familiares. Posteriormente, o casal e seus filhos participam das festividades organizadas pela *Casa de Galicia*, das quais, Emilio integrou comissões diretivas, e pelo *Centro Almacenero*⁹⁴. O texto, além de fotografias da família, é encerrado pela seguinte frase: “Esta es la historia de una familia que comenzó en el año 1929 en Maside-Orense-España y que, en la Argentina colaboró en hacer patria”.

⁹⁴ Estudando a imigração galega para a Argentina, Farías (2011) assinala que boa parte da integração destes imigrantes no novo país se deu através de sua participação em uma *colectividad* ou comunidade emigrante, capaz de conformar um espaço de interação social em que se recria aquele do qual procedem seus integrantes. Conforme o autor, depois de encontrar onde viver e um modo de ganhar a vida, o passo seguinte na adaptação do imigrante consistia em recriar uma rede social secundária, tendo existido uma infinidade de associações voluntárias de características étnicas na Argentina, especialmente a partir da segunda metade do século XIX. Até 1914, muitas associações hispânicas de ajuda mútua haviam se convertido em um enorme aparato institucional. Além disso, “al intentar reproducir pautas y mantener costumbres de la propia sociedad de origen, constituyeron los mecanismos más evidentes de expresión de la identidad” (FARÍAS, 2011, p.155).

Os painéis seguintes apresentavam a história da família Beckmann, mais especificamente de um casal de imigrantes de Copenhague. Ferdinand chega a Buenos Aires em 1887, sendo registrado como carpinteiro e protestante, enquanto sua esposa, Marie, e seus seis filhos pequenos, chegam dez meses depois, em 1888. O filho mais novo do casal graduou-se em Ciências Contábeis na *Universidad de Buenos Aires*, em 1910. Casou-se na mesma cidade e tornou-se cidadão argentino. Foi professor de Contabilidade, de 1910 a 1935, no Colégio Carlos Pellegrini, além de ter ocupado cargos diretivos como Contador Geral da Província de Buenos Aires e Contador Geral do Banco Central da República Argentina. De seu casamento, nasceram cinco filhos, sendo um deles o doador da documentação para a exposição (alguns documentos estavam reproduzidos nos painéis).

Para além da história de imigrantes galegos⁹⁵ e dinamarqueses na Argentina, precisamos atentar para o fato de que os painéis sobre as famílias trataram somente de histórias de imigrantes que tiveram uma vida bem-sucedida em Buenos Aires, o que evidencia uma versão da história nos moldes da escrita tradicional: os imigrantes teriam se integrado de maneira harmônica à sociedade argentina, muitas vezes, alcançando sucesso. No primeiro painel houve ainda o cuidado de se destacar a colaboração da família Mosquera López e Alvarez Marante “em fazer a pátria”, enquanto que no painel da segunda família, Beckmann, percebemos certa ênfase para o fato de que um dos seus imigrantes tratou de se tornar cidadão argentino. Enfatizou-se, portanto, a capacidade destas duas famílias de imigrantes de se “integrarem” à sociedade argentina de forma positiva, exposição que, se por um lado, compreende os imigrantes como responsáveis pela chegada do país à modernidade – tal qual enunciara Germani na década de 1950-60 (DEVOTO, 1992) –, por outro, reproduz aquela percepção ainda mais antiga da imigração: a do modelo do “crisol de raças”, que percebia o processo como uma “argentinização” dos imigrantes, formando uma sociedade integrada (DEVOTO, 2009, p. 320).

É válido destacar ainda que, conforme os painéis, o patriarca da segunda família ao chegar a Buenos Aires se registrou como sendo da religião protestante. Tal fato poderia passar

⁹⁵ O tema da imigração galega para a Argentina conta já com ampla produção historiográfica. Para maiores informações, consultar DE CRISTÓFORIS (2007, 2008a, 2008b), FARÍAS (2008, 2011) e DA ORDEN (1995, 2008).

despercebido, mas, dentro do contexto aqui analisado, ele confirma um interesse dos agentes do Museu em mostrar que a Argentina, mesmo sendo um país oficialmente católico, também recebeu em seu território imigrantes com crenças religiosas distintas – fator que conota certa tolerância ou benevolência do Estado argentino em ter aceitado a diferença religiosa.

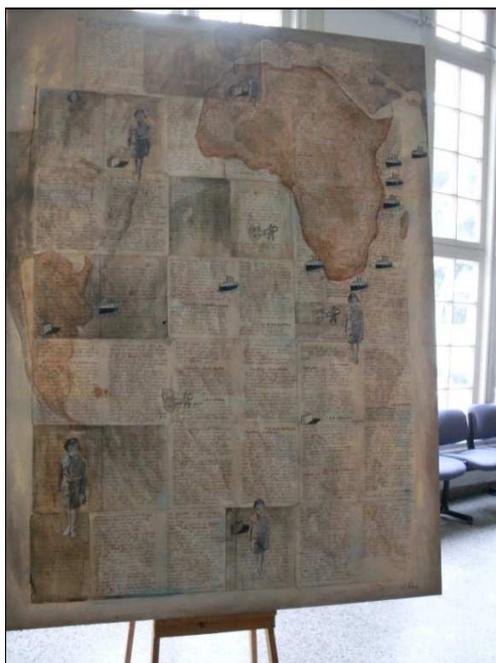


Imagem 7 – mapa do Espaço 2

Na composição artística retratando um mapa de parte da América do Sul, por sua vez, podemos visualizar o caminho de um barco⁹⁶ (ou uma série de barcos) cruzando o Oceano Atlântico em direção a Buenos Aires. Considerando o Espaço onde a imagem foi disposta, somos levados a crer que esta completa a ideia ou o discurso expresso pelos painéis que narravam a história das duas famílias: a Argentina, em destaque no mapa, foi o país que recebeu estas famílias de imigrantes [como tantas outras], oferecendo-lhes oportunidades, terra, trabalho ou estudo e contribuindo para a sua integração ao novo país.

⁹⁶ Conforme reportagem veiculada no Jornal *Página 12*, que divulgava a inauguração do Museu e discorria sobre algumas partes da exposição, esta contava também com uma mostra da artista Mónica Weiss, que reconstruiu o diário de viagem de sua mãe, desde Tel Aviv a Buenos Aires, em 1940. Acreditamos que o mapa em questão possa se tratar do trabalho desta artista. Consultado em *Ya se puede visitarse el Museo de la Inmigración en retiro. Página 12*, Buenos Aires, 17 de outubro de 2001.

Espaço 3: a “bagagem” dos imigrantes

No centro da sala, bem em frente à porta de entrada, localizavam-se dois espaços expositivos com objetos que pertenceram aos imigrantes, como malas, roupas, sombrinhas, retratos, entre outros. Era o espaço dos objetos pessoais que foram trazidos na viagem. Junto a estes objetos, um pequeno expositor indicava o teor dos artefatos ali apresentados. Eram:

“Baúles y recuerdos de viajeros. Valijas, baúles y canastos en que los más pobres traían envueltos sus ropas y sus enseres domésticos... y también sus esperanzas con las que llegaban a esta nueva patria a la que darían sus hijos y su esfuerzo”.

Tais artefatos materiais, aqui entendidos como documentos, estavam aí expostos com o intuito de mostrar quais eram os principais pertences trazidos pelos imigrantes quando estes atravessavam o Atlântico, sem a certeza de algum dia voltar à sua terra natal. Dentro de uma das malas, por exemplo, estavam colocadas fotografias de pessoas, sugerindo que estas vieram para recordar os seus entes queridos que ficaram no país de emigração e que talvez nunca mais seriam vistos. Taças, bolsas femininas e lenços também foram expostos, demonstrando alguns dos objetos domésticos e pessoais escolhidos pelos emigrantes para os acompanharem em sua nova vida. Estes foram, quiçá, os itens de maior valor que estas pessoas possuíam e que, por isso, foram trazidos consigo, assinalando a sua origem humilde. Em nosso entendimento, os objetos deste Espaço ocuparam um lugar privilegiado em meio a toda a exposição – estavam centralizados no salão e em alinhamento com a porta de entrada –, o que abaliza a importância dos mesmos e parece expressar uma valorização do papel do imigrante pelos organizadores do museu. Como mostrou o texto do expositor, além dos artefatos materiais, vinham junto também esperanças de uma vida melhor, sentimento que garantiu o esforço e o trabalho dos imigrantes na nova terra.



Imagem 8 e 9 – Espaço 3: objetos pessoais

Pelo teor dos objetos expostos do Espaço 3, relacionados com a experiência da imigração – a saudade da terra natal e a chegada em um país desconhecido –, se sobressaem aqui os diferentes sentimentos que os objetos pessoais são capazes de suscitar nos visitantes, reportando-os ao passado, momento em que os objetos tiveram distintos valores e significados para os seus proprietários. Nesta reflexão sobre os indivíduos a quem pertenceram os objetos então expostos no museu, se faz importante a consideração de Meneses (1998, p. 13), para quem os contextos institucionais típicos [como os museus] “ressemantizam o objeto profundamente, depositando crostas de significados que se cristalizam em estratos privilegiados, em detrimento dos demais” (1998, p. 13). É assim que, durante o processo museal, os pertences pessoais de alguns imigrantes perderam o seu valor primordial de uso para, ressignificados, destacarem o seu valor testemunhal.

Conforme observou Perichi (1997), no museu de história o objeto é válido não tanto por sua beleza ou riqueza, mas por ter servido como testemunho de um acontecimento. É o valor de testemunho, portanto, que foi agregado aos objetos pessoais expostos no *Museo Nacional de la Inmigración* – lembrando que são as escolhas e seleções dos doadores e dos organizadores do museu que os colocaram nesta condição. Por se tratarem de objetos trazidos pelos imigrantes em sua viagem ao novo país, eles dão à exposição o seu caráter histórico, atestando o processo imigratório e reforçando a ideia de passado.

Vale destacar ainda que a participação do espectador na construção do discurso museológico pode muito bem ser dificultada ou propiciada pela proposta museográfica

(PERICHI, 1997). Poderíamos dizer que cada um destes objetos pertenceu a um contexto cultural específico, que já não existe mais. Foram recolhidos e expostos pela instituição, porém, ao serem colocados em contato num mesmo espaço museológico, “todos os elementos do conteúdo de um desses objetos” entraram em interferência e se intensificaram “com os do outro” (PERICHI, 1997, p. 28). Logo, objetos como roupas, sombrinhas e retratos, ao serem reunidos com as antigas malas e com os baús, acabam tendo o seu valor intensificado, dando a entender que tudo veio na bagagem dos imigrantes, independentemente se alguns destes objetos foram adquiridos já na Argentina e posteriormente doados por seus descendentes ao museu – o texto do expositor inclusive agradece “a los que han donado los elementos exhibidos para esta muestra”⁹⁷.

O Espaço 3, assim, informa sobre a viagem dos imigrantes à Argentina e sobre os pertences por eles selecionados para fazerem parte das suas vidas no novo país. É por esta razão que apontamos uma valorização do papel do imigrante e da história de sua travessia, que é também uma história das dificuldades por eles enfrentadas no primeiro momento do processo imigratório e que implica recordar seus sonhos, emoções e saudades. A Argentina foi o ponto final desta travessia, motivo pelo qual o Espaço 3 também parece dar conta da chegada desses imigrantes em um local determinado, o porto de Buenos Aires, e remeter à história de sua recepção no antigo Hotel de Imigrantes.

Espaço 4: *los inmigrantes*

O Espaço 4 estava composto por uma série de recursos: painéis com fotografias, fotos e mapa de grande tamanho, vitrines com objetos e vitrine com documentos. Grande parte do Espaço parece estar orientado pela temática “Los inmigrantes”, buscando mostrar quem foram esses personagens.

⁹⁷ O *Museo Nacional de la Inmigración* não dispunha da necessária documentação museológica – como Livro Tombo e fichas técnicas do acervo – para informar-nos a respeito da origem dos objetos de sua exposição. A documentação museológica, contudo, não foi alvo de nossa preocupação. Na análise, consideramos somente as informações (textos, objetos, imagens) expostas no museu. Como os nomes de doadores ou dados de procedência dos objetos não constaram na exposição, estes tampouco foram objeto de nossa análise.



Imagem 10, 11 e 12 – Espaço 4: painéis intitulados “Los inmigrantes”

A temática pode ser prontamente verificada na composição de três painéis fotográficos, assim intitulados “Los inmigrantes”. Pelo texto aí contido, soubemos que estes pertenceram a uma mostra itinerante que teve por objetivo “honrar la memoria de nuestros abuelos, hombres y mujeres de todo el mundo, que bajaron de los barcos para fundar la sociedad argentina moderna”. Tal assertiva abaliza o modo como são re(a)presentados os imigrantes neste Espaço, havendo, tal qual no Espaço 3, uma valorização do papel do imigrante pelos organizadores do museu.

O texto seguia fazendo referência ao quanto os imigrantes “moldaram” a forma de ser dos argentinos, através de sua cultura e costumes. Discorrendo a respeito da forma como a imigração foi tratada pelo governo da França nos anos setenta, Cuche (1999) observa como a definição geralmente dada para a “cultura dos imigrantes” é parcial (CUCHE, 1999, p. 230). Para ele, a política da “promoção das culturas imigrantes” desenvolvida pelo governo francês permite

apenas uma promoção dos aspectos mais folclóricos destas culturas. Sempre relacionadas ao “cultural”, estas políticas se utilizam do sentido mais estreito do termo, ligado somente à esfera do lazer (1999, p. 230). Sobre este aspecto, Poutignat e Streiff-Fenart (1998) também contribuem, alertando sobre a necessidade de que a valorização das diferentes etnias não fique apenas no âmbito das “contribuições” à América, de modo a trazer para a sociedade somente os elementos que ela quer aceitar e “abstendo-se de se apresentar os que constituiriam um desafio ou subversão dos valores queridos, ou das instituições sagradas” (LYMAN; DOUGLASS, 1972 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 73). Em nosso entendimento, o Espaço aqui analisado também propõe uma valorização ‘parcial’ dos imigrantes, na medida em que se exploram especialmente os seus ‘costumes’ como principais ‘contribuições’ à sociedade argentina.

Além disso, e como já assinalamos (Capítulo 1), compreender os imigrantes como aqueles que “moldaram” a forma de ser dos argentinos é interpretá-los como os principais agentes da modernização do país – ideia que não é recente, mas diluída no imaginário argentino desde o final do século XIX e reformulada por Germani no início da década de 1960. Através do texto contido no painel, podemos notar uma certa heroicização dos imigrantes [europeus] enquanto os principais responsáveis pelo desenvolvimento do país. Mesmo que os imigrantes tenham participado do processo de organização/consolidação da nação argentina, há uma tendência, neste Espaço, de representá-los como aqueles que “fundaram a sociedade argentina moderna”, minimizando a presença da sociedade argentina local. Há que se atentar, no entanto, para o fato de este ser um museu dedicado à imigração no país e que, por isso, parece abordar o processo de forma positiva.

Constavam ainda no painel diversas informações sobre a imigração no país, entre elas, que as ondas migratórias, provenientes especialmente da Europa, duplicaram a população argentina entre 1869 e 1895. Outros dados relacionados aos números de afluência de imigrantes nas primeiras décadas do século XX também foram elencados, assim como os países de onde mais vieram imigrantes. Conforme o painel, dentro de diferentes nacionalidades, houve um predomínio de imigrantes italianos, seguidos de espanhóis, franceses e judeus. Uma tabela ainda com as profissões dos imigrantes indicava que, segundo o censo de 1914, chegaram naquele ano

mais de 29 mil *jornaleros*, 17 mil agricultores, 1100 pedreiros, 931 artistas teatrais, 23500 modistas, 4500 costureiras, 39 confeitadeiras e mais de 57 mil mulheres sem profissão. Podemos inferir, a partir destes painéis, que o Espaço 4 buscava dar “cara” aos imigrantes que auxiliaram na formação do país.

É com este intuito que diversas fotografias parecem ter sido agregadas aos painéis, ilustrando a temática “los inmigrantes”. Estas fotos retratavam grupos de imigrantes (mesmo que sem identificação) em um local de trabalho, mulheres reunidas com crianças, uma possível foto de família ou ainda centenas de imigrantes agrupados nas dependências do antigo Hotel. Vale lembrar que embora as fotografias sejam um meio para visualizarmos aspectos do passado, “ela não reúne em si o conhecimento do passado” (KOSSOY, 2001, p. 78). Além disso, estas fotografias foram selecionadas pelos organizadores da exposição com alguma finalidade e sua disposição do Espaço 4 não constitui uma escolha neutra. Somando-se ao texto do painel, as fotografias conferem ênfase às centenas de imigrantes que chegaram ao país e que tomaram distintos caminhos, ajudando a “fazer” a Argentina. Uns mais assustados e pobremente vestidos, outros de aparência abastada; mulheres e (muitas) crianças assinalavam suas escolhas de viver e trabalhar na Argentina, o que, em última instância, indica que este era um país em crescimento e de grandes oportunidades. Duas outras grandes fotografias e um mapa, também expostos no Espaço 4, complementam a ideia dos painéis: o mapa aparece como a representação visual/geográfica dos países [europeus] de onde procediam a maioria dos imigrantes e o trajeto percorrido pelos barcos até o porto de Buenos Aires com todo o território argentino em realce; enquanto as duas fotografias retratam a chegada dos imigrantes no mesmo porto, passando pelas dependências do antigo Hotel.



Imagem 13 – Espaço 4: mapa



Imagem 14 e 15 – Espaço 4: grandes fotografias

Em seguida, vemos que as vitrines com objetos e documentos expostas no Espaço 4 também tinham o objetivo de retratar os imigrantes, seja pelos pertences que trouxeram, seja pelas atividades que realizavam. Na primeira vitrine, observamos artefatos de uso pessoal, como um *nécessaire* em couro com objetos para a higiene, um lenço e chinelos femininos, um relógio de mesa e uma caixinha (em madeira decorada) com utensílios de costura (rendas, linhas, dedal). Os utensílios de costura e demais artefatos desta vitrine nos remetem à presença feminina, à mulher imigrante, que precisou trazer consigo não apenas os seus pertences individuais, mas também itens que lhe permitissem exercer as obrigações de mãe e mulher condizentes com a sua época. Carregar os utensílios necessários para a costura indicava ainda uma possível profissão, já

que, como constou nos painéis do Espaço 4, mais de 4500 mulheres que ingressaram na Argentina no ano de 1914 se declararam costureiras.

Na segunda vitrine, com legenda intitulada “Ofícios”, encontramos ferramentas de carpintaria, um diploma de carpinteiro concedido a um imigrante em Buenos Aires, no ano de 1922, e uma etiqueta indicando que, entre os anos de 1851 e 1920, ingressaram à Argentina mais de 50 mil imigrantes que se declararam carpinteiros. É importante notarmos que a etiqueta, em uma exposição museológica, é explicativa e, neste caso, serviu também para unir a mensagem que se pretendeu comunicar em todo o Espaço 4. Como vimos, o texto dos painéis se referia às profissões dos imigrantes, que, somado com os objetos e informações contidos nesta segunda vitrine, complementam o discurso do Espaço 4: eles dão “rosto” aos imigrantes, contam um pouco sobre quem eram e o que faziam aqueles que então desembarcavam na Argentina.

À continuação, havia uma vitrine com documentos intitulada “El viaje” que, por sua vez, expunha passagens de barco na terceira classe, passaporte, carteira de identidade e certificados de chegada à América, outorgados pelo CEMLA (dos quais trataremos em seguida). Tais documentos contribuem em muito com o objetivo de mostrar quem eram os sujeitos que imigravam para a Argentina; eles dão nome aos imigrantes, marcam a classe social à qual os mesmos pertenciam e indicam a data de seu desembarque. O Espaço 4 contava ainda com uma quarta vitrine, denominada “Los inmigrantes”, cujo título abalizava a sua relação com os painéis do mesmo Espaço. Esta vitrine apresentava objetos pessoais diversos (como escudo de uniforme do exército polaco, livros de eucaristia em diferentes idiomas, latinhas de pastilha para tosse e brinquedos infantis) que se à primeira vista não tinham relação entre si, o título dado à mesma indicava que estavam ali para dar a conhecer aos imigrantes, já que eram exemplos dos pertences por eles selecionados para fazerem parte das suas vidas no novo país.



Imagem 16 e 17 – Espaço 4: vitrine com objetos pessoais/femininos (1ª) e vitrine “Ofícios” (2ª)

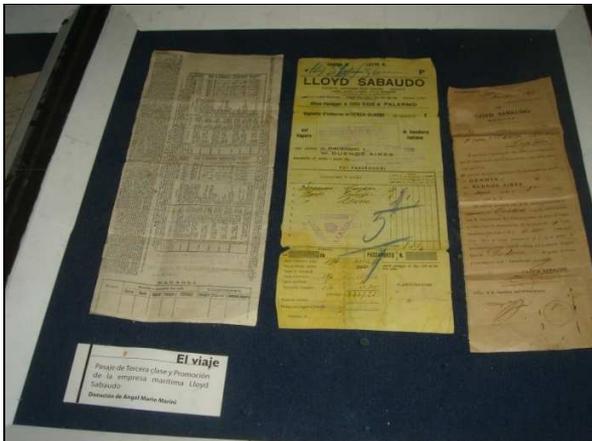


Imagem 18 e 19 – Espaço 4: vitrine “El viaje” (3ª) e vitrine “Los inmigrantes” (4ª)

Se a primeira vitrine parecia representar os pertences femininos, a segunda [“Ofícios”] já trazia a ideia de uma das principais atividades profissionais exercidas pelos imigrantes homens que desembarcaram no país. A terceira, igualmente, não saiu da temática expressa pelos primeiros três painéis ao tratar dos documentos necessários para a viagem até a Argentina, ao passo que a última vitrine também explorou ao máximo a temática “Los inmigrantes”, mostrando alguns pertences trazidos de seus países de origem. O Espaço 4, em resumo, parecia estar centrado num mesmo objetivo, que era o de “dar a ler” quem eram, de onde vinham, o que faziam, o que traziam os sujeitos que imigraram para a Argentina. Contudo, não podemos deixar de vislumbrar aqui também o papel da antiga *Dirección General de Inmigración* na recepção dos imigrantes, pois muitas das fotos exibidas neste Espaço retrataram a sua passagem pelo complexo

do antigo Hotel de Imigrantes. No mesmo sentido, a escolha pelo país de imigração sugeria que a Argentina era um país de grandes oportunidades, que esta era vista como a “tierra de promisión”, imagem idílica construída sobre a imigração, conforme assinalou Marquiegui (1995).

Havia ainda no Espaço 4, junto de uma das grandes fotografias (Imagem 14), um local reservado para consulta à base do CEMLA (Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos), instituição responsável pela digitalização dos dados retirados dos antigos livros de desembarque de imigrantes e que pertencem ao arquivo histórico da DNM. Atualmente, a base de dados disponibiliza informações sobre estrangeiros que chegaram à Argentina entre os anos de 1882 e 1950⁹⁸, mas no período de funcionamento da exposição aqui analisada a base disponibilizava dados referentes até as décadas de 1920-30. Como veremos no Capítulo 3, muitas das pessoas que visitavam o Museu procuravam a instituição com o intuito de conseguir informações sobre a chegada e origem de seus antepassados. Mediante o pagamento de \$3 pesos argentinos, entre os anos de 2001 e 2003⁹⁹, o CEMLA entregava um certificado onde constavam, entre outros dados, o porto de origem, barco, idade, profissão, religião, estado civil, etc.¹⁰⁰

Espaço 5: história do Complexo Hotel de Imigrantes

O Espaço que definimos como “5”, assim como o 4, estava composto por uma série de painéis com textos e fotografias, além de algumas vitrines com objetos e documentos. Todos os painéis expostos neste Espaço pareciam ter o objetivo de apresentar a história da imigração para a Argentina em sua passagem pelo Complexo Hotel de Imigrantes, sendo destacados os serviços oferecidos pelo mesmo. Já as vitrines com objetos e documentos talvez atendessem à lógica do Espaço anterior, por informarem sobre quem eram os imigrantes que adentravam ao país. Estas, no entanto, foram agrupadas no Espaço 5 pela sua localização e proximidade junto aos painéis.

⁹⁸ Consultado em <http://www.migraciones.gov.ar/accesible/?muestra>. Acesso em 24/01/2012.

⁹⁹ Conforme *Libro de Visita del Museo Nacional de la Inmigración*.

¹⁰⁰ Consultado em <http://www.migraciones.gov.ar/accesible/?muestra>. Acesso em 24/01/2012.

Os três primeiros painéis expostos no Espaço 5, assim, abordavam o tema da travessia realizada pelos imigrantes nos barcos. Sob o título “El viaje”, o painel apresentava um texto introdutório com informações sobre viagem cumprida pelos imigrantes, desde os portos europeus até a sua chegada na Argentina, em barcos a vapor, além de discorrer sobre as precárias condições de acomodação e de higiene enfrentadas pelos imigrantes, de acordo com as diferentes companhias que os conduziam. Apesar de o texto versar especialmente do tema da viagem, esta composição de painéis expunha fotografias dos barcos com imigrantes em sua chegada ao novo país, cujas legendas afirmavam se tratar do seu desembarque no porto de Buenos Aires.

A segunda composição de painéis estava marcada pelo mesmo tema exposto no *folder* de divulgação do museu. Esta recebera o título “Complejo de la Dirección General de Inmigración y Hotel de Inmigrantes “definitivo””, cujo texto narrava a história da construção do Complexo, iniciado pelo seu desembarcador naval e finalizado com o prédio do Hotel. Informava que este alojou, entre 1911 e 1920, cerca de 39% dos imigrantes que chegaram em seu porto, além de ter-lhes possibilitado o seu encaminhamento para o trabalho.

“El Hotel alojó entre 1911, año en que se inauguró, hasta el 1920 inclusive, el 39,76% de los pasajeros llegados a nuestro puerto, con un total de 479.126 inmigrantes, a los que se les dio alojamiento, se los registró, se les asesoró, se les capacitó para sus futuros empleos, y se les encontró trabajo, ya en sus propios oficios en las ciudades y en campo para las tareas agropecuarias”.

O restante desta composição de painéis apresentava fotografias relacionadas ao seu texto, mostrando imagens das dependências do Complexo, como o Hotel e seus jardins, o hospital e a “oficina de trabajo”. Podemos dizer que estes painéis apresentavam a história da imigração pelo viés do Complexo Hotel de Imigrantes e também assumiam relação direta com a composição de painéis seguinte, intitulada “Servicios y actividades en el Hotel”.



Imagem 20 – Espaço 5: painéis “Servicios y actividades en el Hotel”

Esta terceira composição trazia um texto informativo sobre os serviços que o Hotel oferecia aos imigrantes. Nele destacava-se o Hotel como o edifício mais importante do complexo, capaz de albergar 3000 imigrantes de cada vez. Do Hotel, o texto enfatizava a grandeza do salão de refeições e da sua cozinha, com panelas a vapor alemãs, de 250 e 500 litros, além da sua padaria, biblioteca, sala de refeições de empregados e dormitórios nos pisos superiores, com capacidade para 250 pessoas cada e água quente e fria nos chuveiros. O texto também discorria sobre o Hospital presente no complexo, identificado como modelo por seu avançado equipamento e pela qualidade de seus profissionais. Destacava ainda o serviço de colocação de trabalho para os imigrantes e o de instrução básica de alguns ofícios como o mais importante dos serviços oferecidos:

“El extranjero disponía de diversos elementos para familiarizarse con su nuevo hogar: salas de lectura, grandes mapas de la república y sus provincias, libros descriptivos de la riqueza nacional, exposición de máquinas agrícolas para su aprendizaje, charla e proyecciones en la sala de conferencias, curso de idiomas y clases de adiestramiento (sic) para el uso de máquinas aplicables a la economía doméstica”.

Como vemos, o texto descreve a importância que o Hotel deveria ter para os imigrantes que recém chegavam, elencando os seus atributos com o entusiasmo peculiar do período em que

o mesmo entrou em funcionamento. Seguem-se ao texto do painel fotografias elucidativas de mesmo teor, retratando um paciente no hospital, uma palestra explicativa sobre o uso das máquinas agrícolas e demais fotos das dependências do antigo complexo. As várias fotografias presentes nos painéis testemunham e confirmam os aspectos da história do antigo Hotel descritos nos textos, operando também como um texto. Conforme observou Kossoy (2001), a fotografia serve de testemunho a uma criação, mas devemos atentar para o fato de ela também ser capaz de criar um determinado testemunho. Dito de outro modo, a fotografia é um meio pelo qual visualizamos aspectos do passado, porém é necessário ter em mente que o assunto registrado “mostra apenas um fragmento da realidade” (KOSSOY, 2001, p. 107).

Parece ser com o mesmo intuito que o último conjunto de painéis exposto no Espaço 5 narrou os benefícios oferecidos pelo Hotel aos imigrantes. Neles podiam ser observadas fotografias dos imigrantes ingressando com suas bagagens no Hotel, realizando seus trâmites imigratórios nas dependências do complexo, bem como imagens de crianças com suas mães durante uma refeição no antigo *salón comedor*. O texto exposto no mesmo conjunto de painéis havia recebido o título “La vida en el Hotel”, no qual se enfatizava, mais uma vez, o funcionamento do mesmo, o horário em que os imigrantes eram despertados, o horário de suas refeições, além das funções dos homens e das mulheres durante a sua estadia no Hotel.

“Durante la mañana, las mujeres se dedicaban a los quehaceres domésticos, como el lavado de la ropa en los lavaderos, o el cuidado de los niños, mientras los hombres gestionaban su colocación en la oficina de trabajo. [...]. Cuando ellos llegaban al hotel, se les entregaba un número que les servía para entrar y salir libremente, y conocer de a poco la ciudad. El alojamiento, gratuito, era por cinco días, por “Reglamento”, pero generalmente se extendía por caso de enfermedad o de no haber conseguido un empleo”.



Imagem 21 – Espaço 5: painéis “La vida en el Hotel”

Considerando as composições de painéis apresentadas no Espaço 5, podemos inferir que o seu intuito principal era informar sobre a importância e grandiosidade dos serviços disponibilizados aos imigrantes no Complexo da antiga *Dirección General de Inmigración*. O próprio título da última composição de painéis, “La vida en el Hotel”, confirma que este Espaço foi elaborado com o objetivo de dar a ler a história do Hotel de Imigrantes, sem haver uma preocupação com a história geral ou ‘nacional’ do processo migratório para a Argentina. Tomadas em conjunto, entendemos que esta quantidade de painéis acabava por narrar a história da imigração pelo ponto de vista do Estado argentino, aquele que promoveu a entrada de estrangeiros no país e financiou diversas políticas migratórias. É, minimamente, um discurso oficial que foi assumido pelo(s) idealizador(es) da exposição museológica.

Além destes painéis, o Espaço que definimos como 5 continha ainda duas vitrines de objetos que pertenceram aos imigrantes, oriundas de prováveis doações: uma com uma peça de cerâmica, uma espécie de violão e um instrumento de trabalho; e outra com uma antiga máquina fotográfica junto de diversas fotografias de imigrantes. Uma terceira vitrine apresentava alguns documentos pessoais relacionados aos trâmites migratórios dos mesmos. Num primeiro olhar, estes objetos, fotografias e documentos aí expostos não pareciam estabelecer grandes relações com o tema comunicado pelo Espaço 5, que era a história do Complexo Hotel de Imigrantes.

Apesar de terem sido colocadas muito próximas dos painéis que analisamos, estas três últimas vitrines pareciam interagir com a temática “Los inmigrantes” identificada no Espaço 4, já que auxiliavam na tarefa de dar “cara” aos imigrantes, de mostrar um pouco quem eram, o que traziam e o que faziam as pessoas que decidiam viver na Argentina. Por outro lado, explorar os objetos e documentos trazidos pelos imigrantes e as atividades relacionadas com a sua chegada ao porto de Buenos Aires, é tratar também dos incentivos e das políticas migratórias promovidas pelo Estado argentino.



Imagem 22 e 23 – Espaço 5: vitrines com objetos e documentos

Espaço 6: sala da Direção de Imigração

O Espaço 6 tratava da reconstituição de uma sala ou gabinete de trabalho. Pela disposição dos móveis, podemos conjecturar que este Espaço ilustrava uma sala da Diretoria de Imigração (antiga *Dirección General de Inmigración*), localizada no complexo do Hotel de Imigrantes, durante a primeira metade do século XX. Além da mesa e do armário de escritório, três antigos mapas do território argentino compunham a reconstituição, bem como equipamentos necessários ao trabalho a ser realizado, como telefones e máquina de escrever. Outros objetos, como uma máquina de imprensa e um toca-discos portátil compunham a cena, sem que tivessem relação direta com o ambiente ali reconstituído. É possível que estes tenham sido colocados na cena para sugerir atividades de comunicação, impressão de material de divulgação da *Dirección General de*

Inmigración e, no caso do toca-discos, momentos de lazer. Mas é possível, igualmente, que estes objetos fossem doações e, na ausência de uma reserva técnica, os organizadores da exposição tenham considerado ser este o local mais adequado para tais objetos.



Imagem 24 – Espaço 6: reconstituição de sala da Direção de Imigração

Com relação aos mapas que integraram a reconstituição em tela, também podemos tecer algumas considerações. A primeira delas é sobre a função do mapa que, exposto em um gabinete da *Dirección General de Inmigración*, parecia desempenhar o papel de auxiliar na localização dos imigrantes que então chegavam. Os três mapas expostos, cuja coloração sépia denunciava a sua antiguidade, representavam o território argentino, mostrando, assim, as possíveis terras a serem ocupadas pelos colonos, seu novo lugar de trabalho. O mapa de um lugar onde nunca se esteve é, portanto, um guia e norte, outro dos serviços (ou orientação) prestados pelo governo aos estrangeiros que adentravam a Argentina.

Em nosso entendimento, a reconstituição deste gabinete de trabalho vem ao encontro do tema explorado pelos painéis do Espaço anterior, ao tratar de mais um serviço destinado ao atendimento dos imigrantes dentro do complexo do Hotel. Esta reconstituição, no entanto, nos parece ir além: mostra diretamente o trabalho realizado pela *Dirección General de Inmigración*, organismo do Estado responsável pela administração da imigração no país. Principalmente se tomarmos o Espaço “6” como a reconstituição do gabinete da antiga Diretoria de Imigração

veremos que este opera como símbolo do poder do Estado, lugar das decisões e das ordens tomadas em relação à entrada de imigrantes no país.

Espaço 7: passado-presente da imigração

O Espaço 7, por sua vez, não apresentava objetos expostos, mas somente cartazes, afixados na parede, de duas naturezas: cartazes (no idioma italiano) de propaganda distribuídos em cidades europeias durante as primeiras décadas do século XX, com informação sobre os dias de partida dos vapores para a América; e cópia do projeto arquitetônico “Museo Nacional de la Inmigración” para a restauração do edifício do ex-Hotel e reformulação do museu.



Imagem 25 e 26 – Espaço 7: cartazes de propaganda dos vapores com partida para a América



Imagem 27 – Espaço 7: novo projeto para o “Museo Nacional de la Inmigración”

Este Espaço, bastante eclético, nos permite verificar duas ações do governo: a primeira encaminha para o processo imigratório **no passado**, mostrando aspectos da propaganda oficial da Argentina veiculada nos países europeus; a segunda ressalta as ações do governo **no presente**, relacionadas com a restauração e preservação do antigo Hotel de Imigrantes, patrimônio da imigração no país. É notório que este lugar histórico já não tem mais a função que teve no passado, mas se configura em um novo espaço de representação da imigração ao ser transformado em Museu. O Espaço 6 é, assim, a mais clara relação passado-presente¹⁰¹ apresentada na exposição, pois vincula o passado nacional da imigração com o seu valor e importância no presente, razões que levaram à instituição do Museu.

Se os cartazes representam parte das políticas migratórias sustentadas pelo governo Argentino no final do século XIX e início do XX para atrair os imigrantes, o projeto do novo Museu confirma que, mesmo no presente, o governo permanece desenvolvendo ações relacionadas ao patrimônio da imigração. Logo, o projeto do novo museu recupera o sentido do complexo Hotel de Imigrantes, colocando a história à serviço da sociedade e do presente que a protagoniza (OLIVEIRA, 2002-2003). Para além do explícito destaque ao governo argentino –

¹⁰¹ Valendo-nos da ideia de Knauss (2000, p. 191), o Espaço 7, “instaurava simbolicamente a linearidade entre passado e presente, ordenando a memória nacional”.

que no passado construiu o Hotel e no presente pretendia restaurá-lo e reformular o Museu [que também instituiu] –, vale destacar o quanto este lugar simbólico da imigração no país seguiu despertando a atenção da sociedade, quer por sua capacidade de ensinar a história, quer por fazer lembrar o passado da imigração, cuja memória está presente em boa parte das famílias argentinas – como veremos no Capítulo seguinte. Tal qual ressaltou Hartog (2007), na nova configuração do tempo o patrimônio está vinculado à memória e à identidade; ele é a marca do passado no presente capaz de atestar a história de inúmeros grupos de imigrantes e de seus descendentes.

Espaço 8: serviços oferecidos pelo Complexo Hotel de Imigrantes

Finalmente, o Espaço que definimos como “8” expunha objetos organizados sob a forma de três ‘reconstituições de ambientes’ distintas umas das outras, mas que, em nossa interpretação, tinham o mesmo objetivo em comum: apresentar alguns dos serviços oferecidos pelo antigo complexo da *Dirección General de Inmigración*.

A primeira reconstituição era breve: se tratava de uma mesa com máquina de costura e, ao lado, um manequim. Sem nenhuma informação a respeito da composição, podemos, apenas, estabelecer conjecturas sobre o seu sentido. Podemos interpretá-la, por exemplo, como representação da profissão de muitas das imigrantes que chegavam ao país no início do século XX. Uma outra interpretação que nos ocorre – e que se relaciona com o sentido das outras duas reconstituições de ambientes presentes no Espaço 8 – é a de que esta representava um setor do antigo Complexo já mencionado nos painéis anteriores [Espaço 4]: as “clases de adiestramiento (sic) para el uso de máquinas aplicables a la economía doméstica”, neste caso, as aulas de costura oferecidas às mulheres durante a sua estadia no Hotel¹⁰².

¹⁰² Ao lado destes dois objetos, encontrava-se ainda uma máquina utilizada para fechar garrafas que, por não apresentar relação direta com os demais, indica, mais uma vez, a ausência e necessidade de uma reserva técnica no museu.



Imagem 28 – Espaço 8: reconstituição de ambiente com máquina de costura e manequim

A segunda ‘reconstituição de ambiente’ apresentava objetos que pertenceram ao Hospital do Complexo dependente da antiga *Dirección General de Inmigración*. De um lado podiam ser vistas camas de hospital e armários com frascos de medicamentos e outros objetos comuns à rotina médica. De outro, havia sido reconstituído o consultório oftalmológico do mesmo Hospital, com instrumentos condizentes a esta especialidade.



Imagem 29 e 30 – Espaço 8: reconstituição do antigo Hospital e consultório oftalmológico

A terceira e última ‘reconstituição de ambiente’ do Espaço 8 se tratava de uma representação dos antigos dormitórios do Hotel, então localizados nos três pisos superiores. Duas réplicas das camas em modelo beliche formavam a cena, informando sobre as acomodações construídas para albergar os imigrantes em sua estadia no Hotel. Em cada dormitório podiam ser

alojados até 250 pessoas, havendo dormitórios masculinos e outros destinados a mulheres e crianças.



Imagem 31 – Espaço 8: reconstituição de dormitórios

O Espaço 8 – assim como o Espaço 1 e o 6 –, fazia uso do modelo expositivo compreendido como ‘reconstituição de ambientes’. Estas são propostas, como já dissemos, que terminam por “congelar” os objetos em um de seus vários contextos, diminuindo as possibilidades de estranhamento do público com os artefatos ali expostos (MENESES, 2002), capaz de gerar conhecimento. Por oferecer um conjunto de informações “prontas” ao visitante, a reconstituição de ambientes tem a capacidade de produzir sínteses explicativas que, no caso do Espaço 8, reforçam um determinado discurso sobre a imigração, que também se relaciona com o já mencionado destaque ao papel do Estado argentino. Tanto a reconstituição do ambiente com manequim e máquina de costura, quanto a reconstituição das dependências do antigo Hospital ou ainda dos dormitórios do Hotel retratam os serviços oferecidos aos imigrantes pelo Complexo Hotel de Inmigrantes, então mantido pela antiga *Dirección General de Inmigración*.

O Espaço 8, assim, não apenas fecha a exposição que nos propusemos analisar, como complementa um de seus principais discursos, no qual a história da imigração para a Argentina é contada pelo viés do Estado nacional. É plausível que, por estar alojado no edifício histórico ex-Hotel de Imigrantes, toda a exposição tenha sido perpassada pela história e dinâmica do Hotel.

No entanto, ao apresentar os espaços do Hotel, o salão de refeições, os dormitórios, os ambientes destinados aos imigrantes, o museu também oferece “una grandiosa teatralización de la vida de los inmigrantes que se hace ritual a los ojos del visitante” (MAGNANI, 2006, p. 153).

2.1.1. Os discursos da exposição: inferências

De um modo geral, podemos identificar na exposição objetos, textos e imagens que, em conjunto, consubstanciam **dois discursos principais**: por um lado, narram a história do complexo ex-Hotel de Imigrantes, reforçando a história do próprio poder instituído; por outro, retratam [ou homenageiam] a história daqueles que imigraram para a Argentina e auxiliaram na construção deste país. É importante ressaltar aqui que a análise da exposição em oito Espaços diferentes foi uma escolha nossa. Sua interpretação, deste modo, também não pode ser assumida como neutra, ela é fruto das escolhas que realizamos.

É assim que em espaços como o “1”, “5”, “6” e “8” encontramos ‘reconstituições de ambientes’ ou painéis com textos e fotografias que dão conta do funcionamento do antigo Hotel e de suas demais dependências e serviços. Esta ênfase, por sua vez, acaba sinalizando para o papel do Estado argentino – representado pela antiga *Dirección General de Inmigración* –, pelas políticas migratórias que sustentou, haja vista este grande aparato de apoio construído para atender aqueles que decidiam viver no país. Na reprodução do salão de refeições encontramos a imagem do Estado fornecendo alimentação para os imigrantes; os painéis aportavam textos e imagens que insistiam em descrever os benefícios recebidos pelos imigrantes que se hospedavam no Hotel; na representação do antigo Hospital também verificamos uma preocupação por parte do governo em atender aos imigrantes em caso de doença – ou de isolar os imigrantes do contato com a população em caso de possíveis epidemias que chegassem com eles. O cuidado demonstrado com relação à alimentação dos imigrantes e ao equipamento médico apontam também para uma possível tendência do museu em destacar o progresso científico alcançado pelo país no período da inauguração do Hotel, celebrando a vocação de modernidade do país. Já o Espaço “7” que, a nosso ver, também se enquadra neste discurso, ressaltou as ações do governo

no presente ao colocar em evidência a criação do Museu e a restauração e preservação do antigo Hotel de Imigrantes.

Um aspecto a ser notado é que nem todos que imigraram para a Argentina passaram pelo Hotel de Imigrantes ou pelos demais albergues que existiram antes deste ser inaugurado. Como nos mostrou Devoto (2009), por mais que se tenha enfatizado na Argentina o papel das políticas do Estado para atrair imigrantes no período da grande imigração de massas, estas políticas ocupavam um lugar limitado ante a expansão econômica – pois era a economia que possibilitava o principal incentivo para emigrar à Argentina. Para o autor, ainda que fosse oferecido aos imigrantes um conjunto de serviços vinculados ao Hotel, é preciso lembrar que mais da metade dos recém chegados não se alojava nele, mas eram recebidos no porto ou se dirigiam imediatamente a casas de amigos e parentes. Era uma minoria a que utilizava das possibilidades da “oficina de colocaciones”, por exemplo, que funcionavam no mesmo Hotel de imigrantes e que dispunha de oferta de trabalho, sobretudo rural (DEVOTO, 2009, p. 251).

Conforme o autor, é correto pensar que alguns imigrantes haviam chegado sem contatos e outros, inclusive, ao destino equivocado, mas a maioria tinha laços sociais prévios no novo país. Devoto (2009) alerta para a necessidade de se diferenciar os grupos com uma longa tradição imigratória e aqueles expulsados subitamente da Europa, em função das guerras, por exemplo. Muitos destes últimos eram os que se utilizavam do serviço da “oficina de colocaciones” para conseguirem trabalho ou que eram recrutados em seus portões por mediadores. Os grupos mais antigos que procediam, por exemplo, da Itália, da França e da Espanha, eram os que menos requeriam de seus serviços. Tais aspectos lembrados por Devoto não parecem ter sido considerados no momento da organização do museu. Ao contrário, não é raro que ocorra uma certa confusão por parte dos visitantes da exposição, cuja comunicação pode dar a entender que foi uma maioria dos imigrantes que se utilizou do Hotel e de seus serviços – como veremos no capítulo 3.

Já nos espaços “2”, “3”, “4” e nas vitrines do “5” há o predomínio de histórias de vida, objetos pessoais ou textos e fotografias que, de um modo geral, têm o objetivo de homenagear aqueles que deixaram para trás o seu país de origem para fazerem suas vidas em um novo lugar.

Enquanto o Espaço “2” tratou somente da história de imigrantes que alcançaram uma vida bem sucedida na Argentina, contribuindo para o desenvolvimento do país, o Espaço “3” pareceu expressar uma certa valorização do papel do imigrante e da história da sua travessia (a partir dos pertences por eles trazidos), aspectos que também percebemos no Espaço “4” e nas vitrines do “5”, onde houve uma preocupação em mostrar quem eram os sujeitos que imigravam para a Argentina. Neste Espaço, verificamos ainda uma certa heroicização dos imigrantes, haja vista a ideia de que foram eles que “fundaram a Argentina moderna”, razão pela qual mereceram ser alvo de homenagens.

Pelo teor das fotografias e dos objetos expostos, verificamos nestes Espaços uma tendência em representar o dia-a-dia dos imigrantes no novo país, seja no Hotel ou em suas atividades profissionais [Espaço “4”], por exemplo. Discorrendo sobre as exposições históricas, Meneses (1994) ressalta que muitos museus se vangloriam de introduzirem temas democráticos, como povo e cotidiano, porém apresentados como se tivessem existido sem conflito ou tensão na vida real. E de fato, se olharmos por este viés, encontraremos no *Museo de la Inmigración* não apenas uma vida no novo país construída sem conflito, mas todo um processo imigratório – desde a documentação da viagem até a conquista da profissão de carpinteiro em Buenos Aires [conforme ilustrou a segunda vitrine do Espaço “4”] – muito dado e facilitado, especialmente pelo país receptor, então mostrado como próspero e em desenvolvimento. Na concepção de museu do autor, mesmo que os objetos não possam representar “processos” e a dinâmica social, eles podem ser exibidos como vetores desses fenômenos (MENESES, 1994, p. 39).

Neste sentido, verificamos também que a exposição não explica as razões que levaram os imigrantes a deixarem os seus países de origem. A ausência de elementos expositivos sobre esta parte do processo imigratório, somada ao discurso de destaque ao papel do Estado na promoção da imigração, sugere, em nosso ver, que as políticas sustentadas pelo Estado nacional argentino foram as principais razões da imigração. Conforme observamos, as políticas migratórias promovidas pelo Estado como o alojamento gratuito no Hotel de Imigrantes e as possibilidades oferecidas pela “Oficina de Colocaciones” no mesmo Hotel não parecem ser instrumentos que incentivassem a imigração, uma vez que a maioria dos imigrantes não se utilizou destes serviços. Conforme Devoto (2009), as políticas públicas que mais influenciaram a imigração se davam

especialmente através da propaganda e de passagens subsidiadas (DEVOTO, 2009, p.79-80). Porém fica claro, para o autor, que todo o processo imigratório coincidiu e foi estimulado principalmente por uma notável expansão da economia argentina, haja vista a ampliação da fronteira agropecuária, por exemplo, e o crescimento da rede ferroviária (DEVOTO, 2009, p. 247-251). Assim, até mesmo nos Espaços “2”, “3” e “4”, em que predomina uma história dos imigrantes, é possível vislumbrar a imagem e o papel do Estado argentino na promoção da imigração. Tanto os mapas nos espaços “2” e “4” quanto algumas de suas fotografias sugerem que este era um país de grandes oportunidades para os imigrantes. Em outras palavras, são elementos da exposição pelos quais “a imagem de uma sociedade harmônica é projetada” (KNAUSS, 2000, p. 190-191).

Queremos destacar, também, que esse projeto de valorização do papel da imigração na formação do país idealizado no museu, em especial desse imigrante heróico oriundo da Europa, pode ser relacionado com o recente rechaço aos chamados “novos imigrantes” por diferentes setores da sociedade argentina. Conforme Jelin (2006), durante a década de 1990 ocorreram manifestações explícitas de preconceitos raciais e de rechaço aos “novos imigrantes” por parte de funcionários do Estado e de agentes sociais diversos. Os meios de comunicação também atuaram nesta direção, havendo várias ocasiões específicas em que as visões xenófobas se expressaram com toda a sua força. Em meio a uma conjuntura de profunda crise econômica e política, os imigrantes de países limítrofes foram considerados os responsáveis pelos males da Argentina: eram especialmente os causadores do desemprego, mas também de doenças como a cólera e de uma extensa “onda de delitos” pelo país¹⁰³ (JELIN, 2006, p. 59-60).

¹⁰³ Para Jelin (2006), a transição política após a ditadura apresentou desafios muito significativos em termos da construção institucional e da relação entre Estado e sociedade. O cenário e os atores na esfera pública se configuraram de forma nova, tomando o movimento dos direitos humanos como emblema, entre outros movimentos sociais diversos, que encontravam maneiras de expressar suas demandas para as distintas instâncias do Estado, enquanto, simultaneamente trabalhavam sobre o reconhecimento de identidades diferenciadas. Sob esta perspectiva, a situação dos migrantes começou lentamente a ser interpretada (2006, p. 58). Apesar da situação de crise econômica, a Argentina continuou sendo um pólo de atração no Cone Sul, assim como um destino para grupos de imigrantes asiáticos, especialmente coreano e chinês (2006, p. 48). Segundo a autora, é importante assinalar que a imigração “limítrofe” foi definida (por atores estatais, pelos meios de comunicação de massas, por atores econômicos e sociais como empresários e sindicatos) como um problema social justamente em um período no qual não houve um incremento substancial dos fluxos migratórios. Durante a década de 1990 se experimentou uma baixa na imigração de algumas origens limítrofes e o predomínio da migração de retorno em outras. A única exceção é o aumento significativo da imigração procedente do Peru. A crise que culminou com os acontecimentos de 2001 e a posterior

Parece ser paralelo a esta forma de percepção da imigração limítrofe ou dos “novos imigrantes”, que uma de nossas entrevistadas afirmou existir um certo imaginário em seu país de que esta imigração seria “diferente”, em comparação com a grande imigração ultramarina de massas do final do século XIX e início do XX. Para Rodríguez, a questão da imigração é sempre vista pelo viés de um passado nostálgico e mítico, onde todos prosperaram. Assim, a imigração ultramarina (europeia) seria hoje percebida pela sociedade argentina como “melhor” que a imigração latino-americana atual. Sobre este aspecto, Candau (2008, p. 15) observa que no contexto patrimonial contemporâneo, o ardor memorialista pode rechaçar a representação feita da identidade atual para projetar no passado a imagem da identidade que se gostaria de ter. Logo, em uma Argentina plural, marcada por diversas (i)migrações, entre elas, a limítrofe mais contemporânea, a imagem da identidade que se prefere ter pode ser ainda aquela do passado mítico, marcada predominantemente pela imigração europeia.

Como vimos na descrição e análise da exposição, o *Museo Nacional de la Inmigración* privilegiou quase exclusivamente a presença da imigração ultramarina europeia, desconsiderando aquelas migrações que chegaram por terra, por exemplo. Não encontramos no museu a presença das migrações internas, tampouco da imigração limítrofe, proveniente de países como Paraguai, Bolívia, Uruguai, Brasil, Peru, Chile, entre outros. Assim, não podemos deixar de notar que, para os organizadores do museu, a principal imigração merecedora de ser memorada como a formadora da nação argentina é aquela de origem europeia. Conforme alertou Zavala (1996), o espaço museográfico, enquanto espaço de simulacro ou representação, pode ser convertido em lugar com maior riqueza cultural e maior papel educativo se for capaz de integrar em um mesmo discurso elementos dos mais diversos meios e oferecer diversas interpretações da realidade, esta sim, característica de uma proposta democrática e pluralista (1998, p. 14, tradução nossa).

Em balanço sobre os estudos migratórios, Devoto e Otero chegaram a evidenciar as limitações do campo, principalmente por este haver permanecido confinado ao âmbito da imigração europeia e não ter abordado outras dimensões de pluralismo cultural na Argentina, como as vinculadas com as migrações internas e limítrofes. Nestes estudos, “todo ocurrió como si

desvalorização da moeda produziu uma tendência para a migração de retorno aos países de origem, com indícios de um novo retorno à Argentina nos anos seguintes (2006, p. 60).

el pluralismo cultural (vale decir, el análisis de grupos con capitales culturales específicos y diferenciados que perduran en el tiempo) fuera producto exclusivo de los inmigrantes europeos y no ocurriera lo mismo con los inmigrantes internos y limítrofes, a pesar de las notables diferencias regionales existentes en el país” (2003, p. 209). Tais assertivas denotam, portanto, que os imigrantes oriundos dos países limítrofes não foram excluídos somente da exposição do museu, havendo também por longo período uma carência de pesquisas sobre estes grupos no meio acadêmico.

A partir da soma dos Espaços “1”, “5”, “6”, “7” e “8”, e ainda por uma parte dos Espaços “2” e “4”, podemos inferir que o *Museo Nacional de la Inmigración* constrói uma história sobre a imigração na Argentina que se relaciona especialmente com os feitos do Estado nacional. Sob esta perspectiva, tanto os objetos, fotografias e painéis da exposição quanto o prédio em que o museu está instalado parecem exercer a função de re(a)presentar não as histórias e/ou memórias individuais de imigrantes, mas uma memória comum entre os diferentes grupos, que é a da experiência da chegada no antigo Hotel de Imigrantes. Como sabemos, a inclusão dos objetos no acervo de um museu, não é aleatória, mas intencional, dele fazendo parte vontades, desejos e interesses de indivíduos, grupos ou instituições da sociedade (POSSAMAI, 2001). Lembramos que esta ênfase dada à exposição não foi algo elaborado aleatoriamente pelos seus organizadores, mas embasada nos objetivos do Museu declarados junto a Resolução de 1997. Como vimos no capítulo anterior, constava neste documento a orientação para que o novo Museu destacasse ‘os princípios que fundamentaram a política de portas abertas sustentada pelo Estado’¹⁰⁴, marcando aí um dos interesses da DNM/Ministério do Interior com a criação da instituição museológica.

Imprescindível ressaltar, por outra parte, que os dois discursos principais identificados na exposição terminam por corroborar o mito do “crisol de raças” na Argentina. Pois, tanto os espaços que destacavam o papel do Estado na promoção da imigração, quanto aqueles que homenageavam os imigrantes por seu auxílio na construção do país, reproduzem uma percepção mais tradicional do processo migratório, na qual os imigrantes teriam vindo cumprir o papel de agentes da modernização da estrutura social do país que os mentores da organização nacional e,

¹⁰⁴ Conforme MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 2132/1997.

mesmo Germani na década de 60, lhes haviam atribuído (MARQUIEGUI, 1995). Conforme assinalamos no primeiro capítulo, o modelo defendido pelo estudioso italiano compreendia o imigrante europeu como o principal agente da modernização argentina, mas levava a inferir também que os imigrantes só alcançaram êxito graças à sua integração com a nova sociedade – à sua “fusão”, no dizer de Germani (DEVOTO, 1993). Isto quer dizer, por sua vez, que no modelo do “crisol de raças” o Estado Nacional argentino também assumiu um papel fundamental no processo de imigração para o país, pelas várias políticas migratórias que sustentou.

Segundo Devoto e Otero (2003), entre os historiadores defensores da ideia do crisol de raças predominava uma certa imagem da Argentina que foi a da tradição progressista, com sua ênfase no cidadão, no rol dos espaços do Estado, como o educativo, niveladores e homogeneizadores (vistos como um bem ou uma virtude) e que no plano teórico e sociológico expressava a chamada sociologia da modernização. Se para os autores fica claro que esta imagem tinha raízes muito fortes e que vinham desde muito antes dos anos 1960, coincidindo, até certo ponto, “con el sentido común de la opinión ilustrada argentina y con la imagen bastante complaciente que ella (como cualquier otra sociedad) elaboró de si misma” (2003, p. 192), não nos deve causar estranhamento que esta mesma imagem sobre o passado da imigração tenha sido reapropriada na elaboração da exposição do museu.

Deste modo, ainda que a renovação dos estudos migratórios tenha trazido uma série de novos elementos através dos quais os adeptos do pluralismo cultural confrontaram a tese do “crisol de raças” na Argentina, é provável que esta ainda se mantenha fortemente presente no imaginário argentino. Marquiegui chama atenção para a necessidade de se estabelecer o modo em que todo o novo conhecimento produzido pode ser reintroduzido no discurso da “gran historia nacional” (1999, p. 46). Em outras palavras, podemos compreender a ideia do “crisol de raças” como uma espécie de mito que se perdurou durante todo o século XX na Argentina, capaz de ser re-atualizado diversas vezes, sempre que fosse necessário “resgatar” a imagem da Argentina em seu momento de maior crescimento, moderna e próspera, como nos parece ter ocorrido na elaboração do *Museo Nacional de la Inmigración*. Assim, no dizer de Marquiegui, o “crisol de raças” ou a “Argentina enquanto terra promissora” seriam metáforas que sobreviveram ao otimismo desmedido que se manifestou durante as celebrações do Centenário da Independência

da Argentina, mas cuja vigência se prolongou por muitos anos, dando a impressão de que recém tivesse acontecido (1999, p. 39).

Cumpramos observarmos que o museu fez amplo uso de textos, painéis fotográficos e reconstituição de ambientes, recursos que, na opinião de Meneses (1994), revelam uma incapacidade de explorar o objeto museológico. Segundo o autor, muitos museus preferem os suportes verbais para formular e comunicar os conceitos da exposição, mas, ainda que seja permitido fazer uso de elementos de outra natureza que não a material, “é necessário que a linguagem visual e espacial sejam *prioritárias*” (MENESES, 2002, p. 36, grifo do autor). O Espaço “5”, como vimos, se utilizou mais de painéis com textos e imagens do que de objetos para comunicar o discurso que queria transmitir. Em todo o caso, é fundamental o cuidado que os profissionais de museu devem ter durante a confecção dos textos expostos, já que depende deles grande parte da compreensão da mensagem apresentada pela instituição (FERNÁNDEZ, 2001). Do mesmo modo, nos Espaços “1”, “6” e “8” se preferiu fazer uso do recurso da reconstituição de ambientes no lugar de explorar o potencial informativo de cada objeto museológico. Meneses (2002) compreende que esse modelo é comum nas sociedades de massa e a serviço da indústria cultural, no entanto alerta para a necessidade de que o museu seja muito mais um “espaço de questionamento e de indagações do que de respostas” (2002, p. 39); de que ele possibilite reflexões no lugar de apresentar ideias prontas, como é o caso das reconstituições de ambientes.

Outro recurso utilizado à exaustão pelo museu foram as reproduções fotográficas, muitas delas de proporções gigantescas, capazes de cristalizar uma imagem positiva da antiga *Dirección General de Inmigración*, atual DNM. E isto porque o teor de grande parte das imagens (especialmente nos Espaços “1”, “4” e “5”) se relacionava com a história do Hotel de Imigrantes e com os serviços oferecidos pelo mesmo complexo. Pelo seu conteúdo, podemos conjecturar que estas imagens, fotografadas à época da inauguração do Hotel, foram produzidas com o fito de servirem como propaganda do governo (BURKE, 2004, p. 24). Conforme Kossoy (2001), desde cedo os governos e grandes empresas comerciais requereram a presença do fotógrafo para que documentasse os seus feitos, condição na qual parecem ter sido produzidas as fotografias expostas no museu. Assim como os objetos, entendemos que a seleção das imagens utilizadas na exposição também estava a serviço do discurso histórico a ser veiculado pelo museu. Mesmo que

as fotografias sejam um meio para visualizarmos aspectos do passado, elas também testemunham a história da imigração de um único ângulo, aquele mais conveniente para a instituição.

Parece não restar dúvida, assim, que a proposta do Museu foi a de ‘dar a ler’ uma imagem vitoriosa da imigração, construída quer pelo trabalho imigrante, quer pelas ações do Estado argentino na virada do século XIX para o XX. Além de conceder importância às ações do Estado para com a imigração naquele período, o Espaço “7” mostrou como a criação de um Museu ‘atualiza’ as obras do governo no presente, garantindo visibilidade ao Ministério do Interior/DNM: organismo que instituiu o Museu, conservou seu patrimônio e, no passado, subsidiou a imigração. Tal qual notou Magnani, “rememorar los dorados años de la afluencia de inmigrantes significa proyectar hacia el futuro una promesa de bienestar como una meta nuevamente alcanzable, como un amuleto que proteja la compleja situación presente” (MAGNANI, 2006, p. 153).

2.2. Disputas pela memória da imigração: “memórias fortes” X “memórias débeis”

Na análise dos diferentes espaços da exposição, verificamos que a equipe do *Museo Nacional de la Inmigración* selecionou determinados aspectos da história da imigração na Argentina para apresentar ao público. Nesse processo, uma visão heróica da imigração para o país foi privilegiada, assim como se celebrou o papel do Estado nacional por suas políticas destinadas à recepção dos imigrantes e por sua capacidade de integrá-los à nova sociedade. Podemos dizer, portanto, que uma determinada memória do processo migratório foi privilegiada em detrimento de outras.

Como bem sabemos, a ideia de que as experiências passadas possam ser memorizadas e conservadas em toda sua integridade é já insustentável. A memória é menos a restituição fiel do passado que uma reconstrução continuamente atualizada do mesmo (CANDAU, 2008, p. 09, tradução nossa), razão pela qual se sinaliza para o seu caráter de seletividade. É neste sentido que o conceito de “memórias fortes” sugerido por Candau (2008) nos parece adequado para a compreensão das escolhas feitas pelos organizadores do museu. Tal qual assinalamos, o modelo

do “crisol de raças” parece possuir raízes bastante profundas no imaginário argentino. Ainda no século XIX, o Estado fez uso da opinião de intelectuais como Alberdi, para quem a melhor maneira de se alcançar o progresso e desenvolvimento da Argentina seria através do ingresso de trabalhadores europeus no país, porém não sem a intervenção do governo neste processo, que deveria integrá-los em meio a nova sociedade¹⁰⁵. Muito embora o início do século XX tenha sido marcado por fortes questionamentos de ordem nacionalista entre a sociedade, em virtude do crescimento dos grupos sociais derivados da imigração em massa para a Argentina¹⁰⁶, nos anos 1960 o modelo do “crisol” foi reempregado por Germani (mesmo que com algumas adaptações), fazendo imperar novamente uma percepção otimista da imigração no país.

Cabe-nos, assim, observar que a memória da imigração apresentada pelo museu pode ser considerada como uma “memória forte” devido ao seu caráter massivo, coerente e profundo que se impõe a grande maioria dos membros de um grupo (CANDAUI, 2008, p. 40, tradução nossa). A imagem heróica da imigração apresentada pelo museu, bem como a percepção do processo como uma “argentinização” dos imigrantes pelo país receptor (DEVOTO, 2009, p. 320), formando uma sociedade integrada, não são construções do passado recentemente elaboradas

¹⁰⁵ A preocupação com a integração dos imigrantes passava também pela educação pública e pela sua nacionalização. A partir dos anos oitenta não apenas Sarmiento, mas também muitos outros membros da elite passaram a sugerir uma política migratória seletiva, educação pública e a nacionalização política dos imigrantes (DEVOTO, 2009). Havia uma questão nacional no interesse de oferecer a escola pública e uma pedagogia cívica para os filhos de imigrantes, no interesse de resolver os problemas de identidade nacional que estes podiam representar. Com a Lei 1420 de 1884 se criou a educação universal laica e obrigatória, porém, segundo Devoto (2009), as apreensões geradas pela presença massiva de imigrantes europeus não se tratavam unicamente do problema da identidade nacional, mas também de uma outra ameaça percebida pelas elites sociais que era acerca de sua mesma sobrevivência como elite, imaginariamente assediada pela ascensão social de alguns entre os estrangeiros recém chegados (DEVOTO, 2009, p. 258). No início do século XX, aumentavam-se as campanhas contra as escolas das coletividades estrangeiras, então vistas como um sério obstáculo para a integração.

¹⁰⁶ Barbero e Devoto (1983), ao investigarem a origem do nacionalismo na Argentina contemporânea, o compreendem tanto como um reflexo das correntes ideológicas e políticas europeias que aqui se adaptaram conforme as condições internas, como por uma resposta às problemáticas locais. Segundo os autores, as causas internas que geraram um movimento nacionalista na Argentina surgiram de três fatores principais: o conflito social crescente e os temores gerados em um segmento da classe dirigente; uma resposta a perda progressiva de poder político do grupo dirigente devido aos novos grupos sociais em ascensão; e/ou como uma reação ao aumento da cosmopolitização e desagregação cultural da Argentina como consequência do grande impacto imigratório. Ricardo Rojas, um dos expoentes da literatura nacionalista na Argentina influenciada pelo modernismo, defendia a urgência de se imprimir na educação um caráter nacionalista por meio da história. O autor denunciava a dependência econômica e cultural da Argentina com os países e indicava que a fórmula seria um amálgama entre as culturas européia e argentina indígena-criola, síntese capaz de ser alcançada através da educação nacionalista.

pelos organizadores do museu, mas ideias que se impõem como verdadeiras – por isso, “fortes” – em virtude de sua longa trajetória no discurso da história nacional.

Outros temas da história da imigração que não apareceram no Museu, por sua vez, poderiam ser compreendidos como as “memórias débeis”, isto é, memórias sem contornos bem definidos, na maioria das vezes compartilhada por um conjunto menor de indivíduos, mas com forte inclinação desorganizadora, podendo contribuir para a desestruturação de um grupo (CANDAU, 2008, p. 40). Boa parte das memórias ou interpretações do passado da imigração que se apresentam como dissonantes desta “memória forte” vinculada ao modelo do “crisol de raças”, como é o caso da imigração oriunda dos países limítrofes, por exemplo, teriam esta função desorganizadora de que fala Candau (2008), podendo desconstruir a ideia de que os argentinos são, sobretudo, descendentes de europeus.

Conforme Jelín e Grimson (2006), quando pela década de 1930 se encerrou o grande ciclo migratório, começou a ser cada vez mais relevante a migração desde as províncias para as grandes cidades, especialmente Buenos Aires – aspecto não contemplado pela exposição do museu. Como já destacamos, durante a década de 1990, a migração se definiu como “problema social”, na medida em que os “novos imigrantes” eram acusados pelo governo de serem delinquentes e causadores da desocupação. Nesse processo histórico, a migração deixou de ser vista como um meio para o desenvolvimento social e econômico (com políticas públicas para promovê-la) e passou a estar relacionada com o controle de fronteiras internacionais, em vinculação com questões de soberania (JELÍN; GRIMSON, 2006, p. 9, tradução nossa). Ceva (2006) alertou para o fato de que a imigração limítrofe sempre esteve presente na Argentina, porém em menor quantidade que a europeia se considerarmos o período de 1880 a 1914. No entanto, em 1865 os imigrantes limítrofes representavam 20% da totalidade dos estrangeiros, ao passo que de 1914 a 1947 chegaram a 12, 9%. O ponto de inflexão, em relação à população europeia, se produziu em 1970 quando representaram 24, 1% do total de estrangeiros no país, tendência mais aguda dos últimos 30 anos (CEVA, 2006, p. 20, tradução nossa).

Entre outros exemplos de memórias débeis, destacamos os próprios estudos renovados sobre a imigração que abordamos no primeiro capítulo, cujos resultados relativizaram o modelo

de sociedade homogênea e integrada defendido pela historiografia tradicional. A escassa mobilidade social ascendente, a instabilidade de trabalho dos imigrantes no país, o seu isolamento cultural e linguístico, o seu baixo nível educativo e os elevados índices de retorno constatados nas grandes cidades (MARQUIEGUI, 1995; DEVOTO, 1992) poderiam desestruturar a imagem vitoriosa da imigração e do Estado argentino que foi narrada pelo Museu. Sob a perspectiva do que seria um museu democrático, sabemos que são muitos os aspectos da história da imigração para a Argentina que deixaram de ser representados pelo *Museo Nacional de la Inmigración*. Conforme Zavala (1996), uma proposta democrática das iniciativas culturais no museu deveria contemplar estratégias como a de oferecer distintas interpretações de cada processo ou produto cultural, uma vez que todo o processo é valorado de diferentes maneiras, dependendo da perspectiva de quem elabora uma determinada interpretação (1998, p. 10, tradução nossa). No entanto, assim como é difícil fazer acreditar em um único estrato (MENESES, 1994, p. 30) da história, nos parece muito complexo abarcar aspectos tão diversos de problemas em uma exposição.

Consideramos, contudo, que a utilização do conceito de “memória forte” nos auxilia a compreender as escolhas feitas pelos organizadores do museu na hora da elaboração da exposição. Eles não apenas mostram que para estes agentes a imigração merecedora de ser lembrada como a formadora da nação argentina é aquela de origem europeia, que foi financiada pelo governo e entrou pelo Hotel, como nos ajudam a perceber que estas não são construções recentes, mas ideias por muito tempo legitimadas no discurso da história nacional. Conforme observou Canclini (2008, p. 188), sobre a possibilidade de se “afirmar a identidade nacional, dentro ou fora dos museus, sem reduzir as peculiaridades étnicas e regionais a um denominador comum construído”, tudo depende de quem é o sujeito que seleciona e combina os patrimônios de diversos grupos para construir o museu. Ainda que nos museus nacionais o repertório seja quase sempre decidido pela convergência da política do Estado e do saber dos cientistas sociais (CANCLINI, 2008), no caso do *Museo Nacional de la Inmigración* houve também um sujeito em especial, responsável pela direção da instituição: Jorge Ochoa de Eguileor.

Como mencionamos, na execução do *Programa Complejo Museo del Inmigrante*, a DNM procedeu à contratação de profissionais de ‘reconhecido domínio sobre o tema’, sendo o

professor Jorge Ochoa de Eguileor e a arquiteta Graciela Seró Mantero designados como os seus coordenadores¹⁰⁷. No entanto, e de acordo com a entrevista de Rodríguez, Ochoa de Eguileor parece ter conduzido a administração do museu quase hegemonicamente, predominando, assim, a sua vontade no momento da montagem da exposição. Historiador e sociólogo, tendo atuado como professor da *Universidad del Salvador* e da *Universidad de Buenos Aires*¹⁰⁸ – além de distinguido com o título de Cidadão Ilustre da Cidade de Buenos Aires¹⁰⁹ –, Ochoa se manteve à frente da coordenação do *Museo de la Inmigración* de 2001 até pouco antes de seu falecimento, em 2006¹¹⁰.

Conforme as entrevistas concedidas por Rodríguez e Mármora¹¹¹, Ochoa foi um antigo funcionário do governo peronista¹¹² – do primeiro peronismo –, que sempre esteve próximo dos projetos de criação de um museu no edifício do ex-Hotel de Imigrantes, inclusive de um projeto que tramitou durante o processo militar. Rodríguez destaca não saber se foi Ochoa que, já neste período, sugeriu a criação deste museu, mas que, para ela, seria algo provável, uma vez que “el se

¹⁰⁷ Conforme DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES. República Argentina. Disposição DNM N° 012399, de 28 de dezembro de 2000. Cabia aos diretores preparar e elevar para aprovação do Diretor Nacional de Migrações, uma programação geral de atividades, o organograma funcional, os requerimentos de pessoal e as necessidades para cumprir os objetivos em conformidade com as previsões da Disposição DNM n. 12.185/00.

¹⁰⁸ Informação coletada em EGUILEOR; VALDÉS, 2000.

¹⁰⁹ ÉRAMOS tan ricos. *3 Puntos*, Buenos Aires, año 6, número 283, 28 de noviembre de 2002.

¹¹⁰ Antes de estar na direção do museu, Ochoa também trabalhou no *Instituto Histórico de la Manzana de las Luces*, da cidade de Buenos Aires.

¹¹¹ Lélío Mármora é atualmente coordenador do curso de mestrado em *Políticas de Migraciones Internacionales* da Universidad de Buenos Aires, além de membro dos "Advisory Editors" da revista *International Migration Review*; dos Comitês Científicos dos *Scalabrini International Migration Institute* (SIMI) e da revista *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, participando também da *Asociación de amigos del Museo de la Inmigración*. Ainda no início dos anos 1970, Mármora foi Diretor Nacional de Migrações na Argentina, e, nos anos 1980-90, atuou no processo que levou à declaração de Monumento Histórico Nacional ao ex-Hotel de Imigrantes. Por sua atuação nas questões concernentes à DNM e ao Museu, contatamos Mármora em 2010, que, gentilmente, nos concedeu a entrevista ora utilizada. A entrevista pode ser conferida na íntegra em nossos anexos.

¹¹² Resumidamente, o campo político argentino pode ser caracterizado pelo lugar central que ocupa o Partido Justicialista [peronista] que, desde suas origens, funciona como um indutor das oposições e distinções entre os atores políticos e seus discursos; daí resultando a clivagem peronismo e anti-peronismo que podemos perceber na fala de uma de nossas entrevistadas [Anexo 2]. O campo político argentino também é caracterizado por um sistema bipartidário, conformado pelo PJ e pela UCR. Implantados em todas as províncias argentinas, peronistas e radicais desenvolveram um aparelho de massas concentrando 73% dos eleitores afiliados a um partido político em 2008, ou seja, em torno de 3,8 milhões de aderentes para o PJ e 2,4 milhões para a UCR. No plano eleitoral, até meados dos anos 90 esses dois partidos monopolizavam mais de 65% dos sufrágios expressos em eleições nacionais e, no nível provincial, até 2007 esses partidos controlavam no mínimo 75% dos governos executivos provinciais. Para maiores detalhes sobre o tema, consultar Nique Franz (2011).

percibía a si mismo como el dueño del tema” da imigração na Argentina¹¹³. Segundo entrevista realizada com Lélío Mármora, o coordenador do museu era já um senhor de idade – morreu com quase noventa anos –, que sempre havia se preocupado com a necessidade de criação do museu no prédio do ex-Hotel de Imigrantes.

Em reportagem publicada na revista *3 Puntos*, sobre a abertura do museu ao público, encontramos um relato de Ochoa afirmando haver brincado com um amigo nos jardins do Hotel durante sua infância, enquanto escutava a muitos outros meninos falando línguas incompreensíveis¹¹⁴. Embora esta afirmação soe aos nossos ouvidos de maneira um tanto romântica, é interessante observar como o então coordenador do *Museo Nacional de la Inmigración* buscava em suas memórias uma relação pessoal com o Monumento Histórico em tela, em cujo local ele defendia a necessidade de criação de um museu. Tal qual assinalou Pollack (1992, p. 5), “a memória e a identidade podem ser perfeitamente negociadas” e, neste momento, talvez fosse oportuno a Ochoa estabelecer uma relação pessoal sua com o bem patrimonial que acabara de se transformar em museu, fato que contribuiria para lhe assegurar o pleno direito de discorrer sobre o tema da imigração e de exercer a função de diretor da instituição. Além disso, o relato de Ochoa sobre a sua experiência no jardim do Hotel enquanto criança, ocorrido quase oitenta anos antes, opera também como um atestado da historicidade do local e confere ao edifício um importante papel: o de ter recebido milhares de imigrantes que chegavam ao país, oriundos de diferentes países e culturas. Em outra publicação que divulgava a abertura do museu, Ochoa assinalava que

“recuperar este edificio es recuperar la historia argentina. Casi no hay persona en el país cuyos cuatro abuelos sean argentinos. En principio, el museo funcionará en la planta baja, pero la idea es reciclar todo el edificio sin alterar su aspecto original. Mientras, habrá exposiciones sobre la historia de la inmigración, los inmigrantes en el interior y trajes de colectividades, entre otros temas”¹¹⁵.

¹¹³ Em entrevista concedida por María Inés Rodríguez. Mármora, por sua vez, confere ao ex-presidente Juan Domingo Perón (início da década de 1970, portanto) a ideia da criação de um museu no complexo do antigo Hotel de Imigrantes.

¹¹⁴ ÉRAMOS tan ricos. *3 Puntos*, Buenos Aires, año 6, número 283, 28 de noviembre de 2002.

¹¹⁵ La historia de casi cuatro millones de inmigrantes en un banco de datos. *El Clarín*, Buenos Aires, 11 jun. de 2001.

Nesta declaração fica evidente o quanto Ochoa considerava imprescindível a preservação e restauração do antigo Hotel de Imigrantes como forma de valorização da história da imigração no país. Mais do que isso, o trecho acima evidencia que a proposta de Ochoa era a de instituir um museu que mantivesse o aspecto original do Hotel, logo, o museu também versaria sobre a própria história do ex-Hotel de Imigrantes. Segundo Alicia Bernasconi, a mostra organizada no museu foi montada por Jorge Ochoa de Eguileor a partir de um critério particular seu, que “era de hacer un museo del Hotel de Inmigrantes, por lo tanto, al restringirlo de esta manera, entonces, incluía sola la inmigración ultramarina”¹¹⁶. É assim que parte da exposição do museu passou a refletir os usos e o funcionamento original do Hotel, narrando a história da imigração no país do ponto de vista do Estado argentino e retratando, sobretudo, a imigração oriunda da Europa – conforme já enfatizamos na análise da exposição.

Não podemos, no entanto, deixar recair somente sobre Ochoa a responsabilidade integral pela realização da exposição sobre a história do antigo Hotel de Imigrantes. Muito antes de assumir a coordenação da instituição – quando esta fora organizada, a partir de 1992, em uma das dependências administrativas da DNM sob o nome de *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración* –, o museu dependente da DNM já havia exposto ao público mostras que tinham o objetivo de contar a história dos antigos hotéis de imigrantes que haviam existido na Argentina desde o século XIX (Capítulo 1). Quando a exposição CASA FOA 2000 ocorreu na sede do ex-Hotel, igualmente se apresentou uma mostra com a mesma temática. Portanto, ainda que Ochoa tivesse a intenção de fazer do museu um ‘museu do Hotel de Inmigrantes’, como assinalou Bernasconi, podemos compreender que o coordenador da instituição o fez, em certa medida, buscando manter parte dos objetivos presentes nas exposições anteriores.

Por outro lado, conforme nos relatou Mármora em entrevista mencionada, além dos objetos arrecadados para a exposição do primeiro *Museo, archivo y biblioteca de la inmigración* e do material procedente da exposição CASA FOA 2000, Ochoa seguiu adquirindo peças para compor a exposição, por meio de diferentes doadores. Segundo nosso entrevistado, Ochoa era um homem bastante influente por sua trajetória e, a partir de seus contatos, foi capaz de armar a

¹¹⁶ Em entrevista concedida por Alicia Bernasconi.

exposição que se manteve exposta até 2009, quando desmontada. Tal assertiva nos leva a compreender que, de uma forma ou de outra, Ochoa também imprimiu a sua marca na instituição e, através dos seus esforços, o *Museo Nacional de la Inmigración* conseguiu finalmente se manter aberto ao público no espaço que já lhe havia sido destinado, a sede do ex-Hotel de imigrantes. Neste sentido, Ochoa também pode ser compreendido como um “profissional do enquadramento” (POLLAK, 1989, p. 9) da memória, pois ele foi, em grande parte, o responsável pela aquisição dos objetos que integraram a exposição, veiculando determinadas representações sobre a imigração na Argentina.

Nas disputas pela memória da imigração que seriam veiculadas pelo museu, percebemos que este concentrou em sua exposição elementos que condensam os valores nacionais, predominando, assim, as “memórias fortes” em detrimento das “memórias débeis”. Pelas escolhas que realizou e orientado pelas políticas da DNM, Ochoa determinou como a história da imigração deveria ser contada pelo museu, legitimando, como mostramos, uma versão da história distante daquela produzida pela historiografia renovada. Houve, portanto uma “vontade de memória” (NORA, 1993, p. 22) por parte dos organizadores do museu, prática que abaliza como a realidade pode ser contraditoriamente construída pelos grupos (CHARTIER, 1990), dependendo de como o passado é representado e elaborado por cada um deles.

CAPÍTULO 3

***“Aquí me encontré con los recuerdos de mis familiares”*: O Museu por seus visitantes**

Se a exposição é entendida como meio de comunicação e diálogo (FERNÁNDEZ, 2001), através da qual se produzem determinados discursos e/ou narrativas, precisamos atentar, conseqüentemente, para como estes discursos são recebidos pelo público. Chartier (1990) observa que todo o trabalho que se propõe identificar o modo como as configurações inscritas nos textos [ou nos objetos e imagens] constroem “representações aceitas ou impostas do mundo social, não pode deixar de subscrever o projeto e colocar a questão, essencial, das modalidades de sua recepção” (1990, p. 24).

O público é, assim, o elemento que justifica a existência do museu (FERNÁNDEZ, 2001). Acreditamos que as coleções exibidas em um museu somente realizam a sua função [que é comunicar, dialogar com o público] por meio de códigos culturais específicos e que os objetos expostos no museu “tornam possível uma relação direta, imediata entre o expectador e a experiência humana representada” (GONÇALVES, 2007, p. 57). No entanto, tal como alertou Chagas (et al., 2010), tentar compreender que tipo de comunicação se estabelece entre o museu e o público não é tarefa simples. Por esta razão, os chamados ‘estudos de público’ vêm ganhando amplo espaço entre pesquisadores, especialmente da área das ciências sociais, cujos estudos abarcam inúmeros aspectos, desde os diversos tipos de museus até os diferentes públicos (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005 apud CHAGAS, et al., 2010, p. 49). Diversas instituições museológicas na atualidade também têm discutido sobre a importância de sua comunicação com o público, onde a aprendizagem e a clareza do fio-condutor (FERNÁNDEZ, 2001) ou os conceitos-chave apresentados são levados em consideração no momento da planificação das exposições. Por meio de observação, entrevistas, questionários e depoimentos, por exemplo, têm-se realizado estudos buscando conhecer, cada vez mais, o perfil, os conhecimentos prévios, os desejos e necessidades dos visitantes (ALMEIDA, 2005).

Se no início do século XX, o visitante era encarado como um recipiente vazio, onde as informações seriam introduzidas, no decorrer do mesmo século novos modelos foram desenvolvidos através dos quais se evidenciou a complexidade da relação comunicacional,

valorizando-se a figura do receptor como sujeito ativo (ALMEIDA, 2005). O público passou de passivo para ativo e, posteriormente, para criativo (CURY, 2006), sendo entendido como recriador do discurso museográfico – daí a importância de uma análise sobre a recepção do discurso do museu junto aos seus visitantes. Fernández (2001) observou ainda que o aumento da preocupação pedagógica e da ação cultural em países como os Estados Unidos, a partir da década de 1950, impulsionou uma nova forma de participação do público nas instituições culturais, tanto em nível de relação com o objeto (percepção/compreensão da exposição), quanto no plano de uma estrutura adequada e válida para todo o tipo de visitante.

É, portanto, no bojo da renovação da museologia – também chamada nova museologia –, ocorrida entre os anos 1970 e 1980, que os museus passaram a se preocupar com os conteúdos e com a forma de expor seu acervo, na qual o museógrafo assume o papel de comunicador atento aos interesses do novo público que aumenta a passos largos e se diferencia do antigo visitante especialista, habituado a frequentar os museus (PERICHI, 1997). Nessa conjuntura de reconhecimento das necessidades do público, os museus passaram a abrigar exposições cujos objetos deveriam ser contextualizados e não mais apresentados de maneira classificatória e taxonômica (CURY, 2005), contribuindo para o aparecimento de museus de tipo ambiência, os museus-casa ou as ‘reconstituições de ambientes’ – que compõem parte da exposição do Museu aqui estudado. Sabemos que a contextualização dos objetos museológicos, no entanto, só alcança sentido se também for contextualizado “o tema e o assunto diante do cotidiano das pessoas” (CURY, 2006, p. 03). Em outras palavras, a comunicação no museu assume o compromisso com o desenvolvimento social e com os interesses da comunidade pela preservação de sua identidade cultural. “Museu e acervo precisam despertar a identificação com o público, proporcionar reflexões sobre o passado a partir da realidade presente e da necessidade de transformação” (CANDIDO, 1998, p. 44-45). É nesta instância que as pesquisas sobre o público do museu, seus interesses e motivações, se tornam fundamentais para a definição das estratégias de comunicação, sem esquecer que esta deve refletir os resultados da pesquisa museológica (CHAGAS, 2002).

Ante o exposto, e contando com determinada natureza de fontes de que dispomos, este capítulo busca verificar como o discurso ou os discursos identificados na exposição do *Museo Nacional de la Inmigración* foram recebidos e/ou apreendidos pelo seu público visitante, (sendo

capazes de contribuir com a imagem do passado da imigração que é construída pela sociedade). Para tanto, contamos com mais de 700 mensagens registradas no *Libro de Visitas* do Museu entre os anos de 2001 e 2003 – período inicial do funcionamento da exposição de longa duração que analisamos. Estas mensagens foram classificadas em nove categorias por nós elaboradas conforme os sentidos comuns que as mensagens agregam¹¹⁷, ainda que muitas delas se relacionem entre si e com a noção de memória (que parece perpassar todas as categorias), a saber 1) Nostalgia/emoção, 2) Hotel/lugar como forma de testemunho do passado/da história da imigração, 3) Agradecimento ou reconhecimento à Argentina por ter recebido os imigrantes, 4) Agradecimento, homenagem ou reconhecimento aos imigrantes, 5) Preocupação com a preservação do patrimônio/memória e/ou identidade da imigração/dos imigrantes, 6) Museu como forma de se lembrar/reviver o passado ou aprender a história, 7) Felicitações à instituição ou agradecimento pela organização do museu, 8) Sugestões ou reclamações à instituição, 9) outros temas em menor índice de recorrência. Atentamos também para outras informações presentes nas mensagens, capazes de revelar parte das motivações da visita, como: a) se dizer descendente de imigrantes; b) afirmar que um antepassado seu (ou ele próprio) esteve hospedado no Hotel; c) relatar ter visitado o museu em busca de dados de seus antepassados.

É importante destacarmos que o estudo aqui realizado não se baseia em uma pesquisa/entrevista com os distintos visitantes do museu, abarcando suas diferenças sociais e econômicas – como ocorre na maioria dos estudos de públicos consultados (ALMEIDA, 2004; 2005; BOURDIEU; DARBEL, 2007; CHAGAS, 2010; CURY, 2005; 2006; FERNÁNDEZ, 2001) –, mas tão somente se utiliza das mensagens assinadas pelos visitantes no *Libro de Visitas* da instituição. Assim sendo, já salientamos os limites da pesquisa, pois, considerando a probabilidade de que somente aqueles mais emocionados e/ou estimulados pela exposição tenham assinado o *Libro*, este estudo não se configura em uma conclusão geral e definitiva sobre o tema. Infelizmente não pudemos analisar dados referentes à faixa etária, ao nível de escolaridade, ao perfil socioeconômico dos visitantes, dados que, como mostraram Almeida (2005) e Bourdieu e Darbel (2007), seriam imprescindíveis para um estudo de público mais

¹¹⁷ Em uma mesma mensagem podem estar presentes diversas categorias, por isso uma soma das porcentagens, em muitos casos, ultrapassaria os 100%. Uma parte da relação das mensagens e da forma como estas foram classificadas pode ser conferida junto aos anexos.

aprofundado. De todo modo, acreditamos que a análise destas mensagens nos fornece indícios significantes sobre como se deu a recepção do discurso do museu pelo público, além de contribuir, mesmo que modestamente, para a compreensão do papel dos museus junto à sociedade.

3.1. O contexto pessoal do visitante

Precisamos considerar que a maneira como o acontecimento (a imigração) é expresso nas mensagens, após a visita ao museu, depende sempre das visões de mundo e dos conhecimentos prévios de cada visitante. Todas as informações, conhecimentos e valores apreendidos pelo público em um museu são colocados em confronto com os conhecimentos e valores que as pessoas já possuem (CURY, 2006). Segundo Zavala (1996), um espaço museográfico pode adotar estratégias discursivas similares às de qualquer outro meio de comunicação, com o objetivo preciso de conseguir uma interação mais satisfatória entre os objetivos da instância enunciativa e as expectativas do visitante. Assim, é através de estratégias específicas que o discurso museográfico constrói uma determinada experiência de visita e determinados níveis de informação. Por mais que o visitante esteja convicto de que vai conhecer um conjunto de peças valiosas, ele só conhecerá a visão parcial que os museólogos oferecem destas peças, pela imposição de determinados critérios de hierarquização e contextualização. Por esta razão, nenhum discurso museográfico, como qualquer classe de discurso, pode ser neutro, uma vez que sua própria natureza consiste na construção de “una mediación entre el contexto original de lo que muestra y el contexto interpretativo del visitante” (ZAVALA, 1996, p. 13).

Advertimos, assim, que a experiência adquirida na visita a uma instituição museológica é construída continuamente, podendo resultar tanto dos conhecimentos prévios de cada visitante [“o contexto pessoal”], da interação com o prédio do museu e com o acervo que foi selecionado e exposto [“o contexto físico”], quanto dos contatos com indivíduos ou grupos envolvidos na visita [“o contexto sociocultural”] (ALMEIDA, 2004, p. 332-336). Em se tratando do contexto pessoal, é importante atentarmos também para a “competência do receptor”, pois, conforme Bourdieu e

Darbel (2007, p. 71), cada pessoa “possui uma capacidade definida e limitada de apreensão da informação proposta pela obra” ou artefato exposto, que pode variar, especialmente, conforme os seus níveis econômicos e/ou escolares. Além disso, as pesquisas de avaliação e aprendizagem mostram que o contexto pessoal também é fundamental no momento da escolha do museu ou da exposição a ser visitada (ALMEIDA, 2005), havendo motivações e interesses próprios nos conteúdos das exposições.

No caso do museu aqui estudado, acreditamos que a natureza da sua exposição, assim como o local onde o mesmo foi instituído tenham sido fatores determinantes para a sua visitação. No momento da análise e categorização das mensagens, 22,9% daqueles que assinaram o livro de visitas se disseram descendentes de imigrantes (a), enquanto que 16,3% afirmaram que um antepassado seu (ou ele próprio) esteve hospedado no Hotel (b), números bastante expressivos e que confirmam ser o interesse específico no tema tratado pelo museu a razão principal das visitas à instituição. Se considerarmos que todos aqueles que afirmaram ter um antepassado que se hospedou no Hotel (b) e mesmo aqueles que visitaram o museu em busca de dados de seus antepassados (c) também fazem parte dos visitantes que se dizem descendentes de imigrantes (a), teremos um público ainda maior frequentando a exposição em razão da sua familiaridade com o tema da imigração para a Argentina. Como bem observou Gritti (2006) para o caso brasileiro, é comum que o relato da memória dos imigrantes se faça presente no dia-a-dia da vida das pessoas, especialmente através dos grupos étnicos que buscam manter a sua identidade. A sentença parece válida também para o caso argentino, visto que muitos dos visitantes afirmam terem escutado de seus pais relatos sobre a travessia nos barcos e sobre a chegada em Buenos Aires:

“Mi gustaría traer fotos en este hermoso lugar en donde un día muy lejano recibieron con los brazos abiertos a mi padre. Todavía me parece escuchar sus relatos en los cuales nos contaba a mis hermanos y a mí su paso por esta gran casa”. (Mensagem 38).

“[...]. Al entrar al museo recordé los relatos de mi madre sobre el viaje que nos traía de Italia hacia aquí. [...]”. (Mensagem 89).

“Fue muy lindo conocer personalmente este Hotel. Hay hoy sólo conocía las historias que contaban mis abuelos”. (Mensagem 180).

“Con emoción recuerdo los momentos pasados por mi padre, alojado en este hotel aproximadamente entre los años 1940 a 1943. Contaba algunas historias sobre ducharse después de un largo viaje y de comer comida caliente. En seguida después de 1 o 2 días comenzó a trabajar como jornalero. Ya después había tomado su destino en la vida ya en nuestro País. [...]”. (Mensaje 521).

“Estoy muy emocionada, al encontrarme con este recinto en el cual mis padres gallegos me contaron su llegada y sus añoranzas e ilusiones y aquí formaron su hogar con 6 niños [...]”. (Mensaje 582).

Através da oralidade, os relatos e histórias sobre a chegada dos imigrantes na Argentina se perpetuaram junto a seus descendentes, ajudando a formar uma certa imagem acerca da imigração no país. As mensagens de satisfação pela visita ao museu e antigo Hotel deixam transparecer o quanto a memória da imigração esteve presente no cotidiano destas pessoas que frequentaram a instituição. A influência da imigração na formação cultural dos argentinos somada às lembranças contadas e recontadas, de geração em geração, parecem ter garantido o interesse do público na visita ao *Museo Nacional de la Inmigración*. A mensagem “Me conmovió, mis padres fueron inmigrantes, creo que muchos deberían conocerlo para entender más y amar a nuestro país” (Mensaje 469), parece resumir o sentimento de grande parte dos visitantes, já que a maioria deles revelou sua ascendência imigrante.

Um número menor de visitantes, aproximadamente 5,4%, relataram ter visitado o museu em busca de dados de seus antepassados. Fica patente que, assim como no caso dos visitantes anteriores, as suas trajetórias familiares (enquanto parte do contexto pessoal) também tenham despertado o interesse deste público para a visita ao museu. No entanto, acreditamos que a possibilidade de pesquisa na base do CEMLA – instalada em meio à exposição – tenha sido uma de suas principais motivações. Responsável pela transcrição e informatização dos dados contidos nos livros de desembarque de imigrantes da antiga *Dirección General de Inmigración*, o CEMLA oferecia uma consulta à sua base, além de fornecer, a baixo custo, um certificado de desembarque com o nome do imigrante e sua data de chegada. Entendemos, assim, que boa parte das motivações do público para a visita ao museu estiveram relacionadas com o conteúdo da exposição, seja por fazê-los recordar o evento da imigração, seja pela possibilidade de encontrar maiores dados referentes à chegada de seus antepassados ao país.

É importante destacarmos também o significado que os objetos pessoais e fotografias expostas no museu exercem sobre os visitantes, especialmente para aqueles que contribuíram com parte de seu acervo. Sabemos que muitos daqueles que doam objetos a uma instituição museal o fazem com interesses distintos. Em pesquisa realizada por Possamai (2001) sobre o museu de Porto Alegre, a autora mostra que uma das razões para a doação de objetos ao museu era o temor de que os mesmos fossem jogados no lixo por seus descendentes; outros doaram determinadas peças por elas terem pertencido a pessoas consideradas ilustres ou importantes para uma cidade ou região; enquanto alguns ainda o fizeram pela capacidade do objeto em fazer lembrar um determinado passado que é de interesse do doador. Para a autora, “o que une essas diferentes ações é a *vontade de preservação*” (GOURARIER, 1989, apud POSSAMAI, 2001, p. 87), fazendo com que os doadores busquem prolongar a vida útil de um artefato enquanto produtor de sentidos na sociedade. Como, no caso do *Museo Nacional de la Inmigración*, não havia uma reserva técnica e todo o acervo se encontrava exposto, notamos que as motivações pessoais dos visitantes para frequentarem o Museu também poderiam estar marcadas por estes diferentes interesses, havendo um desejo de encontrar tanto as suas doações expostas na mostra, quanto os objetos doados por outras famílias, passíveis de representarem o patrimônio cultural de sua coletividade. Diferentemente de um museu de ciências ou de um museu de arte, o museu de tipo histórico pode oferecer ao público exposições capazes de rememorar o seu passado e de fazê-lo identificar-se com a sua própria história, garantindo-lhe o sentido de pertencimento e identidade.

3.2. O conteúdo das mensagens

Ao estudarmos um museu é fundamental considerarmos a sua competência para a recordação e para a emoção: estas são temáticas que perpassam boa parte das mensagens registradas no livro de visitas do *Museo Nacional de la Inmigración*. Esta característica de recordação e de relação com as memórias coletivas e individuais que possui o museu estará presente, de um modo geral, em todas as categorias das mensagens, mesmo que em algumas delas a noção de museu como um lugar em que a memória da imigração possa ser plenamente

revivida e atualizada esteja mais evidente. Em se tratando da emoção que o museu foi capaz de despertar – esta também trazida à tona pela incidência da memória –, foram tantos visitantes que mencionaram estarem emocionados ou nostálgicos após a visita à instituição (em média, 23,6% das mensagens) que organizamos uma categoria específica – “Nostalgia/emoção” (1) – com esta temática. Segundo Chagas (et. al., 2010, p. 49), experiências afetivas, sensoriais e cognitivas são comumente vivenciadas nos museus, sentença que parece válida para o caso aqui estudado e que também nos permite trabalhar sob a perspectiva da história das sensibilidades.

A sensibilidade, segundo Pesavento (2006), está no cerne da história cultural. Assim como esta trabalha com as formas pelas quais os homens representaram a si próprios e ao mundo, a sensibilidade “se expressa como uma forma de reação dos sentidos, através de emoções e sensações, dada pelo contato do indivíduo com a realidade” (p. 161). O estudo que propomos neste capítulo também passa, portanto, por uma análise das reações e emoções dos visitantes dadas pelo contato com o edifício histórico e com a exposição museal, além de ajudar-nos a compreender o modo como esses visitantes perceberam e representaram a história da imigração na Argentina após a experiência da visita.

A partir das mensagens, é possível captarmos as emoções e os anseios sentidos pelos visitantes que frequentaram o museu e sua exposição, muitas vezes relacionados com o seu conteúdo:

“Todo muy bueno, a los nietos de inmigrantes nos invade la nostalgia”. (Mensagem 01).

“Gracias por hacerme conocer la historia de vida de mi padre. Fue una emoción muy grande pisar este museo”. (Mensagem 14).

“Nieto de inmigrantes siento una emoción difícil de describir”. (Mensagem 130).

“Muy bien lograda toda la información, en verdad nos trajo una gran nostalgia Muy interesante”. (Mensagem 201).

“Siempre fue muy emocionante escuchar los relatos de mi papá a cerca de su llegada a este país. Y fue de nuevo emocionante para mí recorrerlo... ¡Regresaré con mis hijos, sus nietos! Muy importante recuperar la memoria”. (Mensagem 363).

“Estoy muy agradecida y emocionada al poder consultar la Base de Datos y encontrar el registro de mis abuelos”. (Mensagem 537).

Como podemos observar, diversos visitantes expressaram sua emoção e nostalgia ao conhecerem o museu que, entre outras finalidades, narrava sobre a chegada dos imigrantes na Argentina. A emoção e a saudade parecem ser decorrentes, em grande parte, das ligações de cada um com a história da imigração no país. São pais, avós e tios [ainda, às vezes, o próprio visitante] que passaram pela experiência de ser imigrante em um país distante, condição que envolve o desconhecido e pressupõe viver em um lugar onde nunca se esteve (RAMOS; LOPES, 2010). Como observou Sayad (1998), ser imigrante é, fundamentalmente, ser de outro lugar. É ser percebido como um estrangeiro no país de adoção e, assim, viver provisoriamente. É ser alguém que deixou sua terra natal sem ter outra escolha, razão pela qual esta experiência nos parece nostálgica. Nesta instância, o Museu opera como uma das formas de recordar seus entes queridos, já que o Monumento Hotel de Imigrantes também lhes permite conhecer o caminho trilhado por seus antepassados, suas dores, angústias, sonhos, saudades, desejos...

“Con mucha emoción llegué a conocer donde llegaron mis abuelos y mi madre”. (Mensagem 43).

“El transitar por este lugar me emociona, ya que mis queridos padres llegaron en el vapor Weser en el año 1929”. (Mensagem 112).

“Emocionado hasta las lágrimas transité por estas baldosas por donde 75 años atrás ingresó un inmigrante, pobre, veinteañero, que fue mi padre, un austríaco que adoptó esta tierra como propia y en donde formó su familia”. (Mensagem 276).

“Cuanta emoción siento al sentir que por aquí en un lugar determinado se sentaron, comieron, durmieron los hermanos de mi abuelo. Uno con 18 años el otro con 28. ¡Qué habrá sido de sus vidas!” (Mensagem 314).

“Es una gran emoción recorrer por este lugar donde tantos inmigrantes se instalaron en esta casa. Como hija de inmigrante agradezco emocionada esta casa”. (Mensagem 318).

“Con gran emoción entro al Hotel, en el cual se alojó mi “nono” cuando llegó de su Italia natal, lleno de sueños e ilusiones”. (Mensagem 482).

“Doblemente emocionada por pisar el lugar, oler los aromas y palpar lo que pudieron tocar, pisar y con diez añitos en Chernovitz (Polonya) (sic) ocho hijos entre los que se encontraba Sabina Raquel mi mamá querida de 18 años. Ellos llegaron en 1930 – octubre y sin conocerse también Natalio B. Lind mi papá, polaco que llegó sólo en enero de 1930. [...]”. (Mensagem 532).

Além da emoção e nostalgia experimentada por boa parte dos visitantes, muitas das mensagens, como as que acabamos de citar, revelam que tais sentimentos resultam especialmente do contato com o edifício do antigo Hotel de Imigrantes, lugar simbólico da chegada dos imigrantes ao país. A emoção parece advir, assim, do fato de ‘conhecer’ o Hotel, situação que nos levou a agrupar determinadas mensagens – 19,25% do total – na categoria “Hotel/lugar como forma de testemunho do passado da história da imigração” (2). São pelas características físicas e históricas do lugar que muitos buscaram conhecer o antigo Hotel, então transformado em Museu.

“Todo me hace recordar dónde podrían haber estado mis antepasados y me alegra que exista un lugar para recordar lo que muchas veces olvidamos”. (Mensagem 44).

“Fue una hermosa visita. Felicito por mantener el Hotel de Inmigrantes como Museo. Fue muy emocionante encontrarme con tantas historias y caras parecidas a mis antepasados. ¡Muchas gracias!”. (Mensagem 61).

“Me gustó mucho el hotel. Aprendí mucho. Me gustaría volver otra vez”. (Mensagem 139).

“Gracias por conservar todo esto. Emociona ver por dónde pasaron y estuvieron nuestros ancestros”. (Mensagem 333).

“Maravilloso, reencontrarse con el pasado, con los ancestros, es el mejor regalo que pudieron hacer a todos los hijos de inmigrantes que amamos a nuestra tierra y a la otra patria lejana. Gracias”. (Mensagem 367).

“Acabo de “vivenciar”, lo que sintieron mis abuelos al llegar. Fue sentir, su susto pero sin duda también una esperanza en este país. [...]”. (Mensagem 424).

“Buenos Aires, 31-05-03. Después de mucho tiempo y varias exposiciones me decidí a venir a ver el Museo y el Hotel de Inmigrantes donde estuvieron padre, como homenaje a mi Madre recientemente fallecida y me alegró mucho toda la exposición y cosas de esa época que se exhiben (sic)”. (Mensagem 562).

“Los felicito porque me gustó mucho el Hotel”. (Mensagem 699).

Como vemos, numerosas são as pessoas que visitaram o Museu com o intuito de encontrar o antigo Hotel de Imigrantes, como forma de conhecer o lugar por onde seus pais, avós,

tios ou bisavós estiveram hospedados em sua chegada à Argentina, sendo visível a capacidade do edifício de testemunhar a história da imigração. A mensagem 333, por exemplo, mostra uma preocupação com a conservação do Hotel, indicando que muitos visitantes não o reconheceram como um museu com suas funções próprias, capaz de gerar conhecimento sobre o tema a que se dedica – o que justificaria a palavra ‘Nacional’ no nome da instituição. Ao contrário, o público parece encarar o museu como mera exposição sensorial, sendo a reconstituição do espaço do antigo Hotel o que se destaca ante os seus olhos. Os registros dos visitantes, deste modo, acabam corroborando a hipótese que levantamos nos capítulos anteriores, de que a exposição apresentou mais a história do Hotel de Imigrantes e de sua construção promovida pelo Estado Argentino no início do século XX do que uma história “nacional” da imigração para o país. Em última instância, temos um discurso museológico que ressalta o papel do Estado Nacional no agenciamento da imigração.

Além disso, a exposição levava alguns visitantes a cometerem uma confusão bastante comum, a de acreditar que a grande maioria dos imigrantes foi recepcionada pelo Hotel.

“Soy descendiente de italianos llegados hace ya tiempo. Seguramente se hospedaron aquí, como tantos otros. Ojalá si pudiera conservar mejor este museo para el recuerdo y el homenaje de todos”. (Mensagem 364).

“¡Foi super feliz conocer cómo llegó mi bisabuela y mi abuela!” (Mensagem 372).

“Estoy emocionado de haber conocido el lugar por donde nuestro país comenzó a hacerse grande”. (Mensagem 507).

“En la mitad de mi vida, en este Museo descubro como llegaron mis antecesores”. (Mensagem 638).

Tanto confunde que um dos visitantes chegou a afirmar estar pela primeira vez no lugar histórico onde esteve seu avô que chegou da Itália em 1889 (Mensagem 561). Ora, o Hotel de Imigrantes só foi inaugurado em 1911, motivo pelo qual seu antepassado nunca poderia ter-se hospedado neste lugar, mas, talvez, em um dos antigos albergues para imigrantes que existiam nos arredores do porto de Buenos Aires durante a segunda metade do século XIX¹¹⁸. Como já foi dito (Capítulo 2), mais da metade dos recém chegados não se alojava no Hotel, mas eram

¹¹⁸ Para maiores referências sobre os antigos hotéis de imigrantes, cf. SWIDERSKY e FARJAT, 1999; 2000.

recebidos no porto ou se dirigiam imediatamente a casas de amigos e parentes (DEVOTO, 2009). Assim, cumpre assinalar aqui a necessidade de se dar a conhecer a história da imigração, de pesquisa e de divulgação sobre o passado imigrante; há que se reconhecer o valor que encerra um museu de imigração, especialmente se este estiver comprometido com a pesquisa museológica e com a museografia¹¹⁹.

É notório, portanto, que o Museu assume grande importância para aqueles que o visitam, pois – conforme os discursos que identificamos no capítulo 2 – a exposição também homenageia o papel da imigração no país. Pisar o antigo Hotel, é mais do que visitar um museu de história, é ter a oportunidade de se “encontrar” com o passado e com seus ascendentes [caso das mensagens 44, 61, 367, 424 e 562], de “reviver” a história, de saber como foram recebidos os seus ancestrais, de saber o que comeram, onde dormiram, de experimentar sentir o que eles sentiram tantos anos antes. Em outros termos, a visita ao museu e antigo Hotel permitiu “a apreensão sensível do espaço” (PESAVENTO, 2007b), traduzida sob a forma de diferentes emoções, sentimentos e juízos.

Da mesma forma, e para além da valorização do Hotel enquanto Monumento Histórico capaz de atestar a história da imigração no país, diversos visitantes (29,4% do total de mensagens) também abalizaram a competência do Museu de fazê-los lembrar o passado ou aprender a história do país. Neste tipo de mensagem pareceu haver uma separação maior entre as potencialidades do museu (ensinar, recordar, gerar conhecimento) e do Hotel onde o mesmo foi instituído, razão pela qual criamos uma nova categoria reunindo os comentários cujo tema foi o “Museu como forma de se lembrar/reviver o passado ou aprender a história” (6), conforme seguem abaixo:

“Las fotos, las cosas antiguas y el comedor, son impresionantes”. (Mensagem 53).

“Me enorgullece y honra saber y sentir los pasos de mi abuelo “tano””. (Mensagem 147).

¹¹⁹ Entendida como a técnica de apresentação do material expositivo (objetos e documentação) que permite a comunicação do conteúdo museológico, adequada ao edifício que o aloja e assegurando a preservação dos objetos patrimoniais expostos (PERICHI, 1997, p. 20).

“Excelente. Muy importante para conocer sobre el proceso inmigratorio. La atención del personal es excelente. Muy bueno”. (Mensagem 256).

“[...] después de recorrer el museo la expresión que sale de “adentro” Que Historia es la base de esta tierra querida” (Mensagem 307).

“A través de las diferentes fotografías y documentos redescubrimos la historia de nuestros antepasados, es muy emocionante penetrar en la historia de cada uno de ellos. Se descubre otro país, otra realidad, muy diferente a la actual. Muy buena las fotografías y los documentos y muy buena la arquitectura. Felicitaciones”. (Mensagem 383).

“Es emocionante haber vuelto a nuestras raíces”. (Mensagem 500).

“Gracias a este lugar mis hijos y familiares pudimos conocer un poco más de nuestra historia. Es un lugar muy emotivo e imperante. Muchas gracias”. (Mensagem 508).

“Very informative! Loved the interpretation, now we know about your history. Thanks”. (Mensagem 515).

“Me emocioné muchísimo al recorrer este Museo [...], me trajo muy y muchos recuerdos adormecidos y emocionantes de mi llegada a este hermoso país. Muchas gracias”. (Mensagem 573).

“Muy bueno el encuentro con el pasado, con “nuestro pasado”. ¡Adelante!”. (Mensagem 636).

Nelas, não apenas o edifício Hotel de Imigrantes é reconhecido por sua capacidade de testemunhar o passado, mas o museu (com seus objetos, fotografias e documentos expostos) é percebido como forma de recordar o passado e aflorar determinadas memórias. Outros visitantes ainda compreendem o museu como instituição capaz de ensinar algo acerca da história da imigração [caso das mensagens 307, 508 e 515], sendo de grande importância para aqueles que tiveram menor contato com o tema ao longo de suas vidas ou que se tratavam de turistas. Tanto no caso em que o museu é visto como forma de se relembrar/reviver o passado, quanto como forma de se aprender a história, é importante notar que a exposição executa a sua função de comunicar uma determinada mensagem ao público, independentemente da forma como a história da imigração é por ela narrada ou representada.

Segundo Perichi (1997) a comunicação oriunda da linguagem específica das exposições é muito próxima à percepção da realidade, “uma vez que permite o desenvolvimento de

componentes emocionais que levam o espectador a identificar-se com alguma parte da mostra” (1997, p. 27). Expressões como “redescobrir a história”, “trazer recordações”, “encontrar-se com o passado” são as atribuições frequentemente conferidas ao museu, revelando que durante a visita “os dados da impressão sensorial seriam ordenados e postos em relação com outras experiências e lembranças do “arquivo de memória” que cada um traz consigo” (PESAVENTO, 2007b, p. 15). É por isso que a sensibilidade [assim como as representações] não pode estar distante do conceito de memória, já que é através dela que as pessoas recuperam imagens do passado capazes de gerar emoções. Lembrar pode até não ser o mesmo que viver, mas é “refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1995, p. 55).

Conforme observou Pollack, a memória – enquanto “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (1989, p. 9) – está ligada a tentativas, nem sempre conscientes, de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento entre coletividades diferentes, pois a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que formam uma sociedade. “Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum [...] eis as duas funções essenciais da memória comum. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência” (POLLACK, op. cit., p. 9) que, em nosso ver, é proporcionado pelo museu. Por outro lado, vale lembrar que, para Candau (2008), a “memória coletiva”, em sua acepção corrente, é uma representação do passado, posto que um grupo, em seu todo, não possui a faculdade de recordar a partir de “uma modalidade culturalmente determinada” (CANDAU, 2008)¹²⁰. Por conseguinte, a memória da imigração apresentada pelo *Museo Nacional de la Inmigración* (seja ela coletiva ou nacional) não pode dar-se senão sob a forma de representações: o passado não pode nunca ser alcançado em seu todo, mas somente sob diferentes formas de percepção da realidade ou a partir de diferentes discursos construídos pelos grupos.

Por dialogar com as vivências dos visitantes, a exposição permite a participação do público, ato que tanto pode facilitar quanto dificultar a comunicação (ALMEIDA, 2004). Ao

¹²⁰ Conforme o autor, a memória coletiva é uma forma de *meta-memória*, ou seja, um enunciado que os membros de um grupo querem produzir acerca de uma memória supostamente comum a todos os membros deste grupo (CANDAU, 2008, p. 22, tradução nossa).

percorrer o salão de refeições do antigo Hotel de Imigrantes, o visitante, assim como um leitor de romances, sente como se estivesse ‘em contato com o passado’, o que dificulta o distanciamento ou o “estranhamento” necessário (MENESES, 2002) para gerar um conhecimento mais amplo sobre o processo imigratório na Argentina – a exposição de fotos e de objetos apresentada pode reduzir as possibilidades de domínio do tema à mera aprendizagem ou recordação da experiência do desembarque e/ou das vivências pessoais de cada visitante relacionadas com o assunto. Conforme destacamos durante a análise da exposição (Capítulo 2), esta deixou em aberto diversos aspectos da história da imigração para a Argentina, mas o que lemos na mensagem 256 acima citada [“Excelente. Muy importante para conocer sobre el proceso inmigratorio”], por exemplo, é um claro agradecimento ao museu por dar a conhecer sobre o processo imigratório.

Este é um dos motivos dos inúmeros agradecimentos que aparecem no *Libro de Visitas* do Museu. Muitos também agradecem à instituição pela emoção que esta lhes proporciona, especialmente quando o visitante é um descendente de imigrantes, como é o caso da mensagem 79 [“Me sentí feliz de recorrer los salones, les agradezco que al llegar aquí me encontré con los recuerdos de mis familiares, llegados de Génova y de Coruña. Gracias por conservar tantos recuerdos hermosos”] ou da mensagem 455 [“Nunca pensé que me sentiría tan bien al visitar al Museo quise olfatear a los abuelos, no tube (sic) suerte, pero me voy contenta y agradecida por la excelente atención de su personal y lo lindo que me resultó pisar y tocar lo que ellos... lo habrán hecho con tanto miedo e ilusiones”]. Tal experiência, para boa parte do público, constitui-se em uma importante oportunidade de relembrar seus antepassados e, não raro, os visitantes fazem questão de agradecer pela organização do Museu ou de parabenizar a instituição pela iniciativa, categoria (7) que chega a 51,75% do total das mensagens.

Alguns visitantes (representando 14% das mensagens) também agradecem à instituição pela conservação e difusão do patrimônio da imigração no país, temática que nos permitiu elaborar a categoria “Preocupação com a preservação do patrimônio/memória e/ou identidade da imigração/dos imigrantes” (5), cujo teor pode ser conferido a baixo:

“Gracias por rescatar cosas tan importantes para nuestra “cultura”. No nos olvidemos de nuestros antepasados”. (Mensagem 50).

“Los felicito por conservar algo vivo de nuestros antepasados”. (Mensaje 133).

“Gracias por cuidar y difundir nuestro patrimonio histórico cultural que contribuye a reconstruir y mantener nuestra memoria”. (Mensaje 136).

“Creo sinceramente que debemos rescatar, restaurar y cuidar nuestro patrimonio histórico y el “Hotel de los Inmigrantes” sin duda lo es. ¡Gracias! ¡Muchas gracias!”. (Mensaje 202).

“Es fantástico poder emocionarse con el recuerdo y la vivencia de nuestra historia. Por favor, pido que recuperemos todo el edificio, no podemos dejarlo caer, nuestra historia no puede caerse, sino sobre estos cimientos, levantarse. Recuperemos los pisos superiores y todos los documentos que se están deteriorando. Gracias por darnos y por escuchar los reclamos”. (Mensaje 313).

“[...] Es una obra loable mantener la memoria viva de los orígenes y la historia del país. Felicito a los que propiciaron esto y a los que lo continúan y acrecientan”. (Mensaje 448).

“El haber asistido cotidianamente a esta maravillosa muestra me permite apreciar el valor de esta institución para preservar la identidad de la nacionalidad Francesa. Gracias por todo lo excelentemente realizado. Éxito para el futuro”. (Mensaje 715).

Ante estos registros fica evidente a preocupação do público em conservar vestígios, quer materiais, quer imateriais referentes à história da imigração no país – conscientização talvez provocada pela própria visita a um lugar declarado Monumento Histórico Nacional. Há, nas mensagens, um desejo de conservar esses vestígios, de “manter a memória viva” e “preservar a identidade” dos imigrantes e seus descendentes, como se experiências passadas pudessem ser memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade (CANDAU, 2008). Por outro lado, bem sabemos que a preservação dos patrimônios contribui para a constituição de identidades culturais, ação que, para Hartog (2007, p. 183), expressa uma certa ordem do tempo, um passado cujo presente não pode ou não quer desvincular-se totalmente. O museu, nesta instância, é para seus visitantes uma forma de não esquecer o passado, de não olvidar a história da imigração também por eles selecionada como digna de ser lembrada. Os visitantes, neste sentido, se tornam “parceiros” daqueles que organizaram o museu.

Como já mencionamos, são os diferentes grupos que determinam o quê do passado deve ser lembrado e instituído como memória nacional ou coletiva. Pollack (1989) novamente nos auxilia ao notar ainda que o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e do grupo. Neste âmbito, grupos e indivíduos organizam seus discursos preocupados com a imagem que passam de si mesmos, utilizando-se muitas vezes de objetos materiais como monumentos, museus e bibliotecas. O *Museo Nacional de la Inmigración*, é assim, uma forma de identificar os imigrantes e seus descendentes pela sua diferença, por representarem um grupo que encontra suas origens em outros países e, deste modo, espera ser reconhecido.

Justamente por sermos “seres de memória” que mantemos com o tempo uma relação não apenas racional, mas sensível, desejando, muitas vezes, deter o tempo e imortalizá-lo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p. 117). Este anseio, na visão do autor, implica uma forma de leitura do tempo e da história, uma maneira de se posicionar diante do presente, da qual decorrem sentimentos como a saudade ou a nostalgia pelo passado:

“Qué lástima que no hayamos seguido organizando el país como en el siglo XIX, ¿no? Porque entonces muy distinta sería la vida hoy. Precioso el museo. Dios no permita que algún cerebro privilegiado se le ocurra rematarlo para hacer un shopping. ¡Gracias!”. (Mensagem 90).

“Yo vine a este país en el año de 1948 traída por mis padres e hice mi vida aquí. Lamentablemente los de ahora se quieren ir”. (Mensagem 121).

“Espero que la Argentina recupere los buenos tiempos”. (Mensagem 127).

“Me gustaría que se volviese a recibir a los inmigrantes... (ilegible)”. (Mensagem 216).

“[...]. Deseo una pronta recuperación para esta gran nación, que tanto admiro”. (Mensagem 294).

Nestas mensagens – em grande parte classificadas na categoria “Outros” (9), por não corresponderem às demais categorias e constituírem uma temática menos recorrente –, percebemos uma recusa do presente que é capaz de reinventar o passado, tempo sentido como melhor. Tais sentimentos são aflorados pelo contato com o patrimônio da imigração, testemunho deste outro tempo e exemplo a ser seguido – razão pela qual deve ser preservado. O museu ali instituído operava, assim, como um elo entre o passado glorioso e o presente não-aceito. Este

discurso saudosista, em nosso entendimento, é reflexo da aceleração do tempo presente e de uma crise de referências experimentada pelas sociedades contemporâneas, como vem sendo denunciado por diversos autores (HARTOG, 2007; HUYSEN, 2000, CANDAU, 2008, NORA, 1993). Mas, no caso específico da Argentina da virada do século XX para o XXI, essa percepção do passado como um tempo melhor também parece surgir em resposta à crise econômica e política enfrentada pelo país (NOVARO, 2009) durante o período em que as mensagens foram escritas. Tal qual mostrou Albuquerque Júnior (2006) a respeito dos românticos portugueses que viviam na saudade e na esperança de restaurar a grandeza perdida de Portugal, as fontes aqui utilizadas nos levam a identificar um certo desejo de que a Argentina hodierna mantivesse os valores e práticas que a fizeram grande no final do século XIX e início do XX.

Podemos conjecturar ainda que a visita ao Museu contribuiu com esta interpretação do passado visto como melhor, já que a exposição apresentou ao público a imagem de um país próspero e em desenvolvimento. Ante a realidade vivida pela Argentina contemporânea, esta versão do passado nacional apresentada pelo museu soava como um sonho, no qual se ofereceram diversas oportunidades, tanto para a sociedade argentina quanto para aqueles que queriam fazer desta a sua nova pátria. É daí que muitos visitantes demonstraram-se gratos ao país pelo acolhimento e serviços prestados aos imigrantes, nos levando a agrupar estas mensagens na categoria “Agradecimento/reconhecimento à Argentina por ter recebido os imigrantes” (3), correspondendo a 8,65% do total das mensagens:

“Sentí gran emoción ver como nuestra patria acogió a seres de todo el mundo sin poner fronteras”. (Mensagem 35).

“¿Vaya si la Argentina es crisol de razas! Por mis cuatro hijos corre sangre italiana, española, vasca, inglesa y centro americana autóctona. ¡Gracias bendito suelo! ¡Que Dios nos ilumine a todos los argentinos y luchemos como verdaderos hermanos!”(Mensagem 108).

“¡Gracias Argentina por recibir todos los emigrantes y darles un lugar, y a mis padres que vinieron con mucho entusiasmo y lo pudieron lograr”. (Mensagem 113).

“Siento orgullo por mi país, por haber albergado a tantas personas, de tantos países, que venían a buscar un lugar para vivir. Argentina les dio su tierra, albergándolos sin distinción”. (Mensagem 174).

“[...] Agradeciendo a esta bendita tierra por haber brindado la seguridad de una paz que sea eterna, porque tiene sus habitantes con corazón abierto y bondadoso para e resto del mundo. Que dios bendiga esta tierra”. (Mensagem 204).

“Que Dios los tenga en su gloria a todas las autoridades que en este tiempo de emigración acogieron a todas las personas necesitadas”. (Mensagem 494).

“Gracias a este gran país y sus políticas de inmigración mi padre trajo sus diez hermanos y su padre de Polonia y evitó que fueran asesinados en los campos de concentración de judíos en Polonia. Fue un gran comerciante pese a haber llegado sin un peso en el bolsillo y este país hoy alberga a sus hijos nietos y bisnietos y demás descendientes en su mayoría profesionales de primera. Gracias Argentina”. (Mensagem 581).

“El Museo es muy interesante, la visita es emocionante y reconfortante de saber que mis abuelos estuvieron bien atendidos a su llegada a Argentina y que se les facilitó todo lo necesario para insertarse en estas tierras. Los felicito por la atención”. Muchas gracias”. (Mensagem 654).

Como vemos, após a visita ao Museu, muitos visitantes escreveram mensagens de agradecimento à Argentina, por ter “acolhido pessoas de todo o mundo sem oferecer fronteiras”, por “dar um lugar aos imigrantes”, recebendo-os “de coração aberto e bondoso”, graças à suas “políticas de imigração”. A mensagem 174, igualmente, apresenta inúmeras palavras de amor à pátria, enquanto que na mensagem 108 o visitante compreende a Argentina como um “crisol de raças”, dando a entender que as diferentes nacionalidades por ele citadas puderam conviver harmonicamente no país, motivo pelo qual todos haveriam de “lutar como irmãos”.

Não é nosso intuito julgar o sentimento de gratidão à Argentina por parte dos visitantes e descendentes de imigrantes, mas apenas buscamos atentar para a forma como a história da imigração foi por eles interpretada após a visita ao Museu. Conforme advertimos no capítulo anterior, a exposição dava especial ênfase ao papel do Estado argentino pelas políticas migratórias que realizou, sendo uma delas a construção do Hotel de Imigrantes e os serviços oferecidos no complexo. Como já foi dito, muitas destas políticas ocupavam um lugar limitado entre as razões que levaram milhares de pessoas a viver na Argentina, sendo a expansão econômica do país o principal incentivo para a imigração.

Além disso, a ideia de que imigrantes de diferentes nacionalidades foram “acolhidos” pelo país que zelou pela integração de todos em meio à sociedade – tal qual pudemos acompanhar nas

fontes –, remonta a uma visão historiográfica mais antiga e em sintonia com a debatida tese do “crisol de raças”, já que compreende a imigração para a Argentina como um processo mediado pelo Estado nacional. As mensagens da categoria “3”, assim, confirmam um dos discursos que identificamos na exposição, uma vez que diversos visitantes atestaram e reconheceram a ação do Estado como fundamental para o incremento da imigração na Argentina. É muito provável que estas concepções a respeito da imigração no país já tivessem sido construídas pelo público antes que frequentassem a instituição, mas é fato também que, mesmo após a sua visita à exposição, boa parte do público seguiu registrando uma interpretação da história que se aproxima daquela visão historiográfica mais remota. Se, como mostramos, os objetos e fotografias expostos estavam amarrados neste discurso maior, não é inesperado que os visitantes saíssem do museu extasiados e felizes pela forma com que foram recepcionados os seus antepassados. Mais natural ainda que se mostrassem saudosos daquela Argentina de outrora, quase mítica; país acolhedor que recebeu de braços abertos imigrantes de todas as nacionalidades “sem fazer-lhes distinção”, como indicou a mensagem 174.

Assim como muitos visitantes expressaram sua gratidão e reconhecimento à Argentina, outra parcela de visitantes, por sua vez, – 9,8% do total das mensagens – manifestou seu reconhecimento aos próprios imigrantes, compreendidos como verdadeiros “construtores da nação”, como pessoas corajosas que atravessaram o Atlântico em busca de seus sonhos:

[...]. Al ver las ilustraciones toda la piel de mi cuerpo se erizó y por un momento me sumergí en el pensamiento del sufrimiento que habrán tenido mis familiares y además inmigrantes de llegar a una tierra desconocida, sin saber el idioma y sus costumbres. [...]”. (Mensagem 89).

“Con mucha ternura y amor, y agradecida a todos los inmigrantes que hicieron muy grande y hermosa esta Patria que también es de ellos. No sé, si no fuera por ellos que hubiera sido de este país. Un gran agradecimiento y un gran abrazo a todos los que llegaron en busca de su futuro. ¡Dios los bendiga!”. (Mensagem 116).

“Agradezco la posibilidad de conocer este lugar que recibió a mis abuelos que legaron a estas tierras con la fuerza y la esperanza de contribuir con su futuro. Uno del Veneto (Italia) Attilio G. Fabrics y mi abuela de Umbria. Ambos se casaron en Lincoln pero luego se asentaron en Trenque Lauquen (Bs. As.). También mi abuelo francés, Edouard Noel Dutroc, estudió aquí y logró progresar en Trenque Lauquen. Gracias una vez más”. (Mensagem 245).

“Realmente fascinante es parte de nuestra historia y la del país al que construyeron con su entusiasmo y esfuerzo”. (Mensaje 381).

“Hoy sentí a mis bisnonos conmigo, no estuvieron en este hotel pero estoy segura que me acompañaron es una sensación de amor a todos los que tuvieron que dejar su tierra, por el desarraigo, por lo que sufrieron”. (Mensaje 456).

“Este Museo es quizás lo que más me haya emocionado en mi vida. Soy nieta de abuelos inmigrantes y el reconocimiento a ellos y a los nietos de hombres y mujeres que vinieron a “construir” nuestro país debe ser permanente. Felicito al prof. Ochoa de Eguileor por haber trabajado con tanto esfuerzo en hacer de esto una “realidad”. (Mensaje 559).

“La historia de personas con gran corajes! Benditos sean!”. (Mensaje 658).

Pelo conteúdo destas mensagens, classificamo-las na categoria que nomeamos “Agradecimento, homenagem ou reconhecimento aos imigrantes” (4). Após frequentarem a instituição, muitos visitantes demonstraram sua admiração por esses homens e mulheres que lutaram pelos seus sonhos e “alcançaram o progresso” [Mensaje 245] no novo país. Essa visão do processo imigratório como uma história bem sucedida se parece muito com parte da análise que realizamos sobre a exposição, cujos painéis [Espaço “2”] apresentaram somente a história de famílias de imigrantes que tiveram uma vida bem sucedida na Argentina. Em outras palavras, os imigrantes são representados pelo público como seres incansáveis, que apesar das dificuldades e do “sofrimento” inicial, mantiveram a “força” e a “esperança” necessária que lhes permitiu conquistar um futuro melhor. Foi através de muito “esforço” que eles contribuíram com a “construção do país” [caso das mensagens 116, 381, 559], como se a sociedade argentina fosse incapaz de se desenvolver sem o auxílio dos imigrantes.

Dizer que os imigrantes “forjaram o país” é compreendê-los como o principal agente da modernização argentina, tese difundida ainda nos anos 1960 e que foi bastante questionada nas décadas seguintes. Deste modo, e tal qual advertimos a respeito da categoria anterior, entendemos que esta interpretação do processo imigratório já estava presente no imaginário argentino, mas a exposição recém visitada, por sua vez, também contribuiu com a legitimação do imigrante como responsável pelo desenvolvimento do país. Este se configura, assim, no herói, arquétipo do progresso de uma sociedade que alcançou o seu auge no início do século XX. Em tempos de negação do presente e de descontentamento com a situação atual do país, a representação da

imigração apresentada pelo museu seleciona e atualiza os feitos grandiosos e heróicos do passado da imigração, do qual descende a grande maioria dos visitantes.

Ante as mensagens aqui analisadas, percebemos que figura no imaginário do público uma construção do passado que se aproxima do fictício, mas que é sentida como se fosse realidade. O mito do “crisol de raças”, nesse sentido, pode ser visto como um dos “tabus da história” que, comumente, perduram nas memórias, festas nacionais e comemorações (LANGUE, 2006, p. 24). A história contada no *Museu Nacional de la Inmigración*, por seu turno, ‘co-memora’ [memora coletivamente] os grandes momentos da história da imigração na Argentina, talvez não apenas porque assim o quiseram os diretores da instituição, mas porque parece ser assim que boa parte da sociedade argentina deseja lembrar seus antepassados.

Não foram todos os visitantes, no entanto, que frequentaram a instituição e teceram elogios e agradecimentos ao país, aos imigrantes ou mesmo à instituição por ter criado o Museu e preservado o patrimônio da imigração, motivo pelo qual elaboramos a categoria “Sugestões ou reclamações à instituição” (8), correspondendo a 8% das mensagens. Além de prestarem sugestões, muitas pessoas fizeram queixas, especialmente sobre a dificuldade de se chegar ao Museu, causada pela falta de cartazes indicativos nas ruas e na própria sede da DNM, informando como chegar e ingressar ao Museu. Uns poucos registraram críticas ainda mais sagazes à instituição, apontando a falta de informações na mostra sobre as diferentes nacionalidades que “fizeram a Argentina”, como vemos na seguinte mensagem:

Muestra interesante, aunque a nuestro parecer queda un largo camino por recorrer, ya que faltan datos sobre inmigración de origen árabe y griega, por citar algunos ejemplos. Entre “los que hicieron la Argentina” según el afiche en el microcine, deberían también figurar estas colonias arriba mencionadas, ya que contribuyeron a la formación cultural y económica de la Argentina de hoy”. (Mensagem 719).

Nela, o visitante demonstra possuir algum conhecimento prévio sobre a história da imigração na Argentina, condição que lhe permite exigir do museu a presença de elementos que deem conta da participação e presença das diferentes coletividades no país. Sua colocação nos é por demais importante, já que confirma as hipóteses que levantamos no capítulo anterior a respeito de uma

maior valorização da imigração europeia pelos organizadores do museu, quiçá, sentida como “melhor” que as outras imigrações.

“Creo que es muy hermoso todo esto pero sería bueno que alguien fuera informado más sobre las familias que habitaron. Como así tener en la base de datos a toda la gente que llegó así halla (sic) sido a otros puertos de la Argentina. Por favor poner indicadores bien precisos de cómo llegar hasta aquí ya que no hay nada que indique y estamos todos perdidos. Gracias”. (Mensagem 557).

“Excelente atención por parte de los guías. Pero es muy penoso ver un Museo vacío. (Mensagem 534).

“Quisiera comentar que como docente de historia y que tuvo la oportunidad de venir varias veces se observa la ausencia de relatos de la vida cotidiana y la falta de objetos que representan el paso del inmigrante por el lugar. La proyección tiene demasiada información en los planos y evolución de las propuestas de construcción del edificio. Se debería rescatar el estudio de caso por medio de las historias de vida”. (Mensagem 662).

Outros visitantes, como vemos, solicitam maiores informações sobre os imigrantes que entraram a partir de outros portos do país ou ainda reclamam a falta de relatos da vida cotidiana dos mesmos. Tais proposições confirmam que a exposição dava conta quase tão somente da história do Hotel de Imigrantes e daqueles que passaram por ele, havendo pouco material informativo sobre como sucederam suas vidas após a sua chegada ao país. Alguns visitantes ainda consideraram o Museu muito “vazio”, sinalizando para as suas carências em se tratando de financiamento e de profissionais qualificados para resolver os problemas da exposição museológica, de seu acervo e comunicação.

Com relação às mensagens da categoria “Outros temas em menor recorrência” (9) – que somou 3,5% das mensagens –, encontramos uma diversidade de assuntos, variando desde um já mencionado pesar pela situação política e econômica da Argentina recente, até ao oferecimento de atividades para serem realizadas no âmbito do museu, como um concerto de música coral sugerido pelo representante do *Coro Polifónico Municipal de General San Martín* [Mensagem 594]. Alguns visitantes ainda solicitaram ser avisados sobre a programação cultural da instituição e outros requereram informações relacionadas ao seu sobrenome de origem imigrante e pediram pelo contato de outras famílias com o mesmo nome.

O estudo das mensagens registradas no *Libro de Visitas* do Museu nos levou a elaborar algumas categorias que nos pareceram dar conta quer da forma como o Museu apresentou a história da imigração para a Argentina, quer das representações e/ou visões de mundo previamente construídas pelo público visitante a respeito da história da imigração na Argentina. A partir destas categorias, verificamos como uma mesma exposição pode contribuir com a legitimação de determinados discursos sobre o tema: ainda que alguns aspectos da história da imigração tenham sido mais enfatizados que outros, de acordo com os conhecimentos prévios e com o contexto pessoal de cada visitante, a mensagem comunicada pela exposição parece ter sido recebida e apreendida em conformidade com os discursos que também identificamos durante a análise da exposição (Capítulo 2).

Cury (2006) alertou para a dificuldade de se elaborar um discurso expositivo que estabeleça uma relação dialógica com o público, deixando espaço também para que este (re)elabore o seu próprio discurso. Um museu montado a partir de estratégias e posicionamento democrático deveria oferecer diversas opções para que o visitante possa construir seu próprio discurso museográfico, segundo suas próprias necessidades (ZAVALA, 1996). Na análise das falas dos visitantes, no entanto (e com exceção daqueles que registraram algumas críticas ao Museu, incluídos na categoria 8), verificamos que estes somente conformam os discursos presentes na exposição. Parece ter predominado, entre as mensagens, uma interpretação da história da imigração a partir do ponto de vista do poder instituído, já que a ação do Estado foi notada como fundamental para o incremento da imigração na Argentina [categoria 3]. Como consequência disso, o papel dos imigrantes também foi interpretado pelos visitantes como responsável pelo progresso e pelo desenvolvimento alcançado pelo país [categoria 4].

Destas duas ideias/categorias principais parecem emergir as demais categorias, cujos visitantes se emocionam por adentrar o lugar histórico que acolheu os imigrantes [categoria 1 e 2]; desejam “manter a memória viva” e preservar o patrimônio da imigração [categoria 5]; compreendem o Museu como um lugar capaz de fazê-los lembrar o passado ou aprender a história do país [categoria 6]; e agradecem ou felicitam a instituição pela organização do Museu

[categoria 7], já que este é uma forma de homenagear os imigrantes que auxiliaram na construção da Argentina, de evocar lembranças e de exaltar este passado glorioso do país. A cumplicidade estabelecida pela consagração histórica, assim, “faz com que a sociedade nacional se identifique com suas estruturas de Estado” (KNAUSS, 2000, p. 182) representadas pela DNM. Ao venerar-se o fato do passado (a imigração de massas para a Argentina) e o organismo do Estado responsável pela criação do Museu e pela preservação do patrimônio, “sacraliza-se a própria ordem social presente, articulando os tempos a partir da História do Estado” (2000, p. 182).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, procuramos analisar como o *Museo Nacional de la Inmigración* de Buenos Aires construiu e representou a história da imigração para a Argentina. Primeiramente, buscamos a gênese da criação do Museu, verificando que esta partiu do interesse de distintos grupos ou setores da sociedade. Entre esses grupos, se destacou a *Dirección Nacional de Migraciones* (DNM), dependente do Ministério do Interior argentino e responsável pelo edifício histórico ex-Hotel de Imigrantes, que determinou, em 1985, a criação de um museu, arquivo e biblioteca da imigração em suas dependências. Conforme diferentes fontes consultadas, as coletividades de estrangeiros no país também contribuíram para a criação do museu, manifestando-se, desde a década de 1970, pela preservação de seu patrimônio cultural. Outros órgãos do governo, pessoas oriundas do meio acadêmico e mesmo a sociedade civil igualmente demonstraram interesse pelo tema da imigração e atentaram para a importância do conjunto arquitetônico, localizado em Retiro, destinado à recepção de levadas de imigrantes na primeira metade do século XX. Todo este movimento garantiu, em 1990, a declaração de Monumento Histórico Nacional ao edifício do antigo Hotel de Imigrantes, então tomado como um símbolo da imigração no país – futura sede do Museu.

Ainda uma série de atividades realizadas pela DNM relacionadas ao tema imigratório e ao seu patrimônio nos levou a identificar um discurso do governo argentino de sensibilização para a importância da imigração no país e para a criação do museu. Este cuidado do governo em criar um museu para dar reconhecimento aos imigrantes que ‘forjaram a identidade argentina’ nos levou a entender que estes ainda não haviam conquistado um lugar de destaque na formação da nação, sendo o contexto mundial de preservação e busca de reconhecimento das diferentes identidades culturais (WIEVIORKA, 2006), corrente a partir dos anos setenta, um estímulo para a valorização da imigração na Argentina. Nesta perspectiva, a criação do museu da imigração na sede da DNM pode ser compreendida como expressão das demandas de diferentes grupos de imigrantes pela “preservação dos vestígios de outras ordens do tempo” (HARTOG, 2007, p. 218), porém também relacionada com o processo de re-democratização política argentina e com seus desdobramentos.

Foi nesse âmbito de interesse pelo tema da imigração, marcado pelo apoio das coletividades estrangeiras no país e pelo surgimento de uma rede internacional de intercâmbios em torno a revistas e jornadas, que uma renovação historiográfica foi sentida. Como vimos, o próprio contexto político de reabertura democrática permitiu uma mudança geracional nas Universidades e no CONICET (DEVOTO; OTERO, 2003) e uma revalorização do pluralismo, estimulando o desenvolvimento de novos enfoques na historiografia da imigração. Especialmente a utilização de novos tipos de fontes permitiu que os pesquisadores da década de 1980 desenvolvessem novas percepções sobre o impacto imigratório e as formas de inserção dos imigrantes na sociedade Argentina. Se desde os anos 1960, imperava no meio acadêmico argentino uma percepção otimista da imigração, na qual o imigrante era compreendido como o principal agente da modernização do país, graças a sua rápida integração em meio à sociedade argentina – explicação que reproduzia, em parte, uma percepção ainda mais antiga da imigração, exemplificada pelo modelo do “crisol de raças”, que percebia o processo como uma “argentinização” dos imigrantes pelo país receptor (DEVOTO, 2009, p. 320) –, a partir dos anos 1980, começou a surgir uma nova interpretação historiográfica acerca do processo imigratório que contestava o seu êxito e o seu papel transformador da sociedade argentina.

Oriunda da corrente do “pluralismo cultural”, então emergente nos Estados Unidos, esta nova interpretação do processo imigratório passou a questionar, por exemplo, a ideia da existência de uma “fusão rápida” entre nativos e imigrantes. A discussão residia justamente na negação de que a imigração tenha possibilitado a formação de uma sociedade homogênea, mas que, ao contrário, tratava-se de uma sociedade plural, composta por distintos grupos étnicos. O próprio discurso da DNM/Ministério do Interior expresso nas Resoluções Ministeriais de 1985 e 1997 para a criação de um museu dedicado ao reconhecimento do papel dos imigrantes na formação da Argentina e à promoção das suas diferentes manifestações culturais parece ser fruto desta discussão que passava a considerar, cada vez mais, a coexistência de diversos grupos étnicos no país. Esperamos ter deixado claro, contudo, a nossa compreensão de que em nenhuma sociedade existe um pleno crisol nem um pleno pluralismo, mas que se trata de uma questão de níveis, sendo um problema a tentativa de se estabelecer modelos gerais de interpretação (DEVOTO; OTERO, 2003; MARQUIEGUI, 1999).

As sucessivas vezes em que o Museu da imigração foi armado e desarmado nas dependências da DNM, por sua vez, mostraram que o cuidado do governo com a preservação do patrimônio da imigração se deu mais no discurso do que na prática; poucas foram as medidas que efetivamente trataram da restauração e conservação do antigo Hotel de Imigrantes e, apesar das resoluções ministeriais que determinavam a criação do Museu e a sua ampliação, houve grande demora para a sua abertura e inauguração. Entre as muitas tensões encontradas no processo de preservação do patrimônio guardado pela DNM e de instituição do Museu, percebemos uma série de usos políticos e “sociais contraditórios do patrimônio cultural” (CANCLINI, 2008, p. 193), além de uma ausência de financiamento. Daí que de nosso primeiro questionamento proposto nesta dissertação – sobre as razões ou interesses do governo na criação do Museu – passamos a questionar também acerca da forma como a história da imigração estaria sendo contada por esta instituição.

Assim, através da análise da exposição de longa duração apresentada pelo *Museo Nacional de la Inmigración* entre os anos de 2001 e 2009, percebemos que alguns aspectos da história da imigração foram privilegiados em detrimento de outros. Neste segundo momento da pesquisa, delimitamos oito Espaços dentro da exposição no intuito de identificar os discursos ou mensagens que o Museu buscou comunicar. A partir destes oito Espaços expositivos, identificamos dois discursos principais. O primeiro e mais aparente deles destacou o papel do Estado argentino, quer em seu agenciamento à imigração no passado, através dos inúmeros serviços oferecidos aos imigrantes pelo Complexo Hotel de Imigrantes (caso dos Espaços “1”, “5”, “6” e “8”), quer pela sua atuação no presente com a criação do Museu da Imigração e preservação de seu patrimônio (caso do Espaço “7”). O segundo discurso percebido na exposição tratou da história daqueles que migraram para o país e valorizou o papel do imigrante na construção da Argentina moderna (caso dos Espaços “2”, “3” e “4”).

Com base na historiografia produzida sobre a imigração no país, pudemos inferir que estes dois discursos principais identificados na exposição terminam por legitimar o debatido mito do “crisol de raças” na Argentina. Apresentar, na exposição, somente a história de imigrantes que tiveram uma vida bem sucedida no novo país ou homenagear os imigrantes como aqueles “que

fundaram a sociedade Argentina moderna”¹²¹ é compreendê-los como os principais responsáveis pelo desenvolvimento do país, ideia que predominou na historiografia sobre a imigração da década de 1960. Do mesmo modo, destacar o papel do Estado na promoção da imigração, como aquele que deu casa e comida aos imigrantes, possibilitando a sua integração em meio à nova sociedade, é reproduzir aquela percepção ainda mais antiga da imigração, oriunda do século XIX, que percebia o processo como uma “argentinização” dos imigrantes, então realizada pelo país receptor.

Assim, apesar da renovação historiográfica ocorrida desde a década de 1980, responsável por trazer novos elementos que compreendem a imigração de massas para a Argentina como um processo muito mais diversificado do que um “crisol de raças”, onde os imigrantes teriam se “argentinizado” e se integrado de maneira homogênea em meio à sociedade receptora, esta é uma ideia que ainda parece estar fortemente presente no imaginário argentino, conformando a imagem que a sociedade tem do seu passado e da formação do país. É neste sentido que uma imigração predominantemente de origem europeia, quase heróica, que auxiliou na construção da Nação argentina e que foi apoiada por um Estado que subsidiou inúmeras políticas migratórias, tal qual narrou a exposição, parece se constituir na “memória forte” da imigração no país, ao passo que outros aspectos do passado nacional da imigração, as ditas “memórias débeis”, foram silenciadas pela exposição museológica. O Museu não considerou a imigração limítrofe, por exemplo, que sempre adentrou ao país e tampouco explicou as razões que levaram os imigrantes a deixarem seus países de origem, como se as políticas migratórias sustentadas pelo governo argentino, nas últimas décadas do século XIX e do início do XX, tenham sido os principais fatores que os levaram a viver na Argentina e não a situação econômica, motivo que influenciou a vinda de imigrantes.

Finalmente, o terceiro capítulo desta dissertação pretendeu analisar como estes discursos que identificamos na exposição veiculada pelo *Museo Nacional de la Inmigración* foram recebidos e/ou apreendidos pelo público visitante. Sendo o público o elemento que justifica a existência do Museu (FERNÁNDEZ, 2001), nos valem das suas mensagens registradas no

¹²¹ Conforme painel exposto no Espaço “4”.

livro de visitas da instituição durante os primeiros anos de funcionamento da mostra. A partir delas, pudemos verificar como a exposição contribuiu com uma determinada representação do passado da imigração, muitas vezes, construída previamente pelo público. Após frequentarem o Museu, muitos visitantes escreveram mensagens de emoção por conhecerem o lugar histórico que acolheu os imigrantes; de preocupação com a preservação da memória e do patrimônio da imigração; de agradecimento pela instituição do Museu; de agradecimento à Argentina por ter “acolhido pessoas de todo o mundo sem oferecer fronteiras”; e ainda de reconhecimento aos imigrantes por terem auxiliado na construção do país.

É notório dentre os temas que apareceram nas mensagens, portanto, o destaque dado pelos visitantes ao Estado argentino (ou ao organismo DNM) aquele que construiu o Hotel de Imigrantes, que os acolheu após uma viagem cheia de expectativas e, hoje, cuida da preservação da sua memória e de seu patrimônio através da instituição do Museu. Assim como percebemos na análise da exposição um discurso de homenagem e valorização do papel do imigrante, nas mensagens assinadas pelos visitantes também encontramos um expresse agradecimento àqueles homens e mulheres que tiveram a “força” e a “esperança” necessárias para “alcançar o progresso” no novo país. Em resumo, a exposição museológica que analisamos parece ter, de fato, corroborado as interpretações mais antigas do processo imigratório no país, quer por compreender o Estado nacional como aquele que promoveu a imigração e a sua (harmoniosa) integração em meio à sociedade argentina, quer por considerar o imigrante europeu como o principal agente da modernização e desenvolvimento do país.

A instituição do Museu, assim, envolveu “diferentes formas de percepção” (CHARTIER, p. 17) do passado da imigração na Argentina, tendo predominado uma interpretação mais tradicional do processo imigratório, conforme as escolhas ou os interesses de seus organizadores. O conceito de representação, neste sentido, nos permitiu observar as configurações através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos grupos (1990, p. 23). Tanto o discurso museológico apresentado na exposição quanto as mensagens registradas pelo público no livro de visitas do Museu nos ajudaram a compreender as razões que levaram o Ministério do Interior argentino/DNM a criar um Museu dedicado à imigração em suas dependências. Mais do que valorizar o papel dos imigrantes na construção da nação argentina e promover as manifestações

culturais dos diferentes grupos que formaram o país – discursos que observamos no capítulo 1 –, o Museu narrou e valorizou com especial ênfase a história do antigo Hotel de Imigrantes, enquanto importante obra do governo que contribuiu com a imigração para o país.

Se, inicialmente, a escolha do edifício do antigo Hotel de Imigrantes como sede do *Museo Nacional de la Inmigración* já parecia indicar um determinado discurso sobre a imigração na Argentina devido à sua carga simbólica capaz de despertar a atenção para a sua função histórica no passado, a análise da exposição e das mensagens deixadas no *Libro de Visitas* do Museu mostraram que o interesse do Ministerio do Interior/DNM era o de ressaltar os grandes “feitos” do governo com relação à imigração. A instituição do Museu neste edifício sacralizou a história do Hotel de Imigrantes, logo, do Estado nacional que o construiu. Graças à sua função histórica e à sua arquitetura monumental, o Hotel de Imigrantes despontou como um lugar privilegiado para simbolizar a imigração no país, por ter sido a porta de entrada da Argentina. Em última instância, o Hotel de Imigrantes é o lugar simbólico que deu origem à Argentina moderna, compreendida pelas historiografias tradicionais como fruto da mescla entre imigrantes e a sociedade nativa.

O *Museo Nacional de la Inmigración*, assim, funciona como um discurso do Estado que deu comida e casa para quem chegou como imigrante. Os responsáveis pela organização do Museu fizeram uso da memória da imigração no país por saber que esta é “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade”, mas por terem o conhecimento também do quanto esta memória pode servir como um “instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1990, p. 476). Ao criar o Museu em suas dependências, o Ministerio do Interior/DNM garante para si visibilidade, seja pela criação do Museu e preservação da memória e do patrimônio da imigração, seja pelas suas obras destinadas aos imigrantes no passado; vínculo simbólico capaz de atestar “um fundo comum de referências” (POLLACK, 1989, p. 9) e constituir uma memória nacional. Conforme alertou o autor, para que este fundo comum de referências emergja nos discursos políticos é indispensável um trabalho de organização desta memória, tal qual parece ter ocorrido na criação do Museu e na elaboração de sua exposição. O *Museo Nacional de la Inmigración* pode ser considerado, assim, um espaço de espetáculo que evoca e celebra (MENESES, 1994) a história da imigração contada pelo viés do Estado argentino.

REFERÊNCIAS

Fontes:

DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES. República Argentina. Resolución DNM N° 3.753 de octubre de 1990.

DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES. República Argentina. Disposición DNM N° 002858, de 31 de marzo de 1999.

DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES. República Argentina. Disposición DNM N° 012399, de 28 de diciembre de 2000.

DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES; MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. *Programa Complejo Museo del Inmigrante. Memoria de Gestión 2000*. Buenos Aires, 2001.

EGUILEOR, Jorge Ochoa; VALDÉS, Eduardo. *¿Dónde durmieron nuestros abuelos?* Buenos Aires: Centro Internacional para la Conservación del Patrimonio (CICOP), 2000.

El Hotel de Emigrantes será monumento nacional. *Semanario Espanhol*, 1ª quincena de diciembre de 1984.

El viejo Hotel de Inmigrantes. *La Nación*, Buenos Aires, 17 de enero de 1985.

ÉRAMOS tan ricos. Revista *3 Puntos*, Buenos Aires, año 6, número 283, 28 de noviembre de 2002.

Expedientes del Monumento Histórico Nacional Hotel de Inmigrantes, archivado em *Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos*.

Folheto: *Migraciones. Más de una década de difusión histórico documental*. Realización de Jorge Luis Farjat. *Dirección Nacional de Migraciones*, 2010.

Harán un museo de la memoria con el viejo Hotel de Inmigrantes. Buenos Aires, *El Clarín*, 09 de junio de 1996.

Hotel museo para la memoria. *La voz del Interior*, Córdoba, 21 de julio de 2002.

La historia de casi cuatro millones de inmigrantes en un banco de datos. *El Clarín*, Buenos Aires, 11 junio de 2001.

Libro de Visitas del Museo Nacional de la Inmigración.

Meta de los inmigrantes. *Diario de Cuyo*, 04 de septiembre de 1985.

MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 879/85.

MINISTERIO DEL INTERIOR. República Argentina. Resolución N° 2132/1997.

MINISTERIO DEL INTERIOR; DIRECCIÓN NACIONAL DE MIGRACIONES. República Argentina. *Programa Complejo Museo del Inmigrante*. Buenos Aires, setiembre de 2000.

Museo propio, un sueño de inmigrantes. Buenos Aires, *La Nación*, 08 de mayo de 1996.

Por un lado se informatiza y por otro sigue el desorden. *La Razón*, Buenos Aires, 19 de agosto de 1999, p. 20.

PRESIDENCIA DE LA NACIÓN. República Argentina. Secretaría de Cultura. [Comisión Nacional de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos]. Decreto N° 2402/90. Buenos Aires, 19 de noviembre de 1990.

Proyecto Museo del Inmigrante. *Armenia*, 10 de septiembre de 1997.

Solicitan ser argentinos. *El Clarín*, Buenos Aires, 10 de junio de 1985.

Ya se puede visitarse el Museo de la Inmigración en retiro. *Página 12*, Buenos Aires, 17 de outubro de 2001.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 223-249.

_____. As sombras do tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117-139.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Comunicação Museológica: a importância dos estudos sobre os receptores/visitantes. *Anais dos Seminários de capacitação museológica*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004, p. 327-338.

_____. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciências e de arte. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 31-53, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANICO, Marta. Significados e práticas museológicas. Reimaginação e procura de novos sentidos. *Outro país – novos olhares, terrenos clássicos*, nº 4 (Nova Série), p. 26-46, 2008.

AREND, Silvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. Sobre a História do Tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. *Tempo e argumento*: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201-216, jan./jun. 2009.

BARBERO, María Inés; DEVOTO, Fernando. *Los nacionalistas (1910-1932)*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

BAYARDO, Rubens. Museos: entre identidades cristalizadas y mercados transnacionales. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 257-274, jul.-dez. 2005.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2002. [1968].

_____. *Simulacros e simulação*. Lisboa, Relógio d'Água, 1991.

BENENCIA, Roberto. Discriminación hoy: Los inmigrantes bolivianos. In: FARIÁS, Ruy (comp.). *Buenos Aires Gallega: Inmigración pasado y presente*. Buenos Aires: Comisión para la Preservación del Patrimonio Cultural de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2007, p. 433-439. (Colección Temas de Patrimonio Cultural, N. 20).

_____. La inmigración limítrofe. In: DEVOTO, Fernando J. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009, p. 433-484.

BERTONCELLO, Rodolfo. Turismo y patrimonio, entre la cultura y el negocio. In: PAES, Maria Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva (orgs.). *Geografia, turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 33-53.

BITTENCOURT, José Neves. A face integrada de uma moeda multidimensional. Notas sobre a questão dos museus na atualidade. Revista Museu. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1119>. Acessado em 03/06/2008.

_____. Cada coisa em seu lugar. Ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, N. Ser. v. 8/9, p. 151-174 (2000-2001). Editado em 2003.

BLASCO, María Élica. La fundación del museo colonial e histórico de la provincia de Buenos Aires. Cultura y política en Luján, 1918. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana "Dr. Emilio Ravignani"*, Buenos Aires, tercera serie, n. 25, p. 89-119, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BREFE, Ana Claudia Fonseca. *O museu paulista*. Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CANDAU, Joël. *Memoria e identidad*. Buenos Aires: Del Sol, 2008.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Imagens de vida, trabalho e arte. Um estudo de caso de documentação museológica: a coleção de imaginária do Museu Dom José (Sobral-Ceará- Brasil), *Cadernos de Sociomuseologia*: ULHT, n. 12, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CEVA, Mariela. La migración limítrofe hacia la Argentina en la larga duración. In: JELIN, Elisabeth; GRIMSON, Alejandro. *Migraciones regionales hacia la Argentina: diferencia, desigualdad y derechos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 17-46.

CHAGAS, Mário. *A imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

_____. Pesquisa & Comunicação: Mútuo desafio. *Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 69-90, 2002 (a).

CHAGAS, Mário de Souza; STUDART, Denise Coelho; VIEIRA, Ana Carolina Maciel; et al. Museu e Público Jovem: percepções e receptividades, *Revista Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST*, v. 3, n.1, já./jun. 2010, p. 49-66.

CHAMA, Mauricio; SORGENTINI, Hernán. A propósito de la memoria del pasado reciente argentino. Notas sobre algunas tensiones en la conformación de un campo de estudios. *Aletheia*, La Plata, vol. 1, n°. 1, s/p., 2010.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, Ed. UNESP, 2001.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

CUESTA, Josefina. *Historia del Presente*. Madrid: Eudema, 1993.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 365-380, 2005.

_____. Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições, *UNIrevista*, vol. 1, nº 3, jul., p. 01-13, 2006.

DA ORDEN, María Liliana. Liderazgo étnico, relaciones personales y participación política: los españoles de Mar del Plata, 1883-1930. In: BJERG, María; OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA/IEHS, 1995, p. 133-167.

_____. Inmigrantes gallegos, relaciones personales y trabajo en la etapa posterior al “ajuste”. Aportes para la discusión a través de un epistolario (1920-1930). In: DE CRISTÓFORIS, Nadia; FERNANDEZ, Alejandro (comp.). *Las migraciones españolas a la Argentina. Variaciones regionales (siglos XIX y XX)*. Buenos Aires: Biblos, 2008, p. 155-172.

DE CRISTÓFORIS, Nadia Andrea. Argentina como destino de la emigración gallega luego de la Segunda Guerra Mundial. In: FARÍAS, Ruy (comp.). *Buenos Aires Gallega: Inmigración pasado y presente*. Buenos Aires: Comisión para la Preservación del Patrimonio Cultural de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2007, p. 45-62. (Colección Temas de Patrimonio Cultural, N. 20).

_____. El último ciclo de inmigración gallega en Argentina: una aproximación a sus rasgos principales. In: DE CRISTÓFORIS, Nadia; FERNANDEZ, Alejandro (comp.). *Las migraciones españolas a la Argentina. Variaciones regionales (siglos XIX y XX)*. Buenos Aires: Biblos, 2008a, p. 77-105.

_____. Políticas y prácticas migratorias: los flujos de gallegos y asturianos a Buenos Aires (1840-1860). *Revista de Indias*, vol. LXVIII, n. 244, p. 85-114, 2008b.

DEVOTO, Fernando J. “Del crisol de razas al pluralismo: treinta años de historiografía sobre las migraciones europeas a la Argentina”. In: _____. *Movimientos migratorios: historiografía y problemas*, Buenos Aires: CEAL, 1992.

_____. En torno a la historiografía reciente sobre las migraciones españolas e italianas a Latinoamérica. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, Buenos Aires, año 8, n. 25, p. 441-460, 1993.

_____. *Historia de la inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

DEVOTO, Fernando; OTERO, Hernán. Veinte años después. Una lectura sobre el crisol de razas, el pluralismo cultural y la historia nacional en la historiografía argentina. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, Buenos Aires, año 17, n. 50, p. 181-227, 2003.

FARIAS, Ruy. El asociacionismo gallego en Buenos Aires y las posibilidades que ofrece para el estudio de la integración de los migrantes: un análisis a partir del archivo de la FAGA-MEGA. *Antíteses*, v. 4, n. 7, p. 151-171, jan./jun. 2011.

_____. Distribución espacial, inserción socioprofesional y conducta matrimonial en un estudio de caso: los gallegos en el partido de Avellaneda, 1890-1930.). In: DE CRISTÓFORIS, Nadia; FERNANDEZ, Alejandro (comp.). Las migraciones españolas a la Argentina. Variaciones regionales (siglos XIX y XX). Buenos Aires: Biblos, 2008, p. 133-154.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 314-332, dezembro de 2002.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. Museología y Museografía. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

FUNES, Patrícia. Imágenes de la nacionalidad. "Centenarios" de la independencia en contrapunto: Argentina-Uruguay (1910-1930). In: III ENCONTRO DA ANPHLAC, São Paulo, 1998. *Anais Eletrônicos...* São Paulo, 1998, p. 01-23. Disponível em: http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro3/patricia_funes.pdf. Acesso em 23 de maio de 2010.

GIACOMET, Luciane. Revitalização Portuária: Caso Puerto Madero. 2008. 191p. Dissertação (mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. [2008].

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade. In: _____. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Garamond/Ministério da Cultura, 2007, p. 43-62.

_____. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 171-186.

GRITTI, Isabel Rosa. Vivos ou mortos, nós chegaremos: Uma história sobre a esperança de imigrantes italianos, judeus e poloneses no Rio Grande do Sul. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 205-215.

HARTOG, François. *Regímenes de historicidad*. Presentismo y experiencias del tiempo. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2007, 243 p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. RJ: Aeroplano/Museu de Arte Moderna- RJ, 2000.

INSAUSTI, Magdalena. Hotel de Inmigrantes: un proyecto colosal para la gran Argentina. *Todo es historia*, Buenos Aires, n. 398, p. 6-31, 2000.

JELIN, Elisabeth. Migraciones y derechos: instituciones y prácticas sociales en la construcción de la igualdad y la diferencia. In: JELIN, Elisabeth; GRIMSON, Alejandro. *Migraciones regionales hacia la Argentina: diferencia, desigualdad y derechos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 47-68.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. *Os Rituais do Tombamento e a Escrita da História*. Bens Tombados no Paraná entre 1938-1990. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

KNAUSS, Paulo. O descobrimento do Brasil em escultura: imagens do civismo. *Projeto História*, São Paulo, n. 20, p. 175-192, 2000.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2ª ed. Revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LANGUE, Frédérique. Introdução. O sussurro do tempo: Ensaio sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 21-31.

LE GOFF, Jacques. LE GOFF, Jacques. A história nova. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Phillippe. *Questões para a História do presente*. SP: EDUSC, 1999, p. 93-102.

_____. Memória. In: _____. *Memória e História*. SP: Editora da UNICAMP, 1990, p. 423-483.

LYOTARD, Jean François. *La posmodernidad explicada a los niños*. Barcelona: Gedisa. 2008.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 63-201, nov. 1998.

MAGNANI, Ilaria. Proyectos identitarios en la construcción del Museo Nacional de la Inmigración de Buenos Aires. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, Buenos Aires, n° 59, año 20, p. 139-154, 2006.

MARONESE, Leticia. ¿Por qué un Temas de Patrimonio Cultural sobre el Pueblo Gitano? In: PATRIMONIO cultural gitano. Buenos Aires: Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, 2005, p. 15-21. (Colección Temas de Patrimonio Cultural, N. 14).

MARQUIEGUI, Dedier Norberto. Migración en cadena, redes sociales y movilidad. Reflexiones a partir de los casos de los sorianos y albaneses de Luján (Buenos Aires, Argentina), 1889-1920. In: BJERG, María; OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA/IEHS, 1995, p. 35-59.

_____. Del crisol de razas al pluralismo cultural: el debate historiográfico como herramienta orientadora de las estrategias para la enseñanza de la historia. *Clío y asociados – La Historia Enseñada*, Buenos Aires, n. 4, p. 37-54, 1999.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, vol. 2, jan./dez. 1994, p. 9-42.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.89-103, 1998.

_____. O Museu e o problema do conhecimento. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS, 2002, Rio de Janeiro. *Anais do IV Seminário...* Rio de Janeiro, 2002, p. 17-48.

_____. Prefácio. In: BREFE, Ana Claudia Fonseca. *O museu paulista*. Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MILBEAU, Annie Jarraud; Et al. *Maria Moliner. Diccionario de uso del español*. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

MORENO, Luis Gerardo Morales. ¿Qué es un museo? *Cuicuilco, revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia*, México, D. F., Nueva Época, v. 3, n. 7, p. 59-104, 1996.

NAVARRETE, Federico. A invenção da etnicidade nos estados-nações americanos nos séculos XIX e XX. In: HEINZ, Flávio M.; HARRES, Marluza Marques (orgs.). *A história e seus territórios: Conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 89-114.

NIQUE FRANZ, Walter Francisco. Leadership charismatique et Organisation politique. Le cas de Proyecto Sur en Argentine. 2011. 125p. Dissertação (mestrado em Ciência Política) – Université Paris I, Panthéon-Sorbonne. [2011]. Orientação Frédéric Sawicki.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, nº 10, p. 7-28, 1993.

NOVARO, Marcos. *Argentina em el fin de siglo*. Democracia, mercado y nación (1983-2001). Buenos Aires: Paidós, 2009.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Museu Paulista: espaço de evocação do passado e reflexão sobre a história. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, N. Sér. v. 10/11, p. 105-126, 2002-2003.

OTEIZA, Enrique. Política inmigratoria y construcción de la identidad en la Argentina; la colectividad Rom en nuestro país. In: PATRIMONIO cultural gitano. Buenos Aires: Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, 2005, p. 37-42. (Colección Temas de Patrimonio Cultural, N. 14).

PERICHI, Ciro Caraballo. Que é museografia? In: ARNAUT, Jurema Kopke Eis; ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. *Museografia*. A linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural. Rio de Janeiro: IPHAN/OEA, 1997, p. 17-37.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Na contramão da vida: Razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus (Antônio Rasgado, Benjamin o Degolador, João Foguista). In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 161-177.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 27, nº 53, jan.-jun. 2007a.

_____. Uma cidade sensível sob o olhar do “outro”: Jean-Baptiste Debret e o Rio de Janeiro (1816-1831), *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 4, ano IV, n. 4, Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2007, p. 1-18b.

PODGORNY, Irina. “Tocar para creer”. La arqueología en la Argentina, 1910-1940. *Anales del Museo de América*, n. 12, p. 147-182, 2004.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Nos bastidores do Museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

RAMOS, Eloísa Capovilla da Luz. O discurso museográfico e o pensamento de Pablo Neruda: um estudo introdutório. *Revista Literatura y Lingüística*, Santiago de Chile, n. 14, p. 49-59, 2003.

RAMOS, Eloisa Capovilla da Luz; LOPES, Maíne B. Lugares de memória da imigração na América Latina: as hospedarias dos imigrantes de São Paulo e Buenos Aires. *Maracanan*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 171-183, 2010.

RAPOPORT, Mario. *Historia Económica, Política y Social de la Argentina (1880-2003)*. Ariel: Buenos Aires, 2006.

REESE, Thomas. Buenos Aires 1910: Representación y contrucción de identidad. In: GUTMAN, Margarita; REESE, Thomas (orgs.). *Bueno Aires 1910. El imaginario para una gran capital*. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Phillippe. *Questões para a História do presente*. SP: EDUSC, 1999, p. 39-50.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Phillippe. *Questões para a História do presente*. SP: EDUSC, 1999, p. 119-126.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve Historia Contemporánea de Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1994.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.

_____. Museu Imperial: a construção do Império da República. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 115-135.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade, 1998.

SEÑAS: Dicionário para la enseñanza de la lengua española para brasileños. Universidad de Alcalá de Henares. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SWIDERSKI, Graciela; FARJAT, Jorge Luis. *La inmigración*. Buenos Aires, 1999. (Colección Arte y Memoria Audiovisual).

SWIDERSKI, Graciela; FARJAT, Jorge Luis. *Los antiguos hoteles de inmigrantes*. Buenos Aires, 2000. (Colección Arte y Memoria Audiovisual).

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Imagens da revolução mexicana*. O Museu Nacional de História do México (1910-1982). Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. Série Teses. São Paulo: Alameda, 2007.

WIEVIORKA, Michel. As diferenças Culturais e o Futuro da Democracia. In: _____. *Em que mundo viveremos?* São Paulo: Perspectiva, 2006.

ZAVALA, Lauro. Estrategias de comunicación en la planeación de exposiciones. *Cuicuilco*, vol. 3, n. 8, septiembre-diciembre, p. 10-23, 1996.

ANEXOS

Anexo 1

Entrevista con Alicia Bernasconi, en el CEMLA – 25/06/2010.

Alicia: [...] sé que hubo diversos proyectos, ¿no? Y ínterin hubo también personas que cumplían diversos roles en distintos momentos, existiera o no existiera el museo, porque en realidad el museo hasta hoy no existe como museo, sí como muestra, me parece.

Maíne: Lo que pasa es que en las resoluciones aparece el intento de crearse el museo, pero no sé, he hablado con un chico que dijo que trabajó en el museo en el año 2001, y me comentó que no, que no había nada hasta ahí, que fue el Sr. Jorge Ochoa, que ya es fallecido, que empezó a hacer un recorrido y ahí creó una exposición...

Alicia: No es exactamente así, pero es algo muy parecido a eso. Es decir, no existe el museo como institución, esta es la primera cosa. Es un tema fundamental...

Maíne: es un tema porque en una resolución aparece que él fue creado...

Alicia: ¿En qué resolución?

Maíne: En la Resolución de 1997 se crea el Programa Complejo Museo del Inmigrante...

Alicia: Sí, pero no es el museo, esta es la cosa. Programa Complejo Museo del Inmigrante. Un museo es una institución que se crea, que tiene que formar parte del conjunto de museos de la nación, [pausa] no sé cuál es el rango de las medidas para que se pueda crear un museo, pero como toda institución, cuando se crea un museo, debe asignársele un presupuesto, tiene que destinarse de un local, tiene que tener un director como mínimo, y ninguna de estas cosas existe. La ley crea el Programa Complejo, un programa es otra cosa.

Maíne: Sí, entiendo. Pero me pareció que primeramente se designa como directora la Señora Inés Urdapilleta...

Alicia: Bueno, esto es otro proyecto anterior...

Maíne: Sí, y después en la Resolución DNM de 2000 aparece Jorge Ochoa y Graciela Mantero como los directores del Programa...

Alicia: del Programa, siempre es un programa, siempre es un programa. Y el museo como tal en algún lugar, por ejemplo, ¿dice algo con respecto al espacio que le corresponde?

Maíne: Sí, solamente la ley de 1997: Se destina la totalidad del edificio del ex-hotel como sede del Programa Hotel del Inmigrante...

Alicia: Pero siempre es del Programa.

Maíne: Me parece que es más una visita para ver el hotel que por el museo...

Alicia: No, el tema es que además de todo, me parece que hay un conflicto por el espacio mismo...

Maíne: Sí, totalmente, es como lo que pasa ahora, ¿verdad?

Alicia: El espacio pertenece a la Dirección Nacional de Migraciones. Y el museo, entre comillas, como funciona hoy es también una dependencia de la Dirección de Migraciones. No tiene un director, no tiene un museólogo a cargo, no tiene ni siquiera las piezas catalogadas como se catalogan las piezas en un museo. Sino que están inventariadas como el resto del inventario de la Dirección. Por ejemplo, este objeto es tal y tiene un número tal y cual, pero no dice como debería decir, por ejemplo, como en el caso de los objetos del museo, bueno, tendría que haber una descripción del material, toda una serie de datos, y además el registro de donación de quien fue, etc etc, datación del objeto, toda una ficha hecha por un museólogo. Y eso que se sepa, hoy no existe. Atiende o atendía, porque en este momento tampoco está funcionando, cuando funcionaba como museo gente que es personal de migraciones y lo que hacían ellos...

Maíne: ¿Contratados por Migraciones?

Alicia: No, algunos de ellos son directamente personal de planta de migraciones que han hecho cursos especializados, por ejemplo, Martin Verlini, que hace las visitas guiadas y hace participa en visitas itinerantes que, este había hecho un curso de museología en París, y además sobre la marcha ha ido se especializando o se formando de alguna manera para la tarea. Pero no es un museo concebido ni por historiadores ni por expertos en museo. Lo que hasta ahora se armó en buena medida, en buena medida lo armó Jorge Ochoa de Eguileor, y lo armó con un criterio particular de él. Que era de hacer un museo del Hotel de inmigrantes, por lo tanto, al restringirlo de esta manera, entonces, incluía sola la inmigración ultramarina. Él excluyó deliberadamente la inmigración limítrofe.

Maíne: Y todos los que no se quedaron en el hotel...

Alicia: Bueno, mucha gente no se quedó en el hotel. Hay otra confusión bastante grande acá, porque de alguna manera ese edificio se ha convertido, o lo convierten, en el símbolo de la inmigración argentina cuando en realidad muchos de los inmigrantes no pasaron por ese hotel. Otro hecho a tener en cuenta es que el hotel fue inaugurado en 1912. Cuando uno pregunta, quien más tiene recuerdo de este hotel en realidad o donde más se encuentra influencia o recuerdo o

relatos de haber pasado por este hotel, son los inmigrantes que vinieron en la última, en la segunda posguerra. Este edificio se inauguró en 1912 y siguió funcionando hasta los años 1950, digamos, fin de los 50.

Maíne: ¿Estos últimos son los que mejor se recuerdan?

Alicia: Los que recuerdan son los que vinieron en los años 50. En parte esto es porque son los que están vivos, pero en las memorias de los inmigrantes anteriores hay muy pocas menciones de la estadía en el hotel. En general...

Maíne: ¿Por la edad?

Alicia: Sí, un poco por la edad también porque muchos, por lo menos la mitad de los inmigrantes que vinieron no pasaron por el hotel. Y en algunos grupos, como por ejemplo los sirio-libaneses, prácticamente ninguno porque como no los consideraban deseables en general no les daban los beneficios de la inmigración. Entonces en general eran viajeros que venían por su cuenta. De todos modos, uno podría decir el hotel antes de todo es un monumento, en todo caso, la imagen que la Argentina quería dar a los inmigrantes a su llegada a principios del siglo. Y en ese sentido también es rescatable. Está bien, por una lado es un país que se quiere imponer al inmigrante que llega, lo quieren deslumbrar, quieren dar la imagen de un país pujante, moderno, con un edificio enorme que es el primer edificio de hormigón que se construye en la ciudad de Buenos Aires, [...] aunque si el inmigrante fue capaz de percibirlo, esto no fue algo precisamente registrado. Por otro lado, una cosa interesante que tiene es el estar en un espacio abierto y si vos comparás con lo que era de Ellis Island, por ejemplo, hay dos diferencias grandes: la primera es que en los Estados Unidos todos los inmigrantes estaban obligados a pasar por Ellis Island. Acá el hotel era una facilidad que el estado argentino los ofrecía a los inmigrantes que lo quisiera aprovechar. Y esto es una diferencia importante. Es una opción, un beneficio adicional, no un requisito para poder inmigrar. Por lo tanto, están en un espacio abierto, tiene un intercambio absolutamente libre con el resto de la ciudad.

Maíne: ¿Salían cuando querían?

Alicia: Salían cuando querían, claro, tendrían que volver a determinada hora para ingresar al dormitorio, pero la idea era que podían salir a buscar trabajo.

Maíne: Sí, totalmente distinto de los Estados Unidos... Profesora, mi gustaría saber cuál fue la participación, lo que más te acuerdas, del CEMLA allá, porque me parece que empezó el museo por la base del CEMLA. A partir de la Base del CEMLA...

Alicia: Puede ser es que la idea, pero en realidad, eso tendría que preguntarle, si podrías entrevistar a Lelio Mármora que es el director de la maestría de migraciones de la UBA...

Maíne: ¿Lélio Mármora?

Alicia: Él fue también jefe de la misión de la OIM aquí y fue director de migraciones. A principios de los ochenta y me parece que estuvo vinculado con un primer proyecto de museo de la inmigración, que debe haber sido a comienzo de 80, 85. Habría que consultarlo para ver cómo era el proyecto que habían concebido ellos, ¿sí? Después, la siguiente acción, que en realidad, no tiene por objeto ni tiene objetivo con el museo, es lo que hace el CEMLA, creado en 1985, que es tratar de preservar la documentación que estaba en la Dirección de Migraciones, ahí no había museo, no había nada. Esa documentación son los libros que viste al entrar acá [en la sede del CEMLA, donde se continúa la tarea de incorporación en la base de datos] y estos son los más nuevos. El primer trabajo que hizo el CEMLA fue intentar microfilmar estos libros del desembarque. Eso fue más o menos fácil y posible con los primeros libros porque los primeros libros de desembarco que tenía la Dirección de Migraciones, del año 1882 a 1887, eran libros de hojas muy gruesas, tipo cuaderno, como los libros que se usan para balances. Una hoja casi de cartón, unos libros enormes, donde, en realidad, esto es lo que se hacía: algunos escribientes transcribían las listas que entregaban de los vapores, iban anotando todos los inmigrantes de cada vapor en un libro. Entonces estos libros estaban, desde el punto de vista físico, en muy buen estado y era bastante sencillo microfilmarlos. En cambio, a partir de 1888, el volumen de migración se hace tan enorme que ya es impensable que nadie vaya a transcribir en uno solo libro, día por día, los inmigrantes que habían llegado. Entonces, seguramente, por esa razón, empiezan a, simplemente, coleccionar las listas que entregaban los capitanes del vapor. Estas eran las que están compaginadas en libros como estos que viste al pasar. Esos también tienen un papel mucho más endeble, con menor resistencia al tiempo y además muy arrugadito. Entonces, esos libros no se pueden microfilmarse porque habría que hacer primero un trabajo de planchado, restauración y demás, que han evaluado los expertos que es excesivamente caro y no había manera de hacer ese trabajo. Entonces, se pasó del procedimiento de microfilmación al procedimiento de transcripción de los datos a una base de datos. Y eso se empieza, más o menos, en 1989, aproximadamente, en el CEMLA, como emprendimiento privado, particular, digamos...

Maíne: ¿A quién pertenece el CEMLA?

Alicia: El CEMLA pertenece a una congregación que se llama Misioneros Scalabrinianos, que se dedica a la asistencia a los inmigrantes en el mundo entero y que, desde los años sesenta, tiene centros de estudios sobre migración en distintos lugares del mundo.

Maíne: Sí, ¿como en unos cinco o seis lugares?

Alicia: Sí, sí. Tiene el primero es originario de Roma, tiene en New York, tiene en París, en Buenos Aires, en São Paulo, en Manila y en Ginebra, esos son los principales. Y esa tarea se hace como un emprendimiento, del centro de estudios por un lado, con un subsidio de la Fundación Agnelli de Italia, por otro, para comenzar con la lista de los italianos. En 1992, cuando se hace una gran exposición por el quinto Centenario de la llegada de Colón a América, un empresario en particular tiene la idea de esa base de datos que en principio estaba concebida como para uso de la sociología histórica y para recuperar información que las estadísticas publicadas no tenían, de hacer esa base de datos donde uno buscara la llegada de su abuelito.

Maíne: Sí, ¿por cuestiones de ciudadanía también?

Alicia: Sí, pero en ese momento no tanto por la cuestión de ciudadanía aunque sí, después cobra vigencia, entre otras cosas por ese motivo, porque una buena parte de la población argentina descende de la población europea y aparte, en los años ochenta, había habido todo un renacer de los estudios migratorios, del cual, por supuesto, el CEMLA es uno de los pilares, por hacer reuniones académicas, por empezar la publicación de la revista, que ofreció un espacio y al mismo tiempo, sirvió como efecto demostración y como estímulo para la producción; no es el único, pero es el único centro dedicado exclusivamente a estudios migratorios, pero trabaja en colaboración con un grupo de estudios migratorios del Museo Roca y con otro que se desarrolla en el IDES, Instituto de Desarrollo Económico y Social, esas tres instituciones más la Universidad de Luján organizan una jornada sobre estudios migratorios en la Argentina que...

Maíne: ¿En qué año?

Alicia: La primera es en 1987, antes había habido un par de reuniones de historias de los pueblos, de historias de las sociedades italianas, pero estas Jornadas de Migraciones y de Estudios migratorios empiezan y se repiten regularmente a cada dos años hasta el año 2000, siempre organizado por estas instituciones. Eso naturalmente es un estímulo importante para el desarrollo de estudios migratorios, eso por una parte. Por la otra, aparece, con la crisis de 1989 y los años 1991 e 1992, un gran interés en Argentina de descendientes de italianos por conseguir su ciudadanía europea. Además, aparece una reorganización de la administración estatal que organiza el pago de los pensionados y jubilados, que comienza a exigir, para regularizar, el documento nacional a todos los jubilados – como los argentinos tenían documentos y algunas personas podían tener una cedula de identidad provincial y otras podían tener una nacional y entonces había desorden en el registro de las personas con derecho a jubilación o pensión. Entonces, para reorganizar eso, el ministro de la economía resuelve que el único documento admitido para las jubilaciones y pensiones era el documento nacional de identidad. De ahí resulta que muchos inmigrantes llegados, décadas antes, no habían tramitado nunca su documento nacional de identidad y tenían simplemente una cédula de identidad que les daba la policía de la provincia. Es decir, que en realidad habían vivido, trabajado, se habían jubilado sin haber nunca completado un trámite de la radicación definitiva, por ejemplo, que les habilitaría a tener un documento nacional de identidad. Entonces, nos encontramos acá en el CEMLA y en la base de datos con que teníamos además, de alguna manera, alguna función social que cumplir porque venían personas que estaban en el país hacía más de setenta años, porque nuestra base llegaba hasta el 1926 nada más en este momento, que necesitaban, para poder cobrar su jubilación y terminar el trámite de radicación, demostrar que habían entrado en el país presentando un certificado de entrada en el país. Y, bueno, la base de datos ayudaba a encontrar esa información. Esta fue una función social que no habíamos pensado antes. Eso en cuanto a la base. Si la base fue o no fue el impulso del museo por los años noventa, no lo sé y no estoy convencida.

Maíne: Quizás, ¿el impulso haya sido la declaración de Monumento Histórico Nacional en 1990?

Alicia: La declaración de Monumento Histórico, en realidad, partió del esfuerzo de una serie de académicos y personas interesadas en los temas de migraciones que se movieron en esos momentos para evitar que algún organismo del Estado resolviera demolerlo o darle una utilidad porque cuando se desarrolla Puerto Madero aquí, empieza la zona a ser muy apetecible como espacio residencial. Entonces, hubo una serie de personas interesadas en protegerlo con el museo, como el hotel, como patrimonio de la historia local. Estos consiguieron que se lo declarara monumento histórico y también estuvo en eso Lelio Mármora y el Doctor Oteiza, entre otros. Ellos fueron parte de la gente que en su momento se movió para que fuera declarado monumento histórico.

Maíne: ¿Así que la base del CEMLA se va al Museo cuándo? ¿En 1990? ¿Después de la declaración como patrimonio?

Alicia: No, bastante después diría, porque en realidad va cuando empieza a usarse el museo, la base va cuando Ochoa organiza el Programa.

Maíne: ¿Eso en 2001?

Alicia: Sí, sí, más o menos. Lo que pasa es que antes de eso Migraciones no tenía prácticamente ni atención ni recepción de público, ni nada, para consulta de la base. O sea, el CEMLA obtuvo de la Dirección de Migraciones durante años la autorización simplemente para tomar los libros y hacer la base de datos y el CEMLA entregaba, a cambio de eso, la información grabada en discos, pero no como sistema de consulta al público, sino como herramienta de apoyo al trabajo administrativo de la propia Dirección de Migraciones, para sus procedimientos de certificados y además. Por otro lado, todo el esfuerzo económico de armar la base de datos y programa de consultas y todo lo demás fue aportado exclusivamente por el CEMLA y por los subsidios que el CEMLA consiguió. El Estado lo único que hizo fue permitir el uso de los libros. Entonces, el CEMLA tenía el programa de consulta. Y cuando Ochoa organiza el Programa Complejo Museo de la Inmigración, entonces el CEMLA aporta la base de datos y las personas que atienden en la consulta de la base.

Maíne: ¿Y Jorge Ochoa que hacía ahí antes del Museo?

Alicia: Jorge Ochoa no estaba en Migraciones antes de hacer el Museo. Jorge Ochoa estaba en el Instituto Histórico de la ciudad Buenos Aires, Instituto Histórico de la Manzana de las Luces, mejor dicho...

Maíne: ¿Pasó a Director cuando se creó este Museo?

Alicia: Cuando se produce cambio político, Inés Urdapilleta deja de ser la directora y, lo designan a él.

Maíne: ¿Más siempre del Programa Museo Hotel del Inmigrante?

Alicia: Siempre del Programa Complejo Museo de la Inmigración.

Maíne: Porque primeramente era solamente un museo chiquito en una sala a parte de Migraciones, que era “Museo, Archivo y Biblioteca de la Inmigración”. Me parece que era que era algo más chico...

Alicia: Sí, pero siempre museo es un nombre artístico, de alguna manera. Porque en realidad, incluso lo que hubo ahora, antes de eso lo que había era una exhibición. Insisto, un museo tiene que tener una exposición, tiene que tener catálogo, tiene que tener inventario, tiene que tener un museólogo que le dé criterio a las cosas, tiene que tener materiales... Yo formé parte de la asociación de amigos del museo de la inmigración, y eso la organizó también Ochoa, y en realidad no se podía hacer casi nada por esa situación ambivalente, no se puede pedir donaciones a la gente si no hay de tras una institución para recibirlas, si no hay como mínimo un museólogo que se ocupe de organizarlo, la catalogación y la adecuada conservación y lugar de depósito de las cosas.

Maíne: pero lo que queda raro es que la Dirección de Migraciones habla el nombre Museo de la Inmigración... En principio hay algo que organice las visitas...

Alicia: De hecho hay visitas de grupo escolares diariamente, tenía un micro cine, en esto micro cine daban informaciones, pasaban algunos videos...

Maíne: Y además había una exposición de cosas del hospital y por otra parte cosas de los inmigrantes...

Alicia: Aparentemente, la mayor parte de los objetos tuvo diversos destinos. Desde que paró de funcionar como hotel hasta que empieza la idea del museo, en este momento no había ninguna preocupación con respecto al mobiliario, aparentemente las cosas iban saliendo y quedando como cosa vieja, pues que no tenían la función presente del museo o incluso se dice que algunos fueron llevando las cosas a su casa, la verdad es que muy pocos son los objetos que quedaron. Casi nada quedó, incluso las mesas y las camas son réplicas.

Maíne: Quería preguntarte también con relación a estas colectividades. El tema es que las Resoluciones Ministeriales hablan siempre de las colectividades, que fue por ellas que empezaran a crear la idea de construcción del museo, de la importancia del reconocimiento a los inmigrantes. O sea ¿quién fueron o cual fue la participación de estas colectividades?

Alicia: En la asociación de amigos del museo, uno de los representantes era la Federación de las colectividades, la FAC, ahora qué cómo funciona, francamente, no sabría decirte. Se los ve a cada 4 de septiembre, en la fiesta del inmigrante, pero no sé – y esto es pura ignorancia mía-si realmente fuera de esto, como un conjunto de colectividades, como representación de las colectividades, qué acciones desarrollan. Por otro lado, en la Argentina, hay muchas organizaciones de las colectividades y federaciones de cada una de las colectividades; hay muchísimas instituciones.

Maíne: Me parece que va a salir un nuevo proyecto para una exposición que estuvo a cargo de Mariela Ceva, que es una profesora de UBA.

Maíne: Bueno, el proyecto estaba a cargo y lo investiga Fernando Devoto. Mariela Ceva y yo colaboramos con el proyecto.

Maíne: ¿Y está listo este proyecto o no?

Alicia: Sí, pero el trabajo nuestro fue preparar el guión histórico, mientras tanto había un guión museográfico, los arquitectos hicieron un proyecto de intervención...

Maíne: ¿Este que iba a ser financiado por la Universidad de San Martín?

Alicia: La Universidad de San Martín financió el proyecto, pero lo que pasa es que el proyecto no el museo. El proyecto era para llamar a una licitación para las obras que iban dar lugar a este museo, pero la licitación no se llamó. Por eso insisto en que en realidad lo que uno tiene que mirar es el factor económico porque después en los distintos proyectos puede haber, y de hecho hubo, diferencias ideológicas, como esto de que Ochoa sólo quería incluir los migrantes europeos en cuanto que este proyecto que redactamos el año pasado no era un museo del hotel de inmigrantes, sino un museo de la inmigración en la Argentina, y por lo tanto, sí incluía las migraciones de todos los tiempos y de todos los orígenes, hasta el presente.

Maíne: hasta las nuevas, ¿cómo los bolivianos?

Alicia: Pero estas no son nuevas, son actuales, porque siguen viniendo, pues que están presentes desde más de cien años, digamos, en distintas proporciones. Los inmigrantes limítrofes son alrededor de los 3% de la población total, que es más o menos lo que era en 1869 o 1895.

Maíne: ¿Y cuáles son la mayoría?

Alicia: el grupo más numeroso son los paraguayos. Sobre esta información, en la página del CEMLA (<http://www.cemla.com/infocemla.html>) tenés informaciones globales sobre los ciclos de migración. Está preparado [el sitio] para que puedan hacer uso en las escuelas. Vas a ver que hay menos extranjeros en 2001 que en 1991, por ejemplo, porque en realidad se va perdiendo el stock de la inmigración de la segunda posguerra. (Sigue habla sobre inmigración actual).

Maíne: y sobre estos proyectos, ¿tenés alguno para pasarme, algún proyecto para el museo, hecho en el año pasado?

Alicia: No, yo no tengo una copia, pero te puedo contar un poco cuál era la idea del proyecto del museo histórico. La idea era que los corredores, viste que salen unos largos corredores y después tiene los dormitorios. Pues la idea era que en los corredores uno iba a ver las grandes líneas de desarrollo del proceso de inmigración desde más o menos el siglo XVIII hasta la actualidad.

Primero hablar un poco de las migraciones del siglo XVIII y mostrar que siempre hubo inmigraciones voluntarias y después las condiciones que dieron origen a las grandes migraciones del marco del siglo XIX, de la revolución industrial, la revolución de los transportes, las transformaciones demográficas, etc. Decirlo sobre las grandes líneas del desarrollo de las compañías de navegación y uno iba entrando en espacios laterales, los arquitectos habían hecho diseños como si fueran baúles, pero bueno, la idea era que en cada uno de ellos se entraba en la dimensión de la experiencia individual del inmigrante, por ejemplo, desde cómo recoge o busca o se informa el inmigrante antes de partir, los lugares habituales, como la taberna, la iglesia, las salidas de las misas, los lugares de intercambios, los pueblos donde se conseguía la información, desde antes de venir. Y siempre lo viejo y lo nuevo, es decir, en el mismo recinto iba a tener un boliviano averiguando en la feria de hoy, como la feria de Cochabamba, como llegar en la Argentina, etc., etc. Esto uno, después uno pasaba al corredor y al tema de las grandes líneas de viaje en barco, como eran los transatlánticos y en la sección del baúl correspondiente vos lo que veías era en general la experiencia del inmigrante en el viaje en barco y en trenes por las distintas compañías. Y también los viajes en ómnibus que realizan hoy para venir del Perú o Bolivia, o los pasos en la frontera, etc. Pero, ver un poco en esto las canciones, las experiencias de los naufragios, las canciones que tenían que ver con estos viajes, y en cada uno de estos lugares uno podría escuchar también cartas leídas o relatos de inmigrantes que todavía viven o testimonios. Esa era un poco la idea; en el primer corredor la idea era poner desde las condiciones de partida hasta el momento de la llegada al puerto. En el segundo corredor, segundo piso, lo que había era la experiencia argentina. Una vez llegado acá, asentarse, con toda la información en general en el corredor y las experiencias individuales en los distintos baúles dónde tenía, por un lado, el trabajo, básicamente, la vivienda, instalarse y después en otro tenía todas las instituciones culturales de los inmigrantes acá: la prensa, las sociedades, los conflictos, la participación, todo eso aparecía y el rol de la escuela como elemento integrador, el rol de la experiencia militar y también estaba, digamos, en ciertos espacios de descanso, había lugares intermedios como lugares de descanso, había la idea de proyectar algunos videos y presentar algunas otras experiencias. En el primer piso, digamos, no era lo que no eran propiamente inmigrantes, los que viajaban un poco mejor, en primera clase, la inmigración más cualificada, como artistas ingenieros; y en el segundo piso, en este espacio iba la emigración de Argentina. También en las distintas épocas, desde el siglo XIX, de emigrados políticos hasta los de la última dictadura. Y los de la crisis económica también. Y el tercer piso, era como una parte específicamente dedicada al Hotel de Inmigrantes en sí mismo, era la parte de contar la historia del hotel y mostrar algunas cosas del hotel y un último espacio donde podrían ver instaladas algunos monitores como para que la gente pudiera ver algunos videos que existen sobre la historia de la inmigración; y un espacio con un grabador para quien quisiera dejar escrita o grabada su propia historia, como último.

Maíne: ¿Y abajo no se iba conservar el comedor?

Alicia: Abajo, en realidad, lo que se hacía era se conservaba el comedor como espacio íntegro, no con las mesas porque las mesas de todos modos se han perdido y las que han reconstruido no tienen nada que ver con lo que eran. Lo que pensaba el diseño era un espacio muy abierto abajo, lo primero que uno veía al entrar era una gran fotografía del desierto que cuando uno se acercaba

ese desierto estaba compuesto por miles de rostros de personas que lo habían poblado (los inmigrantes), esa era la concepción. E iba a haber una serie de paneles verticales transparentes con nombres de inmigrantes y sus profesiones, alternando ni en orden alfabético, ni por nacionalidad, ni por categorías, ni nada, nombres de famosos con nombres de inmigrantes cualesquiera, como José Pérez carpintero, Carlos Gardel músico, era un poco esa la idea.

Maíne: ¿Y todavía no se concretó?

Alicia: No, no se llamó licitación, me imagino que porque con la crisis financiera del año pasado, eso desalentó.

Maíne: Sí, ahora tomaron el comedor todo, la parte de abajo del hotel...

Alicia: Ahora es otra vez oficina, por tercera vez o por segunda. Hace 25 años era eso, era una oficina de atención al público. No es la primera vez que pasa eso, insisto de nuevo, hay que mirar, el problema está en el financiamiento. Pero por otro lado eso también, eso es algo de la sociedad argentina, porque en general es muy difícil conseguir financiación o fondos para algo que tenga que ver con conservación del patrimonio histórico. Y no deja de ser una incongruencia que con el peso enorme que ha tenido la inmigración en la constitución de la sociedad y lo mucho que se habla, todavía la Argentina no encuentre la forma de darse un museo de la inmigración. Bueno, eso también nos pasa con la base de datos. La base de datos la hizo el CEMLA prácticamente a pulmón. Hará cinco años, más o menos, cuatro creo, que la Dirección de Migraciones por primera vez contribuyó con algo al ponernos personal. Hay tres personas de las que trabajan acá que están contratadas por la Dirección de Migraciones. Pero bueno, fue el CEMLA con el espacio, el CEMLA con la calificación, el *know how* nuestro para hacerlo, y atendemos al público cobrando diez pesos la consulta y la gente se queja. Por un lado nos dicen: - ¡qué maravilla lo que hacen!; y por otro lado, cuando hay que pagar dicen que no quieren pagar. No hay una conciencia de que para conservar las cosas hay que hacer también un esfuerzo económico. Porque si no fuera ése el problema, tendríamos el museo, criticado o no pero estaría, tendría críticos, tendría gente de acuerdo, pero estaría.

Maíne: Bueno, te agradezco mucho, Alicia.

Anexo 2

Entrevista con María Inés Rodríguez, en el Museo Roca – 10/08/2010

Maíne: Tengo algunas preguntas que apunté, comentas lo que quieras, por favor. Pensé que podrías empezar hablando sobre tu participación en la elaboración de los proyectos del Museo de la Inmigración, ¿desde cuándo te has ocupado?

M. Inés: Me ocupo del tema inmigración desde el año 1981.

Maíne: ¿Y siempre estuviste relacionada con estos proyectos?

M. Inés: No. Yo trababa el tema inmigración como investigadora en la ciudad de Córdoba, me dedicaba en especial a una inmigración que era la libanesa, totalmente aleatoria, porque una de mis compañeras necesitaba ayuda en un trabajo, había venido de Alemania dónde viví en una zona de mucha inmigración, sector de inmigración española, y me habían surgido algunas preguntas. Entonces abandoné los temas tradicionales de la a historia colonial inmigración y me aboqué a pensar el tema de la inmigración. Trabajaba en el Archivo General de la Nación, en él 1980. Cuando me echaron por razones políticas, al año empecé a trabajar como una de las secretarías de una Comisión Nacional sobre Estudios de la Inmigración que tenía la Secretaría de Cultura. Esta Comisión Nacional, por ejemplo, la presidio un Coronel que era Director de Migraciones [entre otros], gente que en algún momento de su vida, muchos personas grandes, que habían pertenecido o vinculado a las políticas de poblaciones y inmigraciones y ahí estaba también [circulaba] una jefa del Departamento Estudios de la Inmigración, creo era la Licenciada Sílvia Lépole. En esa comisión había de todo, había gente un poco más democrática que otra, que en general no habían tenido excesiva participación política y el gobierno militar. El gobierno de Videla, había hecho unas reglamentaciones muy restrictivas del tema migratorio, sobre todo respecto a las migraciones limítrofes, estas que costó mucho levantar, que estuvo vigente hasta las leyes de 2003-2004. Por razones ahí, había un doctor Crespomonte que era el que tenía hace mucho un proyecto de crear un museo de la inmigración. Estaba vinculado, me parece, a la gente de la Secretaría, nunca integró la comisión, pero era Director de Bibliotecas municipales de la ciudad. Era un hombre ya de mediana edad, no tan grande, pero un hombre que siempre había tenido esta idea, razón por la cual se había un proyecto que había pasado por la Comisión de Museos y de Patrimonio, porque en este momento, en el año 1980 hasta el 1987-88 quien dirimía el tema de museos del país era la Comisión de Museos y Monumentos Históricos, desde su fundación en 1939.

Maíne: ¿Hoy no es más?

M. Inés: No. Desde el año 1987 no es más. Quien dirige los museos es la Dirección Nacional de Patrimonio y Museos.

Maíne: Yo pensaba que estaba todo abocado en la Comisión de Museos y de Monumentos y Lugares Históricos, en el Cabildo.

M. Inés: No, son cosas totalmente diferenciadas. En la Comisión pasan las declaraciones y el control del patrimonio arquitectónico, en especial supervisa intervenciones y restauración. La Comisión de Patrimonio tenía una situación como por encima de la Secretaría de Cultura, totalmente *ad honorem*, era un acuerdo de orientaciones ideológicas, siempre había un representante de la Iglesia, un cura, un arquitecto, algún historiador, y en esta época el presidente de la Comisión era el Secretario de la Cultura, el Doctor Gancedo, que ejercí como una tutela administrativa sobre todos los museos del ámbito de la Secretaría de la Cultura, menos sobre este, el Roca. Porque había habido cuando se fundó el Roca una gran tensión entre el fundador del museo y la Comisión del Patrimonio, en la década de 1960. Entonces, nosotros, por acto de fundación, por la condición de la donación no estamos involucrados. Y después había como una mini supervisión administrativa que funcionaba en la Secretaría de Cultura. Pero todas las cosas más de políticos, de orientaciones pasaban por esta Comisión. Por ahí entró el tema del Museo del Inmigrante, para la Comisión de Inmigración y para esta Comisión de Museos. La Comisión de Inmigración, por supuesto, dejó de funcionar inmediatamente ha caído el gobierno militar. En esta Comisión se convocaron a dos jornadas grandes. Una en 1981 e una en 1983, que fue totalmente plural, vino [...] todo el mundo. Unas eran nacionales y las otras eran internacionales. Ahí se empezó a se avivar algunas cosas que venían como que dejadas, digamos, en el medio de las relaciones complejas que se desarrollaron en los últimos tiempos de la dictadura. Sí porque había gente que trabajó inmigración, me parece que en FLACSO, había algunos reductos de la inmigración. Y ahí, entre el 1981-1983 se había conformado el en IDES, en el grupo estaba un ingeniero que estuvo acá mucho tiempo, que era el ingeniero NASCINBENE, especialista en italianos y el profesor Devoto. La gente que había trabajado en los proyectos de 1966, de los proyectos de fuentes sobre la inmigración, bajo a la dirección de Germani, entre los que estaban Moreno, José Luis, Halperín, toda esa gente había quedado desarticulada en el 1966, no se había logrado rearmar en el 1973 y tenían todavía algunos inquietudes, y esto se conformó en un grupo que se llamaba GEICEA que funcionaba el IDES, más o menos en el 1982. Entonces se hacen unas reuniones, no me acuerdo se eran mensuales, que eran muy plurales, ahí estaba Devoto, Moreno, estaba Daniel Santamaria. Mientras tanto circulaba la gente de la Orden Scalabriniana, luego CEMLA, que se creó en el 1984-1985. La Comisión de Inmigración llegó en el 1952-53 a la Argentina, como la Comisión Católica, el CEMLA se llamaba Centro de Estudios Scalabrinianos.

En estas Jornadas de Inmigración del 1981-83 ya participaron n los padres scalabrinianos, y los investigadores del Centro. En ese momento yo no recuerdo a nadie específico y en el 1984 llegó Fávero. En el 1984-85 se hicieron unas Jornadas en el Banco de Boston y ahí empezamos a trabajar conjuntamente. En 1985 se fundó el Centro de Estudios sobre inmigración que funciona acá. En este momento era Hebe Clementi la directora y yo estaba en la vice dirección. En 1985 se conformó la disposición de Centro de Estudios sobre Inmigraciones en el Museo y ahí empezamos a trabajar formalmente con el CEMLA. Mientras estaba el Padre Favero, Mario Santillo, su actual Director era seminarista, estaba Devoto, en el área de Investigaciones y Publicaciones, me parece que ya salía la revista, porque los scalabrinianos tenían como unas publicaciones anteriores. Ahí el Padre Favero le dio un impulso, los renovó, Fávero tenía como una mirada muy valorada de las relaciones con la comunidad, no sólo la comunidad académica, así que fuimos a Rosario, fuimos a Paraná, fuimos conjuntamente, con las instituciones locales;

había una gran circulación del saber migratorio en la época en que Fávero estaba a cargo del CEMLA. Por un lado se construía el saber y por un lado se circulaba el saber. Lo que había habido ahí era un gran apoyo de Italia. Trajeron investigadores muy reconocidos de Italia, no sólo vinieron los scalabrinianos italianos, sino que venían políticos y académicos, era todo una gran movida, muy sostenida por el gobierno y la comunidad italiana. Mientras tanto, este proyecto que tenía Crespomonte no funcionó. Quedó ahí en el medio del agua turbia, nunca se llegó a conformar las actuaciones de bien estar seguro en la Comisión de Patrimonio, era una cosa no excesivamente grandiosa, pero era un buen inicio de preservar el patrimonio. Después vino el gobierno radical, el de 1983, y ahí, con Fávero, comenzamos de nuevo las tratativas, a mí me parece que también llamamos a Crespomonte, había un interés de recuperar tradiciones respecto el tema de la inmigración y el patrimonio, digamos. Ahí hubo un proyecto de preservación del acervo documental, no me acuerdo si fue en el 1986 o 87, primer hubo un proyecto del Doctor Félix Luna, quien era Secretario de Cultura de la Ciudad, segundo secretario de Cultura de la Ciudad de la transición democrática. Ahí alguien lo habló a Luna, entonces empezamos de nuevo y yo le decía, esto es muy complejo porque la ciudad estaba involucrada pero la nación es la propietaria del patrimonio, eso tampoco funcionó. Y mientras tanto, empezamos a reunirnos, acá nos reuníamos, con las colectividades, para viabilizar algún proyecto Vivía un gran coleccionista...

Maíne: ¿Estas colectividades eran en su mayoría de dónde? ¿De la Iglesia?

M. Inés: eran en su mayoría italianas. No eran de la iglesia, pertenecían a Círculos, yo creo que formalmente tenían como un apoyo de Palaro, se llamaba, que después fue senador. Era un hombre de representación del sector de derecha de la colectividad. Había apoyo de algunas empresas italianas, que también eran las que subsidian los eventos y pagaban las fiestas. Y ahí hacíamos siempre Jornadas. Empezamos a hacer conjuntamente con el IDES, el Roca, la Universidad de Luján, el CEMLA, entre otros, conformamos como un comité que trabajamos juntos durante quince años. Lo que quiero decir es que había como dos ámbitos diferentes: una cosa era la producción, la circulación del saber, las publicaciones; y otra cosa que no tenía excesiva vinculación con esta gestión del patrimonio. El patrimonio inmigratorio no es sólo del museo del inmigrante, es una cosa bastante más compleja y amplia, que tiene que ver muchas otras cosas, que tiene que ver con las comunidades, tiene que ver con las colectividades, tiene que ver con las instituciones, Estados nacionales, memorias individuales.

Esa concepción integral del patrimonio creo que ni siquiera todavía existe, en una práctica eficiente, creo que hay ahí una cosa muy diferenciada entre patrimonio arquitectónico y algo más del patrimonio de inmigraciones y no se pone a relacionarse con una visión más amplia del patrimonio. Creo que es una deuda que tiene el campo académico. Lo que digo es que en este lugar había siempre dos niveles diferenciados. En las gestiones del patrimonio estábamos Favero y yo que circulábamos en los dos lados; y el campo académico miraba esto bastante con reticencia. Es así. Eso era tarea de otros. Las concepciones del patrimonio era el patrimonio que debería conservarse si era funcional a la temática y a lo ejercicio disciplinar y no como un campo con cierta autonomía. Estimo en parte lo que pasa es eso. Este espacio de territorialidad del patrimonio que es la inmigración no tiene autonomía en sí como para ser objeto de una mirada política desde las gestiones más amplias, digamos. Y tampoco funcionó, salió un Decreto, por

parte de la Secretaría de Cultura porque cuando se había creado la Dirección de Museos en la gestión radical, esta dirección de patrimonio tenía que intervenir y determinar sobre todos las creaciones de museos nuevos. Esta era una de las misiones y funciones de las que tenía esta Dirección de Museos. La Comisión de Comisión Nacional de Museos y Monumentos y Lugares Históricos estaba presidida Doctor y Arquitecto Jorge Hardoy en ese momento, y la Dirección de Museos estaba ejercida por la Lic. Garrido.

Maíne: ¿Esta Dirección de Museos es la que está ubicada en la Avenida de los Italianos?

M. Inés: No, eso que hablas es de la Dirección de Museos Municipal. Esta Dirección de Museos en este momento, me parece que ni siquiera tenía una Dirección de Museos de la ciudad. Nosotros en 1986 ya empezamos a trabajar con la ciudad, nosotros siempre trabajamos con la ciudad. El Instituto Histórico de la ciudad, que tiene un gran programa de inmigración. Ahí están Lic. Liliana Barela, ahí están las investigadoras de Historia Oral quienes llevaron un trabajo a Praga sobre inmigración hace un mes. Ellas son mis socias en el tema migratorio desde el año 198., Ellos tienen todo un mapa de las radicaciones, tienen un proyecto amplio sobre el tema migratorio en la ciudad de Buenos Aires. Ahí fue cuando empezamos a trabajar con la ciudad. Este proyecto que debe haber sido en el 1987-88 no funcionó tampoco.

Era en este momento que trabajamos también sobre la colección Vaggi. Nosotros, con Fávero, habíamos hecho una gran muestra que se llamaba “Vida cotidiana y trabajo de la Inmigración Italiana”, en el 1986, con el fin de a ver se despertábamos sensibilidades para crear un museo de la inmigración. Y ahí concurrimos el CEMLA y nosotros, sólo lo hicimos ellos y nosotros, eso en un de los Bancos de la Ciudad, fue muy linda y con un muy buen catálogo – trabajamos con Alicia Bernasconi, en el catálogo. Con los objetos de todo tipo que tenía la colección Vaggi. El señor que se llamaba Orestes Vaggi que era un gran coleccionista, que tenía de todo: tenía trajes, tenía objetos de almacenes, de farmacia, estandartes, libros, historias orales, tenía materiales desde cosas de agricultura; tenía un depósito cercano a la isla Maciel. Y tenía un gran depósito en su casa, de modo que el vicedirector fue en el depósito elegir los objetos, que estaba ahí en La Boca. Tenía no sólo cosas de italianos, más de todas comunidades. Era un hombre muy rico, tenía grandes colecciones de fotografía, un gran acervo fotográfico. Yo sé que después de la gestión del Peronismo incluso hubo un proyecto de comprar la colección, que en este momento estaba avaluado en 400 mil dólares. Estos objetos no son de circulación en los mercados y menos una colección integral, o sea, ¿cuánto vale? No hay como evaluar. Yo aconsejé comprarla, la vendía la hija de Vaggi, o sea, él ya se había muerto. Pero nunca se compró, tampoco sé que se pasó con esta colección. Lo que sé es que se había hecho una muy buena publicación sobre el material fotográfico en Italia, una publicación del Instituto Italiano de Cultura, preciosa era.

Maíne: ¿Y después de la exposición lo devolvieron todo?

M. Inés: Lo devolvimos. Me parece que ahí ya había aparecido Ochoa y Lelio Mármora era dirección de Migraciones.

Maíne: Lelio Mármora estuvo involucrado en un primero proyecto, ¿no? Voy a encontrarlo esta semana.

M. Inés: Se le debe preguntar si ya hubo un primer proyecto en el 1973, porque me parece que Lelio ya había estado en el 1973. Ahí empezamos a trabajar con Lelio. En el 1986 ya habíamos hecho unas muy buenas Jornadas sobre Política Inmigratoria. Durante muchos años tuvimos mucho trabajo compartido. Y ahí ya estaba Ochoa.

Maíne: Ochoa empezó en 2000 como director, más o menos...

Inés: Ochoa había sido un viejo funcionario del gobierno peronista, de los primeros gobiernos peronistas, del primer peronismo. Siempre había estado rondando ahí y, me parece, que él estaba vinculado a Crespomonte, en este proyecto del proceso militar. Yo no sé si Ochoa lo convenció a Crespomonte, puede haber pasado algo por ahí, él era un hombre muy de derecha, por eso creo... Es así, él se percibía a sí mismo como el dueño del tema. [...] Y ahí ya estaba este Farjat. Vos hablaste con él, ¿no?

Maíne: Sí, pero él no me quiso hablar de Ochoa.

M. Inés: Sí, porque no puede, pero yo te puedo decirlo. Tenía [Ochoa] unos manejos tan autoritarios.

Maíne: ¿Adentro del museo?

M. Inés: Sí. Sobre eso, preguntale a Inés Urdapilleta, porque ella participó del proyecto peronista. En ese momento, Inés estaba casada con Iribarne, era el subsecretario del Ministerio del Interior. Lo que creo contribuyó al énfasis del tema. Lo que pasa es que, esto era como una comisión. Me acuerdo que Inés le llamó a Hebe Clemente y fuimos con Hebe. Hebe ya no estaba en la dirección del libro, yo ya hacía mucho que era directora acá y fuimos juntas a ver a Inés. En este proyecto ya estaba Devoto...

Maíne: ¿Este proyecto es el del año 1997?

M. Inés: Sí. En este proyecto estaba casi dirigido por Devoto, fueron las que salieran unas publicaciones tan lindas... En gobierno de Menem era. Hicieron unas publicaciones muy lujosas, el CEMLA la tiene, es seguro. Yo creo que el tema del Museo del Inmigrante siempre es como un recurso de estrategia publicitaria, esto es lo que yo opinaría después de tanto andar en la vida, creo que se usa el tema del Museo del Inmigrante... como estrategia comunicacional.

Maíne: ¿Cómo la cara de la DNM?

M. Inés: No como la cara, en algún momento en que hay colecciones o lo que sea, es una excelente estrategia de propaganda, cada vez que sale el tema del Museo del Inmigrante, esto te lo digo con seguridad porque me acuerdo, el Clarín del domingo hace una doble página y pone las fotos y los objetivos de costosos proyectos.

Yo creo que es una gran dificultad construir un museo. Hay un cruce ahí que tiene que ver primero con el triste destino que tiene la Dirección de Migraciones, digamos, es un órgano a mitad policial, a mitad político y con una gran gama de corrupción, que es el dueño del patrimonio. Mal o bien, el patrimonio es de su propiedad. Y después viene, por encima de eso, un campo migratorio hegemónicamente manejado por un sector del estudio de la inmigración, que en este caso es ejercido por Fernando Devoto, y también tiene unas relaciones también estables con las comunidades. Todo esto confluye en intermediar estas relaciones de un sector de una sociedad ampliada con el pasado inmigratorio.

En esa dinámica es que se encierra la dificultad de pensar un museo de la inmigración, ¿pero porque digo dificultad? Primero porque hay confluencias diversas que tienen propia lógica, pero también esas propias lógicas están atravesadas por operatorias políticas y por operatorias de tono personal, qué quiero decir con eso: en este trabajo, Ochoa articuló las cosas para que él fuera siempre quien administraba casi hegemónicamente eso. Había una comisión media extraña, que estaba la Lic. Varela del Instituto, estaba junto, estaba Hebe, fue la primera vez que a mí no me llamaron para el tema, pero él siempre pensó que nosotros aspirábamos el museo, y nunca fue así museo. Había entonces estos manejos autoritarios que tuvo el Museo de la inmigración, no tengo problema que lo diga, además de este lugar ambiguo que tiene el patrimonio. Lo que sí creo es que casi ningún de estos sectores tiene la vocación del guardo del patrimonio. El patrimonio migratorio nunca termina de tener una formulación teórica que lo sustente y una práctica acorde a una formulación teórica. Creo que ahí falta esto.

Maíne: Claro, tanto que ahora lo desarmaron, lo desarman cuando quieren.

M. Inés: Lo desarmarán, lo armarán, yo no te puedo contar la cantidad de contratos que han tenido con ese museo y con ese emprendimiento. Hay una red clientelar muy fuerte por atrás cuando se hacían las iniciativas. Tampoco creo que sea genuino el interés por la conservación del patrimonio de algunos de los sectores académicos. Lo digo con dolor y se los digo a ellos, se acuerda del patrimonio espasmódicamente, ¿entendés? Tiraran una cosa, entonces salen todos como trastornados, ahora no esta temática no se integra de manera estable en las formación de Universidades. Esa problemática formulada teóricamente, instalada como objetivo de formación docente, de debate y de práctica política gubernamental y privado, esto acá no se ha terminado de conformar. Te lo digo con dolor. En la mirada a través de los tiempos. Sobreviven las lógicas que son interesadas y particulares, creo que pasa eso, con eso y con muchos otros temas del patrimonio, con eso, el tema es que el patrimonio no es un objetivo sino un recurso. Entonces, son personas esclerosadas por un lado, segundo, son personas que sostienen sistemas clientelares, y después, en algún momento, cambia el gobierno y se aparece de nuevo, por obra de magia, se aparece la problemática del museo, como del archivo, otra vez. Y yo estoy en contra de proyectos faraónicos. Segundo, hay una cosa que tengo claro, es que la colaboración de los gobiernos extranjeros y sus representaciones locales no son confiables. Primero porque desde hace mucho tiempo los fondos de que vienen las delegaciones y las embajadas son para sostener sus colectividades que están en situaciones terribles, pagan remedios, pagan internaciones, es así. De italianos, de judíos, de españoles, ayudan a su colectividad, viste, cumplen un fin social primordialmente.

Y después donde ponen su patrimonio, salvaguardan en el hospital italiano, salvaguardan en el centro gallego, en algún lado les arreglan sus edificios, le sostienen el patrimonio de sus propias instituciones y poner 150 a 300 mil dólares a un proyecto, es muy complicado de competir y gestionar con eso. Y con el correlato de que acá hay una tradición de política patrimonial bastante devaluada.

Entonces, estas relaciones que tienen que sostener los líderes con las dirigencias también son bastante complejas, eran mucho más fecundas en el renacimiento de la democracia, ahí estaban los españoles, venían gallegos, italianos, venían en gran número. Pasando ese período, una cosa es lo económico y otra cosa son las relaciones culturales. Ahí yo diría, en esta amalgama de políticas la prioridad no es el patrimonio. Yo creo que además son muy cuidadosos de solo de algunos de sus propios bienes y después están las dificultades también que circulan que es el tema migratorio. El tema migratorio se ve como un pasado nostálgico, mítico de que todos prosperaron, y fue bien, que el crisol de razas funcionó y etc., y hay un problema en el hoy con la percepción de migración limítrofe o latinoamericana. En estas dos líneas es que conformar una memoria de la inmigración...

Maíne: ¿es en este momento en que más adentraba la inmigración limítrofe?

M. Inés: No sé si entro tanto, no entraban tanto, mientras tanto ni se quedaran tanto, porque mucha gente se volvió. Hay como un imaginario, sobre tanto de quien hayan sido hijos de inmigrantes, de que ésta inmigración es “diferente”. Ahora, ¿se puede armar un museo de la inmigración con un único discurso sobre una inmigración mítica? ¿Cuál va a ser el discurso sostenido? Entiendes...

Maíne: Perfecto, gracias, esto es un de los temas que quiero discutir en mi trabajo.

M. Inés: Y hay mucha confusión entre guion historiográfico/museográfico y discurso museológico. Eso lo aprendí después trabajando sobre el tema museo. Creo que también hay dificultad en armar un discurso historiográfico museográfico integral y plural. Yo te diría, concurrí a la Comisión de Patrimonio y Museo de la ciudad y para localizar publicaciones de divulgación.

Entrevista con Lelio Mármora – 12/08/2010

Maíne: ¿Vos fuiste director de Migraciones en qué momento, más o menos?

Lelio: en el año 1973-74, cuando asumía Perón, era el retorno de la democracia en este momento y me nombró director de Migraciones. Y ahí hay una historia que hace un poco en el inicio de los proyectos del museo. Cuando yo asumí la dirección de Migraciones, el anterior director había negociado con el entonces ministro de acción social o bien estar social, que era López Rega, para cederle todo el predio de de Migraciones, el hotel más las oficinas al Ministerio de Bien estar social, porque querían utilizar el jardín que se queda ahí en el medio para experimentos con animales, que quería hacer el subsecretario de salud, y dependía de este ministerio. Cuando me hice cargo en el octubre de 1973, después del golpe de Pinochet, que empezamos a recibir refugiados chilenos en Argentina (y algunos brasileños que estaban en la embajada también de la Argentina), el Ministro de Bien Estar Social, López Rega, me reclamó el predio. Y Migraciones tenía que ir a tres lugares distintos de acá de la ciudad, lo cual implicaba, del punto de vista administrativo, un gran problema porque los inmigrantes se iban a tener que ir a distintos lugares y se complicaba todo el trámite administrativo, y por otra parte se perdía el patrimonio histórico, que implicaba sobretodo el hotel. Bueno, entonces, yo no acepté irme y me mandaron desalojar con la policía. Pero como yo era amigo del jefe de la policía porque teníamos una relación política, vino el jefe de la policía y yo lo conocía porque lo había mandado López Rega. Bueno, el conflicto fue tan grande que ni mismo el ministro del Interior estaba dispuesto a mediar, entonces tuvimos que ir a ver el presidente, junto con el Ministro. Y ahí tuvimos una reunión, creo que fue en el mes de enero o febrero de 1974, con Perón. Lo que le plantea Perón fue que realmente esto era imposible, tanto del punto de vista funcional y sobretodo del punto de vista histórico dejar el lugar así. Y Perón me dio la razón. Y me dijo que además de eso él quería que ahí se hiciese un museo de las migraciones. Ahí fue donde se armó una comisión de aproximadamente unos quince técnicos que empezaron a trabajar con el proyecto del museo de las migraciones. Se empezó ahí además con una comisión con historiadores, sociólogos, antropólogos.

Maíne: ¿Pero ahí Fernando Devoto todavía no estaba involucrado?

Lelio: No, no, esto fue mucho antes. Y se comenzó a trabajar, pero el problema es que cuando murió Perón, en este mismo año, en 1974, yo me tuve que ir, me pidieron la renuncia porque nosotros habíamos radicados 150 mil migrantes que estaban en situación irregular de la cual la mayoría eran refugiados de Uruguay, de Bolivia, de Brasil, de Chile, por ahí eran todos dictaduras militares en este momento, y además mi enfrentamiento con López Rega fue cada vez más fuerte porque le paramos tres casos de gente que él se la llevó secuestrada a Brasil (estaba arreglado con los militares brasileños) y lo paramos en la frontera, los agentes de Migraciones, y eso llevó a que me incluyeron en la lista de la triple A. Y bueno, me avisaron que iban a matar y me tuve que ir, y ahí tuve exilado siete años. La comisión quedó, siguió funcionando, creo, hasta el golpe militar del 76, donde fue disuelta totalmente. Luego de eso, fueron las colectividades que

tomaran un poco la idea, eso ya fue en los ochenta, empezaron a trabajar sobre la idea de un museo y incluso se les dio un lugar ahí para que se pudiesen reunir y para que pudiesen empezar a trabajar con toda esa idea del museo. Y, posteriormente, se preparó un proyecto que llevó varios años, un proyecto que hicimos con la OIM...

Maíne: ¿Qué es la OIM?

Lelio: La Organización Internacional para las Migraciones. Y con el Centro para el estudio del patrimonio histórico acá de Buenos Aires y se hizo un proyecto de un museo de las migraciones...

Maíne: ¿Eso fue en qué año?

Lelio: Eso ya fue en el final de los ochenta, principio de los noventa. Se empezó a trabajar sobre eso y realmente se terminó el proyecto en el año 2000, alrededor de 2000, cuando se presentó el proyecto, ahí fue cuando creamos la Asociación de Amigos del Museo.

Maíne: en 2000, ¿con Ochoa ya?

Lelio: Con Ochoa. Y yo fui el Presidente de la Asociación de Amigos del Museo y ahí empezamos a trabajar con Ochoa, con el apoyo de la Organización Internacional para las Migraciones, presentamos un proyecto al gobierno, mas después todo un sistema de gestiones del dinero que se iba a conseguir para desarrollar la obra, ya habíamos hablado con varias embajadas que estaban dispuestas a dar los fondos (en este momento estaba alrededor de 10 o 11 millones de dólares) y lo teníamos asegurado pero nunca fue aceptado, nunca tuvo éxito.

Maíne: Bueno, ¿era eso que quería preguntarte, más o menos, cuál fue en hecho la participación de Migraciones? ¿Tuvieron interés en algún momento?

Lelio: En la época de Ochoa hubo mucho interés, eso fue en los años 2001, 2002, creo, fue ahí que lo nombraran director del museo. Fue durante el gobierno de Duhalde, después del gobierno De la Rúa, eso debe haber sido 2002 o 2003. Yo creo que esa fue la época de mayor apoyo, le dieron oficinas, él hizo pequeñas partes del museo, eso vos debe haber visto en algún momento...

Maíne: Sí, en el año pasado.

Lelio: ... se consiguió armar un micro cine con los aparatos donados por alguna compañía, se armó un programa para que las escuelas fuesen, se iban tres escuelas por día y se le pasaban un corto sobre la historia de las migraciones en Argentina, sobre el museo, se publicaran los libros de Ochoa, bueno, hubo una cantidad, realmente Ochoa fue muy importante. Cuando yo me hice cargo de la dirección de Migraciones en 1973, lo nombré en este momento director de la biblioteca de la Dirección de Migraciones. Y ahí empezó él a armar la biblioteca de la Inmigración, después lo echaran también él, a mi.

Maíne: No sabía, yo pensaba que la Biblioteca, Archivo y Museo de la Inmigración sólo fuera creado a partir de una resolución de 1983...

Lelio: No, comenzó en 1973, se comenzó a organizar, no me acuerdo si ya había resolución o no, pero había ya una biblioteca y Ochoa fue el encargado de organizar esa biblioteca durante el 73-74. Después bueno, cada uno siguió su camino, nos reencontramos en los ochenta, empezamos a trabajar en los noventa y yo empecé a apoyarlo pues yo era representante de la Organización Internacional para las Migraciones en este momento, para el Cono Sur. Empezamos a apoyar la idea del museo, incluso financiamos los estudios que se hicieron para el proyecto hasta la muerte de Ochoa que, bueno, cuando murió. Luego vino el gobierno de Néstor Kirchner en el 2003, ahí ya hubo una pérdida del interés en el proyecto, digamos, no hubo nada en contra, pero nada a favor, y el proyecto quedó ahí como congelado... Y en ese transcurso, hubo otro fenómeno en los años noventa, en un momento determinado hubo un avance de algunos intereses privados para privatizar todo el predio, porque se había privatizado varias zonas y aún más en una zona dónde el metro cuadrado son de los más caros de Buenos Aires. En el año 93 o 94 hice una gestión con quien en este momento era el Secretario de Cultura, Julio Bárbaro, y logramos declararlo patrimonio nacional. De esa forma lo protegimos.

Maíne: Ah, perfecto. Yo quería preguntarte sobre eso. Primeramente se declaró patrimonio solamente el Hotel y después se amplió al desembarcadero.

Lelio: Hasta el desembarcadero, pero no la parte de las oficinas y del patio. Lamentablemente. Bueno, y después con el cambio de gobierno, al asumir Cristina Kirchner, hubo un cambio de director e volvieron a darle importancia. Pero ahí dejaron de lado el proyecto que hemos hecho nosotros y pidieron un proyecto nuevo, que hizo Devoto con la Universidad de San Martín [...]. Nunca se llegó a llamar una licitación porque después aparecieron nuevamente los intereses privados que querían hacer de esta zona un nuevo puerto. Y hay un proyecto incluso presentado que dejaba el Hotelito en medio de torres...

Maíne: Mi gustaría que comentaras un poco más sobre estas gestiones de los años 80, que personas, ¿porque me interesa saber si las colectividades en hecho tuvieron participación?

Lelio: Las colectividades tuvieron mucha participación en los años 80.

Maíne: ¿pero cuáles colectividades?

Lelio: Había una asociación de colectividades, no era una colectividad, era una asociación, y incluso tenían una oficina en Migraciones, que la habían dado, dónde se reunían periódicamente. Y luego, las colectividades perdieron peso y Ochoa que tenía una muy buena relación con el gobierno del presidente Duhalde, en el 2002, y además con quien era en este momento Director de Migraciones, que era un General, y estaba muy interesado con el proyecto y se hizo el avance, incluso se habían reciclado unas oficinas del lado del río para la Asociación de Amigos del Museo – que nunca las llegamos a ocupar porque las ocupó Migraciones. Muchas veces insistimos con la necesidad de poner en obra eso y de reciclarlo y nunca tuvimos éxito. Y creo

que el problema principal, lamentablemente, es un problema no de falta política sino de intereses económicos. Siempre pienso que alguien ha pensado ahí cuanto podría ganar en la cosa. No hubo nunca una decisión política pura. Sobre todo en un proyecto en el cual teníamos asegurado. Cuando yo estaba en la Organización Internacional de las Migraciones yo había hecho un lobby para conseguir los fondos y no había ningún problema para conseguir los fondos que eran necesarios.

Maíne: ¿Cómo era este proyecto?

Lelio: El proyecto es hermoso. Es un proyecto de dos tomos...

Maíne: Lo tenés para prestarme?

Lelio: Lo debo tener, pero si no lo tengo yo te lo puedo conseguir, alguien lo tiene. [...] Voy a buscarlo. Incluso hicimos un proyecto actualizado, se había hecho un proyecto en 2000, se actualizó nuevamente, pagando, en el 2002. Se hizo incluso un documento de cuales iban a ser las formas, las reglas, tomando las reglas del Banco Mundial, para las licitaciones de aquellos que iban trabajar en eso. Y eso fue lo que no les gustó. O sea, estaba todo armado de tal manera que fuese absolutamente transparente. Y después se hizo el proyecto de San Martín, que es otro proyecto y que creo que desde el punto de vista histórico, es un poco más interesante, objetivamente. Pero que no conserva o no conservaba los elementos del patrimonio que habíamos hecho con la OIM y la Asociación nuestra. Teníamos más cuidado con eso y además abarcaba todo el edificio, ¿no? El de la Universidad San Martín creo que no abarcaba todo el edificio, que dejaba una planta para la Dirección de Migraciones, me acuerdo que lo presentaron una vez, estuvimos en la reunión. Una pena, ¿no? porque realmente ha habido el proyecto que nunca se logró concluir.

Maíne: Y cuanto a Ochoa, ¿cuál era su cargo en el gobierno este tiempo?

Lelio: Ochoa fue nombrado Director del Museo...

Maíne: En 2000, pero antes, en los años 80, 90, ¿qué hacía él?

Lelio: Bueno, en la época militar nada. Creo que estuvo, en el 74-75, en el gobierno de Isabel y Perón, creo que estuvo en un organismo que se ocupó de las cooperativas. Pero él era historiador y un hombre que se murió a los 80 años, ¿no? Era muy viejo... Era un estudioso y un apasionado por toda la cuestión inmigratoria. Ochoa era de una familia que debía haber llegado en el siglo XIX, pero siempre fue una persona que insistió sobre la necesidad de creación del Museo, además de escribir los libros, él crio la Asociación de Amigos del Museo, conformada por toda gente que trabajaba dentro del tema, especialmente personas que hacían Museología, historiadores, sociólogos, académicos, la gente del CEMLA...

Maíne: Esta Asociación empezó a funcionar desde cuando, ¿más o menos?

Lelio: Desde el 2002, más o menos.

Maíne: No sé si has visto la exposición del Museo en el 2009?

Lelio: Sí, el año pasado.

Maíne: Y ¿te parece que estaba parecida con la exposición de Ochoa? ¿O cambió mucho? Porque me interesa también hacer un análisis de la exposición...

Lelio: Era lo que Ochoa armó, no tuvo mucho cambio. El gran impulso se dio en principios de 2001, 2002, con una exposición... no me acuerdo...

Maíne: ¿Casa FOA?

Lelio: ¡Casa FOA! Ese fue en gran impulso, esa exposición fue la que armó la base de lo que después quedó como Museo. Ellos dejaron ahí armado parte de la exposición.

Maíne: Para la recolección de piezas, para armar el Museo, ¿alguna cosa era de Migraciones?

Lelio: Sí, alguna cosa era de Migraciones, pero la mayoría la fue consiguiendo Ochoa de distintos donantes. Con las asociaciones de inmigrantes, con donantes particulares. Él además tenía muchos contactos en el gobierno, en el sector privado, era un hombre muy conocido, muy respetado, además, por su trayectoria... Él fue asesor de Evita en la época del primer gobierno de Perón, hay una foto de él con Evita, él fue asesor de Evita... Entonces imagina la edad que tenía. Y era uno de los intelectuales de peronismo sobretodo dedicado a la cuestión histórica y sociológica. Nunca ocupó cargos muy altos. Se dedicó a la actividad privada un tiempo, fue publicista, hizo muchas cosas. La historia de Ochoa habría algún día que escribir... Ochoa fue nombrado Ciudadano Ilustre de la Ciudad de Buenos Aires, en el año 2002 o 2003, no me acuerdo. Él dictó clase hasta los 60, 70 años. Ya tenía como 86 años cuando murió, pero con mucha vitalidad. [...] Era una persona que vivía muy austeramente, muy modesta, fue una gran persona. Algún habrían que hacerlo un homenaje o el Museo tenía que homenajearlo. [...]

Maíne: ¿Y hubo alguna influencia externa para la creación del Museo de la Inmigración? Porque hay un museo muy semejante en los Estados Unidos.

Lelio: Sí, el Ellis Island. El diseño de lo que es el Museo de Migraciones fue copiado de Ellis Island. Fueron un equipo de arquitectos a Ellis Island y trajo más o menos el modelo, pero no hubo una influencia externa.

Maíne: Bueno, gracias, Lelio.

Lelio: No, por favor. Yo creo que es importante tener en cuenta toda esta cuestión histórica del Museo y además de dónde nace la idea. No nace de las colectividades. Las colectividades la retoman en los años ochenta.

Maíne: Ah, perfecto, eso es importante.

Lelio: Las colectividades retoman la idea en los ochenta, empiezan a trabajar. Lástima que la documentación de los setenta se perdió toda con la dictadura militar y aún más que todos del Museo nos echaron, consideraban que eran subversivos al equipo que estaba ahí trabajando en el Museo, no me acuerdo de quienes sean. Pero después lo retomaran las colectividades en la década de ochenta. [...].

Maíne: Muchas gracias, Lelio.

Anexo 4

(Parte da) Classificação das mensagens contidas no “Libro de visitas del Museo Nacional de la Inmigración”

Legenda das categorias elaboradas:

1. Nostalgia/emoção (somente para aqueles que mencionaram estar emocionados ou nostálgicos).
 2. Hotel/lugar como testemunho do passado/história da imigração.
 3. Agradecimento ou reconhecimento à Argentina por ter recebido os imigrantes.
 4. Agradecimento, homenagem e/ou reconhecimento aos imigrantes.
 5. Preocupação com a preservação do patrimônio/memória e/ou identidade da imigração/dos imigrantes.
 6. Museu como forma de se lembrar/reviver o passado ou aprender a história.
 7. Felicitações à instituição ou agradecimento pela organização do museu.
 8. Sugestões ou reclamações à instituição.
 9. Outras temáticas.
- a. se diz descendente de imigrantes.
b. afirma que um antepassado seu (ou ele próprio) esteve no Hotel.
c. relata ter visitado o museu em busca de dados de seus antepassados.

	Mensagem	Autor	Categoria da mensagem
01	“Todo muy bueno, a los nietos de inmigrantes nos invade la nostalgia”	C.	1, a
02	“Acá estoy recorriendo la historia con mis nietos”.	C. C.	6
03	“Aquí estuvo mi abuela Andrea”	(firma ilegible)	b
04	“Aquí estuvo mi padre, llegó en la fecha de 1929 de Polonia, sentí algo cómo debe haber sufrido la soledad y tristeza”.	(firma ilegible)	b, 4
05	Nos emocionó mucho haber tenido una recorrida de nuestro pasado”.	B. Q.	1, 6
06	“Aquí estuvimos yo, Antonio Pompé con mi familia, buscando datos de mis abuelos de Italia”.	(firma ilegible)	a
07	“Aquí estubo (sic) Matías y papá”.	C. F.	b
08	“Recorro estos lugares con mucha emoción, mis abuelos llegaron a este lugar: Miguel Hernández y Petra Gutiérrez”.	E. H.	1, 2, b
09	“Por estos lugares estuvieron mi abuelo y mi	M. S. de P.	b, 1

	abuela, la recorrida me emocionó”		
10	“Encontrarnos con nuestros abuelos es encontrarnos con nosotros mismos”	F. E.	6, 1
11	“Llegué de Europa en 1949 (Marzo, vapor Gral. Lenglid) vine acá a los 4 años”.	N. K.	b
12	“Hermoso y emocionante el recuerdo de nuestros antepasados. Gracias”.	C. C. D. P.	1, 6
13	“Llegué el 18/08/57, desde Vigo, España, es hermoso el Museo y estoy agradecido a este país”.	M. H.	b, 3
14	“Gracias por hacerme conocer la historia de vida de mi padre. Fue una emoción muy grande pisar este museo”.	I. H.	6, a, 1
15	“Vine en 1947 siendo una niña. ¡Gracias Argentina!”	I. A.	b, 3
16	“En representación de la colectividad Armenia, agradezco a la Argentina el haber cobijado tan generosamente a nuestros abuelos mayores”.	M. P.	a, 3
17	“Congratulations. The Embassy of Nigeria”.	(firma ilegible).	7
18	“Felicitaciones”.	E. H. C.	7
19	“Felicitaciones”.	Asociaciones Francesas. P. H. A.	a, 7
20	¡Argentino! ¡Porteño! Nieto y bisnieto de italianos, españoles y franceses. Felicitaciones”.	H. S.	7
21	“Gracias Argentina por amarnos tanto”.	L. Q. D. y C. V. (Colombia)	3
22	“¡Por fin nos integramos!”	S. B. (Brasil)	
23	“Mis sinceras felicitaciones y los mejores deseos para quienes hicieron posible la apertura de este museo como memoria viva del porvenir”.	N. D. Presidente ICOFLAM (Entidad internacional “Consejo Internacional para la Museología” (Lat. Am.)).	7 e 5
24	“Como integrante de la comunidad portuguesa quiero dejar expresadas las felicitaciones por la iniciativa y augurios para el éxito”	J. R.	a, 7
25	“Estoy muy agradecido, porque los inmigrantes que llegaron a esta tierra hicieron de éste un gran país con un crisol de civilizaciones que nos contagiaron su cultura”.	L. P. T.	4
26	“Mi gratitud a la Nación Argentina por cobijar a todos sus hermanos del continente americano. De corazón un hermano boliviano”.	R. M.	3, a
27	“Con todo mi agradecimiento por este	M. G.	7

	emprendimiento en momentos tan difíciles para nuestro país e el mundo. Felicitaciones y continúen así”.		
28	“En nombre de la colectividad Ucrania en la Argentina felicito a la D.N.M. por el paso adelante en la concreción del Museo Biblioteca de la Inmigración”.	B. K.	a, 7
29	“Como nieta de italianos para que este proyecto siga adelante”.	A. P.	a, 7
30	“Por la historia revivida”.	(firma ilegible)	6.
31	“En nombre de mis abuelos y en homenaje a los que con tanto esfuerzo se desarrollaran en este país va mi agradecimiento”	J. P.	a, 4
32	“¡Cuántas vidas e historias, alegrías y tristezas se estacionaran aquí buscando esperanzas! Todos gestaron una nueva población argentina. Este museo debe servir para recordar todo ese sacrificio de nuestros padres y abuelos para que nos sirva como ejemplo para recuperar ese espíritu pionero. Sus alegrías, su esperanza, su optimismo y sus ganas de ir para adelante y sembrar estas nuevas raíces. Gracias a mis antepasados italianos hoy estoy aquí”.	E. D.	2, 4, a
33	“Como docente creo que es un sitio ideal para trabajar con los chicos para que conozcan sus raíces”.	M. E. B.	6
34	Soy húngaro, vine en 1926. Estoy emocionada y orgulloso de verme en la Argentina, país que nos recibió a mis padres y a mí con amor. Nací en Lovetch – Oleven – Bulgaria, el 1º/12/1926 y llegué aquí el 12/04/1926”.	L. I.	a, 1, 3
35	“Sentí gran emoción ver como nuestra patria acogió a seres de todo el mundo sin poner fronteras”.	E. W.	1, 3.
36	“Por mis antecesores ingleses, franceses, italianos, alemanes y españoles ¡gracias!	G. P. (Bariloche)	a, 4
37	“En este paseo recorrí los lugares en que hace mucho tiempo acogió a mi bisabuelo. Me gustaría hacer llegar algo que perteneció a él”.	M. I. R.	b
38	“Mi gustaría traer fotos en este hermoso lugar en donde un día muy lejano recibieron con los brazos abiertos a mi padre. Todavía me parece escuchar sus relatos en los cuales nos contaba a mis hermanos y a mí su paso por esta gran casa”.	I. G.	b, 3

39	“Es bueno reencontrarse con el pasado para pensar el futuro de este gran país”.	(firma ilegible)	6
40	“Está todo bárbaro, me quedé con ganas de llevarme un “catálogo” para mostrar a mis amigos lo que se pierden”.	B. D. L.	7,8
41	“Emocionante homenaje a todos aquellos que un día tuvieron un sueño...”.	F. D.	1, 4
42	“Felicitaciones por este maravilloso pedazo de nuestra historia. Aquí reencontré una vez más a mi abuelo”.	J. P.	7, 2, a
43	“Con mucha emoción llegué a conocer donde llegaron mis abuelos y mi madre”.	G. D. M.	1, b
44	“Todo me hace recordar dónde podrían haber estado mis antepasados y me alegra que exista un lugar para recordar lo que muchas veces olvidamos”.	R. A. L.	2, 6
45	“Estoy emocionadísima porque en este momento pueda encontrarme observando testimonios tan valiosos para los sentimientos. Más aún que visito este lugar con mi hijo Octavio y a mis 53 años. Sigo añorando viajar a las Islas Canarias desde donde vivieron mis abuelos paternos”.	A. T. L. D. M.	1, 2, a
46	“La visita nos resultó interesante ya que algunos del grupo pudieron acceder a datos de sus familiares inmigrantes. A los alumnos de interés porque pudimos ver directamente lo que aprendimos en teoría”.	S. C.	c, 6
47	“Con toda la emoción y el recuerdo de nuestros antepasados. ¡Gracias!”.	A. M. R.	1, 7.
48	“Agradezco profundamente tanto esfuerzo y dedicación por parte de la gente que trabaja con tanto afecto y dedicación. Es muy emocionante y reconforta mucho encontrar gente que pueda valorar aquello que podría parecer perdido para siempre. ¡Muchísimas gracias!”.	F. S.	7, 5.
49	“El museo me parece excelente porque la inmigración es parte fundamental de nuestra historia. ¡Felicitaciones!”.	(firma ilegible)	5, 6, 7
50	“Gracias por rescatar cosas tan importantes para nuestra “cultura”. No nos olvidemos de nuestros antepasados”.	L. G.	7, 5.
51	“No se concibe a la Argentina sin inmigración. En este edificio se ve gran parte de la historia del país”.	C. R.	5, 2.

52	“Con gran emoción recuerdo este lugar cuando en 1948 vine a buscar a mi abuela, tíos y primos que llegaron a este país. Hoy que estoy aquí por razones de trabajo comunitario, no puedo más que agradecer este momento. Felicitaciones por mantener presente todo esto”.	A. S.	1, 2, c, 5, 7
53	“Las fotos, las cosas antiguas y el comedor, son impresionantes”.	V.	2
54	“Felicitaciones por llevar adelante esta obra que preserva la memoria y nos recuerda que todos, alguna vez, hemos descendido de los barcos, o hemos migrado hasta establecernos. Así se ha consolidado nuestro país. Aquí se pueden encontrar las raíces...!”	E. D. R. (Directora del Museo Histórico de la Colonización Judía. Moisés Ville).	7, 5, 6
55	“Llegué a los diez años, ahora en mis 62 años puedo dar gracias al país y a quienes respetaron tantos recuerdos. ¡Cómo me alegro de seguir aquí en la Argentina!”.	R. F.	a, 3, 7.
56	“Con la alegría de ver este Museo donde llegaron mis abuelos”.	(firma ilegible)	7, b
57	“¡Al fin conocí el lugar que mi padre menciona tantas veces!”.	L.	2, b
58	“Agradezco la colaboración del Director del Museo y de aquellos que pensaron en contarnos algo sobre nuestra historia”.	M. F. G. y G. C	7
59	“Es una suerte que contemos con este Museo. Su temática es riquísima, por eso hay que pensar en cómo mostrárselo a más gente. ¡Adelante!”.		7
60	Agradezco a todos ustedes y a la vida por ver e imaginarme el camino que tuvieron que recorrer mis abuelos. Sinceramente ¡Emocionante!”.	A. M. (Córdoba)	7, 6, b, 1
61	“Fue una hermosa visita. Felicito por mantener el Hotel de Inmigrantes como Museo. Fue muy emocionante encontrarme con tantas historias y caras parecidas a mis antepasados. ¡Muchas gracias!”.	I. K.	7, 1, 6
62	“Lamentablemente desconozco mis orígenes, pero seguramente algún antepasado habrá pasado por este maravilloso lugar. ¡Gracias!”.	N. A.	7
63	“Por la importante tarea que cumplir, los mejores deseos de éxito”.	B. O. Embajador de Israel	7
64	“May their memories be eternal”	J.. Patriarcado Ecuménico di Constantinopla	

65	“En este hermoso lugar que permite que siempre recordemos de dónde venimos, para no confundir el camino y amar y proteger al prójimo”.	J. H.	2
66	“No soy desendiente (sic) de inmigrantes y me emocionó mucho toda la muestra, porque siento que mucho de la Argentina de hoy se gestó acá. Les agradezco el esfuerzo de mantener vivos los recuerdos de esta parte importantísima de nuestra historia”.	R. S.	1, 2, 7
67	“Tengo como origen españoles, sirios y judíos y me emocionó mucho pensar que estoy en el mismo lugar que ellos, muchos años atrás! Gracias por la muestra”.	F. C.	a, 1, 2, 7.
*68	“Me llena de emoción pensar que por acá pasó mi madre”.	M. D.	1, 2, b.
69	“Mi papá vivió en este hotel y hoy estoy recorriendo con él el mismo lugar de hace 48 años (12/1/1952)”.	M. G. y A. G.	b, 2.
70	“Con orgullo puedo decir que mi familia se alojó en este lugar. ¡Gracias por dejarnos conocerlos desde este lugar y estar más cerca de ellos!”.	G. C.	b, 2, 7.
71	“Llegué el 4/6/1953 en el vapor Juan de Garay, con 10 años, desde mi Extremadura (España). Hoy con 58 años me alejo de este gran país junto con mi familia, desandando el camino que en aquella fecha hice de la mano de mis padres. ¡Gracias bendita y grande Argentina!”	E.	b, 3.
72	“Tengo el orgullo de venir a visitar el lugar donde estuvo mi abuelo Santiago Macció, llegado a este hotel en 1914 aproximadamente. Este es un lugar sin igual, espero que siga así”.	C. M.	b, 2.
73	“Dios los bendiga inmigrantes. Venimos en busca de nuestras raíces que nos llenan de honor y de orgullo”.	Y., G. y M. E.	4, 2, 6, a.
74	“Llegué al país el 22 de febrero de 1928 a los 10 años. Todo esto me trae grandes recuerdos”.	L. K.	b, 1.
75	“Me apasionó mucho la muestra. Ojalá algún día nuestros hijos puedan valorar el comienzo de sus raíces”.	O. S., M. Q.	5.
76	“Nuestros padres fueron inmigrantes y siempre quedaron agradecidos a nuestro país. No habitaron este lugar, pero es un poco como si lo hubieran hecho”.	N. y N..	a, 3, 2.

77	“Museo, grazie per esistire”.	D. P.	
78	“Visité este lugar por donde ingresaron mis antepasados di Reggio di Calabria (Italia). Excelente el museo, felicito a todos los funcionarios que lo han hecho posible. Esto es la raíz de muchos de nosotros que ingresamos europeos y somos ahora Argentinos. ¡Gracias!”.	J. M. P. Q.	b, 7, 2.
*79	“Me sentí feliz de recorrer los salones, les agradezco que al llegar aquí me encontré con los recuerdos de mis familiares, llegados de Génova y de Coruña. Gracias por conservar tantos recuerdos hermosos”.	(firma ilegible)	7, 6.
80	“Esto ha sido muy emocionante porque todos mis antepasados figuran aquí. Me he emocionado muchísimo pensando en ellos. Gracias”.	(firma ilegible)	1, a, 7.
81	“Llegué a esta costa con 11 años en el buque Madre Cabrini y fui hospedada aquí con mis paisanos. Recuerdo aún el olor a pan de trigo”.	T. J.	b, 2.
82	“Conoci este lugar devastado y casi en ruina hace ya tiempo. Gracias porque hoy es un testimonio viviente de nuestros orígenes como sociedad cosmopolita, que se ha recuperado y que nos permite emocionarnos al comprender un poco de la enorme valentía, del esfuerzo y del sufrimiento de nuestros antecesores, simples personas de bien, auténticos héroes. Nuevamente ¡Gracias!”.	J. M.	7, 2, 5, 1, 4.
83	“Les agradezco infinitamente la ayuda por mantener vivo nuestro pasado inmigrante. He corroborado las historias familiares gracias a sus servicios. Sería fantástico que fuera una muestra permanente. Mil gracias de un nieto de italianos de Potenza y” ... (ilegible).	S. B.	7, 5, 6, a.
84	“Muchas gracias. Muy buena Idea. Estamos agradecidos por la información”.	F. P. G..	7.
85	“Muy emocionante. ¡Felicitaciones!”.	A. M.	1, 7.
86	“Conocí a mis antepasados. Mi historia. Gracias”.	P. L.	6, 7, a.
87	¡Qué bueno ir a nuestras raíces! ¡Adelante! Muchas gracias.	A. M. R. C.	2, 6, 7.
88	“Muchas gracias de poder tener este monumento al inmigrante”.	A. F.	7, 6.
*89	“Muy emocionada. Al entrar al museo recordé	A. G.	1, 2, 6, 4, 3,

	los relatos de mi madre sobre el viaje que nos traía de Italia hacia aquí. Al ver las ilustraciones toda la piel de mi cuerpo se erizó y por un momento me sumergí en el pensamiento del sufrimiento que habrán tenido mis familiares y además inmigrantes de llegar a una tierra desconocida, sin saber el idioma y sus costumbres. Aquí crecí, estudié, trabajo, y mis padres y yo damos gracias a este país por brindarnos todo. Sólo tengo lágrimas de emoción para expresar mi agradecimiento”.		7, a.
*90	“Qué lástima que no hayamos seguido organizando el país como en el siglo XIX, no? Porque entonces muy distinta sería la vida hoy. Precioso el museo. Dios no permita que algún cerebro privilegiado se le ocurra rematarlo para hacer un shopping. ¡Gracias!”.	A. de B.	5, 7.
91	“Realmente me siento emocionada. Gracias por brindarnos los datos de nuestros seres queridos, aunque algunos no los hayamos conocido. ¡Gracias!”.	M. E. F.	1, 6, 7, a.
92	“Interesantísimo el lugar de mi ingreso al país en 1949”.	K. M.	b.
93	Gracias por ayudarme a encontrar mi verdadero apellido”.	E. C. O. C.	7, c.
94	“Muy bueno e interesante todo el museo”.	(sin firma)	7.
95	“Yo, Delia María López vine a buscar datos de mis padres, gallegos y asturiana, sugiero a las personas esta magnífica muestra, tengo 74 años y sufro del corazón (me agito, por lo tanto me cuesta mucho llegar), como digo más arriba sugiero que en la entrada, si es posible, pongan silla de ruedas con personal para trasladarlas y esperar a que salga; quien las utilice, por supuesto sería un servicio pago, o de lo contrario permitan que entren los coches cuando como en mi caso es necesario. Agradecida si toman en cuenta mi pedido”.	D.	c, 7.
96	“Hermoso. Me emocionó hasta las lágrimas cuando apareció el nombre de mi abuela, Catalina Guidetti y sus dos hijas, Angela y Magdalena, papá nació aquí”.	J. G.	1, b.
97	“¡Hola papi! Hoy recién conocí donde estubo (sic) cuando llegó a la Argentina”.	E.	b.

98	“Nos emocionó mucho la muestra”.	F. G.	1.
	(Segue até a mensagem número 718).		